



Anastasia Black

Proibido
Wardell 01

Elisa está decidida a recuperar seu filho a todo custo. Embora para isso tenha que se casar com o tolo vicioso do Rufus Wardell. Mas a repentina aparição de Vaughn Wardell, o filho de Rufus, transtorna seus planos, e sua vida.

Atraído pelo contraste entre sua doce beleza e os rumores de um passado lascivo, Vaughn embarca na abrasadora e ousada tarefa de seduzi-la. Embora descubra que não tem nada a ver com o que procurava:

Elisa é uma inocente mulher com uma sensualidade tão forte que é incapaz de resistir a ela. Pouco lhe importa que a sua seja uma paixão proibida.







Comentário da Revisora Rosilene: Típica história romântica:

Vilão: Vive na "manguaça" e adora bater no sexo frágil.

Mocinha: Pobre viúva discriminada, que apesar de casada não sabe o que é ter prazer, e com um passado de sofrimento nas mãos do ex.

Mocinho: Aparentemente um libertino sedutor, mas no fundo um romântico incurável que luta contra tudo e todos pela felicidade da mocinha.

O começo da história é meio parado, os dois ficam só no "eu quero"(mocinho) e "eu não dou" (mocinha). Só no final é que realmente as coisas começam a acontecer de verdade, inclusive o "eu quero" (mocinha) e "pode pegar que é todo seu" (mocinho).

E então a cena do mocinho amarrado na cama, ela cortando as roupas dele de faca e...

Comentário do revisor Matias Jr: Uma história com muita sedução... Lenta e deliciosa.

Os momentos de "quase lá" são deliciosos e só servem para que se deseje mais um pouquinho. Dois malucos que se aventuram em lugares que nos afligem com o risco de um flagrante... Uma história deliciosa que todos irão gostar.

Capítulo 01.

1835, Fairleigh Hall, Inglaterra.

Vaughn Wardell, o visconde de Rothmere, único herdeiro do Marquês de Fairleigh, desceu da carruagem e elevou a vista para a casa familiar de três andares que levava quase duas décadas sem visitar. Fairleigh Hall não mudara absolutamente.

O parque seguia perfeito e a impressionante mansão poderia competir com qualquer outra da Inglaterra.

Sua simples visão levantou ódio em seu peito.

Os anos passados em Fairleigh Hall haviam sido os piores de sua vida. Agora, aos vinte e nove anos, voltava para aquele horrendo montão de pedras para salvar seu futuro.

Um nó se fez no seu estômago, tal como lhe passara ao ouvir a inconcebível notícia. Só pensar nisso o abatia: possivelmente já tivesse perdido para sempre Kirkaldy, o último presente de sua mãe.

Kirkaldy, pouco mais que um pavilhão de caça glorificado perto de Edimburgo, fora a única posse de sua mãe sem poluir. Os dias ali, longe de Fairleigh Hall e seu pai, foram os melhores da jovem vida de Vaughn.

Em Kirkaldy, sua mãe se sentira despreocupada, inclusive alegre.



Embora só fosse por aquilo, Vaughn tinha a intenção de se plantar como uma má erva ali, em Fairleigh Hall, até que se determinasse a posse de Kirkaldy. Uma má erva que recusava a que a arrancassem e a jogassem.

Fazendo uma profunda inspiração, subiu os treze degraus que o separavam da casa de seu pai.

Foi fácil imaginar a desaprovação que seu pai mostraria ante seu retorno. Fazia anos que aprendera que não havia forma de contentar Rufus Wardell.

A única emoção que Rufus manifestara abertamente fora sua crueldade ao lhe anunciar que partiria a um internato.

Os lábios de seu pai esboçara um sorriso desalmado enquanto lhe explicava com detalhes o que se converteria em doze anos de purgatório atrás dos muros de uma das melhores escolas privadas da Inglaterra.

Embora tivesse acabado a escola fazia quase uma década, aquelas lembranças seguiam aparecendo em seus sonhos de vez em quando. Despertava na metade da noite, suando frio e com o coração oprimido, as pernas atadas nos lençóis.

As lembranças se esfumaram quando a porta se abriu. Joshua, o fiel mordomo de seu pai, ficou olhando com fixidez.

—Deus santo! Quero dizer, Lorde Vaughn - a expressão do mordomo se suavizou. - Voltou para casa?

—Havia uma secreta esperança em seu tom.

O peito de Vaughn se encheu de carinho pelo ancião. Durante sua infância trancaram-no no apartamento de cobertura por uma ou outra transgressão em inumeráveis ocasiões.

Joshua fora quem lhe passava comida, mantas e velas para que tivesse luz durante as longas noites nas que nem sequer os rogos de sua mãe conseguira que seu pai o soltasse. Vaughn apoiou uma mão em seu ombro.

—Não venho para ficar - disse com suavidade.

Neste momento foi fácil ler o desencanto nos olhos de Joshua. Retrocedeu um passo, dissimulando a emoção com uma pátina de correto orgulho.

—Adiante, milorde.

Vaughn deu o casaco a ele, o chapéu e as luvas e atravessou a ampla entrada penetrando no vestíbulo circular que dominava o centro do edifício, onde se deteve. Girou em volta sobre seus calcanhares, observando as frias superfícies de mármore e as sólidas colunas arredondadas que se alinhavam aos pares ao redor. Uma luz cegadora as iluminava proveniente da coberta de vidro do telhado, que banhava o vestíbulo em luz natural, ressaltando a perfeição do gentil mármore pintalgado de verde.

Devido a seu desenho elegante e incomum, o vestíbulo gozava da admiração de cinco condados.

Quando seu pai se dignava a gastar algum dinheiro em fazer alguma festa, o vestíbulo se enchia de convidados, fofocando também pelas escadas e os vazios entre as colunas.

Mas, apesar de que todos pareciam desfrutar da espetacular sala, a lembrança que tinha



Vaughn dela era amarga e oprimia sua garganta. Seu olhar se deteve na escada que subia em espiral até o primeiro andar.

Seu coração estremeceu ao ver a grossa balaustrada do primeiro andar. Ali estivera, um atemorizado menino de dez anos, se agarrando à fria pedra e observando como sua mãe partia no meio da noite.

Entre uma chuva de beijos e abraços, lhe prometera que mandaria buscá-lo antes de se apressar a fugir da casa. Cheirava a lavanda e a mão que apoiou na sua face era cálida e delicada.

Aquela fora a última vez que a vira com vida.

—Seu pai está comendo. Anuncio ao senhor? - perguntou Joshua, o fazendo voltar para a realidade com um sobressalto.

—E arruinar a surpresa? - perguntou Vaughn.

Dirigiu-se às portas envidraçadas de altos arcos e com uma inspiração para se acalmar, abriu as portas duplas e entrou.

A sala era larga e, comparada com o vestíbulo, estava na penumbra. Havia uma fila de altas claraboias ao longo de uma parede e a pouca luz que entrava iluminava uma coleção de grandes retratos e paisagens medíocres pendurados na parede oposta.

Entre eles havia um oceano de tapetes orientais de grande valor, seguros por ambos os lados por pesados aparadores esculpidos à mão e, uma ou outra cadeira emolduravam o ponto focal da sala: uma longa mesa de jantar georgiana de mogno na que facilmente poderiam sentar trinta pessoas.

Mas não havia tantas pessoas comendo aquela tarde. Na realidade, havia somente duas. Uma era uma mulher que se sentava à direita da cabeceira, dando as costas a Vaughn. Certamente era a prometida de seu pai, Elisa.

A mulher que arrebatara Kirkaldy dele.

Ela era a culpada de tudo aquilo. A ela se devia que ele se visse forçado a voltar para Fairleigh Hall para enfrentar Rufus.

Aquelas costas reta o encheu com uma repentina fúria da que não era consciente até então e seu corpo se esticou.

Ela estava arruinando sua vida, tirando dele as únicas preciosas lembranças que possuía. Piscou, assombrado pela força da emoção que bulia em seu peito agora que estava a ponto de ter a confrontação para a que vinha se preparando.

Dirigiu sua atenção ao homem que se sentava à cabeceira da mesa. Rufus Wardell o olhava fixamente, as sobrancelhas cinza franzidas em um gesto que bem recordava Vaughn.

As faces sempre vermelhas de Rufus emolduravam um grande nariz e os pequenos olhos cor marrom imprecisos o observavam por cima delas. Apesar de ter sessenta anos, o cabelo de Rufus era espesso, grosso e cor cinza sujo.

Sua pequena estatura e seu torso terminante poderiam ter conferido a ele uma aparência infantil, mas a cruel expressão de seus olhos e a careta cínica de seus lábios o fariam parecer um querubim perturbado.

Observava Vaughn como tentando averiguar quem era. E provavelmente o estivesse



fazendo. Vaughn media mais de um metro e oitenta.

Possuía ombros largos graças às horas que dedicara em sua adolescência a ventilar suas frustrações com vários pugilistas profissionais. Não ficava nada do menino que partiu de Fairleigh tanto tempo atrás.

Após um momento interminável, a surpresa se refletiu no rosto de Rufus. Finalmente o reconheceu.

—Que diabos faz aqui, menino? - perguntou, a rouca voz isenta totalmente de carinho.

Embora Vaughn tivesse imaginado a reação de seu pai, igualmente lhe doeu que a tivesse. Deu-se conta de que ali não haveria nenhuma boas-vindas.

—Obrigado por sua agradável recepção, pai. Eu também estou encantado de te ver.

Parecia não afetar Rufus Wardell absolutamente que o menino a quem ele jogara sem um único olhar fazia mais de vinte anos voltasse pela primeira vez. Nenhum remorso pareceu despertar ante a chegada do filho que ele tratara tão mal.

A raiva encheu o peito e a garganta de Vaughn, o afogando. Tivera a esperança que houvesse alguma dúvida, alguma possibilidade de redenção, mas não havia.

—Bem, diga o que tenha que dizer! - Rufus lançou um olhar furioso para ele. - É óbvio que terá algo em mente, do contrário não teria viajado tanto. Rogo que me diga, com falsa correção. - A que devo o prazer de sua companhia.

—Não venho por cortesia, assim não se incomode - assegurou Vaughn.

—Então, parte. Estou jantando com minha prometida e sua presença não é bem-vinda. - Rufus lançou um olhar para Elisa, que permanecia totalmente imóvel ante a mesa, a cabeça inclinada em um gesto que imitava a modéstia feminina.

Seus amigos haviam informado a Vaughn da pouca modéstia que possuía aquela prostituta. Fez uma profunda inspiração, tentando controlar a onda de ressentimento que o alagou.

—Por ela me encontro aqui - disse. Deu a volta ao extremo da mesa para se situar em frente a Elisa e fez uma profunda reverência. A cortesia foi automática, igual à frase. - Senhora, não tivemos a honra de ser apresentados.

E logo a olhou pela primeira vez. A surpresa percorreu suas veias, dissipando a fúria, o ressentimento e a indignação, o deixando sem fôlego.

Os olhos femininos, aos que a apreensão fazia enormes, o olharam enquanto ele cravava a vista nela, observando seu rosto e seu aspecto, tentando julgar sua idade.

Aqueles olhos azuis do mesmo maravilhoso tom de um céu estival devolveram seu olhar e um hesitante sorriso nervoso se desenhava em seus lábios.

O sorriso fez que a atenção dele se centrasse nos lábios cheios e rosados, que deixavam entrever os dentes brancos.

A pele feminina, brandamente dourada pelo sol, era perfeita e ao pegar sua mão e voltar a se inclinar, ele notou que as faces se ruborizavam ante sua atenção.

Embora resultasse absurdo, aquele recato fez que um estremecimento de prazer o percorresse.

Não pôde evitar sorrir ao dar um passo atrás. Ela inclinou o queixo, incapaz de o olhar



diretamente. Então, ele notou os brilhantes cachos cor trigo.

Um suave saca-rolhas caiu sobre o ombro feminino com o movimento e ele resistiu a tentação de colocá-lo novamente com delicadeza.

Era tão jovem... e tinha uma beleza tenra e embriagadora. A súbita consciência disso obliterou por um instante a dor da fria recepção de seu pai.

Estava acompanhada de confusão, porque embora não ouvira nada sobre a juventude da prometida de seu pai, Vaughn ouvira os rumores de seu sórdido passado.

Era aquela a mulher que causara a morte de seu marido à mãos de seu amante? Londres fora um fervoroso ante a notícia.

—Menino, se tornou altivo e insolente! - Grunhiu Rufus. - Não gastei meu bom dinheiro tantos anos para que aprendesse maus maneiras.

Vaughn dirigiu com esforço sua atenção a seu pai.

—Estou oferecendo meus respeitos à futura senhora desta esplêndida casa. - E voltou a olhar para Elisa.

—Muito obrigado, Vaughn. Alegro-me de conhecê-lo por fim - ela respondeu com um pequeno sorriso. Sua voz era um suave contra-alto de surpreendente doçura.

Ele assentiu outra vez com a cabeça antes de dar um passo para trás. Sua intenção inicial fora partir da sala e permitir que seu pai desfrutasse da intimidade de seu jantar.

Seria sensato retirar um tempo e reagrupar suas defesas agora que seu pai demonstrara que não andaria com rodeios no enfrentamento que se aproximava.

Em vez disso, se sentou na cadeira oposta a da prometida de seu pai.

—Obrigado, tomarei um brandy - disse a Rufus, respondendo à pergunta que um bom anfitrião teria feito.

Rufus o olhou com os olhos entrecerrados e uma careta irônica. Lançou um olhar ao lacaio de pé junto à porta da sala de jantar e fez um movimento de cabeça.

O homem deslizou silenciosamente até um aparador onde havia várias garrafas e taças de cristal para servir a bebida.

Vaughn voltou a lançar um olhar para Elisa.

Ela cortou a carne em pedaços, levantou o garfo e meteu com delicadeza um deles na boca. Uma veia pulsou na base do seu pescoço.

O lacaio colocou o brandy em frente a Vaughn. Rufus começou a comer novamente, atacando seu prato com evidente prazer.

Depois de cada um dos grandes bocados que colhia com o garfo, bebia um grande gole de clarete¹. O líquido vermelho jorrava pelas comissuras de sua boca enquanto mastigava.

Vaughn afastou a vista, aborrecido. Certamente, poderia se esforçar um pouco diante de sua prometida. Como ela podia pensar em se casar com aquele demônio desagradável? Possivelmente por dinheiro...

Voltou a olhar a aquela silenciosa beleza em frente a ele. Seguia sem poder acreditar que

1 CLAIRET (francês) - nome utilizado pelos franceses a vinhos tintos leves, frutados, quase rosês. CLARET (inglês) = CLARETE (francês) - vinho tinto de Bordeaux na França.



aquela fosse a mesma mulher que descreveram.

As fofocas não foram poucas: depois de casar com dezessete anos com um conde de avançada idade, tivera um filho aos dezenove.

No mesmo ano seu marido lhe pusera os chifres. Logo, rapidamente, ela se ocupou de que seu marido tivesse seu par de chifres também. Os fofoqueiros aprovaram com firmeza a reação do marido ante a suposta infidelidade.

A única atitude honorável que podia tomar um marido ofendido era desafiar para um duelo ao amante dela. E ao morrer, não perdera sua honra.

De fato, a sociedade ficou do lado de sua afligida família e apresentava uma frente sólida e unida a quem se atrevesse a injuriar a memória do lorde falecido.

Como resultado daquilo, há anos, Elisa, envergonhada, desapareceu rapidamente. Nem damas nem cavalheiros honoráveis mencionavam seu nome em sociedade.

Foram as brincadeiras em tom alto em torno de uma mesa de jogo uma noite que alertaram Vaughn da volta de Elisa de seu exílio. Seus companheiros de cartas brincaram sobre o fato de que o pai de Vaughn a pedisse em casamento.

Ele seguiu o jogo deles porque naquele momento pensava que seu pai e ela eram iguais, mas a contradição entre a aparência feminina e seu passado o confundia.

Ela empurrava um pedaço de carne pelo prato com o garfo e Vaughn se perguntou se o faria para evitar olhar para ele e ver que a observava. Estaria coibida?

Por seu doce aspecto, teria acreditado que era inocente, mas a reputação que a precedia indicava que provavelmente conhecesse e compreendesse cada um dos tórridos pensamentos que passavam pela mente dele.

Vaughn bebeu seu brandy, pensativo, observando alternadamente Rufus comer e Elisa brincar com a comida de seu prato. Era uma criatura adorável e não o surpreendia absolutamente que dois homens se bateram em duelo por ela.

Ela enxugou os lábios com o guardanapo, logo deslizou a ponta de um dedo por eles, desta vez sem o guardanapo. Foi um gesto inconsciente, delicado e sensual.

O corpo de Vaughn se esticou com uma ânsia conhecida, irracional como a corda de um arco estirada além de limites suportáveis, vibrante e capaz de explodir a qualquer momento.

A ideia lhe chegou de repente, como um balde de água fria.

A desejava.

E o desejo não era um impulso casual e efêmero. Ardia por dentro, deslocando a razão, os pensamentos, a cautela.

Vaughn a olhou fixamente, sentindo que seu coração pulsava disparado. O que lhe acontecia? Perdera o sentido? Seus pensamentos corriam sem controle quando Rufus lhe deu um golpe com a mão no braço.

—Que silencioso está, menino - disse, sem se incomodar em dissimular o ódio de sua voz. Terei que perguntar o que faz sentado à mesa ainda se não tem nada mais a dizer?

—Estou acabando meu brandy, obrigado - o tom tranquilo de Vaughn lhe custou um grande esforço de vontade. Viu como os olhos de seu pai se dirigiam para Elisa antes de lhe lançar um



novo olhar furioso.

—Será melhor que isso seja tudo, menino.

—Já não sou um menino, pai. Pode me chamar "filho" se preferir, mas como leva vinte anos sem me chamar de nenhuma forma, nem em pessoa nem por correio, não insistirei no tema.

—Se sou um pai tão terrível, por que está aqui? - perguntou Rufus, com uma careta zombadora nos lábios.

O coração de Vaughn deu um tombo. Aí estava. Chegara o momento do enfrentamento que levava três dias antecipando.

A raiva que crescera durante aqueles três dias dentro de si renovou, o percorrendo feito ondas enquanto enfrentava o olhar de Rufus.

De repente, Elisa pigarreou e aquele suave som recordou a Vaughn sua presença.

De repente, não gostou de discutir a questão em frente a ela, apesar de levar três dias ensaiando mentalmente o discurso cortante que tentava lhe fazer, estivesse quem estivesse com ele.

A verdade era que quando imaginava aquele enfrentamento, sempre incluía à puta da Elisa para que ouvisse tudo o que tivesse a dizer sobre as qualidades básicas de seu pai.

Agora lhe parecia o cúmulo da grosseria deixar que sua fúria se manifestasse sem consideração enquanto o observava.

—O que o traz para Fairleigh Hall, menino? - seu pai voltou a perguntar.

—Pensei que chegara o momento de fazer uma visita antes de me instalar em Kirkaldy. - A menção de suas terras foi intencional, e nem piscou, esperando a reação de seu pai.

—Então... - Rufus se acomodou na cadeira, - partirá à alvorada?

A primeira carga de Vaughn não surtira efeito.

—Certamente que não faz vinte anos da última vez que esteve aqui? - comentou Elisa.

Vaughn agradeceu a interrupção, por mais que o irritasse que tivesse sido ela quem a oferecesse. Não desejava dever nada a aquela puta. Não queria nenhum tipo de relação com ela. Agora devia seguir com as fórmulas de cortesia.

—É verdade que foram vinte anos. Fairleigh não mudou em todo esse tempo. Diga-me, o que te parece Fairleigh?

—É muito bonito - disse ela, levando delicadamente o guardanapo aos lábios cor de rosa.

Suas palavras careciam de convicção, e não era estranho. A casa se encontrava em terreno rochoso e oferecia pouco a quem tivesse menos de cinquenta anos. Imaginava o quanto solitária podia resultar a vida de uma jovem naquele lugar frio e desolado.

—Quanto tempo leva aqui?

—Cheguei recentemente a mais ou menos um mês... com minha criada, Marianne.

Assim estava com sua criada. Muito correto.

—Monta? - perguntou, embora já soubesse que o fazia. Os rumores de sua assombrosa habilidade nos arreios chegaram a todos os clubes de Londres e mais à frente. Os amigos de Vaughn se deleitaram contando os pontos fracos de sua futura madrastra.

Não se contentava indo a um decoroso trote nos arreios femininos. Em sua adolescência



montara escarranchada como um homem, as saias arregaçadas até as coxas para lhe dar a liberdade de montar temerariamente.

Era conhecido de todos que ela vencera a mais de um homem a cavalo.

—Temo que tenho pouco tempo para montar estes dias.

—Por que não? - perguntou ele, a olhando fixamente.

Seu pai deixou a taça sobre a mesa com um golpe seco, chamando assim a atenção de Vaughn.

—Vaughn, está incomodando Elisa.

—Não me incomoda, Rufus - disse Elisa e sorriu para Rufus tranquilizadamente antes de voltar seu olhar para Vaughn. - Senti falta de montar.

—Estou seguro de que meu pai terá uma grande variedade de éguas para escolher.

—Pedi a Rufus que me acompanhe, mas sua dor nas costas impede que o faça.

—Certamente que um rodeio curto não exigiria muito, pai.

Novamente recebeu um dos frios olhares de seu pai. Rufus tomou um comprido gole de seu clarete com os olhos cravados em Vaughn.

—Sou muito velho.

A resposta surgiu sem pensar, improvisada.

—Muito bem. Eu montarei com ela, então.

O rosto de seu pai ficou púrpura de raiva, mas Vaughn mal ouviu o que Rufus tentava dizer, porque vira a expressão surpreendida de Elisa. Logo, brevemente, um golpe de alegria seguido de um suave e cálido sorriso curvou os adoráveis lábios.

O sorriso era para ele, e os olhos femininos brilharam. Vaughn sentiu que seu coração respondia com um ansioso tombo.

Logo, abruptamente, desapareceu toda expressão do rosto feminino e ela baixou o olhar ao prato, como se de repente recordasse seu lugar. Mas a lembrança do que vira banhou Vaughn de uma embriagadora calidez que ameaçou fazer tremer suas mãos.

Rufus finalmente recuperou a voz.

—Não estará aqui o bastante para ter tempo livre.

Típico de Rufus, decidir sobre seus movimentos. Um pouco da fúria de antes reviveu no peito de Vaughn.

—Pai, faz muito que perdeu todo direito de me dizer o que posso ou não posso fazer - sua voz refletiu seu aborrecimento, grave e nervosa.

Rufus o olhou com as pálpebras entrecerradas. O silêncio se estendeu e Vaughn soube que seu pai o estava avaliando novamente, por isso não afastou a vista. Não tinha nenhuma intenção de se deixar vencer naquele mesquinho jogo de vontades.

Finalmente, Rufus pigarreou com uma forte tosse e estendeu a mão para o vinho.

Vaughn acabou seu brandy. Necessitava todas as forças que pudesse. Sabia que ganhara, mas aquela era uma pequena vitória que reforçaria em Rufus o desejo de lhe vencer no futuro próximo. Um Rufus vingativo era um homem verdadeiramente perigoso.

Enquanto Rufus pedia outra garrafa, lançando maldições ante a falta de previsão do lacaio,



Vaughn se atreveu a lançar um olhar para Elisa e reconheceu o temor em seus olhos.

Ela meneou levemente a cabeça, abrindo os lábios como se estivesse sussurrando uma advertência. Então, ela entendia o que estava acontecendo.

Vaughn esboçou um sorriso tranquilizador, simulando uma confiança que estava bastante longe de sentir. Ela levou a mão à boca, como se estivesse aturdida, e afastou a vista.

Depois de um momento, voltou a lhe olhar, incapaz de afastar a vista para o seu pesar. Vaughn tentou esconder a surpresa que aquele olhar lhe causou, porque compreendera com perfeita clareza o que ela sentia.

Elisa o desejava também.

Aquela era uma complicação que não se atrevia a considerar. Rufus estava decidido a lhe vencer e Vaughn não se iludia sobre o poder de Rufus para fazer mal a seus inimigos.

Se Vaughn cedia ante a tentação que despertava seu desejo, Rufus teria motivos morais e legais para destruir aos dois.

Capítulo 02.

O coração de Elisa doía como se tivesse se deslocado muito, muito longe. Uma mão invisível lhe apertava o interior, a fazendo se sentir terrivelmente doente, mas de uma vez havia um bulir embriagador em seu sangue e em sua mente.

Toda sua atenção se centrava no homem que se sentava em frente a ela. Era a incapacidade para eliminá-lo de sua mente o que a atemorizava. Teria muito a perder se dava a aquela leve atração liberdade para se desenvolver.

Vaughn Wardell. O nome ficou gravado na mente. Seu aspecto a surpreendia tanto como se inteirar de sua existência. Rufus nunca mencionara que tivesse um filho.

Não havia nem um só retrato do herdeiro da dinastia Fairleigh em toda a mansão, e ela percorrera todos os salões da recepção desde sua chegada, uma semana atrás.

Um criado disse a Marianne que todos os retratos da marquesa anterior tinham sido queimados. Parecia ser que Rufus não queria nada que o recordasse à mulher que o traíra, nem ao filho daquela mulher.

Elisa se surpreendera muito com o ódio mal dissimulado proveniente de Rufus. Sua forma de receber Vaughn fora muito triste. Por que as famílias acreditavam que estava permitido se tratar daquele modo?

Muito a seu pesar, recordou o ódio que a família de Roger não se incomodou em dissimular após sua morte.

Na vida de Roger ela não se deu conta da incrível profundidade daquela vil emoção que tinham escondido, por esse motivo resultara duplamente espantosa ao vê-la surgir.

Observou Vaughn com discrição, se perguntando se ele também sentiria o mesmo horror que ela sofrera uma vez. Sua comiseração cresceu um pouco.



Ele o dissimulava bem, mas certamente que estaria sofrendo pela forma tão desagradável em que Rufus o tratara.

Com mais de metro e oitenta de estatura, vestido com um traje cinza escuro, Vaughn dominava a sala. Ressaltava seus largos ombros o perfeito corte de sua jaqueta, cujo tecido se ajustava perfeitamente a suas formas.

Elisa lançou um olhar à reduzida altura de Rufus e logo voltou para Vaughn. De onde teria tirado aquela estatura, aquele poder? Sua altura só podia provir de sua mãe. Seu poder?

Os homens possuíam uma força única para tirar o poder de um nada; para começar, estavam dotados naturalmente de mais força que as mulheres. Sim, os homens possuíam poder, certamente.

Mas o corpo de Vaughn irradiava um poderio que provinha não somente de seus músculos, mas também de sua mente, o qual lhe dava um vigor muito maior que o que tinha quem usava somente a força física para obter o que desejavam...

Quando Vaughn a olhou por cima de sua mão, seu olhar percorreu seu rosto, tirando seu fôlego. Os olhos do filho de seu prometido eram assombrosos: de cor verde esmeralda, orlados de longas pestanas escuras como seu cabelo.

Logo ele havia elevado o robusto queixo, que falava de uma determinação que pertencia a um homem muito mais velho e esboçou um leve sorriso, os brancos dentes se revelando atrás dos lábios inesperadamente cheios.

Lábios feitos para a paixão, sussurrou a traiçoeira mente feminina.

Tal abundância de boa saúde e elegância podia se encontrar em qualquer jovem, mas havia uma qualidade acrescentada em Vaughn, uma sensualidade, um magnetismo animal que despertavam sua feminilidade de uma forma que levava anos sem experimentar.

O coração não deixava de lhe pulsar e sua respiração acelerou. Havia uma tensão na boca de seu estômago que palpitava, se agitando. Quantos corações teria quebrado aquele homem?

Quantas mulheres procuraram seus braços, desfrutado de sua virilidade?

Uma onda de inveja a percorreu ao recordar o que fora sua relação conjugal antes de acabar de forma tão terrível.

Tivera privilégios do tálamo nupcial que desfrutara secretamente, enquanto que as mulheres de seu círculo social murmuravam sobre a desagradável lascívia e depravação que seus maridos lhes exigiam.

Roger fora um mestre disposto e excelente nesses temas e nunca ocorrera a ela perguntar quem o ensinou.

É obvio era diferente para os homens antes de se casar, se esperava deles que pulverizassem sua semente.

Devido a aquilo, ela demorara em se dar conta de que as aventuras de Roger eram constantes e que continuara com elas apesar de seu compromisso, casamento e paternidade.

A consciência não parecia incomodá-lo tampouco. O contínuo desfile de suas amantes fez que resultasse virtualmente impossível sair de sua residência de Londres e aparecer em festas de sociedade.



A morte de Roger, que deveria ser o fim do exílio feminino, convertera a pena que a sociedade sentia por ela em rígida condenação. A desaprovação fora unânime e inquebrável.

Logo ela conheceu Rufus, que, surpreendentemente, acreditara nela. Parecia que era a única pessoa do mundo que acreditava nela.

Rufus a quem a sociedade mal tolerava, era o homem que a ajudaria a recuperar seu filho. É obvio que Rufus, com sua condição de homem, podia se permitir desdenhar a aprovação da sociedade e prosperar apesar disso.

Ela, pelo contrário, não tivera apoio nem ofertas de segurança, o qual fazia com que rechaçar a amizade masculina lhe resultasse impossível. Mordeu o lábio inferior, turvada por dúvidas que desejou deixassem de curvá-la.

O casamento com Rufus era sua única saída. Seria capaz de fazer qualquer coisa pelo bem de seu filho.

Elisa recordou seu terrível passado, evocando deliberadamente os motivos que a levaram a aceitar a oferta de casamento de Rufus.

A repetição das razões de sua decisão geralmente acalmava suas emoções e a ajudava a aceitar o desgosto que sentia em suas novas circunstâncias.

Teria que tê-la acalmado agora, mas não o fez.

Olhou para Vaughn, observando suas feições como uma mulher que anseia ver seu amante. Um calorzinho se estendeu por suas veias, baixando por seu ventre.

"Logo será seu enteado", recordou, mas lhe deu igual, porque seu corpo respondia a uma atração que não tinha idade nem palavras, afastada da lógica e da sensatez.

Pelo bem de seu filho precisava resistir a traição de seu corpo.

Logo o olhar de Vaughn cruzou com o seu. Os pensamentos femininos se turvaram ante aquele contato direto e desafiante, cuja sensualidade e promessa implícitas fizeram que seu coração desse um tombo.

A embriaguez que sentiu ao vê-lo pela primeira vez ressurgiu e nublou seus sentidos até que a única coisa que pôde fazer foi olhar fixamente a aqueles olhos que cortaram a distância que os separava e acariciado sua alma.

Aturdida, estendeu a mão para agarrar a taça de vinho que mal tocara, mas a única coisa que conseguiu foi derrubá-la sobre a toalha. O líquido vermelho sangue derramou sobre o fio impoluto ao chocar o cristal contra o faqueiro.

Rufus meneou a cabeça.

—OH, pelo amor de Deus! - exclamou, enfurecido, atirando o guardanapo em cima da mancha.

Ela inalou profundamente, tentando se controlar, voltar para a normalidade. Precisava se centrar na realidade cotidiana!

Vaughn ficou de pé.

—Só foi um acidente. O fio se lava - disse com parcimônia.

—E você, se tiver acabado seu brandy, será melhor que se largue de minha sala. Está arruinando o ambiente.



Elisa não pôde evitar elevar o olhar para Vaughn. As obscenidades que Rufus resmungava teriam bastado para fazer que ela partisse correndo de sua casa, mas Vaughn se limitou a sorrir e fazer uma elegante inclinação de cabeça.

—Se o clarete for de tão má qualidade como o brandy que acabo de beber, será isso o que azedou seu caráter. Como já não tenho mais gana de suportar nem o brandy nem o mau humor, lhes desejo boa noite.

—Quererá dizer adeus! - espetou Rufus.

—Pois, não. Decidi ficar, pai. Depois de quase vinte anos de silêncio, temos muito sobre o que falar.

As faces do Rufus se tingiram de vermelho.

—Partirá daqui antes que saia o sol!

Vaughn deu a volta abruptamente e deu as costas a Elisa, de modo que ela não pôde ver sua expressão.

—Está em seu direito, como dono e senhor de sua casa, de me jogar - ele disse com frieza a Rufus.

—Mas se tentar que parta desta casa um segundo antes do que eu queira, pedirei imediatamente um encontro com um advogado em Londres para discutir com ele certas irregularidades na administração dos bens de minha mãe e a execução de seu testamento.

Rufus ficou olhando para Vaughn, os olhos cheios de desdém.

—Está claro? - acrescentou Vaughn depois de um momento.

—Sim - exclamou, com uma careta de ironia nos lábios.

—Então, boa noite.

Vaughn girou para Elisa. Ela se levantou da cadeira o olhando fixamente, tentando compreender o crítico intercâmbio que acabava de presenciar. Como Vaughn conseguira controlar seu pai com tanta facilidade?

Vaughn estendeu a mão para pegar a sua. Ela permitiu que a levasse aos lábios. Por outro instante o tempo se deteve quando os lábios masculinos roçaram sua pele, a acendendo com um calor delicioso que percorreu seu braço.

Quando ele se endireitou ela se atreveu a lhe lançar um rápido olhar aos olhos, se surpreendendo ao ver uma sombra de tristeza nas órbitas masculinas, um risco de dor atrás de sua atitude relaxada.

—OH, Vaughn - disse impulsivamente, - me alegra que fique um tempo.

Ele sorriu e quando falou a ironia foi mais que evidente:

—Ninguém compartilha essa alegria com você, mas agradeço isso.

Sem articular outra palavra, ele deu a volta e partiu sem se incomodar em fechar a porta atrás de si.

—Pirralho insolente! Como se atreve a me ameaçar! Rufus se aproximou da mesa novamente. Fez um gesto ao lacão para que lhe servisse outra taça mais. Já dera conta de uma garrafa e estava consumindo a segunda.

As desagradáveis consequências da bebida resultavam a ela mais que conhecidas. Seu



marido, igual a Rufus, bebia em excesso. Elisa se forçou a recordar os motivos pelo que concordara com aquelas bodas. Faria o que fosse por seu filho Raymond.

—Venha, toque alguma peça - sugeriu Rufus com firmeza, ficando de pé.

Elisa o seguiu de boa vontade ao salão contíguo onde se sentou em frente ao piano. A formal sala era tão correta e fria como o resto da casa, mas quando estava sentada ante o teclado, se esquecia do que a rodeava.

Possivelmente pudesse esquecer Vaughn também.

Começou a tocar, deixando que seus pensamentos fluíssem. No princípio foi difícil, já que a assaltavam uma e outra vez às perguntas e o perigo que entranhavam a chegada de Vaughn a Fairleigh Hall.

Mas pouco a pouco a música traçou seu feitiço, acalmando seu coração.

As fantasias que ela criara de um futuro feliz a alagaram: suaves dias estivais dedicados a cuidar e criar Raymond, o querendo, vendo crescer... Logo os roncões de Rufus ressoaram na sala.

Para não despertar, seguiu tocando meia hora mais. Só quando esteve segura de que dormia profundamente, se levantou do piano e partiu silenciosamente.

Ao relaxar sua mente e seu corpo, percebeu o quanto se achava cansada.

Levava meses eternos contendo a tensão, porque quando a desesperança, o desencanto e a frustração lhe roubavam a coragem, a tensão era o único que a mantinha no caminho para seu sonho.

Subiu os degraus de pedra lentamente até o primeiro andar e se dirigiu à direita, para a ala oeste, onde se achavam os quartos dos convidados. Aquela ala era menor e antiga, mas Elisa se sentiu atraída pelas encantadoras salas desde o começo.

Orientadas ao sul, eram cálidas durante o dia, e a brisa as refrescava nas cálidas noites de verão. Rufus, graças a Deus, ocupava uma suíte muito maior e luxuosa nesta ala.

Além dos dois quartos de convidados - Vaughn usava um deles, - a suíte de Rufus ocupava o resto da ala naquele andar.

Elisa passou o ferrolho para acautelar qualquer intrusão. Sua criada, Marianne, a esperava. A ajudou a se despir e colocar uma fresca camisola de seda e uma bata.

Elisa se acostumara a apreciar o contato sensual e hedonista da seda contra a pele quando se casou com Roger.

Na segurança de seu quarto, onde não havia nenhum risco de que ninguém a acusasse de falta de propriedade, continuava desfrutando. Sentou-se em frente ao espelho.

—Ouvi que o filho do senhor é muito bonito - disse Marianne enquanto tirava as forquilhas de seu cabelo.

—Certamente que é.

—Todo o serviço está revolucionado com sua presença. Dizem que não vem para casa desde que era menino. A maioria nem sequer sabia que existisse.

Normalmente, Elisa não se interessava pelas fofocas, já que experimentara em sua carne quão dolorosos podiam chegar a ser. Mas nesta ocasião despertou a curiosidade, assim não mudou de tema, como o fazia habitualmente.



—Até ouvi de uma das criadas da cozinha que se deslizaria em seu quarto esta noite! - Exclamou Marianne, meneando a cabeça. - Imagina isso?

Sim, resultava fácil imaginar que se deslizava dentro da cama de Vaughn, mas não se atrevia a reconhecê-lo ante ninguém, nem sequer Marianne, em quem confiava plenamente.

Que outras mulheres se sentissem tentadas de igual maneira era um fato desagradável com o que não contara até aquele momento.

Seu humor se azedou repentinamente e se despediu de Marianne com firmeza assim que a mulher acabou de guardar a roupa. Só, por fim, começou a escovar o cabelo com movimentos mecânicos, sem sequer olhar sua imagem no espelho.

Mas logo se viu e ficou quieta, se olhando surpreendida.

Seus olhos azuis estavam opacos, sem vida. Em seu pálido rosto ressaltavam as maçãs do rosto, magros devido ao quanto emagrecera desde que lhe tiraram Raymond.

Se achava decaída após, mas não se deu conta de que sua melancolia fosse tão manifesta. Passou uma mão trêmula pelo rosto.

O que menos desejava no mundo era depender de um homem. A vida solitária que levava em Greenwood Manor, em Perthshire, a única posse que a família de Roger não lhe arrebatara, fora plácida.

Raymond também gostara do pequeno pavilhão de caça que em uma época serviu de lugar de jogos à aristocracia escocesa. Era sua distração, mas ela não possuía dinheiro para mantê-lo.

Agora poderia voltar a viver no campo e embora não se tratasse de sua pequena casa em Perthshire, estaria protegida da sociedade que a repudiara.

E recuperaria Raymond. As promessas de Rufus eram suficientes para não perder as esperanças. OH, quanto sentia falta de Raymond! O menino faria dez anos no mês seguinte e aquele seria seu sexto aniversário separados.

Rogou a Deus que assistisse a Rufus e o ajudasse a devolver a seu filho logo.

Sabia que demoraria em dormir. A chegada de Vaughn transtornara seu mundo e agora os pensamentos se amontoavam sem cessar na mente. Possivelmente um livro a ajudasse a passar o momento enquanto tentava conciliar o sono.

Um dos velhos volumes da biblioteca de Rufus a ajudaria a escapar a outros mundos de fantasia, a viver aventuras através de seus personagens. Ficou de pé e deslizou silenciosamente fora do quarto. Não havia perigo de se encontrar com ninguém.

Àquela hora todos estariam na cama. Podia fazer uma escapada à biblioteca sem que a vissem, se o fazia com cautela e rapidez.

A casa se achava silenciosa, as escadas de pedra fria sob seus pés. O calor do dia ainda se apreciava no quieto ar que roçou a seda de sua bata como uma brisa enquanto se apressava a atravessar o vestíbulo e se dirigir à galeria.

A ampla galeria dava a uma série de cômodos, incluindo à biblioteca no outro extremo da casa, na mesma ala que suas habitações. Deslizou dentro da sala e ficou quieta um momento, piscando para ajustar seus olhos à escuridão.

Havia altas e imponentes janelas em três de suas paredes e pela maioria delas se filtrava a



esbranquiçada luz da lua, iluminando o desenho de flores do tapete, as mesas e as poltronas de leitura de altos respaldos.

Não havia nem um livro fora de seu lugar em toda a sala, porque Rufus não era um ávido leitor.

Se dirigiu para as estantes, mas a fantasmagórica luz a atraiu e em vez disso acabou se aproximando da janela, cativada pela paisagem estranha que pintava a lua cheia. Apoiou a mão em um dos vidros e olhou fora.

—Meu Deus, olhe o aspecto que tem! - ouviu perto de si.

Elisa deu a volta, sobressaltada, seu coração dando um tombo, a mão na boca para afogar o grito que lhe escapou. Vaughn se levantava das profundidades de uma das poltronas com os olhos cravados nela, a percorrendo de cima abaixo.

Ela tentou se acalmar fazendo uma profunda inspiração, mas o coração continuou pulsando desbocado. À luz da lua, Vaughn era uma criatura espectral, que poderia ter saído das páginas de algum dos livros que ela gostava de ler.

Estava claro que estivera sentado na escuridão, olhando pela janela. Sua gravata se encontrava sobre o respaldo de uma poltrona próxima. Havia tirado a jaqueta e o colete, e afrouxado a camisa.

Até desabotoara dois ou três botões, revelando os músculos e tendões de seu peito, que ela pôde ver se mover quando ele ficou de pé.

A pele masculina era suave, morena e parecia aveludada à luz da lua. As calças se ajustavam a sua pele, e suas fortes coxas se esticaram ao se mover.

Elisa tragou. Não, seu coração não estava disposto a se tranquilizar.

—Assim que este é o aspecto da verdadeira Elisa - acrescentou ele brandamente quando se aproximou.

Ela se deu conta de como a veria: a camisola de seda não cobria os tornozelos e deixava os pés nus a descoberto.

A bata era de gaze de seda muito fina e não escondia nada do que ela levava debaixo, apesar dos babados e laços que adornavam seu pescoço e punhos.

E levava o cabelo solto, sem ornamentos nem gorro. Se apressou a agarrar o pescoço da bata, tentando fechá-la mais.

—Vaughn! Por que está...? Acreditava que... não pensei que houvesse alguém aqui.

Ele se deteve a um passo dela, a forçando a jogar a cabeça para trás para o olhar.

—Eu tampouco - reconheceu em voz baixa. Com expressão insondável observou o rosto feminino. - Santo céu, que formosa é!

—Não faça isso - sussurrou ela, porque seu coração deu um tombo.

—Não o digo por a adular - disse ele com voz rouca.

O alarme a percorreu como um raio. Podia deter um inesperado flerte, mas aquela voz soava sincera; ela carecia da habilidade para combater aquilo.

—Deveria partir... - murmurou, dando a volta para sair.

—Não. Ainda não.



—Tenho que fazê-lo e você sabe - insistiu ela, olhando por cima do ombro dele.

Vaughn não respondeu. Simplesmente a olhou. A silhueta dele, recortada à luz da lua, com o cabelo escuro iluminado e os olhos na escuridão, impedia que ela pudesse ler seus pensamentos. O peito masculino se elevou com um profundo suspiro.

—Sabe que há algo entre nós, então - disse ele, se aproximando, - o sentiu esta noite, igual a mim.

Um medo mais poderoso que o momentâneo alarme que acabava de sentir percorreu o corpo de Elisa. Seu instinto a advertiu que o que pudesse acontecer a seguir faria perigar tudo pelo que ela tanto lutara e esperara. Se colocou frente a ele.

—Vaughn, por favor, rogo que não siga com isto... - disse, desejando que ele retrocedesse um ou dois passos.

—Estava sentado aqui pensando nisso - disse ele, com voz grave e profunda.

—Decidira que a prudência era a opção mais sensata e que apesar de ter conseguido torcer o braço de meu pai esta noite, partiria a Londres pela manhã, mas você flutuou aqui como uma deusa de sonho.

Elisa... - sua mandíbula se esticou um instante... - Está me tirando o sentido.

Sem poder se mover apesar de que sua mente sussurrava que precisava partir correndo da sala naquele mesmo momento, Elisa o olhou nos olhos. Olhos verdes... na escuridão pareciam ter luz própria.

Resplandeciam como se o poder de sua alma radiasse deles. O corpo feminino ficou rígido, com um espiral de tensão nas vísceras. Conseguiu formular as palavras que necessitava.

—Não faça isto, Vaughn, por favor.

—Então, dê a volta e caminhe - disse ele.

Estava tão perto que ela imaginou perceber o calor de seu corpo esquentando a seda de sua camisola, acariciando sua pele com uma carícia leve como uma pluma. Seus seios ansiavam o contato masculino e sentiu a forma em que empurravam a seda.

Sentia os mamilos apertados contra a fina malha, que ao mínimo movimento os acariciava com deliciosa delicadeza. Vaughn estava tão perto que elevando suas grandes mãos umas polegadas, poderia lhe tocar.

Elisa voltou a jogar a cabeça para trás para olhar a ele.

—Que Deus me perdoe, mas não posso - sussurrou e ouviu a resposta do suspiro masculino.

As mãos dele se deslizaram então muito lentamente pela abertura da bata para levantar a leve gaze. Abrangeram a cintura feminina, apertando a seda contra a pele. Ela afogou um grito de surpresa ao sentir seu calor.

Eram tão grandes que quase se tocavam as pontas de seus dedos. Os fortes polegares se moveram fazendo um nervoso arco no estômago dela, esticando a seda sobre seus seios.

O esticado tecido transmitiu o movimento dos polegares a seus ansiosos mamilos, e foi como se ele tivesse acariciado seus seios. Sem poder evitar, ela lançou uma afogada exclamação trêmula.

—É verdade que sua cintura é pequena - disse ele, com voz rouca. - Não estava seguro,



porque com os cordões apertados... - franziu o cenho. - Por que se incomoda em pôr um espartilho? Certamente que não o necessita.

—Uma dama leva espartilho - disse ela, a voz rouca de pérfido desejo. - Vaughn, o perigo disto... se seu pai fosse a...

—Não corre perigo comigo, Elisa - murmurou ele. - Só quero provar seu sabor. Para guardá-lo como lembrança.

Elevou a cintura feminina um pouco, como se estivesse a ponto de elevá-la e aproximá-la a ele, e ela sentiu que a cabeça ia para trás.

O poder daquela maneira lenta e controlada dele levantá-la indicou a força de Vaughn e soube que sua resposta era o equivalente a se oferecer a ele, mas resultou impossível evitá-lo.

Era plenamente consciente dos polegares ansiosos que desejavam seu contato a milímetros de seus seios.

—Ah, que prazer poderia te proporcionar - disse ele em voz tão baixa que mal o ouviu, mas viu seus lábios formando as palavras quando se aproximou.

—Não, Vaughn, não pode. Por favor, eu lhe rogo.

A boca masculina se aproximou da dela, que acrescentou apressadamente:

—Vou ser sua madrastra.

Vaughn titubeou, e ela sentiu que seus pés voltavam a se apoiar no chão quando ele a baixou um pouco. Colocou sua mão no ombro com a intenção de empurrar, mas a cálida pele sob a camisa produziu uma onda de desejo.

Aquela força e tamanho que a superavam, a possibilidade de explosão de energia e poder...

Ele levantou o queixo.

—Seriamente tem intenção de se casar com ele, Elisa?

—Sim - disse ela, tentando que sua voz não tremesse, pensando em Raymond e o motivo pelo que ela estava disposta a viver naquele lugar afastado. - Sim - repetiu com mais firmeza, olhando aos olhos.

—Me deixe partir, Vaughn. Bem sabemos os dois que poderia forçar o envolvimento, é muito mais forte que eu. Mas o único que farei para o deter será pedir que não o faça.

—E mais uma vez esgrimir esse casamento como um escudo - ele disse secamente.

—Obrigado - disse ela em voz baixa, tentando se acalmar e fazer caso omissos ao desejo insatisfeito de seus nervos.

Ele não se moveu, mas seus olhos voltaram a se estreitar. Não foi o desejo o que ocultou seu resplendor, a não ser uma rápida ideia:

—Venha montar comigo amanhã.

—O que? Não, não... Não seria respeitável.

Ele meneou a cabeça, a silenciando.

—Um simples passeio, Elisa. Ofereço a você o que ninguém mais neste mausoléu se incomodou em oferecer desde que chegou. Um dia fazendo o que você gosta. Um dia a cavalo.

—Não, acredito que não.

—Amanhã terá o cabelo recolhido e calçará suas botas. Não haverá luz de lua nem silêncio



para me seduzir. Serei totalmente de confiança... um futuro enteado correto. - Elisa não pôde evitar se dar conta de que disse o último com acidez.

Tragou o nó na garganta. Um dia inteiro a cavalo. E Vaughn lhe dera a chave para o manter a distância. Só a menção de suas bodas com Rufus azedava qualquer desejo que ele pudesse sentir.

Era uma questão simples: se concordava com um dia de inocente prazer, ele a soltaria e ela poderia correr à segurança de seu quarto.

—Diga que sim, Elisa - murmurou ele, aproximando seus lábios aos dela.

—Sim! - disse ela, sem fôlego.

A soltou tão precipitadamente que ela cambaleou e estendeu a mão para se agarrar ao marco da janela.

—Se conhecer os homens um pouco, Elisa - disse ele, se endireitando , - e sei que assim é, então voltará para a cama agora.

Ela conhecia os homens. Apesar disso, seus lábios começaram a formular uma resposta, mas a reprimiu e deu a volta sem uma palavra. Correu para a porta, o coração aturdido ao pensar do que se livrou.

—Elisa?

Bastou uma chamada em voz baixa para que ela se detivesse no meio da sala tão bruscamente como se ele a tivesse segurado com uma âncora. Não queria se arriscar a olhar para ele, mas o fez de todas as formas.

Ele se encontrava junto à janela, os braços cruzados sobre o peito. De costas à luz, seus olhos permaneciam nas sombras e a única coisa que ela podia ver eram os marcados traços de suas faces, o forte queixo e o poderoso pescoço.

O coração feminino acelerou ainda mais seus batimentos.

—Não use o espartilho amanhã - indicou ele.

Suas palavras puseram seus pelos em pé. Sem dizer nada, deu a volta e saiu apressadamente da biblioteca, percorrendo a ampla galeria para o frio chão de mármore do vestibulo.

Quando chegou ao arco da escada, estava correndo, o fôlego entrecortado devido ao medo e ao alívio de ter saído ilesa. Chegou a sua cama e se afundou sob as mantas, tremendo. Não iria montar com Vaughn.

"Não irei montar com Vaughn. É impensável", repetiu uma e outra vez até adormecer.

Capítulo 03.

Vaughn havia se levantado a quatro horas quando Elisa finalmente desceu as escadas. Ele passara todo esse tempo refletindo e se castigando por seu comportamento na biblioteca na noite anterior. Que diabos o possuía?

Fazia já algum tempo que estava ali, decidindo a que o mais sensato seria voltar para Londres e enfrentar a seu pai por Kirkaldy através de seus advogados... até que ela entrou, e foi



como se ele não tivesse tomado nenhuma decisão absolutamente.

Atuara sem pensar, sem usar a cabeça.

Até o passeio a cavalo era uma loucura. Uma traça não se aproximava da chama uma vez que descobria que possuía o poder de queimá-la. Então, por que estava ele, Vaughn, revoando ao redor de Elisa?

Não saberia como responder isso. A noite passada, assim que se oferecera para levá-la a montar, o rosto feminino se suavizou, parando seu coração. Não partiria para Londres agora, a privando desse prazer. Um curto passeio e logo deveria partir.

Partir e não voltar mais. A chama proibida era muito perigosa. Rufus possuía uma habilidade extraordinária para se vingar. Era um tolo ao sequer pensar ficar ali e se arriscar a se deixar dominar pela loucura que se apropriou dele na noite anterior.

Maude, a criada de mais idade da casa, se aproximou proveniente da cozinha com uma pesada bandeja de prata de café da manhã, os velhos e deformados dedos apertando as asas enquanto se inclinava pelo peso. Vaughn a recordou igual a sempre.

Sempre parecera maior. Apesar dos protestos da mulher, tirou a bandeja dela e depois de perguntar aonde se dirigia, a levou até o quarto de seu pai. Quando chegou, fez uma pausa esperando que ela chegasse e logo lhe abriu a porta.

Antes de recuperar a bandeja, ela estendeu a mão, deu um tapinha em sua face e lhe sorriu com carinho.

—Antes me abria as portas também, senhor.

—Seriamente?

—Quando seu pai não o via. É um prazer lhe ter em casa, senhor Vaughn.

Ele desceu as escadas pensativamente. Quem mais acreditava que ele ficaria, que aquele era seu lar? Se apoiou contra o pilar da escada com o cenho franzido. Se achava ali para recuperar Kirkaldy, e isso era tudo.

Logo Elisa desceu as escadas e ele se endireitou, alegre como um menino ao vê-la.

Vestindo um discreto traje de montar de veludo azul escuro que ressaltava a cor de seus olhos, ela já não era a tentação da noite anterior, quando seus cachos dourados caíam pelas costas até a cintura.

Pessoalmente, ele gostava mais das mulheres com trajes de montar.

Não podiam levar tantas anáguas e assim esconder a verdadeira linha de suas pernas. Se deu conta na noite anterior da longitude das pernas de Elisa e hoje voltou a desfrutar com isso, já que não as cobria de rendas.

Estava claro que não ia se desculpar e dar motivos para não montar, como ele supôs que faria. Para seu pesar, sentiu admiração pela coragem daquela mulher.

la cumprir o combinado, apesar da pressão a que se viu submetida para fazê-lo. Entretanto, ela evitou olhar para ele enquanto calçava as luvas de pele e colocava um chapéu de aba larga.

—Bom dia, Elisa - a saudou. - Já tomou o café da manhã?

—Sim, em meu quarto, obrigado - respondeu ela docemente.

—Então, não há nada que nos retenha - disse ele. - Farei que nos tragam os cavalos.



—Preferiria ir aos estábulos - respondeu Elisa, com certa urgência.

Vaughn voltou a olhar para ela. Queria se afastar da casa? Notou as olheiras que rodeavam os olhos femininos, o rubor de suas faces. Logo compreendeu. Ela queria acabar com aquilo o antes possível.

Não estava disposta a esperar que lhe trouxessem os cavalos. Queria ir buscá-los ela. Reprimiu um sorriso. Acreditava que estaria mais segura atravessando um jardim que esperando ali no vestíbulo?

—Muito bem - concordou, lhe oferecendo o braço. Quando ela não pegou, mas sim passou a seu lado para se dirigir às portas envidraçadas da parte traseira do vestíbulo, ele esboçou um amplo sorriso. OH, sim, certamente que estava se esquivando.

As portas se abriam ao amplo e cuidado parque da parte posterior da mansão. Era um jardim formal de atalhos retos que demarcavam os simétricos canteiros de flores.

Elisa caminhou pressurosa pelo atalho que levava diretamente às cavalariças ao pé do jardim. Vaughn acelerou um pouco e rapidamente a alcançou.

—Está usando espartilho? - perguntou.

—Uma dama sempre usa espartilho. Não tem direito de me fazer essa pergunta.

—Essa não é uma resposta.

—Não darei outra resposta.

Vaughn sorriu. Aquilo estava por se ver. Deliberadamente, se fez a um lado e pisou na cauda da sua saia. Imediatamente, Elisa sentiu o puxão e ele retirou o pé, conseguindo com isso que cambaleasse para frente pelo impulso.

Rapidamente, se adiantou para agarrá-la antes que caísse pelo impulso e a recebeu em seus braços, nos que ela acabou, os seus estirados, procurando o equilíbrio.

Ele voltou a agarrá-la pela cintura e a segurou para que se endireitasse, rodeando com suas mãos a muito pequena cintura, sentindo seu calor sob o suave veludo.

Também sentiu a rígida parede do espartilho.

—Elisa, me decepçiona - murmurou, embora não estava de todo irritado. Não teria gostado muito que ela cedesse facilmente.

Ela levantou o queixo altivamente.

—Vaughn, pretende muito. Sou a prometida de seu pai, e a propriedade exige que...

—Ao caralho com a propriedade! - Apertou mais a cintura dela. - A propriedade, a moral... são só palavras, Elisa. Sabe a diferença, sei que sabe. Igual a mim.

O olhava, analisando. Escutando. Avaliando. Era uma característica que nunca vira em outras mulheres, que estudassem suas palavras com tanto cuidado, que lhe fizessem tanto caso.

—O que quer, Vaughn?

Sim, o que queria? Que fazia ali, no meio do roseiral, agarrando a cintura dela à vista de todos? Qual era seu objetivo? Já decidira voltar para Londres. Deu de ombros.

—Ir montar.

—Não, Vaughn, o que quer de verdade?

—Algo que não posso ter - respondeu com sinceridade.



—Tem que tirar as mãos da minha cintura. Poderiam nos ver da casa.

O olhava fixamente com aqueles olhos intensamente azuis da cor de seu traje, que não cediam nem um ápice.

Soltar aquela criatura delicada e maravilhosa? De repente lhe resultou quase impossível afastar as mãos, embora soubesse que ela tivesse razão: possivelmente houvesse criados os vendo pelas janelas.

Não havia perigo de que Rufus o fizesse. O porco certamente seguia roncando depois de todo o clarete da noite anterior.

—Vaughn, por favor, não sei o que pensa de mim, mas me faz mal ao arriscar minha reputação em público desta forma.

Jamais teria pensado que ela teria algo de inocência, uma mulher com aquele sórdido passado, mas ali estava, com as mechas do dourado cabelo que escapavam do chapéu emoldurando as delicadas feições.

Seus grandes olhos azuis apelando a seu cavalheirismo para que a soltasse.

Na noite anterior houve um momento de genuína alegria nos olhos femininos quando se ofereceu para levá-la a cavalgar, o qual o fez se perguntar como seria triste o resto de sua vida se um oferecimento tão simples causara tal júbilo.

Se deu conta de que Elisa era uma mulher complexa. O que imaginara não casava com ela e aquilo o fascinava. Soltou sua cintura e deu um passo para trás.

—Se não consigo o que quero, então aceitarei a amizade - disse, um pouco surpreso ao se dar conta de que era sincero.

—Amizade? - repetiu ela, incrédula.

—Sim, amizade. Isso é pedir muito?

O observou uns momentos, como esperando que ele confessasse que era uma brincadeira. Logo esboçou um leve sorriso.

—É obvio que não é pedir muito. Eu gostaria muito de contar com sua amizade. Sim, certamente.

A forma em que o disse o fez pensar que possivelmente ela tentava convencer a si mesma disso.

—Então, não desperdicemos este formoso dia.

Ela assentiu com a cabeça e se dirigiu com ele para os estábulos com os ombros erguidos, o queixo levantado e um tom favorecedor de rosa nas faces.

Enquanto o palafreneiro² selava as montarias, Vaughn observou que brincava nervosamente com as luvas e tentava por todos os meios não o olhar. Se aproximou um passo mais e ela jogou a cabeça para trás para o olhar, a respiração agitada.

—Te incomodo - afirmou ele, sem se incomodar em perguntar.

—Não, não é isso - disse ela, negando com a cabeça, sem o olhar aos olhos. De repente, o alívio se refletiu em suas feições. - Olhe, nossos cavalos estão preparados.

² Moço de libré que tratava do palafrém ou o conduzia à mão. Cavalariço.



Ela passou a seu lado e se apressou a se aproximar ao cavalo cinza que o palafrereiro segurava para ela. Pusera uma sela feminina, para montar de lado.

Enquanto ela subia e acomodava as amplas saias, ele esboçou um leve sorriso, imaginando o que ela pareceria na época em que montava escarranchada como um homem, desafiando à sociedade, as convenções e a morte.

Esta dama de corretas costas erguida que controlava seu cavalo com delicada destreza não correspondia absolutamente a aquela imagem.

Impressionado com a habilidade dela, montou a seu cavalo e com um sorriso desafiante partiu disparado, deixando atrás de si uma nuvem de pó e erva. Ouviu o retumbar da perseguição.

O pulso acelerou e uma onda de excitação percorreu seu corpo, o urgindo a ir ainda mais rápido.

Disse a si mesmo que teria que tomar cuidado porque ela poderia passar mal, mas sabia que ela precisava sentir o ar acariciando o cabelo e a excitação percorrendo suas costas... igual a ele.

Já se afastara da casa, galopando pelos semeados e os verdes prados, saltando troncos caídos e regatos. Ouviu a risada feminina atrás dele e jogou a vista atrás para vê-la inclinada sobre o pescoço do cavalo, fazendo ir mais rápido.

Tirou o incômodo chapéu e seu dourado cabelo brilhava ao sol. Ela voltou a rir e seu sorriso foi uma maravilhosa combinação de covinhas e branca dentadura.

Se uma resposta tão forte a um estímulo tão simples como era o montar a cavalo era indicativo da potencial sensualidade de Elisa, como seria ela nos braços de um homem? Em seus braços?

As possibilidades o fizeram sentir uma excitação que nada tinha a ver com a alegria de montar um cavalo a galope.

Voltou a ouvir uma gargalhada feminina e o som cristalino soou muito mais próximo. Estava ganhando terreno! Esporeou o cavalo, totalmente imerso no espírito da carreira.

Que prazer era competir com um cavaleiro tão despreocupado e desafiante! Sua mente se entreteve com um dilema ilícito: devia deixá-la ganhar e logo pedir uma compensação ou ganhar ele e reclamar sua vitória?

O coração de Elisa ia tão disparado como o ritmo dos cascos do cavalo retumbando no chão. Era um dia maravilhoso. O sol os iluminava enquanto cruzavam o prado.

Fazia já algum tempo que perdera o chapéu, teriam que recolhê-lo ao voltar, e os cabelos ameaçavam se soltar da elegante trança. O sangue quente corria por suas veias e sentia uma absurda excitação, como a de um potro assustadiço.

Estava decidida a vencer Vaughn, apesar das severas limitações que lhe impunham o espartilho e os arreios de lado.

Fazia tanto tempo que não se sentia tão livre, tão viva! Precisava agradecer a Vaughn por isso. Se pudesse olhar para ele sem recordar as mãos masculinas rodeando sua cintura e a cor de seus olhos quando a olhavam...

Oxalá pudesse olhá-lo sem pensar em fazer amor com ele... Desejou poder apagar a lembrança da noite anterior completamente, eliminar de sua mente a sensação dos polegares dele



percorrendo sua pele.

A lembrança do que acontecera fez que despertassem os mamilos e se pusessem tensos, como a seu corpo, que começou a pulsar.

Era verdadeiramente má. Que tipo de mulher desejaria ao filho de seu prometido? Devia purgar aquele desejo.

Ao menos Vaughn parecia ter se contentado com sua amizade. Teria que se sentir feliz de que ele se conformou com isso.

Mas... era sua maldade tão grande que o que realmente desejava era que lhe dissesse que sentia por ela um desejo tão intenso que não podia pensar em mais nada?

Acaso a noite anterior não fora um espionagem de semelhante obsessão? Mas soube, com uma sabedoria que custara obter, que esperava algo que não havia ali.

Ele era um homem atraente, acostumado a flertar e ter relações fáceis. Certamente muitas mulheres foram vítimas de seu encanto, já que qualquer mulher se sentiria atraída pelo viril encanto.

Vaughn deteve seus arreios uns dez metros na frente dela. O seguindo, ela também puxou as rédeas. Antes que ela se detivesse de todo, ele se encontrava a seu lado, a ajudando a baixar.

—Venha, quero te mostrar algo - a puxou pela mão e a guiou até um pequeno bosque.

Ela nunca se afastou de Fairleigh Hall. Não sabia o que esperar, mas em companhia de Vaughn se sentia protegida do mundo.

Ele possuía o tamanho e o poder para a proteger do que fosse e agora que declarara que se conformaria com sua amizade, sentiu que podia confiar nele.

—Quando era um menino estava acostumado a vir pescar aqui. Há um arroio que atravessa Fairleigh de noroeste a sudoeste e este é o único lugar onde tem bastante profundidade para nadar.

Se detendo abruptamente, soltou a mão dele.

—Não terá intenção de se banhar hoje, não é?

—Quem sabe? - Disse ele, com um encolhimento de ombros. - Faz bastante calor.

De repente, ela sentiu muito mais calor que há uns momentos.

Ele voltou a agarrar os dedos femininos entre os quentes dele.

—Venha.

O atalho acabava em um lago muito maior do que ela imaginara. Água limpa e cristalina banhava rochas lisas, tão limpa que deixava ver as pedrinhas no fundo. Era difícil julgar sua profundidade. Mais à frente, brilhava o sol tentador.

Não tenho nem a mínima tentação de nadar, disse a si mesma.

Entretanto, parecia que Vaughn sim, porque já tirava a jaqueta e a camisa. Seu coração pulsou descompassado ao ver os objetos caírem a seu lado.

Nu até a cintura, era algo que ela nunca vira: um largo peito bem definido que se convertia em um abdômen duro como uma rocha, os tendões se flexionando sob a tensa pele cítrica enquanto tirava as botas. A observava.

Elisa tragou o nó na garganta e afastou a vista.



—Não faz tanto calor - disse, as faces avermelhadas.

—Parece para você? Eu sinto que ardo.

O tom da voz masculina a fez olhar rapidamente para ele e viu que havia tirado as calças também e mostrava o firme traseiro. Ela lançou uma exclamação afogada enquanto um nó se fazia no seu estômago e lhe cortava a respiração.

Um segundo mais tarde ele mergulhou e desapareceu sob a água.

—Não o desejo... não o desejo - repetiu ela para si, mas apesar disso se encontrou dando um passo para se aproximar da beira da poça.

Nesse momento ele saiu à superfície com um amplo sorriso tentador, afastando o cabelo do rosto.

—Mãe de Deus! - exclamou ela, sem poder se conter.

Era impossível. Não havia forma de não o desejar. Era tudo o que lhe faltava há muito tempo: um amigo, alguém com quem rir, um homem de sua idade... um amante. Quanto fazia que não contava com isso? Muito.

—Venha, Elisa - disse ele, os olhos ardendo.

Ela deu um precipitado passo atrás, tropeçou e caiu sentada.

Ele se aproximou nadando, mas ela se apressou a levantar e elevou uma mão.

—Não, fique aí. Não saia!

As escuras sobranceiras masculinas se franziram, mas ficou quieto. A água lhe chegava até a cintura, mal escondendo a parte dele que ela tanto desejava.

Ela sabia que aquilo seria tão impressionante como o resto da viril anatomia, uma voz sussurrava na sua mente.

—Por que não quer que saia? - perguntou ele brandamente.

—É que... não quero.

—Mas, e se eu quiser?

—Então, partirei.

—Não, não o fará - disse ele, sem sorrir. - Não sairei. Sente e relaxe, Elisa - apontou uma grande rocha a uns cinco metros para a esquerda.

Ela assentiu, agradecendo ter outra coisa que olhar. Ficando de pé, alisou as saias e se sentou ali para o observar nadar se afastando dela. Os fortes braços masculinos se moviam na água com uma facilidade que ela poucas vezes vira.

Era muito bonito e muito inadequado, disse para si. Pior ainda, como seria seu enteado, era proibido. Deveria estar olhando para ele com olhos maternais. Ele chegara à maturidade sem sua mãe.

Possivelmente lhe fizesse falta a guia de uma matrona...

Ele ficou de pé no outro extremo da poça, a água jorrando por ele, e ela voltou a ver suas costas e seus glúteos. Estava de meio perfil, e se via o princípio dos fortes músculos que faziam um V descendendo para sua pélvis. Os seguiu com a vista.

Se ele girasse um pouquinho mais... Fechou os olhos de repente. Não havia forma. Não podia olhar de uma forma puramente maternal.



—Elisa, está segura de que não quer se banhar comigo?

Ela abriu os olhos. Ele se encontrava mais perto, nadando para ela, a observando com uma intensidade que a punha nervosa.

—Não posso.

—Não pode ou não quer?

—Ambas as coisas.

Ele sorriu como um diabo e ela ficou em pé de repente.

—Esperarei na clareira.

Não esperou a resposta masculina. A única coisa que sabia é que não podia ficar ali nem um segundo mais com ele tão perto e tão... nu.

Não suportava nem um segundo mais ver aquele corpo firme sem desejar que ele a apoiasse sobre o chão e a fizesse dele. Uma vez seu marido a tomara assim, antes que a bebida e a luxúria o afastassem dela.

Naquela ocasião ela concebera a Raymond. Uma intensa dor a percorreu ao pensar no filho que perdera, o menino que esconderam e criava agora uma família que a desprezava e que certamente faria que ele se voltasse contra ela.

E ali estava, respondendo com a lascívia do que a acusaram aqueles que tiraram seu filho dela.

As emoções que enterrara profundamente surgiram junto com uma dor tão devastadora que sentiu que morria. Começou a correr fazendo caso omissos de Vaughn que a chamava, e soube que não fugia dele, mas sim de si mesma.

Vaughn se vestiu rapidamente. Não sabia se Elisa estaria ali quando chegasse a clareira. O que a havia feito correr daquela maneira? Ele vira as emoções refletidas no rosto feminino. O desejava, a expressão era inconfundível.

Mas algo mais a tinha afastado do lago. Que fantasmas a perseguiam?

Ao sair de entre as árvores se aliviou vê-la de pé, lhe dando as costas e olhando à distância.

—Acredito que deveria partir.

Aquilo não foi o que ele esperava que ela dissesse. Simulou não compreender.

—E o faremos, se estiver preparada.

—Me refiro a partir de Fairleigh Hall.

—Elisa, me olhe.

Ela nem fez gesto de dar a volta, de modo que apoiou uma mão no seu ombro. Ela deu a volta de repente, os olhos arregalados.

—Já basta! - exclamou.

—O que? - perguntou ele, surpreso ao ver que as lágrimas arrasavam os olhos femininos. Seu coração deu um tombo. - O que acontece?

—Tem que partir daqui.

—Por quê?

—Porque não posso suportar te ter sob o mesmo teto.

As palavras dela provocaram que uma onda de desejo percorresse o corpo de Vaughn. Como



guiados por sua própria vontade, seus dedos se elevaram para acariciar a face da jovem. Estava suave e úmida.

—Se o fato de partir produz felicidade, então irei.

O rosto dela refletiu tanta dor que ele instintivamente a rodeou com seus braços. No princípio ficou rígida, mas quando ele acariciou suas costas, começou a relaxar e finalmente se reclinou sobre ele, apoiando a face contra seu peito.

—Se você partisse me sentiria muito triste, mas não poderia viver tranquila se nos convertêssemos em... algo mais que amigos.

—Jamais a obrigaria a fazê-lo, Elisa.

—E entretanto vejo algo mais em seus olhos. Não se esqueça que não sou uma menina recém-saída do convento. Sei como são estas coisas, Vaughn, como você.

Certamente que estava com a razão e ambos sabiam. Não era uma ingênua.

—Não mentirei a você. Te desejo, mas sei que não está disposta a se entregar a mim. Compreendo. Mas não posso partir de qualquer jeito. De modo que para estar perto de você, serei seu amigo.

—Então deve atuar como o faz um amigo, não como um amante.

Era uma ironia que falassem de amizade enquanto ele a apertava entre seus braços, os seios femininos apoiados contra ele, o coração pulsando tão forte que golpeava contra o masculino.

Era como se o diabo o possuísse quando ela se encontrava perto: se esquecia da prudência e da discrição e só podia pensar na necessidade de fazê-la sua.

Sua forma de aguilhoá-la, as ações que levava a cabo e que incentivavam mais ainda sua paixão... nada disso ocorria por nenhuma escolha que fizesse, a não ser levado por uma força que não compreendia totalmente e portanto não podia controlar.

Isso seria razão suficiente para que obedecesse os desejos dela e o que ele acreditava: devia partir de Fairleigh Hall.

Oxalá ela não o tivesse achado atraente; possivelmente assim ele teria podido superar a tentação e desviar sua atenção de Elisa, mas ela estava tão seduzida pelo feitiço como ele.

Saber que seus avanços eram mútuos o esporeava ainda mais a seguir com aquela loucura. E entretanto, apesar do desejo de Elisa, havia algo que a continha. Deveria ser algo ou alguém que tivesse poder sobre ela.

Vaughn esperava que este fosse o bastante forte para os manter separados, porque muito se temia que sua vontade não seria suficiente.

Capítulo 04.

Quando voltaram do passeio a cavalo, Elisa foi ao santuário de seu quarto para descansar, mas o sono demorou para chegar. Quando por fim conseguiu conciliá-lo sonhou com Raymond tal como o vira pela última vez: um menino encantador de grandes olhos azuis. Despertou com uma



firme resolução: seria amiga de Vaughn, mas nada mais. Se Vaughn desejava ficar em Fairleigh Hall indefinidamente, que o fizesse. Ela podia suportá-lo.

Perderia muito se cedesse à loucura de seus desejos. Entretanto, quando abriu a porta da sala de jantar, sua decisão fraquejou. A mesa estava mais ocupada do que o habitual.

Estavam com convidados e Natasha Winridge, a filha do barão Munroe, o vizinho de Fairleigh Hall, se sentava à esquerda de Vaughn, pendente de suas palavras.

Um nó se fez no estômago de Elisa e seu coração deu um tombo. Fizera caso omisso aos comentários de Marianne sobre quão interessadas estavam as criadas em Vaughn, os considerando mera fofoca.

Vaughn não parecia o tipo de pessoa que perdesse tempo com as criadas. Não lhe ocorrera a possibilidade de que alguma outra mulher atraísse a atenção de Vaughn, ou, pior ainda, se convertesse em sua nova obsessão.

O que mais a irritava era quão bonito Vaughn estava aquela noite, vestido com um traje negro e uma antiga camisa com um figurino que favorecia seu moreno e exótico atrativo.

—Aí está, querida. Estava a ponto de enviar Mariane para te buscar - Rufus ficou de pé sorrindo de maneira incomum. Parecia que gostava de simular na presença de amigos aristocratas.

Ela se sentou junto a Rufus e elevou o olhar para perceber que Vaughn seguia conversando com Natasha. A jovem era bonita, com o cabelo escuro e pele delicada. E contribuía à sua beldade o bom uso do dinheiro e a escolha de um vestuário apropriado.

Elisa teve que reconhecer que a debutante possuía a juventude a seu favor. Sua perfeição sem mancha, como de uma flor recém-aberta fez que Elisa se sentisse usada e descartada.

Colocou o guardanapo no colo, rechaçou com um gesto o vinho que ofereciam e pediu água enquanto se perguntava por que teria aquela reação tão ciumenta ao ver Vaughn falando com Natasha.

Se deu conta de algo mais com respeito a si mesma que lhe resultou horrível: gostara que Vaughn prestasse atenção a ela.

Embora não tivesse intenção de aceitar nada que não fossem suas ardentes palavras, havia sentido um secreto prazer em ser objeto do poderoso desejo masculino.

Havia passado muito, muito tempo desde que alguém a adulara ao mostrar algo mais que um interesse cortês e superficial nela. E não gostava absolutamente deixar de ser o centro da atenção!

Era pura tolice, sabia, estar incômoda por algo tão natural. Deixara claro a ele que nunca responderia a seus avanços, assim não tinha por que se sentir zangada quando sua atenção se dirigisse a alguém mais.

Não podia pretender que ele mantivesse uma devoção que não era mútua, por muito que ela desfrutasse dela. Lançou um olhar aos dois jovens que cochichavam com as cabeças juntas. Não, não gostava!

Dirigiu sua atenção ao barão sentado a sua direita, o pai de Natasha.

—Sir William, onde se encontra Lady Munroe esta noite?

Sir William deu uns tapinhas na sua mão.



—Sinto desiludir vocês, mas Caroline não se encontra muito bem - uma dor de cabeça, - mas me pediu que os saudasse de sua parte e os assegurasse que passaria para vê-los assim que se sentisse melhor.

—Por favor, diga a ela que desejo uma pronta melhora.

—Certamente que o farei.

—Sir William, o que decidiu fazer com os acres extras que lhe dei? - perguntou Rufus, com o peito cheio de presunção.

Elisa conteve um suspiro. No curto período que levava ali já se dera conta que Rufus utilizava os favores como moeda de troca. Uma vez que havia feito algo por alguém, considerava que essa pessoa se endividou com ele para sempre.

Nos momentos em que sua culpabilidade e sua preocupação pela ausência de Raymond estavam mais sossegados, Elisa podia ver suas circunstâncias com maior clareza e lhe ocorrera mais de uma vez que possivelmente Rufus estivesse fazendo o mesmo com ela, que as iminentes bodas fossem mais outro de seus negócios.

Mas logo Rufus se mostrava terno ou amável com ela por um momento e ela se sentia confusa novamente sobre os motivos que o levaram a cortejá-la daquela maneira brusca e lhe oferecer casamento. Ele era uma pessoa mais complexa do que parecia.

Elisa deixou de simular que comia. Fez uma profunda inspiração e se reclinou no assento, fazendo todo o possível para não ficar olhando para Vaughn, que se sentava frente a ela. Aquilo resultava uma tortura.

A risada de Natasha, leve como uma campainha, acompanhava cada uma das frases de Vaughn, tanto se eram graciosas como se não, tirando Elisa de gonzo. Retorceu as mãos no colo, sentindo que sua tensão ia aumentando.

Desejou poder partir correndo da sala, mas não podia, já que aquilo requeria logo uma explicação que não poderia dar.

Se via forçada a se comportar como a decorosa senhora da casa, sorrindo com aprovação como o fazia o barão Munroe aos flertes que tinham lugar frente a eles, quando o que desejava fazer na realidade era agarrar Vaughn pelas lapelas e o sacudir violentamente para chamar sua atenção.

Cada vez que ouvia a afetada risada de Natasha, sua tensão aumentava um pouco mais. O tempo transcorreu. Lentamente.

Elisa bicou sua comida o bastante para evitar que a interrogassem sobre seu comportamento, e tentou não escutar a conversação que acontecia do outro lado da mesa.

—Senhora, Vaughn me disse que é uma amazona excepcional. Como é que nunca nos haviam dito isso?

Elisa elevou o olhar para Natasha, que esperava sua resposta com um cortês sorriso, os olhos escuros brilhantes, a perfeita pele radiante à luz dos candelabros. Parecia um pouco turvada.

Certamente que estaria se Vaughn exercitasse as mesmas táticas diretas de conversação que usara com Elisa na noite anterior.



Procurando desviar a atenção do perigoso tema e de si mesma, Elisa respondeu:

—Monta, querida?

Natasha deu de ombros.

—Um pouco, mas Mãe diz que não é correto desfrutá-lo muito.

Correta. Disso nunca a acusaram. Bom, possivelmente em uma época, quando ela era uma jovem da idade de Natasha, loucamente apaixonada por um noivo cuja reputação era deplorável.

Seu único pecado fora amar a um marido que teve apenas um uso para ela: conseguir um herdeiro. Depois do nascimento de Raymond, a única vez que se deitou com ela foi quando não teve a ninguém mais ao seu dispor. Sua garganta se apertou.

Por um instante esquecera que, fosse qual fosse a verdade, a sociedade não a considerava uma mulher prudente. Agora se encontrava ali, desejando desesperadamente a atenção de um homem ao qual não podia ter.

Certamente que era tão indecorosa como a sociedade a pontuava. Olhou com fixidez a toalha adamascada cor marfim que cobria a mesa, se debatendo com a necessidade de voltar a olhar para ele.

Logo sentiu na ponta de seu escarpín³ uma suave pressão que rapidamente se dirigiu a seu tornozelo e logo subiu pelo interior de sua panturrilha. O contato de uma cálida pele percorria sua perna, subindo, subindo...

Elevou os olhos abruptamente. Vaughn a observava, a imagem da inocência mais completa. O pé masculino, coberto com a meia três - quartos, subiu pouco a pouco por debaixo das anáguas dela, contra os calções.

Acariciava a pele do interior da coxa através da suave cambraia, e as pernas dela se abriram sem oferecer resistência alguma.

Ele tossiu e ao fazê-lo se afundou em sua cadeira enquanto dirigia toda sua atenção a jovem sentada a seu lado. Elisa não podia se mover. Ficou totalmente petrificada. Não se atrevia a se mover por temor a destruir o momento.

O pé dele se deslizava cada vez mais para a parte dela que começara a pulsar imediatamente, ao se dar conta de que era ele quem se deslizava por sua perna.

Elisa estendeu a mão para pegar a taça de água, tentando dissimular que não prestava atenção ao bate-papo. Bebeu um gole e quase se afogou quando o contato de Vaughn se fez mais ousado.

Ficou sem fôlego quando o pé deslizou entre as bordas da abertura de seus calções e se colocou dentro. Os lábios masculinos esboçaram um sorriso malicioso ao olhá-la, uma escura sobrelanceada arqueada em silencioso desafio.

—Senhora, assistirá ao baile?

Elisa perguntou com um sorriso forçado:

—Baile? - sua voz falhou e o sorriso de Vaughn se fez mais pronunciado.

—Sim, Mãe vai dar um baile para me apresentar em sociedade, justo antes que partamos

³ Sapato de sola muito fina, com salto ou sem ele, e que deixa descoberto o peito do pé.



para Londres. Por favor, diga que virá.

—Certamente, irei.

Vaughn lançou uma risada afogada.

—Sabia que Elisa não o decepcionaria.

Elisa se deu conta de repente que permitia a Vaughn as liberdades que jurou não lhe dar fazia apenas um momento, em seu quarto. Vá, determinação que possuía. Bastou sentir a ameaça de que Vaughn dirigisse seus favores a alguém mais para se quebrar.

Recorda ao Raymond.

—Ah... então, passarão a temporada em Londres? - perguntou, jogando a cadeira para trás um pouco, e fazendo que o pé de Vaughn se deslizesse de entre suas coxas. Teria que se meter debaixo da mesa para tocá-la agora.

Ele se sentou abruptamente com um profundo suspiro sem sequer olhar para Natasha, que o observava fixamente, batendo as pestanas.

—Passarei a temporada com minha tia - disse Natasha, mal lançando um olhar para Elisa enquanto respondia. Voltou a vista para Vaughn.

—Vive perto do Hyde Park, assim espero que possam nos visitar - a jovem dirigiu logo sua atenção a Elisa, embora era óbvio que se dirigiu a Vaughn.

Vaughn dirigiu um suave sorriso a Natasha, deslizando o dedo pela borda da taça, que encheram somente uma vez durante o jantar. Elisa olhou a forte mão de dedos longos e firmes acariciar lentamente o cristal.

Deus, como desejava sentir aquelas mãos em seu corpo!

A horrorizou pensar a direção que voltavam a tomar seus pensamentos. E ele a observava com um sorriso tão malicioso que não dava pé a nenhuma dúvida. Frente a seu pai e seus convidados, nem mais nem menos.

Precisava parar aquilo, imediatamente. Devia fazê-lo!

Sentindo que Rufus cravava seus olhos nela, elevou os seus para ele, que franzia o cenho de sua forma habitual enquanto olhava alternativamente a seu filho e a ela.

OH, Deus, sabia!

O pé de Vaughn se esfregou contra o dela, que deu um salto como se a tivesse mordido.

—O que passa com você! - exclamou Rufus.

Elisa pigarreou enquanto pensava a toda velocidade o que responder.

—Marianne me apertou muito o espartilho. Me belisca - disse em voz baixa.

—Possivelmente devesse soltar isso. Sugeriu Vaughn com parcimônia.

—Se sente enjoada? - perguntou Natasha, uma expressão de genuína preocupação em seus olhos. - Na realidade...

—Deveria brigar com Marianne por ter tido tão pouco cuidado! - disse Rufus, a interrompendo. Exasperado, fez uma profunda inspiração e ficou de pé. - Bem, quase estou preparado para meu charuto.

O que lhe parece, Sir William, se nos retirarmos ao salão?

Elisa lançou um suspiro, contendo seu ressentimento, enquanto todos ficavam de pé a seu



redor, seu desmaio instantaneamente esquecido. Rufus a olhava com impaciência e ela ficou de pé para pegar seu braço.

Notou que Natasha se pendurava no braço de Vaughn em vez do de seu pai.

Uma vez no salão, se acomodaram nas poltronas e sofás e Natasha começou a tocar harpa. Sua voz clara encheu a sala enquanto seu pai a observava orgulhosamente com um enorme sorriso.

Vaughn passeava atrás deles, como se estivesse muito nervoso para se sentar, e enervava Elisa. Não podia vê-lo e entretanto o podia sentir. Ainda a queimava onde seu pé a tocara.

Uma carícia tão experimentada... não havia dúvida de que seria um amante sensacional...

Ao se dar conta de seus pensamentos estremeceu, como se a tivessem cravado com um alfinete. Estava doente de verdade.

Natasha acabou sua canção. O barão girou para Elisa e lhe perguntou:

—Senhora, me faria a honra de tocar?

Elisa lançou um olhar em direção a Rufus e viu que ele já estava com o queixo apoiado no peito e uns suaves roncoss procediam dele.

—É obvio, Sir William - ficou de pé e se dirigiu ao piano. Notou que Vaughn deixava de passear quando ela se sentou.

Não estava segura do que tocar, mas, como se tivessem vida própria, seus dedos se dirigiram às teclas e a música que produziram foi uma simples e comovedora melodia de amor não correspondido que recordava de muitos anos e que em uma época a encantara.

Memorizara as notas e agora lhe vieram sem hesitações, causando a seu aflito coração uma momentânea pausa.

Se entregou à música. Nem uma vez olhou a ninguém, e menos que todos ao homem alto e moreno que a observava intensamente do canto mais longínquo. Não queria olhar para ele porque sabia que seria fácil ler seus pensamentos no rosto.

Esta noite fora a mais longa de sua vida. Havia aprendido que o desejo e o proibido fugiam da mão. Precisava controlar seus sentimentos e suas ações.

Não devia, como futura madrasta de Vaughn, se comportar como uma amante ciumenta, porque não era sua amante e nunca seria.

Com o tempo ele se casaria com alguém como Natasha, uma jovem que lhe daria um montão de meninos, uma mulher que não estaria murcha por tudo o que vira, uma mulher cuja reputação seria tão pura como a neve recém-caída.

Uma mulher que não teria nem ideia do que fazer com um homem viril como Vaughn.

Uma imagem surgiu na sua mente: Vaughn se aproximava por trás e lhe apoiando brandamente as mãos nas suas, detinha sua interpretação. Seus lábios deixavam sua marca na nuca, a fazendo estremecer e suspirar.

Logo a tomava em seus braços e a jogava sobre o piano. Fazia amor com ela, jogando com suas mãos e sua boca, fazendo-a ansiar por ele mais ainda...

Mas aquilo não aconteceria nunca.

Suspirou e tocou o último e vibrante acorde da melodia e ficou quieta.



Se fez um profundo silêncio.

Finalmente se ouviram as palmadas de um doce aplauso solitário.

Deu a volta e viu que Vaughn se aproximava aplaudindo brandamente. Logo Sir William e Natasha se uniram ao aplauso. Rufus prosseguiu roncando.

Vaughn pegou as mãos entre as dele, cálidas ao contato. O sorriso masculino e a expressão de seus olhos foram dirigidas a ela somente. Compreendera o que ela imprimia em cada trêmula nota?

Sentiu um movimento atrás dele e viu que Natasha se pôs de pé e se aproximava deles, olhando fixamente as mãos de Elisa entre as de Vaughn.

—Senhora, isso foi... assombroso.

Certamente que a jovem não o encontrava tão perfeito, mas a Elisa dava igual. Havia tocado para si, para ninguém mais. Bom... possivelmente para outra pessoa também.

—Foi uma interpretação muito eloquente - disse Vaughn em voz baixa. Não parecia se importar que o barão e sua filha os estivessem olhando. - Simplesmente formosa - acrescentou.

Compreendera.

—Obrigado - sentiu que suas faces subiam de temperatura. Precisava se afastar dele antes que a delatasse sua indiscrição. Deu a volta para seu prometido, que seguia dormitando pacificamente.

—Foi uma noite maravilhosa, mas parece que Rufus está preparado para se retirar. Vaughn, poderia acompanhar Sir William e Natasha ao carro?

Vaughn fez uma inclinação, um suave sorriso desenhado em seus lábios.

—Como desejar.

—Mas é cedo! - exclamou Natasha, com o cenho franzido.

—Natasha! - Sir William a admoestou.

Elisa esboçou um sorriso pormenorizado.

—Ah, a energia da juventude irresponsável.

Seu comentário não fez efeito. Natasha se voltou para Vaughn e tocou sua manga.

—Vaughn, quero ficar mais tempo. Você não pode fazer as honras? - havia um claro e desagradável tom de queixa em sua voz.

—Possivelmente possa se interessar a você e a seu pai uma partida de xadrez - sugeriu ele.

—Eu não jogo xadrez - disse ela e a única coisa que lhe faltou foi fazer birra⁴.

—Acredito que seu pai sim - Vaughn se voltou para ele. - Não é assim, Sir William?

—Certamente que sim - disse Sir William entusiasmado.

—Bom, boa noite, então - disse Elisa.

—Por que não o acompanha à cama e logo se une a nós - disse Vaughn.

Elisa não se voltou para olhá-lo; não sentia confiança. Em vez disso negou com a cabeça e se dirigiu ao Rufus.

—Outra noite, possivelmente. Foi um dia muito comprido.

Sinônimos: bico, amarrar o burro, mofina, emburrar, teimar, carranca, capricho, pirraça, gênio, desfeita, acinte



Com a ajuda de Joshua, Elisa acompanhou Rufus a seu quarto e logo se retirou.

Marianne a ajudou a se despir e se preparar para dormir e Elisa evitou escutar seu bate-papo se negando a responder. Desejava se meter sob os lençóis e fugir do dia, mas quando finalmente o fez, o sono demorou para chegar.

Em vez disso, recordou o contato dos dedos dos pés de Vaughn percorrendo sua coxa e se encontrou os seguindo com a mão, o coração acelerado. E se tivesse seguido os costumes licenciosos de sua juventude e não estivesse usando calções sob seu vestido?

Como teria reagido Vaughn quando seu pé tivesse encontrado carne cálida e disposta em vez do linho?

Jogada em sua solitária cama, ela fez uma trêmula inspiração e ficou de lado, fazendo um novelo para não sentir as ondas de desejo que percorriam seu corpo.

Por volta da meia-noite ouviu o som de uma carruagem que se afastava do pórtico. Os convidados partiram e Vaughn provavelmente também iria à cama.

Seu coração acelerou os batimentos enquanto se esforçava por ouvir os ruídos que ele fazia. Iria a seu quarto?

Ou viria ao dela?

Vaughn fechou a porta atrás de si e se apoiou cansado contra a madeira esculpida. Deus, que noite!

Ao ser o único filho de um rico marquês além de possuir o título de visconde, era natural que Vaughn fosse o alvo de casamenteiros e debutantes procurando uma oportunidade de ouro. Se acostumou a se defender daquelas tentativas.

Mas não pensara que o vizinho e amigo de seu pai pudesse ser um daqueles casamenteiros. Vaughn não pretendia se casar ainda. Havia muitas aventuras e prazeres que provar antes de sentar cabeça.

Suspirando, se separou da porta e começou a subir a escada. Um sorriso se formou em seus lábios ao recordar a interpretação de Elisa ao piano aquela noite.

Ela estivera imersa em seu mundo, longe de todos eles, um lugar ao que poderia escapar da realidade, sem dúvida.

Subiu os degraus de dois em dois. Ao chegar acima, se deteve e olhou ao andar de baixo. Ao ver que não havia ninguém, girou para a direita e se dirigiu diretamente ao quarto de Elisa.

Elisa ouviu o ruído do trinco e se levantou e cruzou o dormitório antes que a maçaneta voltasse para seu lugar. Se dirigiu nas pontas dos pés até a porta e se apoiou contra o vão, o coração tamborilando no peito.

—Elisa - chamaram em voz baixa. Era Vaughn.

Conteve o fôlego.

—Elisa, passou o ferrolho para que eu não possa entrar? - disse ele, ofendido.

A tentação de fazer girar a chave foi poderosa. Não havia ninguém que os visse nem se interessasse se ela convidava a um homem a seus aposentos...

—Elisa, sei que está aí. Queria te falar, dizer que sei o que sentia ao piano esta noite.

—Como sabe? - murmurou ela.



Se fez um curto silêncio.

—Sei - seu tom sensual atravessou a porta e a envolveu.

Ela se apertou contra a porta, mas não tirou o ferrolho.

—Não é necessário que se ofenda com a Natasha - acrescentou ele em voz baixa. - Sua juventude suas formas insípidas me atraem muitíssimo menos que as profundas e escondidas águas que se movem dentro de você. Quero me afogar nelas. Em você.

O pulso feminino se acelerou de forma inquietante.

—Me prometeu amizade.

—Um amigo pode desejar também.

—Mas não atuar.

—Disse que não o faria.

—Mas esta noite, à mesa...

—Era a única forma de te assegurar que não a havia abandonado.

Ela suspirou. Ele expressava em voz alta os pensamentos femininos mais íntimos.

—É um jogo perigoso o que estamos jogando. Não compreende quão comprometido é, Vaughn? Não me persiga mais. Não... me toque.

Respondeu-lhe o silêncio.

—Vá para a cama - disse ela.

—Já vou, mas primeiro quero te desejar boa noite.

—Boa noite - respondeu ela com alívio ao ver que lhe concedia seu desejo.

—Uma coisa mais - acrescentou ele.

—O que?

—Quando tirar o espartilho para mim, tampouco ponha os calções.

Ela sentiu que se afogava.

—O que? - sussurrou. Depois de ter dito... - Você disse que não me tocaria - insistiu, aterrorizada ao pensar que ele pudesse forçar o tema contra seus desejos.

—Não o farei - ele respondeu rapidamente. - Mas quero que esteja nua para mim, de modo que só nós dois saibamos.

E quando me vir te olhar, poderá imaginar o que seria se minhas mãos seguissem o mesmo caminho que meu pé tomou esta noite... ou minha boca. Sobre sua pele nua.

E a puta que ela levava dentro a percorreu como uma onda.

Apoiou a cabeça contra a porta. Que Deus lhe desse forças para negar aquela parte de si mesma que reagia daquela forma tão estridente.

—Boa noite, Elisa - murmurou ele.

Ela ouviu que se afastava.

Transcorreu um longo momento antes que se separasse da porta e voltasse para sua fria cama.

Capítulo 05.



Elisa furou o dedo com a agulha pela décima vez nos últimos dez minutos. Afastou o olhar de seu bordado e o dirigiu ao amplo janelão com a magnífica vista do casal passeando pelo jardim.

Vaughn e Natasha.

A baronesa Winridge não perdera nem um instante em fazer uma segunda visita com sua filha. O barão e Natasha ficaram para jantar na noite anterior.

De repente, ali estava Caroline com Natasha atrás, na tarde seguinte a que o barão dissesse que estava prostrada com dor de cabeça.

A dor de cabeça desaparecera por arte de magia. Tal prontidão só podia significar uma coisa: Vaughn era a atração.

Em geral, Elisa desfrutava com a companhia de outra mulher enquanto bordavam, tomavam o chá e conversavam, mas hoje encontrava irritante a presença de Lady Munroe.

—É incrivelmente bonito, Elisa. Recordo dele quando era menino. Era bastante desajeitado, muito alto para sua idade. Nem imaginava se chegaria a ser tão atraente.

—É certo, é bonito - disse Elisa e conseguiu esboçar um sorriso.

—Natasha não parou de falar dele toda a manhã. Me foi impossível retê-la em casa. Espero que não nos considere muito descorteses, vir de visita sem ter nos anunciado!

—É obvio que não.

—Olhe isso - disse Caroline, fazendo um gesto com a cabeça para a janela.

Vaughn dava a Natasha uma das rosas cor vermelha sangue que Elisa estava cuidando com dedicação desde sua chegada. Elisa desejou secretamente que a morena se furasse com um de seus espinhos.

—Possivelmente no baile anunciaremos outro compromisso além do seu - murmurou Caroline.

Caroline tinha muitas esperanças, pensou Elisa com aborrecimento.

—Vaughn ainda é jovem. Estou segura de que tem planos de ver o mundo antes de sentar cabeça.

Obviamente, aquelas não eram as palavras que Caroline esperava, porque se inclinou para frente e olhou para Elisa fixamente com o cenho franzido.

—Pensei que seria uma união adequada para você, considerando sua amizade com Natasha. E além disso, pensa... seríamos uma família. Compartilharíamos os mesmos netos.

Elisa sentiu que a ansiedade acelerava seu coração. Nunca mentira a Caroline, com a única exceção de seu suposto escuro passado, que mantivera em segredo.

Se não queria revelar seus sentimentos por Vaughn, precisava fazer uma atuação maravilhosa. Se moveu incômoda na cadeira e deixou seu bordado. Afastando seu olhar do ardente de sua amiga, a dirigiu ao casal do jardim.

Os dois estavam sentados em um banco de pedra, falando amigavelmente. Vaughn riu por algo que Natasha disse. Seu sorriso, amplo, alegre e com um toque malicioso, despertou uma ânsia no profundo do peito de Elisa.



Queria que aquele sorriso fosse para ela, para ela somente.

—Elisa...

Elisa olhou a sua amiga, avermelhando ao ver que a observava de um modo inquisitivo.

—Não quero que Natasha sofra - replicou. - É muito menina e Vaughn... bem, possivelmente dentro de uns anos quando tiver visto mais do mundo...

Caroline fez total caso omissa dela e continuou descrevendo um ambicioso plano para o casal do jardim, que incluía o baile de compromisso, as bodas por cima de tudo, digna de um príncipe do reino, o inevitável Grande Tour da Europa, a lua de mel em Paris, onde Natasha podia comprar os últimos modelos de Worth, uma temporada em Londres...

Elisa não prestou atenção a nenhum dos detalhes do que dizia sua amiga. Estava muito pendente do casal do jardim, os observando pela extremidade do olho e vendo como eles ficavam de pé e se aproximavam andando até a casa.

Seu coração deu um salto ao ouvir a porta do jardim que se abria e fechava. Precisava controlar suas emoções com mais firmeza.

A porta do salão se abriu. Elisa levantou a vista e viu o casal em frente a ela, sorrindo enquanto se olhavam. Havia uma sensação de diversão, inclusive até segredos compartilhados. Seu coração afundou até os calcanhares.

—Que bonito dia que é - disse Natasha sem fôlego. Estava com as faces rosadas, combinando perfeitamente com seu vestido.

—É verdade - disse Elisa com um sorriso forçado. Desfrutaram de seu passeio pelo jardim?

Observou Vaughn. Como se atrevia a brincar com a jovem daquela maneira? Como podia passar o momento em sua companhia, a adulando e a pondo nervosa com o que não podia ser mais que francas insinuações?

Mentira na noite anterior ao dizer que Natasha não significava nada para ele? Mas não havia dito que Natasha não significava nada para ele.

Havia dito que Elisa significava mais para ele que Natasha... não havia dito que a jovem não fosse atraente para ele.

Elisa sentiu o aguilhão da raiva. Era ridículo, mas muito real. Vaughn o notou, porque a comissura de sua boca se elevou um pouco. Divertido?

—Sim, Natasha é encantadora - disse languidamente.

Ela baixou os olhos porque não queria que ele visse a dor que certamente se refletia neles. Sentiu como uma punhalada, afogando totalmente sua raiva.

—Suas rosas são formosas, senhora - disse Natasha abruptamente. Parecia totalmente alheia às ondas de emoção que iam e vinham entre Vaughn e ela.

—Vaughn me deu uma. Não a incomoda? - a jovem lançou a Vaughn um olhar de adoração enquanto acariciava uma pétala da flor.

—Possivelmente devesse mostrar a sua mãe a beleza do roseiral - propôs Vaughn, inclinando a cabeça para sorrir a Natasha.

Ela titubeou só um instante.

—Mãe, quer ver o jardim?



—Certamente que desejaria ver as rosas de Elisa. Conforme tenho entendido, trabalhou nelas desde sua chegada. Elisa, venha, me mostre você mesma, querida - respondeu Caroline.

—Não posso. O sol está muito forte para mim a esta hora do dia, mentiu Elisa desesperadamente. - Mas, por favor, vá vê-las. Não durarão muito mais - a única coisa que desejava era se afastar de Natasha e de sua mãe para poder recuperar a compostura.

—Claro, é óbvio, se insiste... - replicou Caroline com voz forçada.

Elisa não se atreveu a olhá-la enquanto ficava de pé e partia com sua filha, mas sentiu quando se ia. Mais ainda, sentiu a presença de Vaughn enchendo cada um dos cantos da sala.

Ele a observava.

—Arruinou seu trabalho - comentou ele. - Olhe, tem manchas de sangue. Machucou seu dedo - deu uns passos para ela, que sentiu que seu coração acelerava.

Quando se achou diante dela, segurou a mão trêmula e a levou aos lábios.

—Vi como nos olhava pela janela - disse, beijando cada um de seus dedos. - O que sentiu ao me ver com ela? - seus lábios estavam quentes e úmidos ao contatar com a sensível pele feminina. O prazer se estendeu em ondas por seu braço.

—Não faça isso - replicou ela em um sussurro.

Ele aproximou lentamente a ponta ferida a seus lábios e a chupou, sua língua cálida e aveludada. Ela esteve a ponto de a afastar, mas se deu conta de que não podia, já que os fogosos olhos verdes a paralisavam.

Seu coração pulsava loucamente e a respiração se ouvia entrecortada.

—Vaughn, podem nos ver - disse, afastando o dedo. Ficou de pé e passou ao lado dele, mas não o bastante longe. Ele a rodeou, invadindo seus sentidos de tal maneira que a impediu de pensar.

—Estão no jardim. E os criados não nos incomodarão.

Ela se voltou para olhar para ele.

—Rufus...

—Certamente estará dormindo a sesta.

—Isto é uma loucura.

—É o que parece para você? - disse ele, arqueando uma escura sobrancelha.

Quando ele se aproximou ela deu um passo atrás, se afastando da janela e de olhares curiosos.

—Sim, é uma loucura. Me impressiono a cada dia, e agora com Natasha...

—Por quê? O que a faz sentir Natasha?

Deu as costas a ele porque não queria lhe olhar. Não queria que ele visse seus sentimentos refletidos em seu rosto e seus olhos... suas emoções eram muito voláteis. Endireitou um quadro da parede e fez uma inspiração profunda antes de espetar:

—Me dá raiva a forma em que o olha. Odeio que Caroline queira que seja seu genro.

—Ah... - seu tom expressou total compreensão. Logo acrescentou em voz baixa: - Se parece bastante ao que eu sinto ao pensar em que você se casará com meu pai.

Ela deu a volta abruptamente, surpreendida. Ele a olhava com fixidez.



—Não o dirá a sério?

Uma amarga careta se desenhou nos lábios masculinos.

—A única diferença é que já se comprometeu a se casar com ele.

Suas palavras voltaram a despertar a ira feminina. Desta vez o aborrecimento se devia a suas desgraçadas circunstâncias. Suas bodas iminente com Rufus era como uma sentença para ir ao cárcere. Ela estava apanhada, mas Vaughn era livre.

Ele tinha toda sua vida pela frente, enquanto que a dela já estava esculpida em fria pedra. Sentiu a ardência das lágrimas em seus olhos. Ele tocou sua face docemente e outro estremecimento de prazer a percorreu.

—Queria saber como se sentia quando me via com alguém mais. Queria saber que não era o único que desejava - abrangeu seu rosto com a mão. - E vejo que não sou o único - roçou seu lábio com o polegar. - Não é verdade, doce Elisa?- murmurou, sua voz uma carícia.

Os batimentos de seu coração a afogavam. Se reconhecia que sentia o mesmo por ele, logo onde ele a levaria? A emoção, o perigo absoluto que podia surgir se dizia a verdade!

As possibilidades a fizeram estremecer novamente, ao que contribuiu também o roçar dos dedos masculinos em seus lábios, suave e erótico.

A risada de Natasha no corredor foi como uma ducha de água fria. Elisa deu um salto e Vaughn afastou a mão justo no momento em que a jovem entrava na sala seguida de sua mãe.

—Suas flores são divinas - disse Caroline sorrindo ao entrar, as faces ruborizadas pela risada. Vaughn se afastara dela com o sigilo e a agilidade de um gato.

—Obrigado - disse Elisa, se esforçando para que sua voz parecesse normal. - Trabalho duro cuidando delas. Às vezes o clima não ajuda.

—Certamente, Lorde Munroe me diz que devo me interessar mais pelo jardim, mas não me causa maior interesse. Mas minhas aquarelas, essas sim que...

Elisa ficou tensa ao ver que Caroline se interrompia e a observava fixamente.

—Querida, está muito pálida. Não se sente bem?

—Ahh... tenho dor de cabeça. O calor...

—Sinto muito, querida. Por que não se recosta um pouco?

A única coisa que Elisa desejava naquele momento era fugir de Natasha e Caroline.

—Possivelmente tenha razão - assentiu.

—Venha, eu a acompanho - disse Vaughn, se aproximando e oferecendo seu braço. - Ficarão para o jantar? - perguntou às visitas por cima do ombro, como mandava a cortesia.

—Sim! - foi a enlevada resposta procedente ao unísono de mãe e filha.

Elisa permaneceu silenciosa enquanto Vaughn ia com ela até seu quarto. A mão feminina se apoiava rígida sobre o braço dele. Estava ciumenta. Ele o vira em seu rosto e em seus olhos. Deliberadamente deixou que se estendesse o silêncio.

—Por que as convidou a ficar? - ela perguntou por fim, sem o olhar.

—A verdade é que Rufus as convidou.

—Rufus?



Vaughn compreendeu sua incredulidade. Rufus nunca convidava a ninguém. Geralmente os vizinhos chegavam e ele "descansava" enquanto ela fazia as honras.

—Não é o que corresponde quando se apresenta um vizinho de visita?

—Levam toda a tarde aqui.

—Pensei que desfrutaria de sua companhia - disse ele, com um encolhimento de ombros. Se fez outro silêncio.

Vaughn reprimiu um sorriso. O aspecto de orgulho ferido daquele narizinho elevado e lábios tristes certamente significavam que começava a romper as defesas que ela havia erguido contra seus avanços.

Quando chegaram ao quarto, ambos estenderam a mão para pegar a maçaneta da porta e suas peles roçaram.

Ele a ouviu conter o fôlego mas ela não retirou nem afastou a mão. Entrelaçou seus dedos nos dela. As mãos dela eram tão pequenas, tão delicadas e femininas... Toda ela era frágil.

—Obrigado por me acompanhar até meu quarto - disse ela, tensa, abrindo a porta.

—Foi um prazer - disse ele, deixando cair a mão.

Ela olhava fixo para frente, mas havia um delicado cacho de cabelo dourado que acariciava sua nuca e ele desejou tocá-lo.

—Descanse. Se recupere - ele disse. Logo, cedendo ante a tentação, deslizou sua mão por debaixo do cacho, roçando sua pele com as pontas dos dedos.

Ela estremeceu. O corpo masculino ficou tenso ante aquele pequeno sinal de resposta. Se inclinou, aproximando os lábios do ouvido dela.

—Nos vemos no jantar esta noite - sussurrou, beijando a delicada pele junto ao lóbulo. Um tremor profundo o recompensou, chegando à medula dos ossos, mas ela manteve o rosto afastado, sem o fitar, e seu silêncio resultou um desafio.

Deslizou a mão pela diminuta cintura e pressionou brandamente. - Ah, Elisa, segue se negando - disse, simulando decepção ao sentir o espartilho.

—Deixe-me ir - sussurrou ela.

—Certamente - disse ele, deixando cair a mão.

—Obrigada - entrou no quarto e deu a volta para agarrar a tranca da porta. Por fim, o olhar feminino cruzou com o dele, e aqueles olhos azuis pareceram quase luminosos. Vaughn sentiu que seu coração dava um salto.

Ela fechou a porta lentamente e ele continuou sem se mover.

—Doces sonhos, senhora - ele sussurrou e finalmente se fechou.

Sorriu à porta fechada, convencido de que ela estava do outro lado. A mão dela estaria apoiada no painel, como a sua? Seu coração estaria pulsando como o seu com a antecipação do que viria? Ao ouvir passos atrás de si, afastou a mão e deu a volta.

Marianne o observava. A boca da criada esboçava uma careta rígida enquanto se aproximava e seus olhos lhe lançaram advertências. Sabia que a francesa gostava de Elisa profundamente e era evidente que não lhe caía bem.

—Boa tarde, Marianne - disse, acompanhando a saudação com um sorriso.



A criada não o devolveu.

Era tarde quando Elisa despertou. Marianne se encontrava a seu lado, uma xícara de chá na mão.

—Senhora, já começou o jantar. Pensei que estaria acordada quando vim pela última vez, do contrário não teria partido.

—OH, Deus Santo - disse Elisa, se sentando de repente.

—O senhor requer sua presença. Rápido, levante e a ajudarei a se vestir. Rufus estaria furioso.

Com o pulso acelerado, Elisa se levantou da cama. Lançou um olhar ao relógio de bronze dourado sobre a chaminé e lançou um gemido. As três horas que dormira lhe pareciam só minutos. E agora era tarde e Rufus não a perdoaria.

Elisa aceitou a xícara e bebeu o chá morno com gesto de asco enquanto Marianne se apressava a pegar as peças de roupa, um espartilho limpo, um vestido. Logo deixou a xícara e o pires e tirou a camisola enquanto Marianne estendia a regata limpa.

Se vestiu em quinze minutos. Não tivera tempo para tomar nenhuma decisão e se deu conta de que o traje que Marianne escolhera era mais atrevido do que ela usava habitualmente.

Era uma criação em cetim cor lavanda água que fizera pouco antes da morte de Roger, com a esperança de que um vestido mais sugestivo ajudaria a sua relação, quando ainda não perdera as esperanças de um casamento feliz.

O sutiã e a cintura eram ajustados e Marianne apertara seu espartilho, elevando tanto seus seios, que o amplo decote mostrava muito mais do que o habitual.

As anáguas faziam que o maravilhoso tecido caísse em camadas que mostravam o efeito de águas do tecido, e ao caminhar uma pequena cauda puxava a saia para trás, a abrindo como um leque.

Enquanto Elisa se olhava no espelho, se perguntando se se atreveria a aparecer com aquele vestido e sabendo que não restava tempo de se trocar, Marianne prendeu seu cabelo artisticamente, deixando seu pescoço e seus ombros totalmente nus.

Logo lhe colocou dois diamantes em forma de lágrima nas orelhas e retrocedeu uns passos com a cabeça de lado, esperando a aprovação de Elisa.

—Obrigado por sua ajuda - murmurou Elisa.

—Estarão começando com a sopa, senhora. Será melhor que se apresse.

—Sim - assentiu Elisa, distraída. Seu pulso acelerou. O que Vaughn pensaria de seu atrevido traje?

Baixaram juntas as escadas, já que Marianne se dirigia à parte posterior da casa para comer também. Ao chegar ao pé da escada, Marianne tocou seu pulso.

—Senhora...

—O que acontece?

Marianne passou nervosamente a língua pelos lábios.

—Senhora, a advirto do senhor Vaughn... Sei o que está acontecendo. Vejo em seus olhos, em sua mente. E tenho medo.



—Medo? - se surpreendeu Elisa. Compreendia que alguém tivesse medo de Rufus, mas de Vaughn? - Não me faria mal - respondeu.

—Possivelmente fisicamente não, senhora. Mas há outras formas de fazer mal a uma pessoa. Me perdoe, senhora, mas pensei que devia advertir sobre isso - suplicou.

Embora Elisa se sentisse agradecida pela preocupação de Marianne, também se incomodou por isso. Era verdade, não usava sua cabeça quando estava na presença de Vaughn, mas estava com quase trinta anos e podia fazer o que quisesse com quem quisesse.

Deu um tapinha na mão de sua criada:

—Agradeço a advertência, mas reconheço minha própria insensatez. Conviria a ele uma pessoa mais jovem, alguém que não esteja enfastiada por tudo o que viu e ouviu. Alguém como Natasha.

Acredito que me sentia sozinha e procurava um pouco de companhia, e ele é meu amigo.

Marianne adotou uma expressão de alívio. Com uma ligeira cabeceada se afastou pelo corredor que levava a cozinha.

Elisa se dirigiu para a porta da sala de jantar e se deteve. Dentro se ouviam risadas femininas e masculinas. Endireitou a coluna. Esta noite seria difícil, mas a superaria. Depois de tudo, eram somente cinco. Uma pequena reunião, e ao menos estava Caroline ali para entretê-la. Não podia, não estava disposta a começar a considerar Caroline sua inimiga.

Quanto a Vaughn...

Seu coração voltou a acelerar e sentiu que começavam a percorrê-la ondas de desejo, que no mais profundo de seu ser surgia uma profunda excitação. Gostaria de seu vestido? Entrecerraria os olhos quando a visse pela primeira vez e afastaria sua atenção da jovem, quase uma menina, que estava a seu lado? Uma maliciosa espera lhe deu coragem e agarrando o trinco, abriu a porta e entrou, com a cabeça erguida.

Capítulo 06.

Assim que entrou na sala de jantar olhou para Rufus. O rosto dele se escureceu imediatamente de raiva e ela se deteve, insegura, junto à porta, presa do medo.

Logo viu Vaughn e se deu conta de que sua detenção dera a ele bastante tempo para observá-la. E, certamente, isso era o que fazia, a olhar da cabeça aos pés.

Endireitou os ombros ainda mais e seus pulsos aceleraram amalucados. Logo se deu conta de que todos a observavam, até Natasha, que ficara com o garfo a meio caminho da boca, os olhos como pratos.

Era sua aparência tão diferente que merecia aquela silenciosa atenção? Alisou o cetim com uma mão úmida de nervoso, e tragou o nó na garganta, a boca seca.

—Perdoem o atraso, por favor - murmurou. - Dormi demais.

Vaughn ficou de pé e se aproximou dela, um sorriso lento e apreciativo se desenhando no



rosto que somente ela podia ver. Segurou sua mão e fez uma profunda inclinação.

—Senhora, me permita - disse, oferecendo o braço para acompanhá-la até seu lugar.

A taça de Rufus golpeou a mesa com um golpe seco e ele pigarreou sonoramente. O coração de Elisa voltou a dar um salto, o medo lhe fechando a garganta. Vaughn cobriu com sua mão a que se apoiava no seu braço.

Parecia uma ação perfeitamente normal e natural, mas a ligeira pressão transmitia uma mensagem a ela unicamente, para tranquilizá-la ante a cólera de Rufus. Sem palavras dizia que tudo iria bem.

Aproximou a cadeira a ela sem mediar palavra e logo voltou para o outro lado da mesa, junto à Natasha.

Caroline se sentava à direita de Elisa. Esta olhou a sua amiga, evitando o olhar furioso de Rufus. Caroline sorriu com carinho.

—Está formosa, Elisa. Esse vestido é novo?

—Sim, o mandei fazer recentemente - mentiu Elisa com apenas uma pequena hesitação, logo girou para Rufus com um sorriso.

Aquilo pareceu o aliviar, porque assentiu com a cabeça, com aspecto satisfeito de que ela tivesse feito o vestido para ele. Elisa se ruborizou e estendeu a mão para beber um gole de limonada fresca. Sentia o olhar de Vaughn.

Certamente Rufus o sentara junto à Natasha e em frente a Caroline para o afastar dela. Seria difícil afastar o olhar dele, já que sua mera presença a fazia prestar atenção nele. Podia sentir que não tirava os olhos de cima dela.

—Sim, agora recordo esse vestido - disse Rufus. Seu tom quis aparentar algo erótico entre eles dois.

—Me alegro que tenha escolhido voltar a pôr ele - disse Vaughn com displicência.

—Obrigado - replicou Elisa.

Ele vestia a camisa branca aberta no pescoço e um colete cor azul marinho com fios prateados. Seu cabelo estava ligeiramente despenteado e Elisa se perguntou se esteve montando enquanto ela dormia.

Parecia cheio de vida e energia, como no dia anterior, quando saíram a cavalo. Ao recordar o que acontecera na lagoa seus seios se encheram de desejo e se umedeceu, excitada, quase instantaneamente. Teria ido montar com Natasha?

Uma onda de dor a percorreu ao pensar nisso. Passaram um prato com comida e a atenção de todos voltaram-se para seus pratos.

A conversa foi se reatando e permitiu que Elisa se inundasse em seus próprios pensamentos. Vaughn se converteu novamente em um atento ouvinte das banalidades de Natasha. O jantar pareceu interminável.

Caroline começou a falar com Vaughn, tentando surrupiar dele informação sobre seus futuros planos, Natasha pendente de cada uma de suas palavras. Elisa ficou a mercê de Rufus.

—Por que vestiu um traje tão luxuoso esta noite? - ele perguntou em um sussurro.

Elisa levou as mãos ao colo e cravou as unhas nas palmas, sem dizer nada.



—Me pergunto se estará procurando a atenção de alguém mais.

Elisa olhou para Rufus diretamente.

—Marianne o escolheu. Como disse antes, dormi e quando despertei a única coisa que pude fazer foi me pôr o vestido que estava engomado - lançou um profundo suspiro. - Pensei que você gostaria do traje - mentiu.

—Se não for assim, irei me trocar em seguida.

Ela a olhou fixamente e ela se forçou a não afastar o olhar. A única coisa que sentia era o pulsar de seu próprio coração. Lentamente, a expressão dele se suavizou até expressar carinho. Nunca compreenderia suas mudanças de humor, jamais.

Às vezes, quando ele a insultava e acusava, ela se desesperava pensando que as iminentes bodas se cancelariam e voltaria a se sentir desprezada.

Logo, inesperadamente, ele mostrava alguma emoção mais doce e ela voltava a se perguntar por que teria pedido sua mão. Ele expressara somente uma necessidade de companhia ao finalmente se declarar.

A atenção dele voltou para seu prato e atacou a grande porção de presunto coberto de molho. Ela não sentia apetite, mas comeu igualmente, sabendo que se não o fazia chamaria novamente a atenção de Rufus.

Durante o resto do jantar Caroline falou do jogo de porcelana de Limoges que seu marido comprara na França.

Sir William encarregara um desenho especialmente para ela, que incluía o brasão da família. Elisa invejou o casamento feliz de sua amiga.

Parecia que Caroline e seu marido se amavam profundamente e faziam todo o possível para demonstrar e Elisa, pelo contrário, veio a descobrir na própria carne que a fantasia que teve do casamento superava em muito à realidade.

Se ouvia com frequência a risada de Natasha, um som irritante que reverberava na sala. Natasha e Vaughn voltavam para os cochichos.

Natasha se inclinou mais e cobriu a boca com grosseria para poder dizer algo. Vaughn arqueou as sobrancelhas e jogou a cabeça atrás com uma gargalhada, claramente divertido.

Elisa ficou de pé abruptamente fazendo ruído com a cadeira ao empurrá-la para trás. Vaughn elevou a vista, interrompendo sua conversação, e Caroline arqueou as sobrancelhas.

—Elisa - perguntou, - se encontra bem?

—Por favor, me desculpem um momento - foi a única coisa que pôde dizer.

Rufus se limitou a assentir com a cabeça, muito ocupado com a sobremesa para falar. Elisa lançou um olhar a Vaughn ao se afastar da mesa. Uma expressão pensativa se refletia no rosto dele.

Natasha já tocava o braço dele para reclamar novamente sua atenção. Elisa apertou os dentes e saiu correndo da sala. Assim que chegou às escadas chamou Marianne.

Um dos lacaios da sala de jantar se apressou a ir procurá-la na cozinha, possivelmente notando no imperioso tom de sua voz a impaciência, a fúria que a dominava.

Elisa se dirigiu a seus aposentos, remarcando sua frustração com cada passo. Irrompeu neles



e se deteve, olhando ao redor com desespero.

Demonstraria a Vaughn a insípida e previsível que era a companhia que escolhera aquela noite. Mostraria a ele até onde chegara com aquele falatório nasal de Natasha. Elisa estirou as mãos para chegar a abotoadura do vestido.

—Senhora? - disse Marianne, entrando sem fôlego, os olhos arregalados.

—Me tire isto, depressa - disse Elisa, puxando os colchetes.

—Tirar isso...

—Sim, me tire isso agora! Não posso tirar o espartilho se não tiro primeiro o vestido!

—Mas... o espartilho, senhora? - repetiu Marianne, estranhando.

—Me aperta muito e não me deixa respirar - disse Elisa sem hesitar, - se apresse!

—Em seguida - disse Marianne. Seus dedos se dirigiram aos colchetes e os desabotoou destramente. Entre as duas tiraram o vestido e logo afrouxaram as fitas das anáguas o bastante para poder soltar o espartilho e o tirar também.

Elisa separou de seu corpo a regata.

—Está ensopada - declarou, e a tirou.

—Senhora! - exclamou Marianne, nervosa.

—Quem vai notar? - disse Elisa, voltando a atar as anáguas à cintura, seus peitos nus livres de toda restrição.

—Depressa, por favor Marianne. O senhor já está furioso comigo pelo atraso. Este interlúdio o zangará ainda mais.

A ameaça implícita bastou para que Marianne voltasse a atuar. Voltou a grampear as anáguas e recolocar o vestido de cetim sobre os ombros de Elisa. Rapidamente começou a grampear as costas.

O contato do cetim em seus seios nus era eletrizante e... delicioso. Sem as restrições do espartilho, o profundo decote se tornava perigosamente atrevido e inseguro.

Um doce desejo se estendeu por suas úmidas dobras ao pensar na expressão de Vaughn quando se desse conta de que havia tirado o espartilho. Marianne deu um passo atrás e esperou.

—Obrigado, pode partir - disse Elisa, alisando o sensual sutiã de cetim com a pele nua por baixo.

—Senhora?

—Eu disse que vá!

—Em seguida - replicou Marianne e partiu correndo.

Elisa esperou até ouvir as pisadas se afastando pelo corredor e logo levantou as saias para tirar os calções. Com um profundo suspiro deu a volta e se dirigiu abaixo, sentindo com cada passo a liberdade e pecaminosa nudez de seu corpo sob o vestido.

Se aproximou da porta da sala de jantar. Tragou o nó na garganta. Se atreveria a levar aquilo a cabo? De repente, como uma víbora, uma mão apareceu entre as colunas do vestibulo e a segurou pelo pulso.

Ela afogou uma exclamação ao ver que era Vaughn que se escondia atrás de uma coluna. Ele levou um dedo aos lábios e a puxou, mais e mais perto, até apertá-la contra seu corpo robusto.



Seus olhos brilhavam na penumbra.

Ela tragou e elevou a vista para o atraente rosto masculino.

—Começava a me preocupar - disse ele, seu fôlego quente contra a face dela, suas mãos abrangendo sua cintura.

De repente, ficou quieto e sua respiração se fez entrecortada. Elisa olhou por cima do ombro, presa do medo. Se os pegassem em uma situação tão comprometedora como aquela...

—Vaughn, não podemos... aqui não.

Vaughn deu um passo atrás, a puxando entre as colunas brancas para a esconder da vista de todos... mas seguia sendo um lugar muito público.

O jovem a fez dar a volta de modo que as costas masculinas estivessem para a entrada e assim a cobrisse mais ainda.

—Não posso me afastar de você quando sei que sob este magnífico vestido está completamente nua.

As mãos dele subiram por seu sutiã e ela sentiu como seu calor a queimava através do tecido. Se detiveram a pouca distância de seus seios e um breve suspiro de frustração escapou dos lábios femininos.

Se deu conta de que agora contava com toda sua atenção.

—Está totalmente nua, Elisa? - ele perguntou com voz rouca.

—Sim - sussurrou ela.

Ele lançou um gemido que pareceu provir de suas vísceras. O pulso feminino se acelerou com profunda excitação. Era plenamente consciente de todas as pessoas que podiam passar por ali naquele momento: o serviço, os convidados, possivelmente Rufus... o perigo de que os vissem era muito grande... Suas costas se apoiavam contra o frio mármore, os braços aos lados enquanto ele se aproximava e roçava seu ombro nu com a longa cabeleira.

—Me dê um beijo antes de voltar para o jantar.

—Vaughn...

—Um beijo só - os braços masculinos a rodearam, a apanhando contra a coluna.

—Um só e isso... - disse, elevando o rosto para ele ao se dar conta de que não a deixaria partir até fazê-lo.

A boca dele capturou seus lábios. Surpreendida, Elisa lançou uma exclamação afogada. Por um instante, pareceu que seu coração parava. Logo se deu conta do calor dos lábios masculinos e a proximidade de sua poderosa figura.

Era Vaughn quem a beijava. Vaughn! Seu corpo deu um salto, movido por uma excitação vitoriosa e primitiva. O beijo foi suave no princípio, mas logo se fez mais intenso.

Ele abriu seus lábios com a língua, a colocou entre os dentes e percorreu o interior de sua boca.

Elisa se apoiou contra ele e elevou os braços para rodear os amplos ombros, o abraçando, se apertando mais ainda contra ele. Logo os viris lábios se separaram de sua boca e percorreram seu queixo.

Quentes e úmidos, deixaram um ardente rastro em sua pele. Fechou os olhos enquanto



ondas de prazer a percorriam, a deixando exânime. Ele mordiscou o lóbulo feminino e logo percorreu com sua língua as curvas de sua orelha, antes de se afundar nela.

O desejo a percorreu feito ondas e, desesperada por mais, arqueou as costas fazendo que seus seios se apertassem contra o cetim.

A boca masculina descendeu agora por seu pescoço e enquanto a segurava, seus lábios e sua língua percorreram a pele dela enquanto seu cabelo a roçava levemente com enlouquecedor erotismo.

Elisa mordeu os lábios para afogar um profundo gemido quando a boca dele descendeu ainda mais para seu decote, onde sua apaixonada língua percorreu a curva do início de seus seios, deixando um ardoroso traçado.

De repente, se deu conta de que ele desabotoara os primeiros colchetes e o objeto deslizava pelos ombros e os seios, ameaçando os deixar a descoberto. Sem fôlego, segurou o sutiã, tentando que não o baixasse mais.

—Vaughn, não...

As mãos masculinas se apoiaram em seus ombros e ele a olhou aos olhos. Havia um brilho implacável neles que silenciou o fraco protesto. Com o olhar fixo em seu rosto, seguiu baixando o vestido pelos braços.

Seus seios ficaram completamente nus.

Elisa ficou atônita. Como se atrevia...?

Mas sua mente deteve seu pensar quando as mãos masculinas abrangeram seus seios e com seus polegares roçou seus ansiosos e erguidos mamilos. Tentou levantar as mãos para o afastar, mas as mangas o impediram, apanhando seus flancos.

A fraca tentativa cessou quando ele baixou a cabeça para depositar um veemente beijo no nascimento de seus seios, onde antes estavam seus dedos. Com a outra mão ele brincou com o mamilo, causando que ondas de prazer percorressem o corpo feminino.

Quando finalmente, sua excitada boca capturou seu mamilo, um profundo gemido de prazer surgiu dela. Os dentes masculinos brincaram com seu cone, o mordiscando, enquanto sua língua o cobria de aveludada umidade.

Elisa olhou a cabeça masculina entre seus seios e logo o vestíbulo e o lugar tão público onde se encontravam. Enquanto ele a chupava, a porta da sala de jantar se abriu, iluminando o vestíbulo.

Ou Vaughn não ouviu ou isso lhe dava igual, porque continuou o sensual ataque a seus seios.

Ela não podia ver a porta atrás das colunas, mas ouviu que alguém saía. A porta se fechou atrás do intruso e ele ou ela atravessou o vestíbulo. Elisa conteve a respiração.

A pessoa circulou pelo corredor que rodeava a ala oeste e novamente ficaram sozinhos, sem ser descobertos. A boca de Vaughn se dirigiu a seu outro peito e sua outra mão capturou o que acabava de abandonar.

O pulso feminino se acelerou quando a boca dele cobriu o rígido mamilo. Ao vê-lo lhe chupando o seio, uma onda de calor a percorreu e se acendeu em seu ventre e mais abaixo, na pérola que pulsava entre suas úmidas dobras.



Indefesa, os braços apanhados nas mangas, deixou cair a cabeça para trás contra a parede e fechou os olhos, totalmente imersa em si mesmo e nas ondas de prazer e desejo que a percorriam.

Foi como se ele tivesse sentido sua capitulação, porque sua boca soltou seu seio e sua mão se afastou. Ela abriu os olhos, desamparada. Ele subiu lentamente seu traje pelos ombros e fechou os colchetes em silêncio.

Quando ela esteve decente outra vez, ele acariciou brandamente o tecido que cobria seus seios, avivando uma exalação de fogo que percorreu seus mamilos e tirou seu fôlego.

Logo, esboçando um breve sorriso, se afastou um passo dela, fazendo uma rápida reverência.

—Boa noite, senhora - disse em voz baixa.

Deu a volta e voltou para a sala de jantar, deixando que o seguisse com pernas trêmulas. O corpo feminino tremia de cima abaixo de desejo insatisfeito, umas ânsias agrídoces que anulavam sua mente.

Na única coisa que podia pensar era na forma em que podia satisfazer aquelas ânsias.

Esperou uns minutos tentando acalmar seu coração antes de entrar. Mas foi inútil. Além disso, já se ausentara muito tempo. Precisava voltar. Agora. Penetrou na sala.

A mesa inteira ria por algo que Vaughn dissera. Todos menos Rufus, quer dizer. O olhar que lançou a ela foi penetrante. Estaria se perguntando por que Vaughn e ela se ausentaram da mesa ao mesmo tempo?

Elisa nunca havia feito nada similar por temor a que outros o considerassem uma falta de cortesia.

Vaughn nem sequer a olhou. Se recostava no respaldo de sua cadeira, como se tivesse estado ali toda a noite em vez de tê-la seduzido irreflexivamente no vestibulo, a vista de qualquer um.

Parecia carecer totalmente de nervos. A audácia de suas ações tiravam seu fôlego. Com o coração ainda acelerado, se sentou e sorriu para Rufus. Ele se recostava na cadeira com um tenso sorriso enquanto seu olhar se dirigia dela a Vaughn.

Estava com os olhos entrecerrados e o rosto avermelhado de raiva. Sua fúria resultava mais ameaçadora ainda ao estar encoberta por um cortês sorriso, um rictus que não expressava nenhuma emoção genuína.

Elisa sentiu um mal-estar no coração, o estômago feito um nó.

Rufus se convertera em um inimigo.

Capítulo 07.

O fôlego de Elisa embaçou o vidro da janela através da qual olhava a terra que aprendera a odiar com todo seu coração. Embora não chovesse, as nuvens escuras do horizonte ameaçavam



arruinar um dia que amanhecera ensolarado.

Na noite anterior foi quase impossível dormir.

Cada vez que fechava os olhos via o rosto de Vaughn, recordava suas mãos percorrendo seu corpo, o sabor de seus lábios e a forma em que ele pegara seus mamilos em sua boca e conseguido que ela quase se consumisse de desejo.

E ele partira frio como se não tivesse acontecido nada. Durante o resto do jantar não a olhou nenhuma só vez.

Possivelmente ouvira Rufus dizer que ultimamente parecia estar prestando muita atenção a Elisa. Sendo assim, isso explicaria por que Vaughn prestava tanta atenção a Natasha.

Então ela permaneceu silenciosa, cada um de seus movimentos observados de perto por seu futuro esposo. Rufus permanecia tenso com a quietude de um gato disposto a saltar sobre um camundongo.

E agora outro dia em Fairleigh Hall. Lançou um profundo suspiro. Certamente Natasha e Caroline voltariam a visitá-los. Na noite anterior Caroline havia dito que traria um chá que seu marido comprara no oriente, uma mescla especial deliciosa.

A única coisa que pareceria delicioso para Elisa seria que Natasha e Caroline ficassem em sua casa. A porta se abriu e fechou atrás dela.

—Senhora, possivelmente não deveria sair a cavalo. Parece que o tempo vai piorar - disse Marianne.

Elisa apontou o traje de montar de veludo azul sobre a cama.

—Estarei perfeitamente coberta. O traje vai do pescoço até o tornozelo.

—Seu prometido não o aprovaria - replicou ela, ajudando a colocar o vestido.

Elisa começava a odiar a palavra "prometido".

—E quem me verá nesta terra esquecida por Deus?

—Isso não quer dizer nada - disse Marianne e deu de ombros. - Ambas sabemos que ficará furioso quando se inteire de que saiu sozinha.

Elisa fez caso omissa dela. Calçou as botas, as luvas e o chapéu e sem olhar para trás, se dirigiu às cavalariças. Era cedo, e só se viam criados. O relógio de pé marcou as sete. Elisa apertou o passo.

Não desejava cruzar com o Rufus se ele se levantasse cedo. Na realidade, tampouco desejava se encontrar com Vaughn.

Nas cavalariças pediu o cavalo cinza e passeou inquieta enquanto o traziam. Pegou o pomo dos arreios disposta a montar, mas fez uma pausa. Logo deu um passo atrás. Não, hoje não era um dia para delicadezas.

—Por favor, tirem os arreios - disse ao palafrenero, que se encontrava a seu lado, ansioso, disposto a ajudá-la a montar.

Os olhos do homem saíram de suas órbitas, mas não fez nenhum comentário. Com uma rápida ordem a um moço, entre os dois soltaram a cilha do cavalo e tiraram os arreios. Elisa viu a expressão perplexa do guri e conteve um sorriso.

Certamente se perguntava como uma dama podia montar ao animal e cavalgá-lo com



aquelas roupas.

—Obrigado, isso é tudo - disse, agarrando as rédeas que o palafrenero estendia. Fez uma saudação a ele e partiu depressa, levando ao jovem.

Elisa saiu com o cavalo do pátio e deu a volta nas cavalariças, atrás das quais começavam os doces prados. Uma cerca de madeira partia dos estábulos e se perdia na distância, e havia uma manga⁵ para gado justamente ali.

Aproximou o cavalo à manga, e lançou um olhar ao redor para ver se alguém a olhava. Estava completamente sozinha. Rapidamente tirou o chapéu, as luvas, e com o coração acelerado, as botas e as meias.

Escondeu tudo sob a manga. Pisou na erva verde com os pés descalços sentindo cócegas.

Rapidamente tirou todas as forquilhas e sacudiu sua cabeleira, esfregando o couro cabeludo para o soltar bem. Com outro rápido olhar por cima do ombro, recolheu as saias e as anáguas sobre um braço.

A suave brisa acariciou suas panturrilhas nuas. Rapidamente, segurou as rédeas do cavalo, subiu ao último degrau da manga e deslizou sobre o lombo do cavalo. As saias, é obvio, subiram por suas coxas.

As acomodou o melhor que pôde, mas os verdes prados a chamavam imperiosamente. Queria partir quanto antes. Contendo o fôlego com excitação, esporeou ao cavalo para que começasse a galopar, o sangue correndo nas veias.

Só quando havia galopado uma boa milha a toda velocidade começou a relaxar. Os últimos dias foram muito tensos. E agora, com Rufus começando a sentir suspeitas, tudo iria de mal a pior. Por que teria se metido naquela enrascada...?

Como faria agora para sair dela? Todos os dias ansiava escapar daquela vida infernal. Cada vez que pensava em voltar atrás, aparecia na sua mente o rosto de seu menino, lhe recordando que se deixava Rufus todos os antigos rumores ressurgiriam.

E conhecia o bastante à sociedade para saber que recuperar Raymond seria inútil. Vaughn precisava partir. Essa seria a única solução.

Mas não podia suportar a mera ideia de que ele partisse pela porta e nunca retornasse a Fairleigh Hall. Possivelmente se casasse com Natasha não seria tão doloroso.

Possivelmente então ele considerasse a possibilidade de se mudar e viver ao menos parte do ano em Fairleigh Hall.

Imaginou Vaughn e Natasha fazendo amor. Ele estaria sobre ela, os amplos ombros nus iluminados por um raio de lua que atravessava a janela em cima deles. A mão masculina acariciaria o rosto dela...

Elisa lançou um gemido e sentiu uma opressão no peito. Soube que tampouco poderia suportar que ele vivesse em Fairleigh Hall se isso implicava ser testemunha forçosa de seu carinho por Natasha.

Com um esforço, conseguiu apagar as imagens de sua mente e obrigou a seus arreios a ir

⁵ Espécie de corredor com paredes de varas, que conduz a um rio ou igarapé e serve para guiar os bois que vão ser embarcados.



mais e mais rápido, ao ponto de perder o controle do cavalo.

A excitação obrigava a sua mente a se concentrar e se afastar dos dilemas que a aguardavam na casa. Quando o cavalo deu sinais de cansaço, o fez se deter em um pequeno bosque de velhos carvalhos.

Desmontou e levou o animal a passo, dando-se tempo para ela também se tranquilizar antes de voltar para a casa. Enquanto caminhava, desabotoou o sutiã e as mangas e os agitou, permitindo que o ar refrescasse seu corpo acalorado.

Sentiu desejos de tirar as anáguas, fazia muito calor para as levar. Finalmente, depois de olhar apressadamente ao redor, colocou as mãos por debaixo das saias e tirou as engomadas capas de linho.

As enrolou e as deixou atrás de uma árvore. Tão longe da casa e das granjas, acabariam apodrecendo na intempérie antes que alguém as descobrisse.

Alisou o veludo sobre os quadris e as coxas, se sentindo cômoda pela primeira vez naquele dia. Um trovão reverberou pelos campos, a fazendo olhar o céu e se precaver de que as nuvens cheias de aspecto ameaçador já haviam chegado.

Não se dera conta de que o tempo piorara rapidamente e que a qualquer momento começaria a chover. Olhou ao redor, tentando ver onde se encontrava. Sabia que estava a grande distancia da casa e que estava por volta de uma hora fora.

Precisava voltar ou se empaparia e correria o risco de ser alcançada por um raio no meio do campo. Girou o cavalo em direção a Fairleigh Hall e começou a galopar tão rápido como viera.

Se seguia chovendo durante dias, como estava acostumado a acontecer naquela época do ano, aquele seria seu último momento de liberdade por um tempo.

Cavalgou descrevendo uma grande curva e agora se aproximava da casa pela frente. Parou de chover justamente quando chegava ao topo da última escarpa frente à casa e galopou mais devagar o suave pendente do prado.

Ao chegar ao topo da seguinte colina, apareceu a casa na frente dela. Elisa viu duas pessoas passeando pela cuidada erva diante do edifício. Iam de mãos dadas e não havia dúvida de que aqueles largos ombros e aquela altura pertenciam a Vaughn.

Natasha e Vaughn. De mãos dadas.

Um nó se formou no estômago. Não ficaria ciumenta, disse a si mesma. Dava igual a tivesse roubado seu juízo com seus beijos e que tomara liberdades que nunca concedera a nenhum homem.

A única forma que se podia permitir que Vaughn estivesse em sua vida era na qualidade de enteado. Seu olhar se separou do casal e se dirigiu ao alto muro de pedra nos confins do prado.

Havia quase quatro anos que não saltava obstáculos a cavalo. Naquela época montava diariamente e não a teria intimidado, mas agora se aproximava ameaçador, tentando-a.

Um trovão voltou a rugir ao longe.

Lançando um olhar ao casal, apertou os flancos do cavalo com os joelhos e voou para a parede, o coração compassado com o furioso galopar da besta. Apesar de sentir a excitação da provocação, se perguntou se seria sensato fazê-lo.



Nunca saltara com aquele cavalo. E se não o fazia bem? Era um animal grande, e, igual aos humanos, os animais grandes estavam acostumados a ser torpes... Sentiu o agulhão do medo, mas era muito tarde. Teria que saltar.

Vaughn ouviu o retumbar dos cascos do cavalo e se voltou para o som. Por fora do muro de pedra que marcava os confins entre o prado e os jardins formais da casa estava Elisa, escarranchada em um cavalo e se dirigindo à carreira para eles.

Uma mão invisível apertou seu peito e garganta quando se deu conta de que ela se propunha saltar o muro.

Uma loucura.

—Virgem muito santa! - Murmurou Natasha, levando a mão enluvada à boca. - O que tem posto? E seu cabelo!

Um golpe de irritação percorreu Vaughn e soltou a mão da jovem.

—Pelo amor de Deus, vai saltar! - disse, começando a correr.

—Não vejo como isso possa servir de desculpa... - disse Natasha.

Mas não acabou de ouvir as indignadas palavras da jovem, porque saiu disparado, o pulsar de seu coração enchendo seu peito. O medo era uma serpente enroscada em seu ventre.

—Não, Elisa, não o faça! - gritou, mas foi muito tarde.

O cavalo tentou corajosamente saltar a parede. Observou a grande besta se preparar, recolhendo as poderosas patas posteriores, e se lançar, a mulher de azul obstinada a seu lombo.

Quando o animal se elevou, viu o rosto branco de Elisa e seus olhos arregalados que refletiam uma mescla de medo e excitação.

O cavalo quase o conseguiu. Quase.

As patas anteriores se chocaram com o parapeito do muro. Se tivesse sido um muro com argamassa, o animal se deteria de repente, mas como não o fosse, o animal empurrou as pedras soltas e caiu do outro lado com um relincho.

Se ouviu o estalo de um osso e o cavalo e Elisa lançaram um grito. Quando a besta se precipitou ao chão, Elisa saiu disparada por cima de sua cabeça.

Vaughn a viu com horror fazer uma bola para se proteger e cair sobre um ombro antes de rodar vários metros e se deter.

Não recordou como fez para chegar a figura inerte. Se encontrou ali, estreitando-a em seus braços, o medo apertando a garganta e o impedindo de respirar. Ela estava consciente e quando ele a levantou abriu os olhos.

—Não estou ferida - disse sem fôlego quando ele limpou a terra da face dela.

—Como fez para não se machucar? - sussurrou, a voz afogada pela tensão de sua garganta, de todo seu corpo.

Ela lançou um suspiro entrecortado.

—Aprendi a cair antes de fazer os sete anos - estendeu a mão e acariciou o queixo dele. - Sericamente, estou bem.

Ondas de alívio percorreram o corpo masculino, o fazendo enjoar.

—Eu te peço por favor, Elisa - disse, tragando o nó de sua garganta. - Não volte a fazer isso.



O olhou com um leve sorriso de compreensão nos lábios perfeitos.

—Prometo - assegurou. Olhou por cima do ombro dele.

—Vaughn, Lady Elisa se encontra bem?

Natasha.

—Está bem - ele disse brevemente, mantendo o rosto afastado dela.

De repente, se deu conta de que o cavalo se queixava com angustia junto à parede. Estava jogado sobre o flanco, se retorcendo de agonia. Sentiu uma terrível pena por ele.

—Natasha, volta para a casa. Depressa.

Elisa segurou sua manga e girou o rosto para o varonil peito com um pequeno gemido, pois sabia o que teria que fazer.

—Por quê? - perguntou Natasha, perplexa.

—Procura Joshua. Diga a ele que traga a arma de caça de meu pai. Por favor, depressa.

—Não compreendo.

—OH, Deus santo, a vi cair! - ouviu-se Caroline dizer, que se aproximava correndo tão rápido como o permitiam as saias. - Elisa, querida!

Os gemidos do animal eram terríveis. Vaughn não podia perder tempo em explicar aquela desagradável situação a Natasha. Se dirigiu à mãe:

—Caroline, por favor, depressa, deve levar a sua filha para dentro. Chamem Joshua ou ao primeiro criado que encontrem e peçam que venha com o rifle de meu pai.

—Mas... Elisa? - perguntou Caroline.

—Está bem. Por favor, se apressem.

Caroline segurou a sua filha pelo braço.

—Venha, querida - a animou, enquanto Natasha olhava paralisada para Vaughn e a mulher que este sustentava entre seus braços.

Um movimento atrás de Caroline chamou a atenção de Vaughn, que girou levemente para poder ver melhor. Era Rufus, se aproximando deles a tudo o que davam suas curtas pernas. Seu rosto estava vermelho de fúria, e seus olhos... Vaughn estremeceu.

Rufus estava com uma expressão enlouquecida, o olhar fixo em Elisa e nele. O alarme o assaltou. O que Rufus estaria por fazer? Instintivamente, mudou o peso de Elisa a seu braço esquerdo para ter o direito livre.

Rufus passou junto a Caroline, que seguia tentando convencer a reticente Natasha de que fosse para dentro. Ao se adiantar a elas, ele colocou a mão na jaqueta e pegou uma pistola de prata e lhe tirou a trava.

Passou pela mente de Vaughn a espantosa possibilidade de que Rufus desse um tiro nele, ali mesmo, e em Elisa também. Seu braço esquerdo a apertou enquanto tentava pensar em uma forma de se livrar daquilo.

Mas Rufus se movia muito rápido, a expressão enlouquecida indicava que não estaria disposto a raciocinar. Agora não.

Quando Rufus os alcançou, Vaughn fez uma profunda inspiração, disposto a dar um salto e se interpor entre Elisa e o homenzinho, mas em vez de elevar a pistola e apontar para eles, Rufus



passou direto.

Vaughn o seguiu com a vista e o viu se aproximar do cavalo que chutava e se queixava, e apontar a arma à cabeça do animal.

Não esperou para apontar, nem reunir forças para isso. Simplesmente apontou, a expressão de seu rosto e seus olhos extraviados sem trocar nem um ápice. O cavalo ficou quieto.

Natasha lançou um grito e Vaughn ouviu o roçar de suas saias e o suave golpe atrás dele. Desmaiou.

—OH, céus... - disse Caroline com voz quebrada. Rufus deu a volta para enfrentar a eles, a arma fumegante ainda na mão. Se aproximou, o olhar cravado em Elisa. Suas calças cor cinza clara estavam salpicadas de sangue.

—Eu disse que não queria que montasse - ele disse, com a voz muito calma. Sua boca esboçou um sorriso estirado. - Sempre me saio com a minha, vê? - olhou para Vaughn fixamente enquanto voltava a guardar a arma.

Elisa estremeceu contra Vaughn enquanto este olhava fixamente a seu pai. Rufus voltou a sorrir com expressão de prazer.

Logo deu a volta e se dirigiu à casa com o mesmo passo de antes, passando junto a Caroline, que se inclinava sobre o corpo prostrado de sua filha. Caroline estremeceu quando ele passou ao lado.

Vaughn lançou um suspiro tentando se tranquilizar. Elisa se encontrava bem, mas tinha razão: com um pouco mais de provocação, Rufus seria capaz de matar aos dois.

A Vaughn não ocorrera que a morte podia ser o preço a pagar pela sua obsessão por Elisa.

Pensativo, ficou de pé e elevou Elisa em seus braços com a intenção de levá-la para dentro da casa.

—Enviarei a alguém para que a ajude com Natasha - disse a Caroline ao passar junto a ela.

—Obrigado, Vaughn - disse ela afogadamente, com toda a dignidade da dama que era.

Vaughn seguiu para a casa e dirigiu a vista a Elisa. As lágrimas rolavam pelo rosto feminino, sujo de terra, fazendo que brilhassem seus olhos azuis. O cabelo dela era um halo de alvoroçados cachos dourados ao redor de seu rosto.

Foi então que ele percebeu o sutiã desabotoado e da suave pele branca que se entrevia pela abertura. Seus lábios estiveram ali. Recordou o perfume dela e seu corpo se esticou como resposta a isso.

A mão que segurava as pernas femininas se deu conta de que só uma capa de fino veludo a separava da pele dela. Elisa montara sem nenhum dos objetos de uma verdadeira dama.

—Por que, Elisa? - perguntou.

—Por você - a resposta feminina, igual a sua expressão, não escondia nada.

Afastou o olhar do rosto dela, da emoção nua que este manifestava, e se concentrou nos degraus da entrada, pelo qual saíam os criados a ajudar com rostos assustados.

Precisava cessar aquela loucura proibida. Agora e imediatamente, antes que a situação escapasse de suas mãos.

Elisa passou horas em seu quarto, sentada em frente a uma paisagem que pendia da parede



de seu dormitório desde sua chegada, um presente de compromisso de Rufus. Ela sempre o odiara.

Estava segura que Rufus a visitaria no dia seguinte para expressar seu desgosto com os atos dela. Certamente não se contentaria expressando verbalmente.

Pensar que Rufus bateria nela causou uma amarga aceitação. Merecia o castigo que ele decidisse aplicar. Ganhara cada golpe, açoite ou murro que ele desse.

E uma vez que aquilo acontecesse, poderia se retirar à rotineira segurança de sua vida de futura esposa de Rufus e esperar e se ocupar de obter a ambição de sua vida: recuperar a seu filhinho.

A horrorosa apatia daquela vida a separaria da tentação, da perversidade.

Mas logo, OH, logo deixaria de sentir para sempre a emoção de estar nos braços de Vaughn, de experimentar as ondas de ardente prazer que a percorriam quando ele a acariciava com seus peritos lábios e mãos.

Se veria forçada mandar ele embora e nunca voltar a ver seus amplos ombros, a agilidade felina com que ele se movia, a observando e a desejando, tramando seus planos sensuais...

Elisa chegou a este ponto morto uma dúzia de vezes nas horas que levava sentada na cadeira olhando aquela deprimente paisagem, seu corpo palpitando de desejo e sua mente aturdida pela erótica lembrança dos lábios de Vaughn em seus seios, o contato das mãos dele em seu decote, a suave carícia dos dedos masculinos em sua face. Com os olhos fechados podia recuperar a memória de seu aroma, o som de sua voz em seu ouvido quando apoiou sua cabeça no peito.

Finalmente, quando se convencia de que morreria se não o tivesse, levantava a vista deliberadamente ao quadro para não se esquecer de que era a prometida de Rufus.

Bateram na porta e deu um salto. Secando as lágrimas com o dorso da mão, se dirigiu para abrir. De repente sentiu frio e estremeceu.

Seria Rufus que vinha tão logo a reclamar o que devia a ele?

Lhe ocorreu que ali estava totalmente indefesa, sem sequer o pequeno canivete que levavam as mulheres que viajavam com regularidade. Mas, se Rufus decidira dar uma surra nela, certamente a merecia. Por que lhe ocorrera pensar em uma arma?

Mas a resposta ocorreu em seguida: Rufus sempre levava com ele ao menos um pequeno Derringer, e hoje o utilizara. Havia demonstrado que era capaz de exercer a violência. Com uma profunda inspiração, abriu a porta.

Vaughn se encontrava em frente a ela. Não usava jaqueta e tampouco gravata. A camisa estava desarrumada, como se tivesse estado a ponto de se despir e logo depois mudado de opinião. A emoção obscurecia seus olhos.

O coração deu um tombo no peito feminino, a fazendo retroceder um passo.

—Me permite passar?

Era algo totalmente incorreto e arriscado, tendo em conta como se encontrava Rufus naquele momento. Apesar de saber disso, fez gesto de que entrasse, sua mera presença corroendo sua prudência.



Ele passou a seu lado, deixando um rastro de masculino aroma. Ao fechar a porta ela fechou os olhos um instante e inalou profundamente. O desejava. Quando deu a volta, ele já se encontrava sentado em sua cama. Seu coração deu um tombo.

Que viril que era! Tão tentador... particularmente para uma mulher que estava a mais de cinco anos sem fazer amor.

—Venha aqui - disse ele, a voz rouca e sedutora ao indicar o lugar a seu lado. Seus longos dedos se apoiavam na colcha, tentadores. - Não vou te morder, não tema.

Ela se dirigiu lentamente para ele. Vaughn afastou a mão e ela se sentou, se assegurando de deixar uma distância respeitável entre os dois. A comissura da boca masculina se elevou para esboçar um sorriso que o fez mais bonito se fosse possível.

—Onde esteve? - ela perguntou com voz rasgada.

Ele alargou a mão e pegou um de seus cachos entre seus dedos.

—Precisava me afastar daqui um momento. Fui dar um passeio - seus dedos roçaram o pescoço feminino, fazendo que seu estômago se esticasse.

—Devemos deter isto, Vaughn - disse ela, desesperada. - Agora, antes que seja muito tarde. Ainda não somos culpados de nada...

—Em meu coração fui culpado desde o momento em que a conheci - replicou Vaughn. - A culpabilidade da carne é uma transgressão menor, comparada com o que você e eu temos feito juntos em minha mente.

Ela tragueou com esforço e o olhar masculino posou sobre seus lábios.

—Não sei o que Rufus fará se não acabarmos com isto - disse ela.

—Como poderá suportar, estar só neste mausoléu com ele de marido? - pondo a cabeça de lado, a observou. - É tão jovem... tão desejável.

—Sou muito velha para você - espetou ela, baixando a vista ao peito masculino. Foi um engano, porque viu o músculo suave e bem definido onde se abria sua camisa. Forte, bem delineado, firme... como desejava tocar e saborear cada centímetro dele!

—É uma mulher formosa e atraente, Elisa. Se esqueceu disso no tempo que leva aqui?

—Estou a ponto de me converter em sua madrasta.

—Não é uma relação de sangue - disse ele com um encolhimento de ombros. E a verdade é que me dá igual o que Rufus faça. Quando está aqui, a meu redor. Quando a olho me esqueço de tudo, exceto de como a desejo - seus olhos ardiam de desejo.

—Não devemos...

Rodeou as costas com seu braço e a levantou. Ela deslizou sobre o colo masculino, cobrindo seus joelhos com o veludo azul.

Os fortes músculos de suas coxas se flexionaram sob os dela e quando se moveu, ela sentiu a evidência de seu desejo, longa, dura e grossa contra seu quadril.

—Te desejo - sussurrou ele contra seu pescoço, seu quente fôlego acariciando sua orelha um momento antes que a beijasse.

Um estremecimento a percorreu e quando ela girou, disposta a rechaça-lo, ele a beijou. Rapidamente, os lábios masculinos se fizeram mais exigentes. Sua língua foi veloz contra a dela,



percorrendo sua boca, roubando seu fôlego dos pulmões.

Ela sentiu que a outra mão dele pousava em seu tornozelo nu, deslizando por debaixo de sua saia. Ardia sobre sua pele, agarrando seu tornozelo, a acariciando e causando que golpes de prazer a percorressem.

Ela gemeu quando a mão masculina deslizou mais acima, por cima de seus joelhos, para acariciar a sensível pele do interior de suas coxas. Deliciosos acessos de desejo a estremeceram.

Os lábios e a língua dele se fizeram presa de sua boca, a selando com seu calor. Ela desfaleceu contra ele, entregue e totalmente disposta ao que ele solicitasse. De repente, bateram na porta.

A realidade foi como uma bofetada no rosto de Elisa. Deus santo, estava sentada no colo de Vaughn, o beijando, seus braços rodeando os amplos ombros masculinos como se disso dependesse sua vida. Deu um salto, sobressaltada.

—Sim, quem é?

—Marianne, senhora. Trago chá e umas bolachas.

—Não quero. Leve isso por favor - exclamou Elisa.

Se fez um silêncio hesitante.

—Sim, senhora - Marianne replicou finalmente.

Elisa se voltou para Vaughn, que se deitava sobre a cama, com os olhos semi-fechados.

—Deveria partir antes que ele venha em sua busca - ela disse com voz afogada.

Ele arqueou as sobrancelhas enquanto agarrava sua mão e a levava lentamente aos lábios. O coração de Elisa se acelerou ainda mais quando os lábios dele tocaram sua ardorosa pele.

—Não me faça isto - disse em um sussurro. - Não podemos ser amantes, você sabe tanto quanto eu. Rufus sabe que há algo entre nós. A única coisa que precisa é uma prova, e estamos a sua mercê.

—Deixe que o desafie a um duelo - disse ele com um encolhimento de ombros. - Minha pontaria é melhor que a dele.

Oxalá ela pudesse não ter preocupações como ele!

—Por que se negar algo que deseja há tanto tempo? - acrescentou ele, se incorporando para se sentar. - Estamos bem juntos, Elisa.

Ela se perguntou como ele fazia para interpretá-la tão claramente. Lentamente sentiu que sua vontade cedia sob aquele olhar fogo.

—Tenho motivos - sussurrou.

Ele ficou de pé, o qual o aproximou muito a ela. Mas antes que pudesse se afastar, ele a segurou pelos ombros e a fez dar a volta.

Ela se viu refletida no espelho de sua penteadeira. A imagem que observou era fascinante: se achava frente a Vaughn com seu traje de veludo azul com o sutiã desabotoado e a forma de suas pernas claramente definidas pelo tecido.

Vaughn segurou seu cabelo com uma mão, o levantando. O enroscou em um coque e o apoiou na cabeça.

—Olhe - disse, olhando seus olhos no espelho. - Assim é como o mundo a vê.



Com o cabelo recolhido estava com seu aspecto normal. Correto. Uma dama.

Ele soltou o cabelo, que caiu sobre seus ombros e seu rosto, revoltado e alvoroçado.

— Isto é o que vejo quando a olho - acrescentou ele, em voz baixa junto a seu ouvido. Suas mãos se apoiaram nos quadris femininos e logo deslizaram obliquamente para se apoiar sobre a união de suas coxas e ela lançou um grito afogado.

— Eu vejo tudo - acrescentou.

— Não - rogou ela, lutando contra o desejo que voltava a despertar nela.

Os profundos olhos negros se refletiram no espelho ao olhá-la.

— Me olhe, nos olhe - ele disse. Deslizou a mão esquerda por seu ventre, a levantando para abranger seu seio através do tecido. - Me diga que não devemos estar juntos.

Ela não pôde negar. No espelho não parecia uma mulher depravada. Havia dois jovens que estavam bem juntos, que pareciam um casal.

Observou contendo a respiração enquanto a mão dele se deslizava pela abertura de seu sutiã e abrangia o outro seio por dentro do veludo.

Quando os dedos masculinos roçaram o mamilo ofegante ela não pôde evitar que sua cabeça caísse atrás com entregue sensualidade, nem que seus quadris se movessem ritmicamente.

A mão dele, aberta sobre o abdômen feminino, exerceu uma pressão suave e maravilhosa e ela o sentiu contra o traseiro, ardente e duro, contido ainda, mas palpitando poderosamente.

A mão dele saiu do sutiã e se dirigiu à boca dela. A ponta dos dedos masculinos tocaram a boca dela.

— Chupa-os - ordenou ele com voz rouca.

Ela abriu a boca com obediência e observou os dedos se deslizar nela. Os chupou, os acariciando com a língua. Logo ele voltou a colocá-los dentro do sutiã e umedeceu seus mamilos.

Ao molhá-los, o afresco de sua umidade fez que as cúspides ofegantes se endurecessem como pedras e um golpe de excitação chegasse as suas dobras úmidas e excitadas.

A cabeça dela caiu sobre o peito masculino, e ela pressionou seu seio contra a mão dele, do mesmo modo que o faziam seus quadris.

Os golpes na porta os sobressaltaram.

A mão de Vaughn se deteve sob o vestido e seus olhos se encontraram com os dela no espelho.

— Sim? - chamou Elisa, com voz débil e rouca.

— Senhora, está bem?

— Minha criada, Marianne - disse a Vaughn em um sussurro. Elevou a voz: - O que passa, Marianne?

— Estou preocupada com você, senhora. A senhora caiu e está trancada em seu quarto a um longo tempo. Precisava falar com você, senhora, e me assegurar de que está bem.

Elisa lançou um longo suspiro.

— Não partirá até ver que me encontro bem. Ele esboçou um lento sorriso.

— O que quer dizer que devo partir? Elisa assentiu e retirou a mão dele de seu sutiã.



—Senhora! - a voz de Marianne estava se convertendo em um chiado que logo despertaria até a um morto.

—Marianne, já vou - chamou Elisa, a voz quebrada da emoção. - Tem que partir - disse a Vaughn.

Ele se dirigiu à janela.

—Que tenha doces sonhos, Elisa - disse brandamente e logo, sem mediar mais palavras, deslizou para fora pela janela.

Com uma inspiração para se acalmar, Elisa alisou a colcha que conservava o rastro do corpo de Vaughn.

Passando a mão pelo cabelo, se dirigiu lentamente à porta, seu pulso agitado com uma emoção que depois da morte de Roger pensou que nunca mais sentiria.

Como podia sequer pensar em que Vaughn partisse de Fairleigh Hall se a fazia sentir daquela maneira?

Capítulo 08.

—Elisa!

Elisa abriu os olhos e os entrecerrou quando o sol matinal que penetrava pela janela bateu nela, atravessando a renda e banhando o quarto de luz dourada.

—Elisa! - seu nome soou outra vez em um rugido, a fazendo se sentar de repente e se cobrir com os lençóis até o queixo.

Era Rufus. Podia ouvir seus passos ressoar no corredor perto de seu quarto. Um segundo mais tarde a porta se abriu de repente e deu contra a janela.

Rufus se deteve com os punhos apertados aos lados, o rosto avermelhado pela raiva ou o esforço de subir as escadas e atravessar a longa ala oeste da casa, certamente algo que não fazia com frequência.

—Deus santo, não me diga que não me ouvia! - ele espetou.

Tentando tragar o nó na garganta, Elisa se apoiou contra a cabeceira da cama.

—Não o ouvira até este momento - mentiu, sabendo perfeitamente que ele pretendia que ela acudisse correndo.

Ele fechou a porta e se dirigiu à cama, sem afastar seus olhos dos dela. Um estremecimento a percorreu quando o colchão se afundou sob o peso de Rufus quando este se sentou a seu lado. Seu fôlego cheirava a uísque.

Teria passado todo o dia de ontem e a manhã de hoje ruminando sua raiva?

Ele sorriu levemente e levou a mão ao queixo dela. O gesto a surpreendeu e fez que o coração se detivesse um instante ao se dar conta da existência de outra horrível possibilidade. Por favor, Deus, não, disse em silenciosa prece.

Não desejava ele consumir sua relação antes das bodas? Não era aquele o momento, a tão



pouco tempo da cerimônia e a plena luz do dia?

—Tem olheiras novamente sob os olhos. Não dormiu bem? - sua expressão era a verdadeira imagem da preocupação, entretanto o conhecia e sabia que estava lhe tirando o sarro.

—Na realidade, dormi muito bem. Suponho que seja pela idade.

Aquela asseveração pareceu agradá-lo, porque sorriu.

—Bem, é hora que se levante. Tenho planos para nós hoje.

Incômoda, ela pigarreou. Teria gostado de ficar em casa... para estar com Vaughn.

—Que tipo de planos? - perguntou, inquieta. Não a castigaria pelo ocorrido do dia anterior?

Ele se limitou a negar com a cabeça.

—É uma surpresa, querida - insistiu ele e não fez mais comentários enquanto ordenava que se vestisse com roupa adequada para o dia do mercado.

Seguindo suas instruções, ela chamou Marianne e pediu que ela tirasse um vestido de viagem de lã cor marrom, já que a chuva seguia caindo em silenciosas gotas.

Começou a tirar a camisola e de repente se deteve ao se dar conta que Rufus seguia ali, a olhando fixamente. Indicou-lhe a porta com um movimento de cabeça e com um leve sorriso ele partiu dizendo que a veria no carro.

Uma vez vestida, ela desceu as escadas cobrindo os ombros com um xale. Tinha a esperança que Vaughn aparecesse, mas somente Rufus se encontrava no vestíbulo, a esperando impaciente.

A contra gosto, deixou que ele a acompanhasse à carruagem que esperava. A surpresa era uma extravagante excursão de compras à próxima cidade de Gillian.

As ruas pavimentadas se encontravam cheias de homens e mulheres vendendo seus produtos e em ambos os lados se alinhavam as lojas com bonitas fachadas que convidavam a entrar.

A Elisa pareceu irônico que Rufus escolhesse a carruagem mais luxuosa que possuía para visitar uma cidade cuja clientela consistia principalmente em granjeiros, ferreiros e outros artesãos.

Rufus disse ao chofer que detivesse a carruagem em frente a uma loja com uma grande cristaleira adornada com cilindros de tecido.

—Decidi que necessita de uns vestidos novos - disse Rufus a modo de explicação enquanto indicava que ela entrasse.

Em seguida a proprietária saiu para os saudar, uma mulher de amplo busto com o cabelo negro grisalho e um sorriso de adoração. Embora Elisa não a conhecesse, a mulher parecia saber exatamente quem era.

Rufus a apresentou como a senhorita Johnson a Elisa.

A esta surpreendeu que se Rufus considerava que ela necessitava roupa nova, não recorresse à senhora de Roland Gadfrey, uma mulher mais velha que trabalhava somente para uma seleta clientela da comarca. O que faziam naquela loja?

Por que Rufus não havia feito que a proprietária fosse vê-los? Desejou perguntar a Rufus, mas logo decidiu não fazê-lo. Ele já sentara em uma cadeira, as mãos apoiadas na manga da bengala, esperando que Miss Johnson começasse.



A senhorita Johnson se desfez em adulações pela pequena cintura de Elisa e sua perfeita figura.

—É um prazer trabalhar com uma modelo tão perfeita - lhe assegurou. Deu um passo atrás apertando os lábios. - Tenho um traje que ficará perfeito, senhora.

A dama que o encarregou mudou de opinião com respeito à cor, o qual é compreensível, já que a dama em questão é morena e essa cor não a favorecia absolutamente - a senhorita Johnson esboçou um amplo sorriso.

—Mas para você, senhora, é exatamente o apropriado.

Enquanto tagarelava, a senhorita Johnson afastou o papel de seda de uma caixa e tirou um vestido de dia cor púrpura, com renda branca no decote e nas mangas e brilhantes botões dourados no sutiã.

Estendeu o vestido sobre o balcão para que ela o inspecionasse.

A saia era muito ampla, obviamente desenhada para levar várias anáguas e o de baixo era um tecido vincado bordejado de renda e pequenas rosas de seda de uma bonita cor verde água a cada dez centímetros.

Elisa ficou sem fôlego. Fazia muito tempo que não via a última moda. Observou os detalhes, vendo o que mudara, o que era novo... e ah, que bonito era o vestido!

—Você gosta, senhora?

—Sim, eu gosto - murmurou Elisa, estendendo a mão para tocar o formoso tecido.

Com um sorriso satisfeito, a senhorita Johnson a levou até uma sala privada onde se pudesse provar o objeto.

Duas horas mais tarde Elisa saía pela porta de braços dados com seu prometido, vestida com o traje cor púrpura. A única coisa que precisaram fazer foi ajustar a cintura.

Elisa escolhera tecidos e acessórios combinando, e falado de modelos e estilos para cinco trajes mais, que a senhorita Johnson se comprometeu a entregar antes do fim do mês. Se sentando frente a Rufus, Elisa sorriu para ele:

—Obrigado, os trajes são formosos.

—Tudo é pouco para minha princesa - ele replicou com um cálido sorriso que não chegou a lhe iluminar os olhos.

Incômoda ante seu olhar, ela olhou pelo guichê.

—É uma cidade preciosa. Como é que nunca viemos antes?

—Pensei que era hora de que saíssemos um pouco. Vaughn está me pondo nervoso. Espero que se aborreça facilmente e parta logo - ele disse bruscamente, a olhando com fixidez, como julgando sua reação.

—O que ele fez para o incomodar? - ela perguntou.

—Parece que gosta dele.

Elisa sentiu que em seu estômago se formava um nó, mas conseguiu o que esperava que fosse um sorriso divertido.

—E não deseja que goste de seu filho?

—No que me diz respeito, o moço pode ir para o inferno - seu violento ódio por Vaughn era



patente.

—Por que o desgosta tanto? - perguntou, como resposta ao ódio que viu refletido no rosto dele. Se deu conta de que era a primeira vez que fazia uma pergunta tão íntima a ele.

O rosto de Rufus fez uma careta como se tivesse provado leite azedo.

—Sua mãe o mimou muito. Eu disse que ele ficaria malcriado, e o fez. Embora já seja um homem, ainda posso ver sua maldita influência.

Suas palavras continham tanto veneno que Elisa se perguntou se iriam dirigidas a Vaughn ou a sua mãe.

—Possivelmente poderia tentar se levar bem com ele? - sugeriu.

—Possivelmente se pudesse partir - disse Rufus olhando pelo guichê, como se a conversa tivesse cessado de interessá-lo.

—E se conseguisse sanar sua relação? - perguntou Elisa, se movendo no assento.

—Não há nada que arrumar. Nunca tivemos uma relação e não tenho intenção de começar uma. Este tema me aborrece, Elisa. Já consenti bastante em falar dele - e voltou a girar para o guichê, um tic se movendo a comissura de seu olho.

Elisa sentiu pena por Vaughn. Quando menino certamente ansiava que aquele homem o quisesse e este sempre o rechaçara. Sem sua mãe, se sentiria totalmente sozinho. Elisa sabia o que era a solidão.

Não a surpreendia que o ódio que Vaughn sentia por Rufus fosse tão imenso.

Vaughn observou da janela do salão como se aproximava a carruagem com seu pai e Elisa. Levavam fora a maior parte do dia e agora, quando se abatia o crepúsculo, ficavam somente umas horas para estar com Elisa.

A casa fora como uma tumba sem sua presença rara. Tudo era diferente, cheirava diferente. Que faria seu pai se ela partisse dali para sempre? Vaughn sorriu ao imaginar o velho ficando louco. Soltou a cortina e se sentou ante o piano.

Seus dedos percorreram brandamente o teclado, interpretando uma canção de ninar que o ensinara sua mãe quando estava com três anos. Ele se sentara em seu colo, observando os dedos longos e delicados apertar o marfim e o ébano.

Sua risada fora leve e etérea, enchendo a ampla sala, fazendo que parecesse menor, mais cálida e cômoda.

A porta de entrada se abriu e voltou a se fechar. Os dedos de Vaughn roçaram as teclas.

—Marianne - o vozeirão de Rufus atravessou a grossa porta. - Sua senhora tem algumas coisas que quer que guarde imediatamente.

—Em seguida, senhor - disse Marianne, seus saltos ressoando no mármore quando se apressou a cumprir sua ordem.

Vaughn viu o medo refletido nas pupilas da mulher, o mesmo medo que demonstrava cada vez que Rufus se dirigia a ela. Como era a criada de Elisa, seu contato com ele era mínimo.

Entretanto, no pouco tempo que estava ali, Vaughn se dera conta que a maioria dos criados sentiam medo do homem e saíam disparados para se afastar de seu caminho. Quando era pequeno não se percebeu disso.



Por que ia alguém voluntariamente trabalhar para Rufus Wardell? Certamente haveria outros postos na comarca, com alguma família importante que não tratasse mal a seus criados.

—Joshua, me traga o porto! - rugiu Rufus. Um momento mais tarde, se ouviu o ranger da escada quando começou a subi-la. - Até a hora do jantar.

—Sim, é obvio - replicou Elisa cortesmente, do outro lado da porta do salão.

Vaughn sorriu ao se dirigir à porta. Contou até dez e logo abriu a porta. Elisa se achava a um metro e meio, observando Rufus desaparecer no alto da escada. Embora ele soubesse que o vira, não o olhou. Até que Rufus desapareceu após a esquina.

—Venha aqui - disse Vaughn, estendendo a mão.

Ela estava maravilhosa, com um vestido cor púrpura escura que dava a seus olhos o arrebatador azul de um quente dia de estio. Ela olhou a mão estendida como se ele fosse um leproso.

—De que tem medo?

—De você - disse ela, esboçando um leve sorriso.

Ele deu um passo adiante, a segurou pelo pulso e a puxou até colocá-la na sala. Depois de fechar a porta, a apertou contra a dura madeira.

—Levo todo o dia pensando em você. Queria passar o dia inteiro a seu lado, mas em vez disso estive todo o tempo olhando pela janela, olhando para ver se voltava.

O olhou e ele desejou saber exatamente o que pensava.

—Rufus acredita que você gosta de mim.

—Então tem razão.

Ela segurou ar e logo o soltou lentamente.

—Vaughn, não posso seguir fazendo isto. Sabe que algo acontece entre nós. Não está bem. E ambos sabemos.

Ele lançou um riso afogado e ela levantou a vista para olhar a ele, as sobrancelhas franzidas.

—O que é tão engraçado?

—Você - estendendo a mão atrás dela, abrangeu seu traseiro através das capas de vestido e anáguas. A puxou até que seus quadris ficaram colados aos dele. - Recordo que estava colada a mim e a expressão de seus olhos quando o fez.

Lembro os deliciosos sons que emitii quando coloquei seu seio em minha boca.

Ela lançou um débil suspiro ao recordá-lo também.

—Quer mais que isso. Sabe. Eu também. Diga, Elisa. Quer mais?

—Não - disse ela, meneando a cabeça.

—Sim - sorriu ele, divertido. - Deixe que lhe mostre isso - se inclinou, mais que feliz de ter uma desculpa para beijá-la. Segurou ambos os lados de sua cabeça com suas mãos para evitar que escapasse e tomou seus lábios entre os seus.

Os lábios dela estavam quentes, úmidos e doces. Se entreabriram um pouco e ele aproveitou o oferecimento, colocando a língua na sua boca.

Ela cedeu para ele como sempre, suave, delicada e feminina com um doce aroma e uma pele que parecia se fundir ante seu contato.



Como Rufus podia fazer caso omissa a semelhante prazer, que se sentava a sua direita todas as noites? Se fosse sua esposa, nunca a deixaria sozinha.

Passaria cada minuto disponível explorando sua delicada beleza. Sentia o pulsar de suas virilhas, que manifestava seu poderoso desejo. Deliberadamente se manteve afastado de outras atividades sensuais enquanto perseguiu Elisa.

De fato, ações solitárias ou comuns empalideciam quando considerava o que poderia fazer com Elisa. O desejo que pulsava nele combinado com sua deliberada abstinência lhe produzia mais ânsia ainda de obter a rendição feminina. O desejo o queimava.

A puxou, a separou da porta e a pegou em seus braços, cobrindo seu rosto com ardorosos beijos.

—Me diga que deseja mais - lhe disse ao ouvido, observando o desesperado pulsar de seu coração se refletir no pulso que cobria com seus lábios.

Ela negou com a cabeça, muda.

Infernos! Obteria que ela dissesse sim! Baixou a mão para levantar a borda de seu vestido e colocar a mão por debaixo de suas anáguas. Deslizou a palma pela meia de seda, logo, mais acima, até a beirada dos calções.

Sentiu a curva de sua coxa por debaixo, logo seu redondo traseiro. Com a experiência como guia, alcançou a frente de sua cintura e puxou o cordão para desatá-lo.

—Vaughn - sussurrou ela. - Não...

Mas o protesto foi leve no ar enquanto a mão masculina soltava os calções e se metia dentro deles. Sentiu o ventre plano e o arredondado ângulo de seu quadril.

A deslizou mais abaixo, até o ligeiro arbusto de pelo e pressionou seu monte, os dedos procurando sua pérola. Ela afogou uma exclamação, mas não se separou dele. Olhando os entrecerrados olhos femininos, viu uma ânsia atormentada neles.

Lentamente deslizou sua mão mais abaixo, rodeando o delicado monte e dentro das dobras úmidas. Introduziu seus dedos profundamente em seu cone, sentindo sua cálida umidade.

Seu pulso acelerou ao sentir a resposta evidente do desejo de Elisa. Se meteu mais e seus músculos apertaram os dedos, palpitantes.

Elisa gemeu com os olhos fechados e sua mão segurou à camisa masculina em um espasmo. Ele retirou a mão um pouco para acariciar sua pérola e o recompensou entreabrindo os lábios e estremecendo dos pés a cabeça.

Vaughn sentiu uma respiração ofegante e se deu conta de que era ele quem fazia aquele ruído mal controlado. Dar prazer a ela o excitava de forma quase incontrolável. Para seu pesar, tentou se tranquilizar.

Os olhos femininos piscaram e se abriram um pouco.

—Me diga que deseja mais - murmurou ele, sua voz tão rouca como seu respirar.

Ela tragou e uma ruga apareceu em seu sobrecenho.

—Quero mais - disse em voz baixa, e afastou o rosto, como se a envergonhasse dizê-lo. E esse giro de sua cabeça tirou o brilho da vitória masculina.

Delicadamente, ele retirou a mão, acomodou sua roupa e se retirou. Ela manteve o rosto



afastado.

Ele falou, sua voz traindo sua resposta exorbitada.

—Não pode me dizer "mais" num dia e ficar mal no seguinte, Elisa.

Ela elevou o rosto uns centímetros. Seus olhos relampejaram sob as pestanas escuras.

—Me adula que me encontre... desejável, entretanto é uma estupidez seguir com isto. Seu pai suspeita que algo passa e tem razão. Não me comportei como deve uma mulher casada.

—Ainda não o está.

Elisa franziu o cenho.

—Te compra um vestido bonito e agora está feliz?

Ela lançou uma exclamação afogada e um segundo mais tarde se ouviu uma bofetada. A surpresa foi maior que o golpe.

—Como se atreve! - disse ela, em um intenso sussurro.

Partiu rapidamente da sala sem se incomodar em fechar a porta atrás de si.

Ao dar as oito e quinze, Elisa olhou a cadeira vazia do outro lado da mesa. Vaughn chegava tarde e, é obvio, Rufus não dera nenhuma ordem de que se atrasasse a refeição para esperar por ele.

Como Rufus e ela havia passado a tarde juntos, pouco tinham que dizer um ao outro. Ela comentou sobre o acerto floral e elogiou a magnífica sopa de tartaruga que o chef fizera.

Por sorte, Rufus parecia mais interessado em sua comida e seu clarete que na conversação. Atacou seu prato com prazer quando serviram o prato principal, enquanto ela brincava com o presunto, as cenouras e as batatas.

Se perguntou onde Vaughn estaria. Teria partido? Seu coração deu um tombo ao pensar nisso. E se voltara para Londres?

Seus temores desapareceram um momento mais tarde quando as portas duplas se abriram e Vaughn entrou na sala, passando a mão pelo cabelo.

—Perdão por chegar tarde. Recebi correspondência de Londres e me entretive com as fofocas.

Elisa se perguntou se alguma das cartas seria de uma mulher. Tentou controlar o ciúme que aflorou nela. Havia uma parte de Vaughn do qual ela quase se esqueceu. Sua vida em Londres seria emocionante, cheia de fofocas, festas e gente interessante.

O que veria nela que o fazia persegui-la tão ardentemente? Seria por que ela estava à mão, enquanto as belezas de verdade se achavam longe, em Londres?

Vaughn se sentou e o mordomo pôs diante dele um prato de comida.

—Ah, e também recebi este convite.

Tirou de um bolso interior um envelope creme com o lacre aberto e o estendeu a Elisa. - Foi dirigido a mim, mas o convite se estende a você e a papai também.

Rufus arrancou o convite das mãos de Elisa. A leu com o cenho franzido. As habilidades intelectuais de Rufus não eram seu forte, mas ninguém se atrevia a apontar sua debilidade se oferecendo a ler sua correspondência.

Elisa olhou a Vaughn para ver se se ofendera porque Rufus tirara o convite dela, mas Vaughn



comia, aparentemente desinteressado.

—Lady Munroe convidou a uma soirée - disse Rufus. - Terá que lhe escrever uma nota aceitando em nosso nome.

—Acreditava que você não gostava dessas festas - replicou Elisa. Esboçou um sorriso para suavizar suas palavras. - Certamente nos convidou por cortesia. Estou segura de que só espera a Vaughn.

Rufus meteu o convite no bolso do colete, como se fosse dirigido a ele e não a Vaughn. Arqueou uma sobrancelha, desafiante.

—Precisa que eu escreva a aceitação?

Era óbvio que tinha toda a intenção em assistir a soirée. Por que estaria tão interessado de repente em assistir a um evento social quando antes havia dito que os aborrecia? De repente, o motivo da visita à costureira esteve claro.

Rufus sabia que haveria um baile.

—Está decidido a ir, Rufus? - perguntou, o medo mordendo suas vísceras. Levava muitíssimo tempo sem assistir a uma festa, nem sequer a algo tão simples como um jogo de cartas. E aquilo era um baile formal.

—Não me ouviu? - ele disse em voz baixa, embora com decisão.

Ela assentiu com a cabeça, incapaz de falar. Ele segurou a taça e bebeu ruidosamente.

Um baile! Um dos trajes que pedira aquela manhã poderia servir de vestido de baile.

Franziu o cenho ao recordar que Rufus a animara para que escolhesse o tecido, e deixado cair aqui e ali sugestões sobre os acessórios, sempre escolhendo os desenhos mais formais.

Sim, Rufus sabia. Elisa umedeceu os lábios e lançou um olhar a Vaughn. Ele olhava seu prato com o cenho franzido. Então ele tampouco podia adivinhar o que Rufus tramava.

Elisa deixou a faca e o garfo. Seu apetite desaparecera totalmente e já nem gostava de simular que comia. Bebeu um gole de água enquanto pensava.

O que Rufus tramaria?

Capítulo 09.

Elisa se sentava ante seu escritório, compondo com esforço uma nota de aceitação para Caroline. Levava anos sem aceitar um convite e as frases formais lhe custavam mais que as de negação e desculpa às quais se acostumou. A seu lado, a chaminé ardia alegremente. Solicitara que a acendessem porque a tarde se tornara subitamente fria, um aviso do inverno que se aproximava. Os discordantes rancos de Rufus se ouviam por cima do crepitar das chamas. Se achava sentado na poltrona de orelhas frente à chaminé, de modo que Elisa só via seu perfil, com o bulboso nariz e a papada pendurando por debaixo da boca aberta.

Estavam sozinhos. Na hora do jantar Vaughn havia tirado uma garrafa de porto de excelente qualidade que importara do continente com grande esforço e que acabava de chegar -junto com a



correspondência, Elisa recordou. Ele abrira a garrafa ali mesmo, insistiu que Rufus a provasse. Rufus a provaria, na realidade Elisa suspeitava que bebera a garrafa quase inteira enquanto Vaughn se limitava a sorver de sua taça. Agora Rufus se escancarava na poltrona de orelhas, completamente adormecido e inconsciente do ruído que produzia. Vaughn fora, ocupado com suas coisas.

Elisa voltou sua atenção ao bilhete, com o cenho franzido. O que Rufus planejava com aquele baile? A obrigara a aceitar por algum motivo, e apesar de ter dado mil voltas, não lhe ocorrera nenhuma resposta. Teria que perguntar a Vaughn. Ele sim que sabia daquele tipo de intrigas. Seu sobrececho se franziu mais ainda ao recordar a última vez que estiveram juntos. Ele se comportara de forma imperdoável. Sugerir que sua lealdade podia se comprar com um vestido bonito... De repente, Elisa enrugou o bilhete e o atirou ao fogo. Infernos, outra falta! Sua mão não queria escrever as palavras e isso podia se ver em sua caligrafia insegura.

Um par de cálidas mãos tocaram seus antebraços nus, a fazendo dar um salto. Era Vaughn que se inclinava por cima dela e apoiava os braços sobre os seus. Podia sentir o calor de seu corpo contra seus ombros.

—Me perdoe - sussurrou ele ao seu ouvido. - Fui um imbecil hoje.

—Vaughn, me sobressaltou - ela começou a dizer. Ao ouvir sua voz, Rufus se moveu e seus roncos mudaram de ritmo enquanto estalava os lábios.

—Silêncio - sussurrou Vaughn novamente, - ou despertará.

Ela passou a língua pelos lábios.

—Vaughn, tira suas mãos - disse em voz baixa.

Rufus voltou a se mover, respirando forte, e por um momento horrível ela acreditou que seus olhos abriam, mas voltou a se acomodar. O coração de Elisa se acelerou. É obvio, podia girar e sussurrar ao ouvido do Vaughn, igual a ele fazia com ela, mas não queria respirar semelhante intimidade.

Tentou retirar seus braços de sob as cálidas mãos de Vaughn, mas tirá-lo de cima fez que caíssem sobre seus seios. Suas mãos os agarraram e ela conteve a respiração.

Sua boca, cálida e suave, a beijou na nuca e ela ouviu sua respiração entrecortada enquanto lhe depositava uma série de úmidos beijos na lateral do pescoço e chegava até seus ombros, que o decote do vestido deixava a descoberto. As mãos masculinas deixaram seus seios para se apoiar nos ombros e o decote deslizou por eles.

—Não veste regata nem espartilho... acredito que o faz de propósito, Elisa.

Ela deixou que a pluma deslizasse por seus dedos sem vida, cessando sua tentativa de escrever. Seus olhos se fecharam com prazer quando suas mãos baixaram as mangas por seus braços. Não as deslizou completamente, como o fizera da última vez, mas o vestido desceu um pouco. Olhou Vaughn colocar as mãos por debaixo das bordas do traje e agarrar os seios. Fechou os olhos. Os dedos dele roçaram os mamilos, que já estavam rígidos, e um golpe de desejo a percorreu, a fazendo gemer em voz alta.

Alarmada, ficou de pé. Não podia permitir aquilo! Na mesma sala que seu noivo, pelo amor de Deus. Era depravado. Era uma puta ao desfrutar disso.



—Vaughn, basta! - disse a ele, tentando ficar de frente a ele.

Rufus emitiu um ronco sobressaltado. Se incorporou um pouco, girou a cabeça e resmungou:

—O que?

Elisa ficou petrificada. Se ele apenas girasse a cabeça, veria sua futura esposa de pé junto a seu filho, que agarrava seus seios nus. O terror a paralisou e oprimiu seu coração, a fazendo tragar compulsivamente. A cabeça de Rufus voltou a se afundar lentamente em seu peito, e sua profunda respiração lhe indicou que havia voltado a dormir.

—Não deve falar - sussurrou Vaughn ao ouvido. - Nenhuma palavra.

Ela começou a tremer. Ele retirou as mãos e se separou dela um passo. Pela extremidade do olho, ela viu que ele retirava a cadeira da escrivaninha antes de voltar para ela, apertando seu quente corpo contra o seu. Suas mãos se dirigiram ao fechamento do vestido e ela sentiu que o afrouxava e que as mangas deslizavam mais ainda pelos braços. Vaughn as baixou quase até os cotovelos. Seu coração pulsou desesperado de medo... e de desejo. Esteve a ponto de lançar um forte gemido, porque o perigo enfeitava o que Vaughn fazia. Suas mãos agarravam seus seios, brincando com eles, massageando seus mamilos, os roçando com suaves carícias até que ela se sentiu enfebrejada de desejo. A boca masculina orvalhou sua orelha de beijos, a penetrando com a língua de forma atrevida e deliciosa, de uma vez que seus dentes mordiscavam o lóbulo.

A respiração de Elisa se fez entrecortada e apertou os dentes, desesperada, por medo de emitir algum som que alertasse Rufus. Era incapaz de protestar, de dizer a Vaughn que se detivesse, mas a ideia se fundiu como neve ao sol.

A forma em que a abordava era devastadora. A fez apoiar as mãos na escrivaninha, a incitando em silêncio que se apoiasse sobre a tampa. Ela obedeceu com os braços trêmulos. As mãos dele baixaram até o tornozelo feminino, nu por cima das fitas de seus escarpín. Com um lento movimento acariciou as panturrilhas, as coxas e os quadris, levantando o vestido e as anáguas conforme subia, a despindo completamente. O tremor dela se intensificou. Sentia em suas úmidas dobras o ar fresco que ele criava com seus movimentos. As mãos se moveram agora inquietas nos quadris femininos.

Se encontravam a centímetros de seu sexo, úmido e palpitante. Seus dedos a acariciaram ali naquela mesma tarde, e ela ansiava que voltassem a fazê-lo. Seus quadris se menearam com antecipação e Vaughn lançou um rouco gemido, quase silencioso. Os dedos masculinos se enfiaram e ela meneou outra vez, violentamente, apertando os dentes para conter o grito que ameaçava escapar.

Ele segurava um seio erguido com a outra mão e ela ouviu sua respiração ofegante de desejo como aquela tarde, e se recreou na habilidade que tinha de o levar aqueles extremos.

As mãos masculinas se retiraram e ela quase gemeu ao se ver privada delas, mas ele a empurrava pelos ombros, a fazendo se voltar sobre a escrivaninha, para logo acariciar seus quadris e o traseiro. Sua boca provou a pele sobre a parte posterior de seu quadril e logo baixou a seu traseiro, lambendo, chupando, e mordiscando. Ondas de prazer, infinitas e borbulhantes, a percorreram e sua tensão aumentou, a fazendo palpitar de ânsia por ser satisfeita.

Seu corpo inteiro tremia. As mãos masculinas encontraram a pulsante pérola de seu sexo e o



acariciaram e ela estremeceu com cada perita carícia. Ouviu o roçar da roupa, o som de botões que se desabotoavam e logo o roçar de algo duro e palpitante.

O alarme penetrou dentro daquela excitação quase insuportável. Não tentaria possuí-la ali? Naquele momento? Não poderia protestar se ele o fizesse, e o certo é que seu corpo ansiava recebê-lo.

Quando as mãos masculinas a agarraram pelos quadris ela fechou os olhos, incapaz de fazer nada exceto aceitar que a penetrasse, incapaz de qualquer pensamento coerente.

Mas as mãos que as seguravam pelos quadris a giraram, a levantando e a pondo de frente a ele. O deixou fazer e se encontrou lançada na escrivaninha, os pés mal tocando o chão.

Quando ele segurou sua coxa, abrindo suas pernas, o olhou. Aquele não era o Vaughn que conhecia. O perito sedutor desaparecera. Aqueles eram os olhos de alguém transtornado, que já não podia se conter.

As pálpebras entrecerradas, bêbadas de sensualidade, os lábios entreabertos para permitir sair a respiração ofegante, as mãos tremendo contra a pele feminina. Ele se encontrava mais entregue ainda que ela.

Se colocou entre as coxas femininas e ela sentiu o rígido membro tocá-la, grosso, ardente e palpitante, enquanto os quadris masculinos se meneavam, movidos por breves espasmos.

Teria bastado um empurrão para penetrá-la, e entretanto, não o fez. Desejava torturar a ambos? Vaughn se inclinou sobre ela e tomou seu seio em sua boca, mamando, e com a mão acariciou a pele cheia ao redor do mamilo que torturava.

Seu cabelo caía sobre o rosto e seios femininos, e Elisa deixou cair a cabeça para trás, por cima da beira da escrivaninha, levada por uma deliciosa agonia. Sua rendição era completa e sabia, mas ele não possuiu.

Jogava com ela, a incitando, a levando a uma entrega que ela nunca sentira. Seus lábios, seus dentes e sua língua a provocavam, e sua mão deslizou em suas dobras quente, úmidas e palpitante, acariciando seu centro.

Ela não pôde evitar e rodeou com suas pernas a cintura masculina, o puxando em um explícito convite. Ela viu como fechava os olhos e lançava um suspiro entrecortado.

Ficou quieto e retirou sua mão do seio feminino, a fechando em um punho compulsivo, que golpeou brandamente sobre a tampa da escrivaninha.

Logo se endireitou, se afastando dela. Com mãos trêmulas segurou suas coxas, a incitando para que o soltasse. Logo acomodou a roupa com movimentos trêmulos, os seio subindo e baixando rapidamente enquanto o observava com crescente decepção.

Embora não desejasse que ele a possuísse ali e agora, ele chegou tão perto de penetrá-la que seu corpo desejava que o tivesse feito.

Ele voltou a se inclinar sobre ela uma última vez e a levantou para pô-la de pé. Estremecida, esperou que lhe fechasse o vestido.

—Logo, Elisa - sussurrou ele ao seu ouvido, - logo. Mas quero que encontremos nosso momento em vez de roubar de alguém mais.

Se endireitando, ele apontou para Rufus com um gesto de sua cabeça. Logo, levantou a mão,



afastou um cacho do rosto dela e sorriu brevemente.

Era uma tentativa de demonstrar com sua atitude que se achava no controle, que lhe dava igual, mas ela sabia que mentia. Partiu da mesma forma em que a encontrara. Em silêncio.

Elisa aproximou a cadeira da escrivaninha com braços que careciam de força e se sentou nela. Ficou olhando o papel esparramado em cima. Naquele momento não podia pensar nem duas palavras, quanto mais em uma carta de aceitação.

Lançou um olhar para Rufus, profundamente adormecido, logo afundou o rosto em suas mãos. Se entregou completamente a Vaughn, e a rechaçara. Ainda podia se salvar, não era muito tarde. Ainda não. Mas, ai, estivera perto, muito perto!

Ao sair da biblioteca, Vaughn se apoiou contra a parede para que seu corpo se recuperasse e deixasse de tremer.

Passou a mão pelo cabelo e lhe causou uma amarga diversão ver que estava tão trêmula como momentos antes, quando ela se entregara, o fazendo enlouquecer. Tentou compreender o que acontecera ali dentro.

O que acontecia com ele? Sua intenção fora somente beijá-la para que ela não esquecesse que ele a desejava. Mas em vez disso quase chegara a perder o controle. Não, a verdade é que perdera o controle.

A deitara sobre a escrivaninha e esteve a ponto de possuí-la ali mesmo. Quase perdera o sentido, chegando a um momento em que a única coisa que podia pensar era seu desesperado desejo de tê-la. ali mesmo. Naquele mesmo instante.

Mas conseguira sair daquele abismo. E aquela era a parte mais estranha. Desejava tê-la quando se encontrasse em total controle, não quando se converteu em uma criatura selvagem que se deixava levar somente pelos instintos.

Então a tinha girado para ver seu rosto, e seguia sem poder soltá-la. Se sentira compelido a lhe dar prazer, a observar seu corpo se esticar e estremecer com seu contato e seus membros e olhos se fundirem como resposta.

Sua doce carne o incitara. E Kirkaldy? Enquanto o desejo o atormentava, se esqueceu totalmente de sua herança. Quando deixara de pensar em Kirkaldy? Quando deixara de lado o motivo que o havia levado ali?

Precisava se controlar, mas, como ia fazer isso se inclusive naquele mesmo momento seu corpo se encontrava tenso e palpitante de desejo de possuí-la? Ela se achava ali, atrás da parede contra a qual ele se apoiava, e a porta estava a poucos metros.

Se voltasse a entrar, ela seria dele. Necessitava possuí-la. Estendeu o braço com a palma pega à parede, para a porta, sentindo que o controle o abandonava uma vez mais. Deus santo! O enfeitiçara de uma forma que ele nunca sentira antes.

Fechou os olhos e apoiou a cabeça na parede. Ele conhecia muitas mulheres. Já não eram um mistério para ele, mas Elisa...

Seu corpo ansiava penetrá-la, prová-la, possuí-la por completo, observar como a paixão tomava conta dela e saber que era ele quem a produzia. Apertou os dentes e lançou um gemido, tentando controlar sua frustração.



Precisava se manter afastado dela, voltar para Londres, às festas, as mulheres, o jogo...

Se separou da parede com um movimento compulsivo e se dirigiu a sala de jantar para procurar o brandy. Enquanto andava pelo corredor, golpeava com um punho a palma da outra mão, porque sabia que seria incapaz de se manter afastado dela.

Capítulo 10.

Depois de passar a maior parte da manhã passeando por seu quarto, Elisa soube que não podia atrasar mais ir para baixo. Se não saía de seus aposentos logo, seria submetida a um interrogatório.

Com a mão na maçaneta, fez uma profunda inspiração para se acalmar. Disse a si mesma que podia enfrentar Vaughn e atuar como se não tivesse passado nada a noite anterior.

Podia esquecer a forma em que seu firme corpo se apertou contra o dela, a sensação de seus lábios contra sua pele, a promessa de seu contato. Que perto estiveram de fazer amor... e na mesma sala que Rufus...

O que teria passado se Rufus despertasse? Uma imagem dele disparando ao cavalo a sangue frio passou por sua mente. Sabia que ele não hesitaria em fazer o mesmo a ela... e a Vaughn.

A certeza a levava a pedir uma faca de caça ao palafrenero, pondo como pretexto que necessitava amparo quando saía para montar. A arma se achava agora sob seus travesseiros, onde estaria à mão se por acaso ela a necessitasse alguma vez.

Fazendo uma inclinação de cabeça aos criados com os que cruzava, Elisa desceu as escadas.

—Elisa, é você?

A voz de Rufus procedente do salão a fez dar um salto. Se levantara cedo por uma vez e agora teria que enfrentá-lo. Unindo suas mãos trêmulas, entrou na sala com um sorriso forçado.

Rufus estava sentado na cadeira Rainha Ana que sempre escolhia quando se sentava para beber algo. Uma taça alta estava cheia de seu porto favorito. A levou aos lábios sem deixar de olhá-la por cima da borda.

Ainda não era meio-dia e já estava bebendo. Não era bom sinal.

—Venha se sentar comigo - disse ele, indicando uma cadeira a seu lado.

Ela se sentou e cruzou as mãos no colo com um sorriso forçado.

Seu olhar se dirigiu ao profundo decote do vestido feminino. Era um dos modelos que ele escolhera e seus olhos brilharam de triunfo.

—Peço desculpas por ter dormido tão cedo ontem à noite - disse. - Queria que passássemos um momento juntos.

Elisa se endireitou, se perguntando se teria ouvido bem. Não desejava chegar à intimidade com ele agora.

—Eu também estava cansada ontem à noite. Levo uns dias em que não me sinto bem - comentou, tirando uma penugem imaginária das saias.



—Não se sente bem? Estava o bastante bem para ir montar no outro dia.

Ela percebeu o tom de acusação de sua voz e se moveu no assento.

—E bem... o que se passa com você? - ele perguntou, franzindo o cenho.

Uma louca necessidade de rir a atacou. O que passava com ela? Se pudesse responder com honestidade: seu filho! Na noite anterior, se deu por vencida total e completamente.

Se não fosse por algum estranho capricho de Vaughn, teria traído a seu futuro esposo. Em seu coração já era culpada, mas se pudesse sair daquela posição, possivelmente ainda estaria a tempo de se salvar.

Durante o segundo em que Rufus bebeu seu porto, esperando sua resposta, ela recordou o motivo pelo qual não devia ceder ante Vaughn: seu filho Raymond. Aquele homem sentado frente a ela dera a única esperança de recuperar Raymond.

Pagara a uns investigadores particulares para que procurassem seu filho e se o enganava perderia Raymond para sempre, assim simples.

Nas escassas ocasiões em que ele compartilhava detalhes do progresso dos detetives, lhe explicara que trabalhavam sem descanso, mas a família que recebera o menino a seu cargo passara a alguém mais e a pista se perdeu.

Entretanto, ele assegurou com uma palmada no joelho, os agentes que havia contratado possuíam excelente reputação.

—Tenha paciência, querida.

Assim ela seguira tendo paciência.

Observou Rufus agora. Se encontraria disposto naquele momento a falar do tema? Sua menção de compartilhar a noite com ela e as compras eram bons augúrios, porque sugeriam que possivelmente estivesse recuperando algo de seu bom humor.

Quando Rufus aparecera em sua vida, parecia que ele sentia um carinho genuíno por ela, escondido de modo que ninguém o pudesse tomar por fraqueza, mas desde a chegada de Vaughn seu afeto desaparecera totalmente.

... desde a chegada de Vaughn.

Elisa sentiu que o medo comprimia seu peito, misturado com o assombro ao considerar o que acontecia em Farleigh Hall. O disparo ao cavalo, sua beligerância o fazia parecer um cão mostrando os dentes. Espantando a seus competidores.

Cuidando do seu osso.

Teria subestimado os sentimentos de Rufus? Seu cortejo fora tão rude como suas maneiras, mas embora não se apresentasse com bonitas palavras e flores, havia trazido o presente maior para ganhar sua mão: a promessa de encontrar Raymond.

Pigarreou.

—O que me passa é que me falta meu filho... sinto muitíssima falta de Raymond e desejo ver meu menino outra vez.

Ele se surpreendeu, mas deixou sua taça em uma mesa próxima, se reclinando na cadeira, sua barriga estirando os botões de seu colete.

—Tenho homens trabalhando nisso neste preciso momento. Sabe bem que se soubesse



algo, lhe diria.

Os olhos de Elisa encheram de lágrimas. Seu mundo parecia carecer de esperanças naquele momento. A única coisa que o solucionaria seria Raymond. A presença de seu filho a salvaria da depravação, sabia.

—Se pudesse me dar um pouquinho mais de esperança - murmurou, olhando seu colo, - me sentiria melhor... mais forte, se soubesse que não teria que esperar muito.

Era o mais próximo à verdade que se atrevia a dizer. Se lhe pudesse mostrar que faltava pouca espera, então ela teria forças suficientes para resistir os embates da sedução de Vaughn.

Os olhos de Rufus se entrecerraram, ocultando um relâmpago de perspicácia.

—Seriamente? - deixou cair, como desinteressado.

O coração feminino acelerou seus batimentos. Ele adivinhara seus pensamentos?

—Se isso for o que a faz feliz, irei ver meu advogado em Londres. Os agentes informam a ele, e é verdade que passou mais de uma semana desde que perguntei sobre seus progressos. Trarei um relatório novo para você. O que te parece?

Ele disse com a calma de um homem falando de um relatório sobre bezerros de engorda no mercado. Mas havia feito a oferta. E isso só consistia uma vitória.

—Agradeço qualquer coisa que possa fazer - disse com sinceridade. - Sinto um vazio tremendo sem ele.

Rufus deu um salto, como se tivesse batido nele.

—Dúvida que possa te proporcionar uma vida boa?

—Não me referia a isso - replicou ela, cravando as unhas nas palmas. - Sou sua mãe e o necessito, do mesmo modo que estou segura de que ele me necessita .

—Veremos o que podemos fazer - disse Rufus. Levantou a campainha e a fez soar, indicando com isso o fim da discussão.

Joshua acudiu um momento mais tarde.

—A carruagem está preparada, senhor.

—Vamos a algum lado? - perguntou Elisa, tentando não parecer muito esperançada.

Rufus ficou de pé e replicou com um sorriso:

—Vamos ao baile dos Munroe - seu tom indicava que falava de algo óbvio.

—Mas... - disse Elisa com o coração palpitante, - não é até amanhã a noite.

—Nos convidaram para ficar em sua casa, recorda?

Elisa estremeceu ante seu tom de voz. É obvio que não recordava. Não teve tempo de ler o convite antes que Rufus o arrancasse de suas mãos. Rufus estendeu o braço para ela.

—Venha, querida. Não vamos fazê-los esperar.

Era muito cedo. Não estava preparada para isso.

—Minha roupa... um traje...

—Tudo preparado, querida. Fiz que Marianne se ocupasse disso ontem. O traje de noite foi entregue esta manhã cedo, bem a tempo.

O coração dela acelerou ainda mais e sentiu medo. Todo o tempo parecera que Rufus planejava algo, e agora se confirmavam suas dúvidas, mas não sabia o que ele tramava. Tocou o



profundo decote do vestido.

—Tenho que me trocar primeiro - disse.

Embora o vestido não fosse particularmente revelador, para sua primeira aparição em público depois de muitos anos sabia que teria que ser um modelo correto.

—Não há tempo - disse Rufus. - O que passa, mulher? Quer obter que cheguemos tarde? Não permitirei que me ponha em ridículo, sabe.

—Sim, Rufus - disse ela, tragando. Se pendurou no braço que ele oferecia e deixou que a levasse até o carro. Onde estava Vaughn?

Não podia evitar o desejo de que ele se encontrasse na carruagem com ela, porque sabia que ele se interporia entre ela e o que fosse que tramava Rufus.

Aquela noite foi uma tortura. Para começar, Rufus e ela foram localizados em quartos conectados, como se já fossem marido e mulher. Desejou que ele não estivesse tão perto.

Outro casal chegou aquela noite além deles, e parecia que não esperavam a ninguém mais. Elisa dissimulou seu desalento ao ver pelo número de lugares na mesa que suas hipóteses eram verdadeiras.

Aquilo significava que Vaughn não se encontraria perto. Teria que lutar com Rufus e o que tramava, sozinha.

Além disso, o casal que chegou aquela tarde eram o duque e a duquesa de Wessex. A duquesa, de solteira Lady Cynthia Crowley, vivera até suas bodas no mesmo condado que a família de Elisa.

Elisa reconheceu à ruiva com um peso no coração. Havia poucas probabilidades de que Cynthia não soubesse do passado escuro de Elisa.

A família de Elisa a deserudara depois da morte de seu marido e certamente haveria feito todo o possível por informar a seus convizinhos de que não queriam que se relacionassem com ela.

Cynthia Crowley deu uma pequena cabeçada quando as apresentaram, seu rosto sem expressão. Mas logo se sobressaltou e ficou olhando para Elisa calculadamente. O duque foi encantador.

Era óbvio que se casou velho, porque era muito mais velho que sua esposa, com o cabelo prateado e um distinto monóculo. Tratou a Elisa com antiquada galanteria, o qual desculpou um pouco o desdém de Cynthia.

Mas enquanto bebiam o aperitivo, Elisa viu que a duquesa se inclinava para seu marido e sussurrava algo por trás do leque.

O monóculo do duque caiu e ele tentou voltar a colocá-lo enquanto tentava olhar para Elisa sem que parecesse que lhe cravava os olhos.

O peso do coração de Elisa se fez cada vez maior sempre que o duque e a duquesa a desprezavam durante a refeição, simulando não ouvir quando ela pedia algum condimento, e quando seus olhares percorriam a sala, passando por cima dela como se não estivesse ali. Elisa espremeu o guardanapo em seu colo por debaixo da mesa.

Como a posição deles era superior que a de Elisa, corresponde a ela que fosse a que partisse



da sala e da reunião, já que eles deixaram bem claro que não desejavam sua presença ali.

Mas não podia partir a menos que Rufus os desculpasse, e ele parecia totalmente alheio à silenciosa desaprovação que reinava na mesa.

Caroline pareceu sentir a tensão, mas desconhecia o passado de Elisa, de modo que não sabia que aquela era sua origem. Tentou alegrar o ambiente com seu animado bate-papo, com o apoio de seu marido, William.

Rufus não era bom conversador, absolutamente. Comia com ânsia e tenacidade, com aspecto contente. Se Elisa estivesse mais calma, lhe teria parecido que desfrutava com o desconforto dela.

Mas aquela ideia era produto de seu incômodo. Nunca sentiu mais alegria de que acabasse um jantar que quando William ficou de pé e propôs aos homens brandy e charutos na biblioteca, ao qual o duque concordou com presteza.

Elisa aproveitou para se desculpar e se retirar a seu quarto imediatamente. Ficou dando voltas naquela cama estranha e incômoda, voltando a sentir o efeito de seu passado. Era algo que não desapareceria nunca.

Por mais que tudo fosse falso, o tempo nunca sepultaria sua má reputação. Sua única esperança era que no dia seguinte pudesse estar em companhia de convidados que não conhecessem os rumores, gente capaz de ver além dos cochichos e das mentiras.

De repente, desejou a presença de Vaughn. Formou um novelo na cama, se abraçando, desejando com todas suas forças que ele aparecesse imprevistamente e a tomasse em seus braços. Isso lhe daria as forças que ansiava.

Precisava recordar ao Raymond. O bem-estar que acreditava que encontraria em Vaughn era algo momentâneo. As consequências de se entregar a ele não valiam o preço que pagaria, por muito que gostasse daquele luxo.

Precisava superar aquilo sozinha.

Uma lágrima solitária e amarga caiu sobre o travesseiro engomado.

Seu desejo de se mesclar entre os convidados e passar despercebida foi uma esperança estúpida, como descobriu rapidamente no outro dia.

Elisa se sentava à mesa com outras cinco mulheres de diferentes idades, bebendo chá, jogando cartas e tentando simular que não a menosprezavam.

Caroline estava muito ocupada em seu papel de anfitriã para se dar conta disso e Natasha não tirava os olhos da porta, obviamente esperando que Vaughn entrasse a qualquer momento.

Quanto desejou Elisa poder se permitir a mesma distração! Quando a atenção de Natasha foi reclamada novamente para que jogasse, Caroline sorriu com indulgência.

—Natasha não vê o momento de ir visitar sua tia em Londres. Esperamos que Lorde Vaughn seja tão amável de escoltá-la.

Todas as olhadas se dirigiram a Elisa, obviamente esperavam que ela expressasse seu entusiasmo ante a ideia. Tragou. Natasha a olhava sem piscar com expressão esperançada.

—Temo que Vaughn tome suas próprias decisões. Não compartilha sua agenda comigo. Os ombros de Natasha se afundaram e o sorriso de Caroline se fez tenso.



Elisa não podia imaginar que Caroline estivesse tão desesperada para deixar que sua filha solteira fosse sem acompanhante com um jovem durante uma viagem de cinco horas a Londres.

Estava claro que o pai de Natasha planejava esperá-los ali... com uma arma.

—Falando de Roma... - disse Lady Frederickson baixinho, fazendo um gesto para a porta.

—Vaughn, venha, querido - disse Caroline, e só faltou ronronar.

O pulso de Elisa acelerou e se sentou mais reta, contendo o desejo de girar para a porta. Era consciente de que as mulheres a vigiavam. A estariam observando para ver se manifestava algum dos sinais de depravação que os rumores apontavam?

Possivelmente sentia medo que lhes pegasse algo. Precisava aparentar que não tinha interesse em Vaughn. A divertiu um pouco a forma em que todas as mulheres se turvavam por sua chegada.

—Bom dia, senhoras - disse Vaughn da porta. - Lady Winridge, certamente que escolheu esta coleção de belezas para me alegrar a vista.

Houve um sutil endireitar de ombros, um inconsciente arrumar do cabelo. A mais tímida das mulheres se ruborizou, sobressaltada. O jogo de cartas se deteve completamente.

Vaughn entrou no campo de visão de Elisa e o coração feminino palpitou ao lhe ver. O casaco escuro marcava seus ombros e ressaltava seus estreitos quadris. Levava o cabelo preso em um rabicho e seus olhos verdes brilhavam de malícia.

Chamava a atenção; sua estatura, sua atitude, a forma em que parecia se mover pela sala como um felino disposto a fazer alguma picardia.

Todas as mulheres, casadas ou não, responderam a seu sorriso sensual, olhos profundos e aspecto experiente.

Terei que fazer um esforço para recordar quão jovem era na realidade, porque o rodeava uma auréola de crédulo encanto correspondente a um homem muito mais velho que ele. Um gato entre as pombas, certamente.

"E é a mim a quem quer"

O pensamento cheio de pecaminoso orgulho a excitou e sentiu no profundo de seu ventre uma tensão que produziu uma onda de desejo nela.

Por um instante as humilhações das mulheres e a sensação de exclusão que experimentara aquela manhã não lhe importou absolutamente.

Até que Natasha ficou de pé e se aproximou dele, um radiante sorriso desenhado no rosto. Os quentes sentimentos de Elisa se congelaram e baixou a vista a seu colo, sem prestar atenção ao que pudessem pensar os outros.

—Não desejaria interromper seu jogo, Natasha. Senhoras, por favor, perdoem minha intromissão - disse ele.

As senhoras riram, sorridentes, o perdendo instantaneamente. Ele se aproximou mais, suas pegadas ressoando com força em Elisa. Estendendo a mão, ela pegou sua xícara e deu um gole, a deixando antes de prestar atenção ao único homem da sala.

Vaughn a olhou diretamente, seu sorriso amplo e tentador.

—Me alegro de que Pai e você tenham vindo, Elisa. Dormiste bem?



Se sentou a seu lado, sem afastar o olhar em nenhum momento.

Elisa sentiu que as demais mulheres olhavam o espetáculo com avidez, prestando atenção ao mínimo detalhe para logo discuti-lo a suas costas, possivelmente para reviver a excitação de ver uma mulher escandalosa em ação.

Ela tragou e forçou um sorriso cortês e totalmente desprovido de emoção. Sabia que Vaughn não se preocupava muito com sua reputação, mas ele teria muito menos a perder que ela.

—Sim, dormi bem. E você? - sua voz quebrou e se moveu em seu assento, fazendo caso omissos à forma em que a comisura da boca dele se elevou apenas um pouco.

—Muito bem, obrigado - ele replicou. Girou para Caroline. - Seu lar é muito cômodo, Lady Munroe.

O coração de Elisa se converteu em uma pedra de gelo. Vaughn estivera ali na noite passada? Onde? Por que não o vira? E... Natasha não se sentou à mesa.

Recordou o radiante sorriso de Natasha fazia um momento, quando se aproximara de Vaughn. Se sentiu chatear, a cabeça deu voltas e um sabor amargo encheu sua boca.

Esteve a ponto de lançar um gemido. Vaughn estivera com Natasha na noite anterior? Encontrara a reticência de Elisa a cumprir com seus desejos muito para sua impetuosidade e passado a página?

—Me alegro que você goste de seu quarto - Caroline seguiu tagarelando. - Natasha se ocupou de que tudo estivesse perfeito em seus aposentos - esboçou um sorriso enquanto apertava a mão de sua filha. - Natasha queria que tivesse vistas à colina.

As mulheres estavam pendentes da conversação. Um romance entre eles! Falariam dos detalhes durante um mês.

—O urze está em flor e tem um perfume delicioso - disse Natasha com as mãos entrelaçadas, a imagem da inocência.

Vaughn finalmente dirigiu sua atenção a jovem encarapitada na beira de sua cadeira.

—Obrigado, doce Natasha, por se ocupar de minhas necessidades com tanto detalhe.

A sala se encheu de suspiros.

Vaughn se inclinou adiante, se serviu de uma xícara de chá e voltou a se endireitar. Elisa era mais que consciente dos poucos centímetros que os separavam.

Todas as olhadas estavam pendentes dele e ela se perguntou se as outras pensariam que seu comportamento era estranho.

Se perguntariam por que ele se sentava junto a ela, sua futura madrasta, quando existia um lugar junto à Natasha e outro do outro lado da sala, junto a Lady Farrow?

Ou estava se obcecando muito? Ele acabou a bebida de uns poucos goles, deixou a xícara e se dirigiu a Elisa.

—Deseja dar um passeio pelos jardins comigo?

O horror a embargou. Não pretenderia que ela se convertesse em um espetáculo, certamente? Ele não lhe deu tempo de responder. Em vez disso, ficou de pé, e a puxou para que fizesse o mesmo. Logo girou e fez uma reverência às outras damas.

—Elisa tem um jardim formoso, não é verdade, Lady Munroe? - disse a Caroline, que se



limitou a assentir com a cabeça, sua decepção óbvia quando depositou ruidosamente a xícara no pires.

—Lady Munroe tem umas rosas de uma cor púrpura maravilhosa que tenho que mostrar a Elisa. Por favor, nos desculpem, senhoras.

Elisa desejou que a terra a tragasse naquele mesmo momento, porque em vez de oferecer seu braço, como o faria um cavalheiro, ele manteve sua mão cativa na dele, grande e cálida.

Ela não se atreveu a confirmar se as mulheres os observavam e se davam conta disso. Esperou até que estivessem fora para retirar sua mão.

—Vaughn, pelo amor de Deus... não tem decência, não se dá conta de nada? Tenta me arruinar?

—O que quer dizer? - ele perguntou, com aspecto de total inocência.

—Interrompe a partida, logo senta a meu lado entre todas aquelas mulheres que não me fazem nem pingo de caso, logo me convida a dar um passeio. Segurando pela mão! Sabe que quando chegou estavam falando de que Natasha o acompanharia a Londres?

Estou quase segura do que estarão pensando agora.

Seu aspecto de inocência desapareceu. Sua mandíbula se pôs tensa, como se tivesse apertado os dentes, e franziu o cenho.

—E o que pensam, Elisa? Que queria estar um momento com minha futura madrasta? Poriam alguma objeção a que inspecionássemos as rosas de Lady Munroe?

O tom de sua voz fez que ela se diminuísse, se sentindo muito egoísta. Possivelmente estava se obcecando muito. Fechou os olhos e fez uma profunda inspiração. Quando voltou a abri-los, ele se aproximara um passo.

—Ontem senti saudades - disse em voz baixa.

"E eu de você"

Elisa conteve a resposta. Sua proximidade, seu tamanho, a forma em que a fazia se sentir pequena suscitavam lembranças nela da noite anterior. Lançou um olhar à mecha de cabelo que escapara do rabicho.

Aquele sedoso cabelo acariciara sua pele enquanto ele percorria seu corpo com a boca...

Um estremecimento a percorreu, causando arrepios nos braços, de uma vez que seu corpo se esticava em resposta às imagens.

Recorda ao Raymond.

Com um esforço, olhou aos olhos sem mostrar seus sentimentos.

—Vaughn, deve parar esta perseguição. Especialmente aqui, entre tantas pessoas. Rufus já sabe que suas intenções não são honoráveis. A única coisa que precisa é provas para o desafiar a um duelo.

E aqui, neste lugar... aqui... - não podia pôr em palavras o que esteve sofrendo e quão pior seria se alguém chegava a suspeitar que sua relação não era o que parecia.

Vaughn estreitou os olhos.

—Elisa, cala - disse brandamente.

Ela umedeceu os lábios nervosamente.



—Isto é algo que ainda não consegui entender sobre mim, doce Elisa. Levo jogando estes jogos com estas pessoas e com outras de sua índole desde a infância. Para mim é tão simples como montar a cavalo.

Sei exatamente quanto posso fazer sob seus narizes e partir sem que afete minha reputação. Sei perfeitamente, tem que confiar em mim. Ela baixou a vista.

—Elisa, me olhe - disse ele em voz baixa. - Não posso levantar seu queixo quando certamente todos estão colados à janela da estufa nos observando.

Aquilo a fez sorrir um pouco e o olhou, como ele pedia.

No rosto masculino não havia nem um ápice de diversão.

—Quero que compreenda algo, minha adorável beleza. Preferiria atravessar meu coração de um disparo antes que arriscar sua reputação. E me baterei com qualquer homem que o faça.

—Então terá que se bater com o mundo inteiro. - Com muito gosto - respondeu ele sem hesitar. E não sorria.

O coração feminino pareceu se deter durante uma fração de segundo. O olhou fixamente, incapaz de encontrar uma resposta.

—Venha - ele sorriu finalmente, - comecemos a caminhar, ou correremos o risco de espantar a nossa audiência.

Elisa sabia que ele estava com a razão. A estufa dava ao jardim e possuía uma visão perfeita de todos os atalhos e canteiros.

Se ficavam durante muito tempo em um lugar, ou demonstravam muito interesse um no outro, em vez das flores do jardim, se dariam conta disso. Acabavam de tomar o atalho de lajes quando Natasha saiu ao terraço com o xale de Elisa no braço.

—Que conveniente - disse Elisa em voz baixa.

—Certamente sua mãe acreditou que necessitaria de seu xale... - replicou Vaughn, igualmente baixo - como este é o dia mais quente de toda a temporada...

Ambos riram e receberam Natasha com um sorriso. As faces da jovem estavam tintas de uma furiosa cor rosa.

—Senhora, minha mãe pensou que necessitaria isto.

Como incomodou a Elisa que alguém tão jovem a chamasse senhora. A fazia se sentir uma anciã. Segurou o xale e o pôs sobre os ombros, apesar de que não sentia nada de frio. Natasha fez uma reverência e se voltou para se dirigir à casa.

—Por que não oficia de guia? - Propôs Elisa sorridente, fazendo caso omissso ao olhar de relance que Vaughn lhe jogou. - Se não se importar, claro.

—Por mim, estou encantada! - exclamou Natasha, com um sorriso radiante. Era uma jovem realmente preciosa, pensou Elisa com sincero reconhecimento. Possuía uma pele impoluta, umas feições angelicais.

Certamente, Vaughn e ela eram perfeitos um para o outro. Eram iguais em todos os sentidos: ambos os jovens, filhos de aristocratas, e ambos com uma beleza que tirava a respiração.

Durante o quarto seguinte de hora Elisa andou em silêncio junto à Natasha enquanto a jovem apontava as árvores e anunciava seu nome em latim, como se estivesse recitando o de um



livro.

Vaughn não disse nenhuma palavra, mas Elisa se dava conta de que ele a observava, sentia sua impaciência com cada inquieto passo masculino.

—Não é uma cor maravilhosa? - exclamou Natasha, agarrando a melhor das famosas rosas púrpura. A estendeu a Elisa. - Para você. Possivelmente queira guardá-la como lembrança deste dia - Natasha lançou um coquete olhar para Vaughn.

Elisa não suportava estar na presença deles nem um segundo mais.

—Obrigado, querida - simulou afogar um bocejo. - Acredito que descansarei um momento para me preparar para esta noite - disse, apertando o xale contra seus ombros. Se dirigiu à casa.

—Posso te acompanhar - disse Vaughn rapidamente.

Ela negou com a cabeça. Uma emoção que conhecia bem obscurecia aqueles olhos verdes orlados de longas pestanas.

—Não é necessário. Fique com Natasha. Os verei esta noite.

Era uma forma de dizer a ele que o que acontecera entre eles teria que ficar no passado. Ela não tinha lugar em sua vida, com sua reputação manchada seria sua ruína.

Por mais que o desejasse de verdade, ele não podia enfrentar ao mundo inteiro por ela. Voltaria para Farleigh Hall, se casaria com Rufus e esperaria para obter a única coisa que lhe causaria prazer na vida: seu filho.

Mas primeiro precisava superar aquela noite.

Enquanto se acomodava na chaise longue para passar a tarde, esperando que acabasse seu encarceramento naquele lugar inóspito, se convenceu de que o pior passara.

A confiança de Vaughn lhe assegurava que ela havia exagerado as olhadas que recebera e certamente que teria imaginado as humilhações e os desprezos da manhã.

E sua decisão de manter Vaughn afastado lhe deu uma sensação de segurança. Sabia que podia manter a cabeça bem alta entre os convidados ao baile com orgulho, porque escolhera o caminho da virtude.

Se esqueceu totalmente da duquesa de Wessex.

Capítulo 11.

Vaughn mal ouviu por cima do som da orquestra e do bate-papo, o relógio marcando as dez. Escondeu sua impaciência tomando outro gole de champanhe morno. Onde se encontrava Elisa?

Desde que os deixou no jardim, ela não aparecera. Nem para jantar, nem cedo, no salão. Rufus chegara pontualmente às sete, e sua voz se ouvia por cima das de outros comensais, mas não desculpou a ausência de Elisa.

Vaughn se perguntou se seu pai teria se dado conta. Certamente que não parecia se sentir perturbado por isso.

Desde sua chegada, Rufus não tentara falar com Vaughn. Ao inferno com ele, pensou



Vaughn com raiva, logo se perguntou por que deixaria que o incomodasse tanto.

O velho o queria tão pouco que nada do que ele fizesse parecia atingi-lo, assim, para que se preocupar? Não valia a pena, Rufus não se via afetado absolutamente.

Exceto quando se tratava de Elisa.

Aquela única exceção certamente intrigava Vaughn. Mostrava-lhe menos consideração que a sua garrafa de porto, e Vaughn estava seguro que ele nunca demonstrara nenhum tipo de ternura.

Se tratava simplesmente de que Rufus não gostava da ideia de que ninguém tivesse Elisa se ele não podia? Era assim de simples? Ou a queria genuinamente, embora fosse em segredo?

Incomodado por ocupar seu tempo pensando em um homem que zombaria dele se se inteirasse, Vaughn fez um gesto a um lacaios que passava com uma bandeja com copos de uísque. Trocou sua taça de champanhe por um copo da dourada bebida.

—Será melhor que baixe o ritmo, moço, ou terá que se retirar muito em breve.

Vaughn deu a volta e encontrou Lorde William Munroe a seu lado. O cavalheiro lhe sorriu com simpatia e deu umas palmadas nas suas costas.

—Não dança esta noite?

—Farei antes que acabe.

—À minha filha causará muita ilusão.

Vaughn conteve um suspiro. Desde que chegou estavam atirando indiretas a ele e sabia que quando acabasse a noite todos estariam esperando que anunciassem seu noivado formal.

Possivelmente era por isso que Munroe o procurara, para lhe dar a oportunidade de pedir sua permissão. Entretanto, se comportava com cortesia e olhava os casais que dançavam, deixando Vaughn só com seus pensamentos.

Vaughn estava disposto a fazer o que fosse necessário para ficar em Fairleigh Hall, mas, isso significava que teria que se render à pressão a que o submetia e cortejar formalmente a Natasha? Sua vida havia tomado outro sentido desde sua chegada.

Fora reclamar Kirkaldy e em vez disso se viu envolvido com uma beleza loira de olhos preocupados.

Não seria a primeira vez que o fascinasse uma cara bonita, mas se a resistência de Elisa tivesse cedido como a maioria das resistências das mulheres quando ele se aproximava a isso, então teria sido questão de um ligeiro atraso antes de voltar para sua missão original: Kirkaldy. Aquela ambição parecia muito longínqua nesse momento, já que Elisa resistira com muito mais determinação e cabeça-dura do que ele previra.

E... ele não imaginara que surgiria aquele seu desejo para complicar a questão. Agora sim se converteu em um verdadeiro desafio pessoal. Quanto desejava ganhar Elisa na realidade?

O bastante para ser um hipócrita e cortejar Natasha? Temia que aquilo seria o que teria que fazer para justificar ficar em Fairleigh Hall.

Pensou em Elisa, inclinada sobre a escrivaninha, sua pele dourada à luz da chaminé enquanto a acariciava e saboreava. A resposta dela, tão desinibida, lhe indicou que ela poderia ser uma companheira de jogos a seu próprio nível.

Imaginar os cenários potenciais que poderiam surgir daquela combinação fez que seu corpo



se esticasse e o pulso acelerasse.

A quem queria enganar? Elisa merecia todos os esforços a custa do que fosse. Já estava envolvido nisso e seria incapaz de se desligar até ter obtido seu doce prêmio.

Que assim fosse, então.

Mas lhe custava começar com seu anfitrião a conversação que formalizaria seu noivado com Natasha. Logo Elisa chegou e seus pensamentos se dispersaram como varridos pelo vento.

Se a tivesse conhecido menos, teria imaginado que ela se escondera todo o dia e calculara sua chegada com o único objetivo de lhe fazer sofrer, mas Elisa era incapaz de fazer algo semelhante. Entretanto, sua entrada não passou despercebida.

Ela fez uma pausa no alto das escadas.

Vaughn estava seguro de que a pausa era para acalmar seus nervos antes de se apresentar ante todas as mulheres que havia ali essa noite e que escondiam afiadas garras atrás de perfeitas maneiras e sorrisos corteses, mas para o resto do mundo parecia que fizera aquela pausa para conseguir efeito.

O efeito valia a pena.

Estava vestida de seda creme. À luz das velas, a seda estava com um brilho opaco. Com seus cachos dourados e sua pele perfeita, ela estava radiante como o sol.

Usava o cabelo recolhido em artísticos cachos no alto da cabeça, mas lhe escapavam delicadas mechas que davam a seu rosto uma expressão inocente.

Mas seu traje não. O estilo era incrivelmente atrevido para uma temporada em que as mulheres pareciam competir para ver qual resultava mais conservadora.

Levara os ombros totalmente nus; as mangas começavam em seus braços, para se amontoar no estilo que estava na moda naquele momento. O decote era profundo, descobrindo o início de seus brancos seios, entre os quais levava um adorno de diamantes.

Vaughn conteve o fôlego, controlando o desejo que o percorreu como uma onda. Não o surpreendeu que todos os homens do salão ficassem embevecidos olhando para ela.

Suas mãos morriam por agarrar aquele tamanho diminuto e abraçá-la para dar um beijo que a deixasse ofegante e com os lábios inchados.

Ela baixou as escadas lentamente e Vaughn a seguiu quando ela se dirigiu através do vestíbulo para as portas do salão de baile. Dentro, olhou ao redor e encontrou Rufus, que se sentava em uma cadeira de respaldo alto.

Havia um lugar vazio a seu lado e ela sentou, cruzando as mãos no colo. Ele sentiu que o nervosismo dela aumentara. Estava um pouco pálida e tinha os ombros tensos.

E ele sabia por que.

Rufus a mantinha encerrada na casa, separada da sociedade que lhe dera as costas e aquela era a primeira vez desde a morte de seu marido que ela se atrevia a se ver com toda essas pessoas.

—É preciosa, não é verdade?

Vaughn se esquecera por um instante de que o pai de Natasha se encontrava a seu lado. Certamente o seguiu quando ele atravessou a sala. Girou para ele com um sorriso.



—Sim, meu pai é um homem muito afortunado - disse.

—Sempre gostei de Elisa, tem bom coração. É uma pena o seu passado, não é?

Vaughn sabia perfeitamente que William tivera mais de um namorico em sua juventude. Era óbvio que perdoaram seus excessos, entretanto ele não estava disposto a oferecer o mesmo perdão a uma mulher.

—Não fez nada que mereça toda uma vida de recolhimento - respondeu Vaughn e se sentiu incômodo por ter picado o anzol. O que seria o seguinte? Se encontraria defendendo Elisa, como havia dito em brincadeira que o faria aquela manhã?

—Causou a morte de seu marido - disse William, com as sobrancelhas franzidas.

Então Vaughn compreendeu. Um homem podia ser amalucado e cometer excessos, inclusive ao ponto de que o desafiassem a duelo.

Com o tempo, depois de alguns anos de comportamento discreto, perdoariam seus pecados, apagariam o passado e abririam conta nova, porque eram aventuras de juventude.

Mas a uma mulher nunca perdoavam tais transgressões. Aos olhos do mundo, era culpa de Elisa que seu marido morresse.

—Isso é uma tolice - respondeu Vaughn, aguilhoado pela injustiça dos prejuízos daquele homem. - Seu marido teve algo com a esposa do ministro da Defesa e ele precisava salvar sua reputação.

Se supõe que o ministro precisava fazer caso omissos à infidelidade?

William arqueou uma sobrancelha.

—Não foi minha intenção te ofender. Por favor, aceita minhas desculpas.

Desgraçadamente, a desculpa chegou muito tarde. O aborrecimento de Vaughn chegava já a níveis incontroláveis.

—Por que ia Elisa sofrer a vida inteira devido à incapacidade de seu marido de fazê-la feliz? Não lhe pagaram fazendo ela sofrer a humilhação de perder a seu marido devido a uma relação ilícita?

William ficou silencioso um longo momento.

—Parece muito apaixonado por isso - comentou finalmente, - o qual só posso atribuir ao fato que a aceita como um bom casal para seu pai.

Vaughn tomou as palavras de William como uma advertência; não devia demonstrar muito interesse em Elisa. Aquele homem suspeitava algo e se ele o suspeitava, seguro que muitos mais o faziam. Deu de ombros.

—Naturalmente, me preocupa o que aconteça a essa mulher. E se tivesse acontecido a Natasha?

A expressão de William se endureceu imediatamente.

—Minha filha nunca seria tão escandalosa.

—E se seu marido resultasse um libertino? E se ela tentasse fazê-lo feliz, fazendo todo o possível para o satisfazer, inclusive adotando alguns de seus vícios com a esperança de obter seu favor, mas sem resultado?

William ficou vermelho furioso e começou a gaguejar.



—Olá, Pai. Interrompo?

William recuperou seu sorriso ao olhar a sua filha.

—Pois, Natasha, querida, estávamos falando de você.

No rosto dela se desenhou um sorriso com bonitas covinhas.

—Isso explica por que não pude obter que Vaughn me olhasse do outro lado da sala. O escutava se gabar de mim, papai.

Vaughn apertou os dentes para esconder sua irritação. Logo recordou que precisava atuar seu papel. Estendeu sua mão para Natasha.

—Gostaria de dançar?

O sorriso com que lhe respondeu foi radiante, e ao apoiar a mão enluvada na dele, lançou a seu pai um olhar triunfante. Quando chegaram à pista de baile, o número de quadrilha acabou e começou a soar uma valsa.

Vaughn pegou Natasha entre seus braços. O surpreendeu um pouco que ela tentasse se apoiar contra ele e impediu com seu braço que ela fizesse o provocador movimento.

—Pensei que nunca dançaria esta noite - disse Natasha, elevando o olhar para ele, os olhos totalmente abertos, os cachos se balançando.

—Não tive oportunidade de lhe pedir isso antes - disse, se sentindo um canalha por mentir. - Além disso, queria que todos os outros tivessem oportunidade de dançar com você antes de monopolizar seu tempo.

O sorriso dela foi luminoso, e Vaughn se encontrou devolvendo-lhe. Natasha era surpreendentemente superficial às vezes, preferia ser o centro da conversação. Aquilo fazia que a tarefa de Vaughn resultasse mais fácil.

Teria dado muito mais trabalho ter que passar o tempo falando de si mesmo. Lançou um olhar a Elisa. O observava.

Rufus estava conversando com um grupo de cavalheiros a sua esquerda, enquanto ninguém se ocupava dela, silenciosa, no mesmo assento, claramente esquecida. A fúria de Vaughn aumentou.

Afastou a vista um momento, observando às pessoas. Havia um grupo de mulheres perto, entre as quais estava Caroline Munroe.

A anfitriã se abanava vigorosamente, a cabeça inclinada enquanto falava com as demais, que olhavam para Elisa em diferentes atitudes de desagrado.

Entre elas se achava a vingativa ruiva, a duquesa de Wessex. Vaughn fez Natasha dar um giro e voltou a olhar para Elisa. Ela vira onde olhava ele, porque seus olhos se dirigiram às mulheres e logo outra vez a ele.

Durante um segundo, a afável máscara de Elisa desapareceu. Vaughn viu assombro, dor e uma profunda infelicidade passar pelo rosto feminino. Ela baixou o queixo e olhou as mãos que cruzava recatadamente em seu colo para dissimulá-lo.

Uma fúria amarga o alagou. Desejou se aproximar às mulheres formadas como redemoinhos junto à chaminé e as fazer fugir como uma raposa entre as galinhas, lhes dar um susto que não esqueceriam em sua vida.



E a cada homem que a olhava por cima do ombro, Vaughn quis agarrar pelo pescoço e sacudir até que entrasse em razão. Quis fazer algo, o que fosse, para que desaparecesse aquela dor, aquele olhar perdido.

Mas não podia fazer nada. Nada.

Se via forçado a dançar com a jovem que estava entre seus braços. Precisava simular que lhe dava o mesmo que a outros, pois o seu interesse em Elisa chamaria muita atenção e a poria em maior perigo ainda.

Estar atado pelos pés e mãos o fez se sentir mal. Pela primeira vez em sua vida se deu conta das inflexíveis forças de uma sociedade em que sempre achara conforto.

As faces de Elisa se ruborizavam mais e mais conforme passava o tempo, sentada sozinha na cadeira de respaldo alto.

Rufus nem sequer se interrompeu para acusar sua presença e agora Vaughn lhe dera as costas, muito ocupado com sua bonita companheira de baile para se dar conta de que ela necessitava desesperadamente de sua companhia.

A duquesa de Wessex se vingou porque Elisa não se levantou da mesa na noite anterior, e agora ela estava sentindo seus efeitos.

Ah, como desejou poder ficar de pé e dizer a todos a verdade! Que sua única indiscrição fora amar a um homem que claramente a desprezou, que preferia a companhia de suas prostitutas e fazia caso omissos de sua mulher e seu único filho.

As intrigas de Roger tomaram vida própria quando ele começou a propagar rumores dos namoricos dela, que ele mesmo se encarregou de inventar para cobrir a verdade, que ele era o bêbado, o jogador, o imoral.

Ao sair de seu quarto e descer ao primeiro andar, Elisa vira todas as pessoas que enchia a casa. Atravessou o largo corredor, observando a majestosa arte, as magníficas cadeiras esculpidas e os ornamentados aparadores e poltronas.

Logo cometeu o engano de afastar a vista de um formoso globo para posá-la em uma mulher e seu casal. A expressão de assombro da mulher fez que Elisa se perguntasse se seu vestido resultava indecente.

Com a vista reta adiante, se forçou a centrar-se na noitada que se aproximava e fazer caso omissos dos murmúrios, atrás das mãos e dos leques, que surgiam por onde ela passava.

Logo chegou ao amplo patamar onde muitos dos convidados conversavam, olhando aos bailarinos ir e vir no vestíbulo do andar de baixo.

Caroline se encontrava ali, e Elisa esboçou um sorriso de alívio sincero. Com Caroline ela podia ao menos estar segura de ter um pouco de companhia agradável, carente de malignidade.

Mas assim que Caroline a viu, deu um salto e abriu os olhos como pratos. Elisa começou a cruzar a sala para ela, mas Caroline segurou as saias. Sua expressão era insensível, inclemente, e Elisa se deteve onde estava.

Vira aquela expressão tantas vezes que lhe resultava fácil saber o que significava. Alguém falara a Caroline dos deslizes de seu passado.

Sentiu que começava a tremer e olhou ao redor, se perguntando onde poderia se esconder,



se haveria algum santuário ao que correr. Então viu o sorriso satisfeito da duquesa de Wessex, que se achava de pé, se abanando lentamente.

Cynthia ampliou seu sorriso, logo recolheu a cauda de seu vestido e com depreciativo gesto afastou a renda negra e se afastou. Elisa sentiu que lhe deram um murro no meio do estômago.

Não havia esperado uma hostilidade tão manifesta, o certo é que se esqueceu de quão cruel podia ser as pessoas, e aquilo a pegou de surpresa. A quantas pessoas a duquesa teria revelado detalhes de sua vida?

Logo recordou a maré de rumores que sentira ao se dirigir para ali e teve a resposta.

Todos sabiam.

Com as pernas pesadas como se fossem de chumbo, se dirigiu para as escadas, se preparando para baixar e se reunir com Rufus, como correspondia a uma boa esposa.

Se deteve no alto tentando reunir coragem e simplesmente as forças para descer os degraus. Finalmente desceu um degrau, e logo outro, e logo resultou mais fácil. Evitou olhar a alguém e se dirigiu diretamente ao salão de baile.

Divisou Rufus com uma cadeira vazia a seu lado e foi para ele. Agradecida, se sentou no assento e jurou que ficaria ali e não falaria com ninguém até poder se desculpar e se esconder novamente em seu quarto.

Até que viu Vaughn rodeando o corpo de Natasha, e seu olhar de interesse às mulheres que se encontravam junto à chaminé, onde se achava a corte da duquesa de Wessex.

De repente, desejou o santuário de Fairleigh Hall. Ali se sentia segura, estava escondida do resto do mundo. E uma vez que voltasse ali, não se arriscaria a sair dele outra vez.

Alguém pigarreou e quando Elisa elevou a vista viu que Vaughn se achava de pé diante dela. Seu coração deu um tombo. Estava muito bonito vestido de ornamento. O traje negro e a camisa branca, feitos sob medida, calçavam como uma segunda pele.

A jaqueta ressaltava a largura dos seus ombros e as calças se ajustavam as longas pernas musculosas. Vê-lo foi como um sopro de ar fresco.

—Me permite a honra? - ele perguntou, estendendo a mão.

A gratidão que sentiu foi muito maior que sua reticência a causar um espetáculo. Vaughn não a abandonara, depois de tudo. Rufus, que estava ocupado falando, se deteve e deu com sua bengala no chão.

—Há uma jovem que está desejando sua atenção, moço. Por que se incomoda em perder o tempo com sua madrasta?

Vaughn olhou a seu pai, sua expressão inescrutável. Elisa rogou que não fizesse nenhum comentário com respeito ao uso de Rufus da palavra "madrasta", como se já estivessem casados.

—Já dancei com a Natasha e agora dançarei com minha futura madrasta - se voltou para ela.
- Dança comigo?

Embora seu sentido comum lhe dissesse que não, ela segurou sua mão. Sentiu que flutuava até a pista de baile, e quando ele a tomou em seus braços, desejou poder se aproximar mais. Ansiava sentir o pulsar do coração masculino contra o seu.

Naquela sala cheia de estranhos e gente que a condenava, ele era o único que fazia caso.



Mas em vez de se pendurar nele como desejava, ela manteve uma distância correta, com os nervos a flor da pele.

—Está arrebatadora esta noite - disse em voz baixa, com cautela.

Elisa elevou a vista ao atraente rosto masculino. Alguma secreta emoção obscurecia seus olhos, mas seu sorriso era cálido. - Obrigado.

—Está passando bem?

Ela não pôde evitar que lhe escapasse uma risada amarga. - Preferiria estar em qualquer lugar menos aqui. Ele franziu o cenho e ela desejou ter mordido a língua. - Me refiro ao baile, não a este preciso momento - acrescentou pressurosa.

—Sei ao que se referia - disse ele em voz baixa, e seu tom firme a tranquilizou.

Cedo ele vira o olhar dela dirigido à duquesa de Wessex e seu coro. Elisa não pôde evitar lhes jogar outro olhar. É obvio, a olhavam sem reservas, ao se atrever a dançar com um homem. Não importava que, em teoria, ele fosse seu enteado.

Esgrimiriam que ele era bonito e solteiro, e certamente comentariam que ela estava se divertindo e que dançava com muita energia. Tentou afastar a vista, mas a chaminé a atraía como um ímã.

—Está franzindo o cenho, doce Elisa.

Ela se forçou a sorrir e cravou a vista na gravata dele, um lugar neutro que não delataria o que estava pensando, mas Vaughn pareceu ler sua mente. Lançou uma maldição e voltou a olhar à sua cara, surpreendida.

Ele meneou a cabeça apenas, uma ruga entre suas sobrancelhas.

—Deixe elas falarem - disse, em tom duro. - Que se perguntem. Posso assegurar que não sou o primeiro filho que dançou com a prometida de seu pai.

—Não é tão simples.

—Sim, é. É muito simples. Se importa de verdade o que pensem, Elisa? Acredita que Rufus se importa?

—Não - disse ela, meneando a cabeça.

—O que poderiam dizer essas línguas viperinas que lhe fizessem mal? - ele perguntou sensatamente.

Porque as línguas viperinas foram as que tiraram a seu filho. A verdade esteve a ponto de escapar mas se conteve.

—Tem razão - disse a Vaughn, conseguindo esboçar um sorriso trêmulo. - Sou uma boba.

O penetrante olhar que dirigiu a ela e sua expressão especulativa lhe indicou que ele vira além de sua despreocupada afirmação, mas ela manteve o sorriso firmemente em seu rosto. Ele não insistiu, embora ficasse silencioso depois daquilo.

A música se acabou e Elisa soube que aquele seria seu único baile com Vaughn essa noite. Se atrever a outro só causaria falatórios, e Rufus nunca permitiria que ela se esquecesse disso.

—Obrigado, Elisa - disse Vaughn rigidamente, se inclinando sobre a mão feminina quando a acompanhou novamente a sua cadeira.

Deu a volta e instantaneamente o rodeou gente reclamando sua atenção, incluindo Natasha



e um bom punhado de senhoritas. Elisa afastou a vista, incapaz de olhar. Passou quase uma hora até que Rufus ficou de pé e se dirigiu a ela.

—Vamos tomar ar no terraço - disse, estendendo o braço. Era a primeira vez que a olhava e falava diretamente desde que ela ocupou a cadeira.

A única coisa que desejava era escapar daquela sufocante sala. Não olhou a ninguém aos olhos, se centrando somente nas portas duplas que a chamavam.

Aquela excursão fora significaria que Rufus desejava se retirar cedo? Possivelmente se sentasse a uma das mesas de cartas e desse licença a ela para que se retirasse. Rufus abriu a porta e fez gesto de que saísse ao terraço.

Ela fez uma profunda inspiração, desejando que o ar fresco baixasse o rubor de suas faces. Rufus a levou até a balaustrada de pedra. Uma risada familiar proveio de algum lugar próximo. O coração de Elisa deu um salto.

Aquela era a risada de Vaughn, a gargalhada rouca e íntima que ela só ouvia quando estava em seus braços. Olhou a escuridão, tentando ver entre as sombras.

No outro extremo do terraço, onde a glicínia⁶ pendurava em discretas ondas fragrantes, um casal se achava entregue a um abraço amoroso.

O pulso dela se acelerou. A altura daquele homem, a largura de seus ombros, eram inconfundíveis. Era Vaughn. A mulher rodeava seu pescoço com os braços e elevava seu rosto para o dele.

Natasha. Já a teriam beijado ou seria aquele o primeiro beijo que desejava? Vaughn rodeava o corpo com suas mãos, as fortes mãos de dedos compridos que haviam acariciado o corpo de Elisa na noite anterior.

Uma onda de calor a percorreu, causando enjoos e náuseas. Seu coração pulsou descompassado, e por um momento pareceu que sua vista ficava imprecisa. As emoções que a embargavam eram muito extremas para ser simplesmente ciúmes.

Se sentiu traída em seu foro mais íntimo, e não havia volta atrás absolutamente. Tentou tragar e acalmar suas náuseas e seu pulso alterado respirando lentamente.

—Olhe, querida, interrompemos a uns jovens amantes! - exclamou Rufus.

Natasha se afastou rapidamente de Vaughn e ficou cabisbaixa, envergonhada. Vaughn imediatamente saiu à luz, se afastando de Natasha e, conforme pareceu a Elisa, na frente dela. A proteção? Sua expressão era de desgosto.

Passou a mão pelo cabelo, que já estava alvoroçado. Natasha se defendeu.

—Lorde Wardell, necessitava um pouco de ar fresco e Vaughn teve a amabilidade de...

—Te ajudar? - Rufus acabou sua frase com um amplo sorriso. - Deveriam voltar a entrar antes que as más línguas entrem em movimento - disse Rufus a seu filho com ironia. - A não ser que isso é o que deseje.

Naquele momento Elisa se deu conta que Rufus desejara que ela visse Vaughn abraçando a outra mulher. Queria que ela soubesse que nunca seria ninguém para Vaughn, que ele algum dia

⁶ Gênero de plantas herbáceas, lenhosas e trepadeiras da família das leguminosas, subfamília papilionácea, nativas da Ásia e da Austrália.



se casaria com uma mulher mais jovem, mais adequada e... mais bonita.

—Meu pai tem razão - murmurou Vaughn, estendendo o braço a Natasha. A jovem, com considerável elegância, se apoiou em seu braço e permitiu que ele a acompanhasse, passando junto à Elisa e Rufus sem que mediasse outra palavra.

Elisa os viu voltar para o salão de baile, incapaz de esconder seus sentimentos, incapaz de pensar em nada que não fosse a traição de Vaughn.

—Os jovens são tão inconscientes - disse Rufus, apoiando uma mão nas suas costas. - Que tipicamente egoísta por parte de Vaughn não pensar nas consequências de beijar a uma jovem pura na casa de seu pai.

Elisa estava com um nó tão grande na garganta que não pôde dizer nada, exceto assentir com a cabeça. Veria Rufus tudo o que sentia em seu rosto? Com certeza que sim!

—Voltamos para a festa? - perguntou Rufus, puxando-a.

—É necessário? - a única coisa que desejava era fugir a seus aposentos. A mera menção de voltar para aquele ninho de abutres depois da perfídia de Vaughn era muito.

A mão de Rufus a apertou mais.

—Entrará ali e enfrentará a eles - rugiu em voz baixa. - Acredita que a trouxe até aqui para que desapareça quando as batatas ardem?

Elisa ficou boquiaberta.

—Rufus, não compreendo. O que...?

Ele a empurrou por trás, a mão em suas costas.

—Entra ali, estou dizendo. Se sentará nessa cadeira e aguentara cada um dos insultos e os desplantes que decidam te dar. Merece cada um deles, mulher.

Não quero que se mova dessa sala até que recorde a puta que é, vestida com a elegância de uma rameira.

—Rufus! - ela resistiu a sua mão, horrorizada. Aquele fora seu plano. Aquela era sua retribuição.

Ele a golpeou entre as omoplatas, com força. O soco ressoou como um disparo no terraço, mas ninguém o ouviria dentro devido às conversações e a música. Elisa perdeu instantaneamente a sensibilidade do peito, e ainda assim parecia sentir um fogo nele.

Boqueou, tentando respirar.

—Entra! - rugiu Rufus. - Entra ali e recorda que eu sou o único que te deu amparo... o único a quem importa que recupere a seu filho.

Ela entrou aos tropicões, enjoada de horror, o mundo inclinado e girando a seu redor. Nada era o que parecia.

Nem sequer Vaughn.

Assim que foi humanamente possível sair do baile cortesmente, Vaughn acompanhou Natasha a seus aposentos e lhe deu um casto beijo na têmpora como despedida.

Sabia que o teria convidado a passar se ele tivesse dado alguma oportunidade ou fôlego para que o fizesse, mas ele o evitara. A última coisa que desejava era que se atrasasse mais seu encontro com Elisa, com quem desejava falar.



Era mais de meia-noite e muitos dos convidados já haviam partido. Elisa e Rufus se foram a seus quartos fazia alguns instantes.

Amaldiçoou o cruel destino. O que teria impulsionado Natasha a tentar sua torpe sedução esta noite entre todas as noites? Possivelmente fosse compreensível se as pessoas consideravam que tanto Caroline como William aprovavam veladamente a relação.

Possivelmente até Caroline ensinara a jovem como caçar a um homem. Segundo o que diziam, Caroline conseguira ter uma réstia de cavalheiros a seus pés durante sua gloriosa temporada como debutante.

Entretanto, a funesta chegada de Elisa à cena não resultou nenhum mistério. Bastou jogar uma olhada ao prazer refletido no rosto de Rufus para se dar conta do motivo. Precisava explicar a ela ambas as coisas.

Não lhe passara despercebido a forma em que o rosto dela empalidecera e suas mãos começaram a tremer quando ele se separou dos braços de Natasha.

Depois que ela passou toda a noite recebendo insultos e humilhações, não queria que acreditasse que era ele quem maquinara o momento íntimo com Natasha no terraço. Chegou à porta de Elisa e deu uma olhada ao redor.

Ninguém à vista. Rapidamente, provou o trinco. Girou. Aliviado, abriu a porta e entrou. Uma vela cintilante iluminava levemente o corpo adormecido dela.

Se aproximou e seu alívio se esfumou ao vê-la. Seu cabelo loiro se esparramava sobre o travesseiro, livre e solto. Seus lábios estavam ligeiramente abertos e rosados, cheios e tentadores.

Suas escuras pestanas, umedecidas pelas lágrimas, desenhavam sua sombra sobre suas altas maçãs do rosto. Seu estômago se contraiu. Fora ele o causador daquele pranto?

Se perguntando com o que sonharia, estendeu a mão e passou o dorso de seus dedos pelo suave queixo, o polegar roçando o lábio inferior.

Ela suspirou e girou a cabeça, expondo seu pescoço de cisne ao olhar masculino, que desceu para os seios mal cobertos pela suave camisola de seda branca.

O brilho apagado da malha e a forma em que marcava seus seios fez que ele contivesse a respiração. Podia sentir a sensação do objeto sob sua mão e o suave seio por debaixo...

O sangue se amontoou em suas virilhas, enchendo seu membro até fazê-lo palpitar. Uma vez teve uma relação com uma mulher mais velha que ele, uma professora de francês que lhe ensinara o verdadeiro sentido de umas poucas palavras exóticas.

Fora uma época emocionante de sua vida, uma relação que teria desejado continuar, embora sabia que suas circunstâncias e o casamento dela faziam que resultasse impossível.

Entretanto, teve o pressentimento que Elisa poderia eclipsar totalmente o prazer que aquela mulher lhe proporcionara.

—Vaughn?

Falou tão baixo que ele acreditou no princípio que o havia imaginado. Logo levantou o olhar e se encontrou refletido em uns olhos azuis que a surpresa aumentava.

—O que faz aqui? - perguntou, subindo o lençol até o queixo.

Ele se sentou junto a ela e a cama se afundou sob seu peso.



—Queria te ver antes de ir dormir.

—Por quê?

—Não estive quase nada de tempo com você esta noite.

—Dançamos - disse ela, com o cenho franzido.

—Sim, mas isso não foi suficiente.

—Não pareceu que faltasse ocupação a você por outro lado - ela disse em um sussurro.

—Eu gosto de sua camisola - disse ele, baixando o lençol com uma mão enquanto seus dedos roçavam o decote se assegurando que tocava a pele além do tecido. Custou-lhe se limitar a aquela carícia nada mais.

—Vaughn... - ela ficara sem fôlego.

—Scchh - disse ele, levando um dedo aos lábios. - Queria que soubesse... o do terraço esta noite... foi Natasha quem o fez.

Ela negou com a cabeça.

—Natasha é uma menina. Não sabe nada do que os homens desejam. Como ia saber o que fazer?

—Todas as jovens sonham sendo beijadas. Isso é o que ela queria obter, me parece. Justamente o contrário de você, minha doce Elisa. Você sabe o que um homem necessita. - Sentia que o desejo fechava sua garganta e sua voz saiu rouca.

A surpresa aumentou os olhos femininos.

—Não deveria estar aqui. - Se sentou para se apoiar sobre a cabeceira e cruzar os braços. Ele se perguntou se se daria conta de que a postura enfatizava a redondeza de seus seios ainda mais.

—Não quero nem pensar o que aconteceria se o pegassem aqui. Marianne deverá ver como me encontro.

—A trouxeste com você? - ele perguntou, incapaz de dissimular sua irritação.

—Sim, assim deve ir em seguida.

Mas ele não podia partir assim, com o corpo palpitante de desejo, e menos ainda quando fazia dias que não estava sozinho com ela. Se inclinou e lhe deu um beijo no nascimento de cada branco seio.

Ela ficou petrificada e o pulso de seu pescoço se acelerou.

—Querida, doce Elisa, cheira tão bem... Deus, como desejo me afundar em suas profundidades.

Ela lançou um suspiro entrecortado, mas não o afastou.

Ele percorreu com seus lábios um caminho que ia do seio feminino até o pulso que pulsava loucamente em seu pescoço. Logo acariciou a pele com a língua.

Acariciou o seio com a mão, através da delicada seda, e sentiu que o mamilo dela ficava duro sob seus dedos. A respiração dela acelerou ainda mais e ele sentiu que se rendia, até antes que passasse os dedos pela juba.

—Que Deus me perdoe - sussurrou ela, puxando o rosto dele para que se aproximasse do dela.



Capítulo 12.

Elisa despertou ao ouvir uma exclamação horrorizada. Abriu os olhos e viu Marianne que se inclinava sobre ela, uma careta enrugando seu rosto.

—Senhora, o que têm feito?

Elisa sentiu que o coração lhe saía do peito ao olhar a seu lado. Lançou uma exclamação afogada ao ver Vaughn ali com os olhos fechados, as longuíssimas pestanas sombreando as esculpidas maçãs do rosto. Até no sono era irresistivelmente bonito.

Sua exclamação deve tê-lo despertado, porque os olhos masculinos se abriram lentamente.

—Bom dia - disse com voz dormitada e um sorriso, totalmente inconsciente que acabassem de o encontrar na cama com a prometida de seu pai.

Elisa foi presa do pânico. Ali iam rodar cabeças.

—Não é o que parece - disse, se afastando do quente corpo a seu lado.

Marianne meneou a cabeça e lhe alcançou a bata.

—Pelo amor de Deus, ponha isto antes que o senhor venha lhe buscar. Leva horas acordado, como à maioria dos convidados. É um milagre que ele não os tenha descoberto.

—Com um suspiro exasperado, a criada cruzou o quarto e fechou a porta atrás de si.

Deus, o que fizera?

—Tranquila, Elisa. Não fizemos nada.

Deu a volta para encontrar Vaughn sentado na cama, com o cabelo alvoroçado mas totalmente vestido. Ela também. Estava de camisola, mas ao menos não estava nua.

—Não? - estava com a memória imprecisa. O sono ainda nublava sua mente, e o estado de alarme com que despertou não a ajudava muito.

Fazia anos que não dormia tão bem como a noite anterior, e o profundo descanso parecia ter narcotizado sua mente um pouco também.

—Quando uma mulher chora em meus braços - disse Vaughn com um suave sorriso, - sei que isso significa que não quer fazer amor.

Ao ouvi-lo, ela recordou de repente.

Vaughn a estreitara em seus braços, seu forte coração pulsando contra o dela enquanto lhe sussurrava palavras tranquilizadoras ao ouvido.

Falou a ele da humilhação que ela sofrera aquela noite, da dor que teria sentido ao ver Natasha entre seus braços, de seu desgosto ao ser ignorada por Rufus.

Ele escutara com crescente surpresa, porque parecia que não perdera nem um só desprante nem insulto dos que ela recebera. Observara e recordara todos e cada um deles. Ele conteve sua raiva, para que não a notasse, mas ela a havia sentido igualmente.

Brotara nas palavras que ele usava, na forma em que seu corpo ficou mais tenso e rígido com cada pequeno incidente que adicionava à narrativa, na forma em que trágico e fez uma profunda inspiração ao acabar seu resumo.



Finalmente, Vaughn beijara sua têmpora e falou brandamente:

—Apagaria tudo se pudesse, Elisa. Eles não compreendem, mas queria que soubesse que eu sim.

Suas palavras possuíam uma doçura que ela esquecera; a alegria de se sentir desejada, respeitada. A dor daquela noite espantosa desapareceu, a fazendo se sentir estranha. Nunca sentira semelhante ternura em sua vida e isso a fez chorar.

Mas, por que ele não aceitara sua oferta? O que o fez renunciar a fazer amor com ela? Teria dado sua bênção por aquela enternecedora amostra de preocupação e empatia. Não a desejava mais? Seu coração se oprimiu ao recordar a dor do rechaço de Roger.

Ele ficou de pé e se aproximou por trás, a estreitando contra si e afundando seu rosto no pescoço.

—É tão formosa quando dorme - murmurou, roçando sua nuca com os lábios e os deslizando até o decote da camisola.

Era agradável lhe sentir: puro músculo, quente quando se apertava contra ela. Seus braços estreitaram sua cintura.

A puta que levava dentro despertou, e no profundo de seu ventre sentiu um quente palpitar de desejo que começou a se estender em uma lenta onda por seu corpo, chegando aos membros.

Seus seios, quando se apertaram contra os braços masculinos, ansiaram seu contato.

O viril aroma e o cheiro de cabelo limpo a envolveram e fizeram surgir imagens de seu abraço quando jogado, ele pegou seu seio em sua boca e ela sentiu o calor de sua dureza contra sua coxa.

—Fala em sonhos - ele sussurrou.

Ela ficou tensa imediatamente.

—Quem é Raymond? - ele perguntou, beijando sua orelha.

Ela se afastou violentamente, se cobrindo melhor com a bata. Todo o ardente desejo que sentia se congelou, fazendo doer sua cabeça.

Ele franziu o cenho, perplexo.

—Elisa?

Incapaz de articular palavra, ela meneou a cabeça.

—É seu filho, não é? - disse ele em voz baixa, o rosto perplexo, pensativo.

Como sabia que teve um filho?

—Quanto tempo faz que não o vê?

A dor foi muito intensa, como se uma ferida se abrisse de repente. Deu-lhe as costas, abraçando o peito.

—Não quero falar disso.

—Por que não o recupera?

Ela deu a volta então, sua dor se transformando em raiva incoerente, agressiva.

—Claro, é simples fazer isso! O recupero e pronto. - Estalou os dedos. - Assim. - Sacudiu a cabeça sentindo que sua fúria crescia.

Aquela era a primeira vez que falava em voz alta de Raymond e seus fúteis esforços por



encontrá-lo com alguém que não fosse Rufus. Agora a fissura estava aberta, e uma lava de dor surgiu daquele rasgão.

—Se fosse tão simples, por que passaram meses sem que pudesse encontrá-lo? Por que concordei em me casar com Rufus e passar noites solitárias sonhando com meu menino? - De repente, sua voz quebrou.

—Tem nove anos. Este ano completará dez. Na última vez que o vi, me abraçou e me pediu que não o deixasse. A família de Roger certamente já se ocupou que me despreze - se interrompeu porque as lágrimas a cegavam, e a impediam de falar.

Fez uma profunda inspiração. Sua fúria desaparecera com a mesma velocidade com que chegara. Deixou cair a cabeça, envergonhada de ter atacado Vaughn. - Acredita que se fosse tão fácil recuperá-lo, já não o teria feito?

—Sussurrou, cada palavra queimando sua garganta. - Uma mulher não tem poder em nosso mundo, Vaughn, sou inocente.

O único homem com o que me deitei em minha vida foi meu marido, e a última vez foi há cinco anos, quando estava tão bêbado que não se deu conta que era eu quem se colocou em sua cama e não uma das criadas.

Não sou culpada de nada e, entretanto, perdi tudo o que queria: meu filho, meu lar, até minha personalidade. Devia viver a vida da que me acusavam, e desfrutá-la! Depois de tudo, ninguém acredita em minha inocência - lançou um profundo suspiro.

—OH, Vaughn, levo tanto tempo vivendo um inferno que havia me esquecido do que é uma vida normal. Havia me contentado com isso, poderia ter ficado satisfeita. Mas você me fez ansiar mais.

Vaughn ficou em silêncio um longo momento, a olhando fixamente. Por sua expressão, ela se deu conta que o horrorizara. Então, ele também pensava mal dela. Saber disso foi como uma bofetada. Fechou os olhos para conter as lágrimas.

—OH, Elisa...

Ela tomou uma baforada de ar, lutando contra os soluços ao reconhecer a pena na profunda voz masculina. Ajustando a bata com os braços, levantou o queixo e abriu os olhos.

—Vá agora, Vaughn. Estou segura que Natasha e sua mãe o buscam.

Ele se aproximou dela, mas não fez gesto de tomá-la em seus braços. Em vez disso, abriu as mãos.

—Me perdoe. Não sabia. Não compreendia pelo que estava passando.

—Por favor, vá.

Mas ele não se foi. Em vez disso, se aproximou mais e deslizou a mão por sua cintura. O fez lentamente, como se esperasse que ela a empurrasse.

Ela sentia que não ficavam forças para resistir. Os braços masculinos a rodearam e ela se reclinou contra seu peito e seu ombro.

Ficou com os braços relaxados ao lado enquanto ele beijava uma face, logo a outra, antes de beijar seu nariz e logo as pálpebras. Fez uma pausa. Abriu os olhos e o viu olhando fixamente seus lábios, que se entreabriram.



Com os olhos entrecerrados, ele lançou um rouco gemido.

—Que Deus me perdoe, mas a desejo - resmungou, e aproximou sua boca a dela. A roçou brandamente, como asas de mariposa, e com as pontas dos dedos secou suas lágrimas.

E apesar de sua raiva recente, apesar de suas lágrimas, do profundo cansaço que penetrara até o tutano, ela sentiu que seu corpo despertava.

Nenhum homem jamais despertara um desejo tão profundo, que não parecia morrer totalmente, mas sim cobrava vida ante a mera sugestão de um contato, ou inclusive um pensamento.

—Já não me reconheço - sussurrou ela antes de beijá-lo.

O gemido de Elisa o aguilhoou, produzindo um profundo desejo. Enquanto orvalhava a boca feminina de beijos que se faziam cada vez mais profundos e exigentes, Vaughn a abraçou com força e sentiu o rápido batimento de seu coração contra o dele.

Ela só usava a delicada camisola e a bata, e ele sentia cada centímetro de seu suave e leve corpo contra sua pele. O loiro cabelo, levemente perfumado, fazia cócegas em seu peito.

Cálida e totalmente entregue em seus braços, pequena e feminina, o estava deixando louco de desejo.

Se inclinou sobre ela, deslizando uma mão pela curva do redondo traseiro e a apertou contra si. Seus quadris se uniram e sentiu a deliciosa pressão dela, fazendo força. As costas femininas se curvaram, aumentando a pressão do quadril.

Seus seios empurraram, como uma oferenda, e ele tomou um em sua mão, o acariciando através da seda cálida e suave. O mamilo feminino se endureceu imediatamente, se convertendo em uma escura turgidez. A resposta dela o excitou ainda mais.

Inclinou a cabeça para lambe o mamilo através da seda. O tecido se umedeceu, se moldando ao redor do escuro mamilo e mostrando a auréola.

Quando a malha esteve totalmente molhada, ele o soprou brandamente, e lhe recompensou uma afogada exclamação de prazer dela e ver que o mamilo se apertava ainda mais.

Acariciava seu cabelo com a mão, e sua mão se apertou em um punho. Puxou a cabeça dele para o outro seio, e sua desinibida exigência o enfeitiçou.

Obedeceu, lambendo e chupando seu seio através da seda e logo se afastou um pouco para observar sua reação. Ela estava com os olhos fechados e uma pequena ruga a marcava na testa. Olhou a camisola.

A seda estava totalmente transparente, bordejando os mamilos de uma forma enlouquecedoramente erótica. Segurou o seio dela outra vez, roçando o cálido bico com a ponta do dedo, e os quadris femininos empurraram contra os seus novamente.

O membro palpitou, o sangue em suas veias ardente e espesso. As mãos dela deslizaram por seu pescoço e seu peito, inquietas. Ele conteve a respiração, esperando, porque aquela era a primeira vez que Elisa se atrevia a explorar por sua conta.

O contato dos dedos femininos em seu abdômen, entrando pela abertura de sua camisa, fez que seus músculos se contraíssem, trêmulos, e dirigissem um aguilhão de profundo prazer diretamente a seu membro.



A mão baixou agora para suas calças, o fazendo gemer quando se esmagou contra sua pélvis e deslizou até a longitude de seu vibrante membro. Sua ereção se fazia maior e grossa com cada carícia.

Deus, ia explodir se seguia assim! Enquanto a mão dela o acariciava, o beijo feminino se aprofundou e com a outra mão ela o puxou para se aproximar.

Aquilo foi muito para ele. Seus dedos encontraram o decote da camisola e agarrando o tecido em seu punho, afastou seus lábios dos dela.

—Me diga que me detenha porque eu sozinho não posso fazê-lo, Elisa - disse com voz grossa, quase irreconhecível.

—Jamais - disse ela roucamente.

Ele fechou os olhos com força, e a ânsia de sua voz o fez perder o pouco controle que restava. Arrancou o tecido de um puxão e a afastou. O corpo nu, esbelto, mas com curvas de mulher, era perfeito. A cobriu com beijos, carícias.

Provou seu sabor, suas mãos e boca se movendo por cima do rosto dela, seu pescoço, seus ombros, seus seios, onde pudesse alcançar, enquanto ela permanecia trêmula em seus braços.

Seus pequenos gemidos e os espasmos de prazer de seus músculos o enlouqueceram. Com um grunhido, a levantou em seus braços e a depositou no leito que acabavam de deixar.

A olhou enquanto ele tirava a camisa e se inclinava sobre ela, um braço a cada lado do rosto feminino. As mãos dela subiram por seus braços, apertando seus bíceps antes de seguir por seus ombros.

Ele se moveu contra ela, sua ereção dura como uma rocha apertada contra seu monte, a pressão um sutil estímulo para seus clitóris.

A única coisa que os separava era o tecido das calças masculinas, mas ambos sabiam que logo até aquilo deixaria de ser um obstáculo.

—Por favor - ela sussurrou, ofegante, fazendo força contra ele. Elevou os olhos aos masculinos, os seus abertos e luminosos de desejo. Seus lábios entreabertos deixavam entrar o ar a seu peito estremecido.

Ele a beijou profunda e longamente, penetrando com sua língua a doce boca feminina. Beijou seus lábios, os saboreando. Logo percorreu a longa coluna de seu pescoço até o pequeno espaço de sua base.

Os seios femininos roçavam seu peito com pecaminosa fricção produzindo descargas de prazer que o percorriam em grandes ondas. A necessidade de arrancar as calças e penetrá-la era insuportável.

Se torturou de propósito, desfrutando na antecipação de sentir esse primeiro tranco, a feroz satisfação de fincar seu membro nela e vê-la se retorcer de prazer e fechar os olhos de gozo.

Brincou com seus seios, os abrangendo com seus longos dedos que deslizou lentamente pela branca pele até uni-los no ereto mamilo e beliscou a rosada pele. Queria levá-la até o mesmo nível de desejo insuportável que ele sentia.

Enquanto ela se retorcia e gemia, ele meteu primeiro um rígido mamilo na boca e logo o outro. Sentiu que o liso estômago feminino se contraía e soube que ela estava alcançando o



mesmo frenesi que ele.

Logo... logo...

O suor porejava a testa masculina e sentia que seu sangue pulsava nas orelhas. Em qualquer momento estalaria em chamas, tão ardente era seu desejo.

Mas primeiro...

Acariciou o estômago dela, sentindo seu revelador estremecimento. Logo baixou até as suaves coxas as sentindo tremer e se mover inquietas. Se abriram tentadoras.

Ele roçou as dobras que rodeavam seu cone, a acariciando acima e abaixo, e se surpreendeu de quão quente estava. Como seria deslizar dentro de seu centro ardente? Se deu conta de que ele também tremia e contínuas ondas de prazer o percorriam.

Deslizou os dedos dentro dela. E ela deu um salto com um gemido, e um espasmo aprisionou seus dedos. A força daquele espasmo o pegou despreparado. Levantou o polegar para apoiá-lo na pequena protuberância feminina e a acariciar brandamente.

Ela lançou um grito entrecortado e sua mão se afundou no cabelo masculino, apertando. Enquanto ele chupava e beliscava brandamente seus mamilos com os dentes, continuou o rítmico acariciar e sentiu como ela começava a vibrar sob sua mão.

A profunda onda de liberação estava a ponto de lhe chegar, e continuou a estimulando mais e mais.

—Sim - ela sussurrou, a voz rouca, a respiração ofegante. Seu clímax a fez se apertar contra ele, e ele a segurou enquanto ela palpitava contra seus dedos e seu corpo estremecia.

A única coisa que ele podia pensar naquele momento era na necessidade de estar dentro dela, de senti-la apertá-lo. Mas se conteve, sabendo que a espera faria que esse momento fosse delicioso.

Ela desmoronou contra ele como se seus ossos fossem de manteiga e nem sequer levantou a cabeça da colcha quando ele retirou seus dedos.

—Ainda não acabei com você, minha doce Elisa - ele disse, sua voz tensa, rouca de desejo reprimido.

Percorreu-lhe a pele do estômago com os lábios, lhe lambendo o umbigo e logo seguiu baixando, fazendo um caminho preciso até sua sensibilidade. Sentia como ela se ia despertando à vida novamente sob sua boca.

—Vaughn - ela disse com urgência, e ele não soube se o que queria era que se detivesse ou seguisse com seu assalto.

Baixou a cabeça e provou a pérola de sua paixão, acariciando-lhe com a língua. Ela se sacudiu e afogou uma exclamação com a garganta seca.

Fez gesto de o afastar e segurou suas mãos e entrelaçou seus dedos com os dela enquanto continuava o delicioso beijo, colocando a língua nas úmidas dobras para logo deslizar para fora e acariciar com a ponta seu centro de prazer.

Ela levantou os quadris instintivamente, se oferecendo a Vaughn, sentiu que o sangue se amontoava na cabeça enquanto a beijava, seu corpo tão excitado como o dela. Com um pouquinho mais de estimulação ele chegaria ao clímax também.



Tremia com a necessidade de gozar. Nunca havia se contido daquela forma. Nunca suspeitara quão forte podia resultar dar prazer a uma mulher de forma totalmente generosa.

Se sentia embriagado e não tinha intenção de se deter até não poder suportar mais e Elisa o rogasse.

Logo o ouviu. O trinco da porta de comunicação com o quarto de Rufus se moveu com impaciência. Quanto tempo levava tentando entrar? Quanto ouvira?

Vaughn ficou de pé abruptamente, levantando Elisa também. O rosto feminino estava ruborizado, o olhar transtornado, mas quando ele apontou a porta, ela assentiu com a cabeça. Ele pegou a bata da cadeira ao pé da cama e a atirou.

Enquanto ela a punha apressadamente, ele segurou sua camisa e seus sapatos e se dirigiu ao armário roupeiro do canto.

—Elisa! - a chamada estava cheia de fúria.

Ela correu para a porta e sacudiu as dobras da bata, rodeando seu corpo nu. Vaughn abriu o armário e deu uma olhada por cima do ombro. Ela estava com a mão sobre a chave da porta, o olhando com olhos de susto.

Ele assentiu com a cabeça, se meteu no armário e fechou a porta. Ao ficar às escuras, o sentido do ouvido se aguçou.

—Sinto muito, Rufus, estava dormindo.

—Pelo amor de Deus, mulher, vai passar o dia inteiro na cama?

—Ontem à noite não dormi bem - disse ela com voz rouca e afogada.

—Viu a esse meu filho? - a voz de Rufus se aproximou. - Não está em seus aposentos e parece que não passou a noite neles.

—Não me movi deste quarto desde que me acompanhou aqui ontem à noite - disse Elisa. Era verdade. - Possivelmente partiu ontem à noite - acrescentou. - Não pareceu gostar que o interrompessem no terraço.

—Seus pertences estão em seu quarto.

—Possivelmente passou a noite com alguém?

Vaughn sorriu na escuridão. Elisa possuía senso de humor. Se fez uma pausa e fez um esforço para escutar o que acontecia, mas não ouviu nada.

—Por que te ocorre algo tão inadequado? - perguntou Rufus em voz baixa.

Vaughn esfregou a nuca. O que queria aquele bode? A forma premeditada em que havia feito a pergunta fez que os pelos de Vaughn se pusessem como ganchos.

—Não... Não sei a que se refere - disse Elisa, com voz subitamente desalentada. Ela também vira a ameaça.

—Não basta que a envergonhe e humilhe uma noite? Necessita que a corrija na manhã seguinte também?

—Rufus, foi uma mera sugestão. Vaughn é um jovem, depois de tudo.

—Isso não tivesse ocorrido dizer uma verdadeira dama - respondeu Rufus.

Vaughn fechou os olhos. Era muito tarde. Dissesse o que dissesse, estava condenada aos olhos de Rufus.



—Sinto muito, Rufus, de verdade. Tento me comportar corretamente.

Sua voz contrita, seu tom sincero teriam que ter feito trinca nele. Era uma valente tentativa de lhe induzir um estado de ânimo mais jovial. Mas se tratava de Rufus, não de qualquer um. Aquelas artes femininas não funcionariam com ele.

Vaughn apertou as têmporas entre o indicador e o polegar de uma mão enquanto estendia a outra à porta do armário. A bofetada ressoou forte e terrível, mesmo dentro do roupeiro. O grito assombrado de Elisa foi uma punhalada no meio de seu coração.

Se preparou para irromper no quarto e se deteve, sua mente feito um torvelinho. Não podia aparecer ali, nem sequer para proteger Elisa desse momento de dor. Se Rufus chegasse a lhe ver, Elisa sofreria muito mais que uma bofetada.

A imagem de Rufus se aproximando com seu passo pesado do cavalo e seu disparo a sangue frio sem nenhuma hesitação lhe veio à mente. O medo encheu sua testa de suor. Tinha que procurar o momento, precisava esperar.

Precisava ativar coisas antes, medidas de segurança, planejar cuidadosamente por qualquer eventualidade. E Kirkaldy, o lugar que ele considerara seu santuário, seria de Elisa.

Naquele momento se acabaram todas as suas reclamações sobre a propriedade escocesa de sua mãe. Elisa necessitava Kirkaldy. Na escuridão inclinou a cabeça e amaldiçoou em silêncio estar com as mãos atadas enquanto Elisa soluçava afogadamente.

Elisa não ouviu Rufus partir nem que a porta se fechasse atrás dele. Não ouviu nada até que sentiu as mãos de Vaughn sobre seus braços, a levantando de onde havia caído.

—Shhh, aqui estou - sussurrou ele, e seus quentes braços a estreitaram.

Ela afogou seus soluços contra seu peito.

—Sinto muito, Elisa, me perdoe. Mas se tivesse saído para me enfrentar com ele, teria matado aos dois de um disparo. Sempre leva uma arma - brandamente afastou o cabelo de seu rosto com uma mão trêmula.

—Não tem do que se desculpar - disse. - Eu também prefiro que conserve sua vida. Foi só um golpe, já passará. Rufus está sob grande pressão neste momento.

Os braços masculinos a estreitaram mais forte.

—Então, se afaste desse monstro.

—Minha vida é um desastre - disse ela com um suspiro. Titubeou, mas logo seguiu, já não necessitava cautela com Vaughn. - Paga a uns agentes para que procurem a meu filho. Eu não tenho dinheiro para fazê-lo e ele é o único que o fará.

Vaughn ficou rígido como uma pedra.

—Não acredito que faça algo assim. Não é uma pessoa que ajude a ninguém.

—Mas é verdade - declarou ela, rapidamente, desafiante, - me deu informações de suas atividades.

—E no que, cinco, seis meses, não puderam encontrar nem rastro de um menino?

Ela ficou rígida.

—A família do pai de Raymond é muito ardilosa. O trocaram de lugar cada vez que estiveram a ponto de o encontrar.



Vaughn levantou seu queixo e a olhou aos olhos, como procurando algo. Assentiu com a cabeça.

—Já vejo - disse em voz baixa. Mudou de postura, a movendo em seus braços. - Tem que voltar com ele, me prometa que se reunirá comigo no lago ao meio - dia. Eu irei direto daqui para não levantar suspeitas.

Diga a Rufus que irá montar e que voltará logo. Diga que tem que comprar um chapéu ou alguma coisa assim.

Ela hesitou em aceitar.

—Vaughn, temos que ser realistas. Eu vou me casar e você...

—Não, Elisa! - a sacudiu levemente. - Me prometa isso. Irá ao lago.

Ela meneou levemente a cabeça.

—Se Rufus se inteirasse...

—Então, tem que tomar cuidado. Mas me prometa que se reunirá comigo ali. Por favor, Elisa.

Capítulo 13.

—Senhora, no que esteve pensando? - exigiu Marianne. Estava com os braços cruzados, olhando para Elisa com uma expressão que teria assustado a mais de um.

Fazia um dia, Elisa teria se assustado, mas não hoje. Se olhou no espelho e tocou brandamente o machucado de sua maçã do rosto, perto do olho.

—Estou pensando em quão maravilhoso é se sentir desejada - disse a Marianne.

—Deseja só uma coisa de você.

As palavras causaram um estremecimento produzido por uma ligeira dúvida. Essa era obviamente a intenção de Marianne, porque observou Elisa com uma sobrancelha arqueada.

—Sabe que tenho razão, não sabe? - insistiu Marianne.

Elisa segurou a escova e começou a passar pelo cabelo.

—Está equivocada - disse com toda firmeza que pôde, mas no fundo de seu coração se perguntou se Vaughn teria sentido alguma vez o amor ou alguma emoção aparentada com ele.

Mas... a expressão de seus olhos quando fazia amor... isso não podia se duvidar. Um homem podia dizer o que quisesse, mas suas ações físicas, especialmente quando estava na cama, eram pura verdade. Não era nada mais que sexo, estava segura disso.

Mas Marianne claramente não estava tão segura. Desde a volta para Fairleigh Hall a noite passada, estivera seguindo Elisa como se voltasse a ser sua babá.

Elisa sabia que Marianne estava genuinamente preocupada com ela e tentava protegê-la, mas apesar disso a incomodava que se intrometesse na pouca felicidade que encontrara desde a morte de Roger.

Porque Marianne estava com boas intenções, Elisa tentou explicar a verdade a ela segundo



lhe via. Olhou para Marianne através do espelho.

—Sei que o desejo com a mesma força, e não posso estar separada dele.

A resposta direta silenciou Marianne, que lançou um suspiro exagerado. Se dirigiu ao roupeiro e abriu as portas de par em par.

—Necessito um traje de montar.

—Irá montar... novamente?

—Sim.

—Não irá se reunir com ele, não é?

Elisa permaneceu em silêncio. Girou no tamborete e observou Marianne, esperando sua reação.

Além de menear a cabeça, Marianne não fez mais comentários.

Elisa se voltou para o espelho, planejando sua fuga.

Tal como dissera, Vaughn não fora para casa na noite anterior. Se reuniria com ela no lago às doze.

E hoje ela faria amor com ele.

O mal trato a que Rufus a submetera e a forma em que a tratara no baile havia tranquilizado sua consciência com respeito a ele e tomado a decisão por ela. Se permitiria o prazer muito particular de fazer amor com Vaughn.

Desfrutaria com ele. E se negaria a se sentir culpada por se dar o único capricho em toda sua vida que a faria feliz. Seria um segredo que levaria a tumba. A excitação a embargou ao saber que logo estaria nos braços de Vaughn.

Uma hora mais tarde, Elisa baixava as escadas de pedra e deu a volta ao poste do corrimão para atravessar as portas de vidro e se dirigir às cavalariças ao fundo do jardim. Levava um traje de montar formal, cor azul marinho.

Era de corte severo, com decote fechado. Uma fileira de pequenos botões de pérolas que desciam pela frente era seu único adorno. A saia possuía cauda, como era o usual, mas não levava adorno algum. Amarrou o cabelo em um simples coque.

Se tirasse uma só forquilha soltaria tudo, e era um estilo que ela podia fazer sozinha, sem a ajuda do espelho e da escova.

O traje não era seu favorito, mas possuía duas virtudes: dissimulava que ela estivesse completamente nua por baixo. Não levava nem meias, nem nenhum tipo de roupa de baixo.

A outra vantagem era que uma vez que se desabotoava a fileira de botões, se tirava o corpete e a saia se abria com um só botão nas costas.

A quantidade de botões não era problema, estava segura de que Vaughn adoraria a lenta revelação de sua nudez à medida que desabotoava um por vez. "OH, arde, arde Elisa", sussurrou a voz de sua consciência. Sorriu, e seu coração começou a acelerar.

Se aproximou do estúdio de Rufus, a última porta que saía do vestíbulo e ao ver que estava aberta, seu coração deu um tombo. Esperava que não a visse sair. Era pedir muito.

—Elisa - disse, a voz severa.

Ela tragou o nó na garganta e retrocedeu, se detendo ante a porta.



—Sim?

Ele se reclinava na grande cadeira, e a olhou de cima abaixo.

—Aonde vai?

—Dar uma volta a cavalo.

—Sozinha?

Reticamente, ela assentiu com a cabeça.

—Por que não fica em casa hoje?

—Faz muito bom tempo e queria aproveitá-lo. - Apertando os punhos embainhados em luvas, recordou algo que Vaughn havia dito que dissesse e se forçou a esboçar um sorriso.

—Pensei que podia passar pelo povoado e encomendar outro chapéu. Prometo que não demorarei muito.

Ele franziu o cenho.

—Pensei que a festa a tivesse cansado.

—Dormi muito bem ontem à noite, e agora me sinto um pouco inquieta.

—Possivelmente deveria te acompanhar. Suas palavras a sobressaltaram.

—A cavalo? - perguntou.

—Acredita que não sou um bom cavaleiro? - Respondeu ele com desconfiança. - Era um excelente caçador antes que a maldita gota me pegasse.

Era difícil imaginar Rufus fisicamente ativo. Resistiu a tentação de se negar a sua sugestão porque somente causaria mais suspeitas nele. Em vez disso, mentiu.

—Não é a hora de sua sesta? - uma ideia lhe ocorreu. - Há uma segunda garrafa de porto que Vaughn trouxe na sala de jantar. Digo a Joshua que a traga?

Rufus se endireitou na poltrona, claramente tentando conter seu entusiasmo.

—Bom, possivelmente uma taça - disse.

—Direi ao Joshua - disse ela.

—E compra um charuto! - Rufus gritou quando partia.

Com profundo alívio, ela se dirigiu à cozinha para avisar a Joshua antes de correr às cavalariças.

Vaughn olhou a superfície do lago. Fazia calor, não ventava e a água era um espelho. Calma. Mas sua alma não. Tentara se sentar para esperar, mas seus nervos não o permitiram. Se perguntou o que daria Elisa.

Ao partir de Munroe Manor pela manhã cedo, se dirigiu a toda velocidade aos York para fazer algumas coisas e logo correu ao lago, esperando que Elisa já se encontrasse ali, preocupada pensando que ele não iria.

O relinchar de um cavalo fez que seu inquieto caminhar se detivesse. Deu a volta para o pequeno bosque de onde procedia o som.

Um momento mais tarde Elisa apareceu, com as faces rosadas e os olhos brilhantes ao lhe saudar com um cálido e amplo sorriso que fez acelerar seu coração.

—Você conseguiu.

—Acreditava que não? - disse ela com um sorriso brincalhão.



—Pensei que possivelmente não o faria. - Voltou a olhar para ela, o pulso acelerado. Havia algo diferente hoje. Não era algo físico, mas a afetava por inteiro.

A forma de falar, seu rosto, estava mais vivo e aberto do que ele jamais o tivesse visto, e se não tivesse sabido que ela era incapaz de zombar de alguém, teria pensado que sua expressão era de brincadeira.

—O certo é que foi mais difícil do que pensava. Eu disse que ia ao povoado para escolher um chapéu. Se propôs me acompanhar - o olhou com claros olhos e um doce sorriso no rosto.

Era formosa, uma mulher confiada. Mas logo viu o machucado junto a seu olho e recordou a verdade: também era jovem e vulnerável. Fizeram mal a ela. Estendeu a mão e tocou brandamente o desagradável golpe.

—Não - disse ela, e seu sorriso desapareceu. Tentou afastar a mão dele, mas sua pequena mão não possuía a força da dele, que lhe abrangeu o queixo.

—Por que não?

—Este não é o momento de falar dele. Não quero que nos arruíne o dia. - Fechou os olhos e se apoiou contra ele com um suspiro. Seus lábios roçaram o pulso masculino e ele sentiu uma onda ardente que o percorria ao sentir o breve contato.

A puxou, percorrendo com seus dedos as esbeltas costas. O coração feminino pulsou com força contra o dele, compassando a seu ritmo.

—Nunca desejei a ninguém como a você - sussurrou ela contra seus lábios um momento antes de o beijar.

Naquele momento ele se perguntou quem seria o sedutor, ela jogou os braços ao redor do seu pescoço e se apertou mais forte contra ele, como se tentasse que se convertessem em um.

Seu atrevimento o recordou as dúzias de bem treinadas criadas, que jogavam bem o jogo da sedução, mas esperavam uma oferta de casamento antes de se entregar a ele. Esta não era esse tipo de mulher.

De repente, o afastou, estendendo os braços, o fôlego entrecortado ao lhe olhar. Havia tal fogo em seus olhos que roubou seu fôlego. As mãos femininas puxaram sua jaqueta.

Ele permitiu que a tirasse, sem se mover, embora seu coração galopasse sob a pressão de uma excitação que nunca experimentara antes. Elisa o estava seduzindo.

Uma mulher demonstrava seu desejo claramente e suas intenções de forma direta e ativa, e isso foi como o ópio, que pode se apoderar da mente de um homem e dominá-la totalmente, excluindo todo o resto.

Seus pequenos dedos desabotoavam os botões da camisa, puxavam as pontas para tira-las das calças. Ele se moveu para alcançar seus ombros, mas ela afastou as mãos.

—Ainda não -murmurou.

Um pequeno sorriso se desenhcou nos lábios masculinos.

—O que faz...?

—Shhh - sussurrou ela. Deslizou a camisa por seus ombros. Ficou enganchada nos braços na metade do caminho, mas ela não pareceu ter pressa por tirar-lhe completamente.

Em vez disso, se aproximou mais a ele, tão perto que ele sentiu o calor de seu fôlego contra



seu peito, descendo para seu ventre. Era uma sensação assombrosamente excitante.

Combinava com a leve brisa que roçava a água a seu lado, para passar frescos dedos por seu peito e ombros nus. Um profundo estremecimento o percorreu, um estremecimento de prazer e desejo que não sentira durante... anos.

Os lábios dela roçaram seu peito. Quentes, suaves e úmidos, molharam cada um de seus bicos, levando sua pele a pináculos de sensibilidade. A língua feminina apareceu, os lambeu e ele fez uma profunda inspiração.

—Elisa...

—Não diga nenhuma palavra - murmurou ela, sem sequer o olhar. Suas diminutas mãos se esmagaram contra o estômago dele, e os músculos masculinos reagiram ficando tensos.

Os quentes dedos se deslizaram por sua pele e se meteram por debaixo da cintura de suas calças. Ele lançou um rouco gemido que surgiu involuntariamente quando seu estômago se contraiu. O olhou então, com um sorriso que falava de prazer feminino.

Estava claro que desfrutava do domínio que possuía sobre ele.

—Se olhe - murmurou. - É como uma obra de arte... a perfeição - seus dedos, dentro de suas calças, estavam a ponto de tocar seu palpitante membro... a uns centímetros. Conteve o impulso de lhe pedir que o fizesse.

Deixaria que Elisa atuasse no papel que escolhera hoje. Que revelasse o objetivo que levava em mente. A deliciosa tensão de não saber o que viria se somava ao nível de pressão que ele ia acumulando.

Ela puxava o fechamento das calças, os pequenos dedos tentando desabotoar os botões e cordões.

—Pretende me despir? - perguntou ele, e se surpreendeu ao se ouvir. Sua voz parecia a de um homem preso a uma tensão insuportável.

—Possivelmente - respondeu ela, sua voz remota. Logo uma pequena ruga franziu seu cenho. - Oxalá pudesse desabotoar estes fechamentos tão complicados.

—As pessoas pensariam que nunca fez este serviço a um homem - disse ele, com uma risadinha afogada ante o prosaico problema.

Surpreendentemente, ela se ruborizou.

—Não o fiz - reconheceu, os olhos baixos.

—Mas, seu marido?

—Sempre vinha para mim... despido - disse ela.

Ele levou um segundo para digerir aquela informação.

—Então, nunca senti o prazer de uma sedução, não é assim? Nunca fez... - Meneou a cabeça tentando superar a surpresa. - Você nunca fez amor a um homem, não foi?

—Não - disse ela, com uma voz imaterial, tão suave foi sua resposta. Deixara cair suas mãos aos lados e estavam muito quietas.

—Uma opaca cama matrimonial com deveres conjugais - concluiu ele.

—Houve prazer ali - disse ela rapidamente. Muito rápido.

—Mas não o tipo de prazer que eu te darei - ele assegurou, e adorou ver que o rubor voltava



a florescer em suas faces.

—Elisa, ontem foi a primeira vez que chegou ao clímax, não?

Seu rubor se intensificou.

—Se refere ao... momento em que...

—Em que chegou ao clímax - disse ele com firmeza. - Então foi sua primeira vez.

—Nunca havia sentido isso antes.

—Certamente que o sentirá outra vez - ele prometeu. - Te darei inclusive mais prazer que ontem - novamente, o recompensou com um breve sorriso.

Quis estreitá-la em seus braços, mas se esquecera de que a camisa, ainda pelos ombros, o impedia de movê-los.

Elisa retrocedeu um passo, ampliando seu sorriso.

—Está apanhado - comentou.

—Eu não diria isso - tomando fôlego, ele fez força e as costuras cederam, fazendo que o tecido cedesse. Levou um momento para se liberar e atirou o objeto agora inútil a um lado. Elisa retrocedeu um passo mais quando ele se aproximou.

—Nada do que faça impedirá que a alcance - prometeu ele.

—Somente se eu o permito - respondeu ela.

—Já veremos - prometeu ele com um amplo sorriso, e se lançou para ela.

Elisa se fez a um lado e a cauda de seu traje varreu a doce camomila que crescia nas margens do charco, o deixando com as mãos vazias.

Ele observou um momento onde ela se achava junto à rocha plana em que ele se deitava ao sol, tecendo seus sonhos. Se ela retrocedia um pouco mais, estaria encurralada, se deu conta. Deu outro passo e ela voltou a retroceder.

Rapidamente ele se adiantou para apanhá-la entre a rocha e as árvores atrás dela. Estreitou sua cintura entre seus braços, a aproximando. Ela reagiu rapidamente, mas não o bastante.

Seus pequenos punhos golpearam seus ombros quando ela tentava lhe empurrar. Seus movimentos puseram mais pressão ainda em suas virilhas, já suspensa, e a fricção produziu um desejo pulsante.

Ele a segurou com força com um braço e com o outro procurou seu queixo. Os movimentos dela não cessaram, nem sequer quando a beijou. Havia pouca paixão naquele beijo, porque sua intenção era controlá-la e submetê-la.

Entretanto, ao experimentar o sabor dos lábios femininos, ele sentiu crescer seu desejo e todos seus pensamentos coerentes começava a se desvanecer.

Sua necessidade de se saciar foi aumentando, e fechando sua mente a todas as demais preocupações. Até a resistência das mãos dela e o esforço que fazia com seu corpo contra o dele produziam excitação. Deus santo, aquela mulher o estava enlouquecendo!

Tão rápido estava alcançando esse ponto... qual era a magia que ela possuía?

Elisa conseguiu colocar sua mão contra o ombro dele, e deu um empurrão forte, o bastante para que ele tivesse que soltar seu queixo e que a força com que segurava seu corpo se afrouxasse.



Rapidamente, se liberou do abraço masculino e retrocedeu vários passos, os seios se agitando com sua respiração entrecortada. O olhou com desconfiança.

—Se atreve... -murmurou, mas havia um tom de desafio em sua voz.

Ela deu outro passo, mas ele não tinha intenção de permitir que ela continuasse com o jogo. Seu corpo não suportaria aquela tortura. Rapidamente, voltou a segurá-la entre seus braços, a estreitando com força.

As mãos femininas voltaram a lhe golpear nos ombros, o qual fez que fosse mais difícil lutar com as abotoaduras de sua roupa.

Com uma maldição, ele flexionou o joelho e a depositou na doce camomila, logo segurou os pulsos dela com a mão esquerda, deixando a direita, seus lábios e seu corpo, livres para lhe dar todo o prazer que ela desejasse.

Para sossegar sua agitação, cruzou sua coxa por cima dos quadris femininos, o qual acrescentou uma deliciosa pressão a suas virilhas. Ela empurrou com seus quadris contra a coxa dele.

Vaughn começou a desabotoar a longa fileira de botões do traje, mas o desejo fazia que suas mãos fossem torpes.

Se forçou a ter paciência e a desenganchar os diminutos botões, sabendo que com cada um que soltasse se veria mais perto do tesouro que se encontrava debaixo. Quando por fim acabou, abriu o objeto e ficou petrificado, a olhando, sem fôlego.

Estava nua debaixo do traje. Seus perfeitos seios com seus mamilos rígidos de desejo se viram expostos ao olhar masculino, a suas mãos. Ela ficou quieta, observando sua expressão.

—E a saia? - ele perguntou com voz rouca.

—A saia somente. Um botão é a única coisa que bloqueia seu caminho. Nada mais - a voz dela estava igualmente rouca.

O gemido que ele emitiu surgiu do mais profundo de sua alma. Baixou a cabeça e colheu com a boca seu mamilo, chupando-o e lambendo-o. Ela se sacudiu contra ele, lançando um grito afogado e jogando a cabeça atrás.

Ele se aproveitou do movimento feminino para deslizar sua mão atrás das costas dela e soltar o único botão. A saia se afrouxou e com puxões impacientes ele a tirou e a jogou a um lado. Tirou o corpete do traje, a deixando completamente nua.

Era a viva imagem da feminilidade. Possuía uma cintura estreita, e uns quadris que se alargavam para acabar em pernas longas e torneadas. Olhou o arbusto de cabelo loiro onde se uniam suas coxas. Seu membro palpitou.

Se movendo rápido agora, ele deixou de olhar aquela figura pálida e perfeita para beijá-la profundamente. Puxou suas calças.

—Elisa, não posso aguentar nem um minuto mais. Tenho que te ter. Agora.

—Sim - ela sussurrou, e o monossílabo aguilhoou ainda mais as viris emoções. Por fim conseguiu tirar as calças e seu membro surgiu, cheio e orgulhoso.

Com o sangue pulsando nas têmporas, se deslizou entre as coxas femininas e tentou entrar, quase torpe em sua pressa. As doces pernas se abriram e sua carne o envolveu. Com um gemido



ofegante, a penetrou de um tranco.

O canal era estreito e apertou seu membro com sua brusca carícia. Elisa jogou a cabeça atrás e todo seu corpo se elevou, os quadris meneando, enquanto emitia um gemido de prazer. O som o estimulou mais. Estava a ponto, se deu conta com assombro.

Outro profundo tranco e gozou, explodindo em um gozo que começou nos dedos de seus pés e estirou cada um de seus tendões. Jogou a cabeça atrás enquanto o percorriam grandes ondas e ondas de prazer sensual.

Seu corpo inteiro estremeceu uma e outra vez. Quando conseguiu respirar novamente, lançou um trêmulo suspiro e se ergueu, se apoiando sobre um cotovelo.

Elisa seguia olhando para ele, e ele viu os sinais da excitação no rubor da pele feminina, sua boca entreaberta, o pulso disparado pulsando no pescoço, junto à delicada curva de sua orelha.

Beijou aquele pulso, sentindo seu calor e percebendo seu aroma com uma inspiração agradada.

—Parecia... ter pressa -murmurou ela.

—Tinha - ele assegurou. - Você me levou a ela, Elisa. Você, com sua perfeição e sua sensualidade. É única. Mas não se preocupe, em seguida me ocuparei de você.

—Se ocupar? Se refere a algo como ontem?

—Pensava acabar aqui e me deixar cheio de desejo? - sorriu ele.

—Mas isso é meu prazer, não algo que você desejaria - passou a língua pelos lábios, confusa. A ponta de sua língua passando por seus lábios avermelhados era um prazer a mais em si mesmo.

Adorou seu acanhamento. Por mais que tivesse estado casada, ignorava completamente os prazeres do amor. Que tesouro!

—Mas... terá se consumido - ela conseguiu dizer.

Ele meneou os quadris ligeiramente, porque seguia dentro dela, fazendo com que ela o sentisse. Já começava a se encher novamente, se movendo, vibrando de renovado vigor graças ao calor e o contato com o corpo feminino.

—Consumir minhas forças e a deixar com desejo? Somente um canalha faria algo assim - ele assegurou. Segurou seu corpo e deu a volta para ficar de costas, levando-a com ele, ainda unidos.

Ela sentiu que sua respiração se cortava ao se acomodar sobre os quadris masculinos. Ele seguia penetrando-a profundamente.

Ele levantou os quadris femininos, mostrando a ela como podia montá-lo sozinha, e ela encontrou um ritmo que fez que cada sacudida fosse um deleite maravilhoso.

Ele estendeu as mãos para abranger os seios que se balançavam ligeiramente com seus movimentos e ela conteve o fôlego.

Vê-la escarranchada sobre seus quadris, seu doce corpo o recebendo, seu comprido cabelo flutuando ligeiramente na brisa... sentiu que o momento inevitável se aproximava cada vez mais enquanto observava crescer o prazer dela.

Deslizou sua mão entre as pernas dela até colocá-la entre suas dobras úmidas para acariciá-la. Ela lançou um grito afogado, a cabeça arremessada para trás, a larga juba acariciando as coxas masculinas.



Ligeiros estremecimentos de prazer o percorreram ante o leve contato, um contraponto às profundas ondas de prazer que se acumulavam dentro dele. O ritmo feminino se acelerou, mas sua cadência começou a falhar.

A excitação fazia que ela perdesse sua concentração. Ele se deu conta que estava no fio do controle novamente. Como não desejava voltar a fazê-lo muito rápido uma segunda vez, se ergueu e sentou, com Elisa em seu colo.

O olhou, um pouco sobressaltada, os olhos como pratos e a respiração ofegante.

—O que acontece?

—É você, minha querida Elisa. É muito mulher para que eu permaneça equânime. É maravilhosamente provocadora, muito...

—Não compreendo - confessou ela.

—Se seguisse, voltaria a me consumir uma segunda vez e ficaria decepcionada.

—Ah... - e ela sorriu ligeiramente, compreendendo. - Descansamos, então?

—Absolutamente.

Recostou-a sobre a aromática camomila e beijou seus lábios, explorando com sua língua o quente sabor de sua boca.

Acariciou o cabelo dela, as costas, e ele se perguntou se se daria conta de quão inquietas estavam suas mãos, do esforço que faziam para aproximá-la mais a ele. Elisa possuía uma sensualidade inexplorada, e ele respondia a aquela força sem igual.

Percorreu seu ventre com beijos, lambendo as fendas junto aos ossos de seu quadril e ela a elevou. Suas pernas se agitaram, inquietas, quando os lábios dele se aproximaram da suave pele da face interna de suas coxas.

—Vaughn, o que vai fazer agora? - começou ela. Ele se inclinou sobre o monte dela e deslizou sua língua entre as dobras para acariciar sua quente pérola.

Ela lançou um grito que o encheu de gozo, porque se deu conta pela reação dela que nenhum homem o fizera antes. Roçou-a com sua boca e deslizou seus dedos dentro do canal feminino para acariciá-la, brincando com sua pele.

Sentiu os espasmos e as ondas de prazer que a percorriam. A respiração feminina ficara ofegante e cada vez mais rápida. Todo seu corpo tremia, se movia sob seus dedos.

Sentiu que o pico do prazer dela se aproximava e seguiu acariciando para levá-la ao prazer com todas as habilidades que conhecia.

Elisa gozou com um grito e todo seu corpo ficou rígido. Logo estremeceu e ondas de prazer a percorreram enquanto suas mãos se apertavam convulsivamente contra ele. Seu prazer era embriagador. Respondeu a ele embora não tivesse estimulação direta.

Novamente o maravilhou o efeito que ela tinha sobre ele. Finalmente, o movimento cessou e o corpo feminino ficou relaxado. Elisa passou a língua pelos lábios, os olhos entrecerrados de lânguida saciedade.

Ele se deitou a seu lado e acariciou a suave pele delicadamente, sem provocá-la, permitindo a ela se recuperar. Ela ficou de lado, as pernas entrelaçadas com as dele. Seu coração pulsava a mil por hora, igual ao dele.



Olhou o rosto dela. Estava com os olhos fechados e um suave sorriso no rosto. Era uma mulher a quem haviam satisfeito.

—Me derreteram os ossos - disse com um suspiro, abrindo os olhos e esboçando um sorriso.

—Que bom - murmurou ele.

—Se referia a isto quando dizia que podia me produzir mais prazer?

Ele sorriu um pouco ante a curiosidade feminina, que nada tinha de falsa modéstia nem dissimulação.

—A isso me referia - assegurou ele. - Gostou?

—OH, sim! - os lábios dela se curvaram em um sorriso radiante. - Só que... - se ruborizou furiosamente. - Até agora acreditava possuir experiência nas questões de homens e mulheres.

Pensava que era uma má mulher porque o que sabia dessas coisas me fazia infeliz...

—Quererá dizer insatisfeita, não é?

Ela mordeu o lábio, pensando na pergunta.

—Sim. Mas, Vaughn, tem que me acreditar quando digo que não sabia. Até ontem, não sabia nada disto, de que era capaz de... chegar ao clímax. Vaughn, se trata de algo que todas as mulheres podem experimentar?

Ou somente as mulheres às que os homens chamam putas são quem o sente? É por isso que são putas? É por isso que os homens as buscam?

A risada brotou dele do mais profundo do ventre e se sentia como uma boa risada, sem um ápice do cinismo que a tingia recentemente.

—Elisa, meu céu, acredito que todas as mulheres são capazes do que acaba de sentir, mas muitas, muitas nunca o experimentarão porque não abrem sua mente à possibilidade. Acreditam que é mau e não querem pensar nisso.

—Sim, conheço muitas mulheres assim. A maioria das mulheres que conheço são assim. Eu acreditava que... - fez uma pausa, uma ruga velando o sobrecenho.

—Sempre acreditei que me acontecia algo, que porque encontrei que a pouca experiência que tive com meu marido não me... satisfazia, que era... perversa.

—É adorável, Elisa, como isso poderia ser perverso?

—Os homens tentaram... me pegar - o olhou fixamente. - Sei o que dizem de mim, Vaughn. Acreditavam que era uma verdadeira puta e por isso me buscavam.

Ele sentiu sua angústia atrás daquelas simples palavras.

—Sim, dizem que é uma puta e muitas coisas mais, mas isso são só palavras, Elisa. Palavras que custa pouco a eles dizer. Acredito que os homens podem perceber que você é capaz de se divertir, e isso os faz desejar experimentar com você.

—Sim? - a ideia a surpreendeu.

—Pois claro. OH, possivelmente nem eles mesmo se deem conta disso, mas sei que desfruto fazendo amor com você porque você desfrutava também. Não te resulta uma obrigação odiosa.

Ela se ergueu sobre um cotovelo.

—Seriamente? Não me menospreza por isso? - o olhava, a expressão sem perder nada. Ele fez uma profunda inspiração.



—De verdade, Elisa. Eu não a menosprezo. Ao contrário, te aprecio mais. Muito mais que há um mês - e se deu conta que dizia a verdade.

Seguiu o observando atentamente um momento e logo relaxou. Um lento sorriso iluminou seu rosto.

—Já vejo - disse.

E ele se deu conta que ela se dava conta intuitivamente de muito mais do que abrangia sua simples conversação.

Ela olhou o lago por cima do ombro.

—Parece que vou me dar um banho - não esperou resposta, mas sim ficou lentamente em pé e se dirigiu para a água, sem nenhuma inibição. Ele ficou olhando suas costas, seu traseiro em forma de coração, suas longas pernas, sua formosa figura.

Quando a água chegava aos tornozelos, ela deu a volta para ele com um sorriso.

—Venha, se banhe comigo.

Não precisou insistir. Se aproximando por trás, ele a estreitou entre seus braços e se apertou contra ela, afundando o rosto no pescoço feminino. Se apoderou de um de seus seios e roçou o mamilo erguido com o polegar.

Ela lançou um grito sufocado, logo o empurrou brandamente. Com uma doce gargalhada, seguiu se afundando na água e logo se inundou sob a superfície.

Um momento mais tarde emergiu do outro lado, seu cabelo, escuro agora que estava molhado, jogado para trás, emoldurando sua frágil beleza.

Ele a seguiu, a água fria lhe tirando o fôlego. Mas ao menos servia para apagar o fogo que o queimava. Enquanto ela dava braçadas para manter a flutuação, ele se deu conta que fazia pé.

A segurou em seus braços e rodeou os quadris com suas pernas com um sorriso malicioso ao apertar seus seios contra o peito masculino. Ele a levantou mais alto, colhendo com seus lábios um rígido mamilo, chupando com força.

Ela se moveu e se empalou em seu membro ainda rígido, se agarrando a seus ombros quando fazia que ele a penetrasse.

O movimento fez que a água subisse pelo seu pescoço, então ele se aproximou da borda para que estivessem em águas menos profundas e poder controlá-lo melhor. Ele segurou os quadris e começou a se menear lentamente.

A pesar do frio da água, sua reação foi tão irrefreável como antes. A desinibição que ela acabava de encontrar era um glorioso estímulo.

Logo seus movimentos se aceleraram, se fazendo compulsivos, o desejo primário afastando todo pensamento consciente, o levando a uma deliciosa gozada uma vez mais. Ela o terá sentido porque se afastou dele, e com uma risadinha subiu pela margem.

Jorrava água quando deu a volta e o olhou. Não lhe fez nenhum gesto para o chamar, mas sua atitude e seu sorriso bastaram e ele se encontrou saindo da água atrás dela. Estendeu a mão, mas ela empurrou brandamente seu peito.

—Espera - murmurou, com as mãos no viril peito. Seus lábios substituíram suas mãos.

Orvalhou seu peito e o estômago de beijos suaves como mariposas e logo se ajoelhou em



frente a ele. Lançando um rouco gemido, o envolveu em sua boca. Vaughn jogou a cabeça para trás e a segurou pelos ombros enquanto o chupava.

Não era uma perita, mas pela resposta que recebia dele aprendeu rápido o que era mais efetivo: seus lábios rodeando a cheia cabeça de seu membro, se deslizando úmidos pela sensível pele; as carícias com sua língua no canal que ia por debaixo da cabeça; chupar, tocar seu extremo levemente com a ponta da língua uma e outra vez. Ele abriu os olhos e viu o céu azul. Se ela não se detinha, ele perderia o controle.

—Elisa - ele disse, e as palavras saíram estranguladas.

Ela segurou o seu traseiro com ambas as mãos, o aproximando mais.

Finalmente, ele puxou apenas um pouco. Ela elevou o olhar para ele com os olhos escuros de uma paixão que ele começava a conhecer bem.

—Basta - ele disse, a estreitando em seus braços. O contato de seu suave corpo contra o seu firme foi emocionante.

Ao sentir sua ânsia, a levou ao chão, para que se deitasse entre as pernas dela. Ela rodeou sua cintura com elas e lançou um olhar de total entrega. A penetrou com um só golpe forte.

A boca feminina se abriu em um silencioso grito e ele se afundou nela até o fundo. Deus, que estreita era! Fazia anos que não se deitava com um homem. Pensar nisso fez que se alargasse. Começou a se menear e ela o seguiu.

Tentou se conter, fazê-lo lentamente, mas parecia que ela não o desejava assim absolutamente. Apertando o traseiro, o aproximou mais a ela e levantou os quadris com um ritmo que faria que ele chegasse ao clímax muito antes do planejado.

—Me possua - ela sussurrou ao seu ouvido.

Bastou isso. Com uma selvageria que não sabia que possuía, penetrou-a cada vez mais forte até que ela lançou um grito. Enquanto o apertava com força, ele gozou com uma ferocidade que o deixou tremendo.

Mais cedo naquela tarde, enquanto Elisa se vestia lentamente e arrumava o cabelo, se deu conta que Vaughn a observava. Ele se sentava em uma rocha próxima, já vestido, os olhos escuros de emoção.

Apesar de ter feito amor cinco vezes com ela, ainda a desejava. E ela sentia que respondia a aqueles pensamentos.

Embora tivesse assegurado que aceitava sua natureza passional, inclusive a acolhia com agrado, ela se perguntou se seu desejo por ele não seria uma obsessão. Apesar das horas que acabavam de passar, ela sabia que o desejava outra vez.

E se ele não sentisse o mesmo? E se partisse a Londres como levava ameaçando toda a semana? E se se comprometesse com Natasha?

—Não quero voltar - disse ela, falando antes de pôr em dúvida a sensatez de sua ingenuidade.

—Então não o faça - disse ele, franzindo levemente o cenho.

—Sabe que não é tão simples - disse ela, deixando cair as mãos que abotoavam a fileira de botões.



—Não posso suportar a ideia de que a toque. Como pôde sequer tê-lo considerado, Elisa?

—Sabe por que.

—Sei o motivo que te deu - resmungou ele, ficando de pé abruptamente e dando uns passos para a água.

—O odeia, não é? Levou um momento para responder.

—Acredita que será bom pai para seu filho? - perguntou, lhe lançando um olhar.

—Espero que sim - disse ela, dando de ombros. Ele lançou uma amarga gargalhada.

—Esse homem não tem nem ideia do que é a compaixão. Não me abraçou nem uma vez, nem sequer me deu um tapinha na cabeça quando conseguia algo. Sempre me odiou, odiou a todo mundo... exceto a minha mãe.

E quando ela partiu, minha presença não importava para ele. Quer isso para seu filho, Elisa?

Ela permaneceu em silêncio, incapaz de formular uma resposta. Não pensara no que seria sua vida depois que Rufus devolvesse o seu filho, tão concentrada esteve em encontrar Raymond e o recuperar.

—Sei que Rufus foi o único que me deu alguma esperança de encontrar Raymond - respondeu com sinceridade. - Não posso pôr isso em perigo - lançou um olhar às longas sombras no chão. - É tarde. Devo voltar antes que comece a suspeitar.

—Sempre ganha, não é? - Rugiu Vaughn. - Eu faço amor com você mas ele ganha porque você corre para ele.

Suas palavras gelaram o coração feminino.

—O que disse?

Ele olhava a água com o cenho franzido, ensimesmado, mas certamente a ouvira, porque lançou um suspiro e passou a mão pelo cabelo.

—Ele ganha - disse com amargura. - Embora... - seu cenho se suavizou um pouco. - Me ocorre que me vinguei dele esta tarde, não é assim? - e a olhou com um sorriso retorcido.

Elisa ficou sem respiração. Não a seduzira porque se sentisse atraído por ela absolutamente! Fizera para se vingar do pai que lhe dera as costas. Uma náusea vazia subiu por seu estômago e garganta.

—Me mentiu - sussurrou.

Ele deu a volta então. O tom da voz feminina mostrava o horror que ela sentia.

—Mentido? - repetiu ele.

Ela acabou de abotoar o último dos botões com mãos que tremiam violentamente.

—Os homens que me buscavam devido a minha sensualidade... ao menos foram diretos. Não possuíam motivos ulteriores.

—Elisa, que diabos...?

—Abusou de mim como eles nunca o fizeram - espetou ela. - Parabéns, Vaughn, verdadeiramente me converteu em uma puta.

Deu a volta e correu, sem se importar de ter deixado o chapéu nem que a voz de Vaughn a chamasse.



Capítulo 14.

Quando voltou para casa, a aliviou tremendamente saber que Rufus se achava descansando em seus aposentos. Lhe economizou a complicação de ter que dizer mais mentiras.

Mas mais importante que isso era que poderia evitar que Rufus a visse antes que pudesse se banhar e lavar os pecados daquele dia. NA realidade, quando chegou ao frio vestíbulo de mármore, mal faltava uma hora para o jantar.

Pouco tempo ficou para tomar um banho e se vestir. Marianne estava inusualmente calada. Certamente decepcionara a sua criada por se deixar levar pela tentação.

Embora Elisa se manteve em silêncio com respeito à tarde, era como se Marianne pudesse ler os rastros daquelas carícias proibidas em seu rosto. A francesa verteu a água com um aspecto triste e reprimido que parecia quase aflito.

Ninguém podia estar mais triste que a própria Elisa. Ela se rebaixara, perdido a fé em seu empenho de recuperar a seu filho e o que é pior, desejava ao homem que a utilizara tão descaradamente.

Maldito Vaughn e ao diabo com o resto da humanidade!

Enquanto se vestia, não sabia onde se meter pensando em que Marianne tivera razão, que ela fora um peão no jogo de um homem e que a ele pessoalmente não importava absolutamente. Como resultado disso, lhe resultou quase impossível olhá-la nos olhos.

Se não era capaz de lutar com Marianne diretamente, como faria para olhar Rufus sem se delatar?

Com um último olhar ao espelho, Elisa fez uma profunda inspiração e se dirigiu abaixo, repetindo a si mesma frases vazias. Nada mudara. Ninguém podia ver nada se ela não falasse de sua culpa em voz alta. Ninguém se inteiraria.

Ninguém saberia nunca que enterraria sua tolice e sua culpabilidade em um vazio mais profundo que uma tumba. Se comportaria como sempre.

Apesar de seu passo lento como o de um cortejo fúnebre, as portas da sala de jantar correram a seu encontro, podia ouvir Rufus manipulando os criados com seu vozeirão, o que lhe deu um calafrio.

Como desejava que Vaughn se desculpasse e não fosse jantar! Sabia que ele chegara à casa pouco tempo depois que o fizesse ela; ouvira os criados que se dirigiam à ala oposta. Sempre o iam rodear quando ele se apresentava.

O adoravam e mimavam, e ela ouviu sua conversação quando Vaughn se afastou pelo corredor, o tom alegre e brincalhão com que se dirigia a eles. Rezou que tivesse o senso comum de ficar em seu quarto em vez de ir a sala de jantar.

Sua mão tremeu ao empurrar as portas. Sentiu que o coração se afundava até os calcanhares ao ver Vaughn sentado em seu lugar habitual, em frente ao lugar dela, à direita de Rufus.



Elevava sua taça para seus lábios e quando ela entrou, a deixou sobre a mesa sem beber. Ela rapidamente girou a cabeça e sorriu a Rufus. Seus lábios tremiam, por isso os apertou.

Essa noite se vestiu com seu traje mais recatado, com pescoço alto de renda que cobria o decote.

Parecera prudente naquele momento escolher aquele vestido, mas agora se dava conta que fora a sensação de culpabilidade o que a levava a cobrir sua vergonha com falsa modéstia que teria desviado a atenção.

Agora se dava conta que, pelo contrário, chamara a atenção ao mudar seu estilo muito drasticamente.

—Quer dizer que já usou todos os trajes que te comprei a semana passada? - Rufus perguntou quando ela se sentou.

Cruzou as mãos no colo e as apertou para se controlar antes de responder com a maior compostura possível:

—Dormi e quando despertei era tarde, então vesti o primeiro que encontrei no armário.

—Já vejo - arqueou uma sobrancelha de uma vez que indicava ao lacaio que preenchesse sua taça. - Me comprou o charuto?

Seu coração deu um salto.

—Sinto muito, esqueci completamente o pedido, meu senhor. Ele tomou um gole de seu porto antes de deixar a taça com mais força que a necessária.

—E também esqueceu o chapéu? - perguntou com tom sarcástico.

Embora ela controlasse suas feições, sentiu que o rubor subia pelo pescoço e coloria as faces.

—É verdade, o esqueci. Aceite minhas desculpas novamente. É que, simplesmente, desfrutei tanto de meu passeio que não quis me deter no povoado. Segui até a casa de Caroline para visitá-la e agradecer sua hospitalidade na outra noite.

O silêncio de Vaughn era sepulcral. Não a apoiava absolutamente, não lhe oferecia nenhum tipo de ajuda. Podia sentir seu olhar fixo nela, mas não o olhou, porque sabia que um olhar seria sua perdição.

Como poderia acabar o jantar sem revelar sua culpabilidade de alguma forma? O lacaio se adiantou, enchendo a taça de Vaughn até a borda. Pela extremidade do olho viu que Vaughn a levava aos lábios e bebia até a última gota.

—Tem sede esta noite - observou Rufus, perdendo sua atenção em Elisa.

—É certo, tenho - replicou Vaughn, chamando o lacaio novamente. - Será melhor que deixe a garrafa, amigo.

O lacaio obedeceu, colocando a garrafa à direita de Vaughn.

Rufus lançou uma gargalhada.

—Que grupo mais alegre! Tem um aspecto terrível, moço.

—Considerarei isso um elogio, vindo de você.

Rufus estreitou os olhos. Elisa conteve o fôlego, sabendo o que vinha.

Vaughn arqueou uma de suas escuras sobrancelhas.



—Vamos, pai. Me diga os pecados de beber, já que você tem tanta experiência.

As veias da cabeça de Rufus se marcaram quando se inclinou para lançar a seu filho um olhar de tal fúria que teria feito tremer a qualquer um. Mas Vaughn nem se alterou.

Rufus esteve a ponto de dizer algo, mas a indiferença de Vaughn fez que mudasse de opinião. Deixou o garfo que pegara.

—Amanhã pela manhã partirá de minha casa.

Uma dor terrível se alojou no coração dela. Partir? Vaughn não podia partir! Abriu a boca, disposta a protestar. A ordem de Rufus fez que rapidamente se esquecesse da traição daquela tarde, a relegando a uma lembrança insubstancial.

Procurou palavras que o defendessem, frases que tranquilizassem Rufus e fizessem que ele se retratasse.

Vaughn se adiantou, dizendo:

—Pai, como poderei cortejar Natasha da velha Londres?

Um lento sorriso se desenhcou nos lábios de Rufus.

—Então, esse é o motivo pelo qual ficou em Fairleigh Hall?

—Que outra coisa poderia ser? - respondeu Vaughn, se servindo de outra taça de porto.

Sua naturalidade, seu rechaço, a feriram no mais profundo da alma. Certamente, que outra coisa poderia ter agora que a conquistara? Ela fora uma arma que ele utilizara e agora podia esquecer.

A vergonha do que acontecera naquela tarde a invadiu novamente, e apertou os punhos. Experimentara um prazer incomparável em seus braços o mesmo dia em que ele falava de cortejar a outra.

Desejou poder se convencer que ele fazia aquilo com o único objetivo de prolongar sua estadia em Fairleigh Hall para poder estar com ela, mas não havia convicção em seu desejo, porque agora sabia a verdade.

—Solicitou a William e Caroline sua permissão para cortejar a sua filha?

—Ainda não - respondeu Vaughn.

—Amanhã, então - disse Rufus sinceramente, recuperando seu bom humor. - O chá da manhã seria o mais cedo possível.

—Sim, seria adequado - replicou Vaughn. - Sinto que estou muito ansioso por vê-la novamente - olhou para Elisa. - Possivelmente gostaria de me acompanhar, senhora? Poderia me ajudar a persuadir Caroline e William.

A indignação que ela sentiu ante a arrogância da sugestão masculina se evaporou sob seu intenso olhar.

Havia uma mensagem em seus olhos, palavras que ela não podia ler, porque sua alma estava alterada pela ardente mescla de vergonha e raiva que a consumiam desde aquela tarde, a cegando.

Entretanto, ela sabia que precisava compreender o que ele tentava lhe dizer. Com uma profunda inspiração se liberou de suas emoções e abriu seu coração a muda mensagem masculina. Ele a queria. Possivelmente não era amor, mas era desejo.



Até naquele momento sentiu que seu estômago se contraía ao recordar a sensação de tê-lo dentro, do contato de sua suave pele cítrica, da forma em que os músculos de seus ombros se esticavam enquanto a penetrava uma e outra vez, seu corpo inteiro levado pelo desejo primitivo de tomá-la, de fazê-la sua.

Voltou a sua mente a expressão primária de seus olhos atormentados enquanto vertia sua semente nela. E ao recordar todas aquelas sensações, todo seu corpo palpitou, cheio de renovada tensão.

Sentia a pele de sua vagina sensível e satisfeita, e seu centro de prazer, tão sensível, pulsou de prazer.

—Não pode responder? - disse Rufus, tirando Elisa de seus pensamentos eróticos com um salto.

Ela pigarreou e olhou Vaughn aos olhos com dificuldade.

—Eu adoraria ser de ajuda, embora duvide que tenha dificuldade. Já estão fascinados com você.

—Obrigado - disse ele, e não só sua voz refletiu alívio, mas também seus formosos olhos cor esmeralda.

A conversa se interrompeu enquanto serviram o segundo prato. Rufus arremeteu com sua considerável porção de cordeiro com verduras nadando em molho.

Durante a refeição, Elisa sentiu que Vaughn a olhava e desejou fazer o mesmo, mas se obrigou a não fazê-lo. A situação era muito íntima. Não havia convidados que distraíssem Rufus.

Ele veria se ela cedia à energia da vontade de Vaughn que lhe chegava através da mesa. Quando sentiu um ligeiro contato em seu tornozelo, rapidamente colocou os pés debaixo da cadeira, fora do alcance de Vaughn. Não cederia tão facilmente.

Agora sabia que o seu fora somente um encontro amoroso. Acabara como acaba tudo, e ela remarcaria esse tema a Vaughn.

O diria no dia seguinte.

Rufus ficou de pé abruptamente com um arrote e um golpe no peito para limpá-lo.

—Chegou a hora do charuto. Venha, Elisa - declarou.

Ela nem havia tocado no seu prato, mas ficou de pé.

—Não acabou de comer - observou Vaughn.

Rufus olhou o prato e logo a Elisa.

—Está ficando muito magra, querida. Venha, toque algo para mim - lhe estendeu o braço.

Elisa lançou um olhar para Vaughn que seguia em sua cadeira com uma mão na taça de vinho e logo se pendurou no braço de Rufus e deixou que ele a guiasse para fora da sala.

Vaughn ficou sentado ante a mesa enquanto os criados recolhiam os dois pratos sem tocar e os restos da copiosa comida de Rufus. Silenciosamente secaram as sujeiras de sua taça.

Enquanto eles trabalhavam, uma doce melodia começou a soar no piano do salão. Transcorreu uma hora em que Vaughn acabou a garrafa de porto e a música encheu a mansão. Imaginou o que acontecia na outra sala e especulou abrindo outra garrafa.

Elisa estaria sentada ao piano, induzindo o sono a seu prometido, com a esperança que ele



não a incomodasse.

Tentar não chamar a atenção fora a marca de sua infância, recordou Vaughn, e seu estômago fez um nó ao pensar nisso.

A vida que experimentara na escola não era muito diferente da que Elisa viveria, casada com o monstro que ele tem o privilégio de chamar "pai".

Como ela podia considerar por um instante sequer se submeter a aquela vida? Durante um segundo se deleitou pensando em como seria sua vida se a tirasse dali. A levaria a Kirkaldy, que sua mãe amara, onde fora tão feliz.

Levariam uma boa vida ali, longe dos fantasmas. Passou uma mão pelo rosto ao se dar conta do caminho que levavam seus pensamentos. Deus santo, bebera muito!

Devido ao exemplo de seu pai, ele desprezava aos bêbados e, entretanto, se permitiu se embriagar e deixar que a mente divagasse como um velho gaga.

A música se deteve na sala contígua e esperou que se ouvissem seus passos. Ali estavam: os pequenos pés que subiam as frias escadas, o ruído ressoando nas paredes de mármore.

O sussurrar dos passos no tapete do corredor da ala antiga, logo o distante fechar de uma porta.

Vaughn se forçou a se mover. Se dirigiu ao salão para jogar um olhar. Rufus estava esparramado em uma poltrona de orelhas, a cabeça inclinada sobre o ombro, roncando estrepitosamente, a boca aberta. Seguiria dormindo até de manhã.

Vaughn fechou a porta e piscou um pouco, clareando a cabeça. As imagens de êxtase doméstico em Kirkaldy seguiam rondando sua cabeça. De onde teriam saído?

Animado por um impulso irrefreável, Vaughn subiu as escadas ao segundo andar e se foi à direita, para a ala a qual ela acabava de se dirigir. Ante sua porta se deteve para escutar, mas não ouviu nada. Testou o trinco; não passara o ferrolho.

Certamente a deixara aberta para ele?

Encorajado, Vaughn se deslizou para dentro, mas assim que o fez, ela deu a volta no tamborete no qual se sentava em frente ao espelho, o olhando com os olhos entrecerrados.

—Sai daqui! - espetou ela.

—Sei que não o diz a sério.

—Marianne entrará a qualquer momento para me ajudar a me despir.

—Eu a ajudarei. Ela negou com a cabeça.

—Já me ajudou o bastante, obrigado - os olhos femininos brilhavam de... raiva, ele se deu conta com um sobressalto.

—Está zangada comigo?

—Me usou! - declarou ela.

—Você também me usou! - ele replicou.

—Isso é mentira!

—Seriamente? Me diga que não sentiu em algum momento um pouco de satisfação ao trair esse porco com o que pensa se casar. Me diga que não havia nem o mínimo grau de vingança quando, deitada comigo, pensava nele. Me diga isso.



Ela abriu a boca, incrédula, e ficou em pé.

—Bastardo insuportável!

Ele sorriu ao se dar conta que ela negava a verdade de suas palavras impulsionada pela culpabilidade. Se adiantou um passo, ficando a um braço de distância dela.

—Me odeia tanto?

Elevando o rosto, ela tragou com esforço.

—Me fez mal antes, Vaughn. Conheço a crueldade dos homens, e pensei que já havia aprendido minha lição. E entretanto permiti que me levassem por esse caminho uma vez mais, e desta vez só é minha culpa.

Portanto, é minha responsabilidade acabar esta relação. Rogo a você que parta.

Ele estendeu a mão, deslizando um dedo pela curva do pescoço feminino. Ela estremeceu, mas não o fez se afastar.

—Seriamente quer que parta, Elisa?

Os seios de Elisa se apertaram contra o vestido e seus olhos se obscureceram com a paixão que aquela tarde a levava a cometer atos licenciosos que faziam ferver seu sangue apenas ao recordá-los.

Mas sua voz permaneceu calma e não se aproximou dele em resposta a seu contato.

—Me nego a que voltem a me trair - disse. - Se não partir agora, então acabará me traindo.

—Te desejo.

—A única coisa que deseja é fazer mal a seu pai.

—Ao diabo com o velho - rugiu ele.

O olhou fixamente, como se assim fosse encontrar a resposta que procurava. Ele tentou explicar-se um pouco melhor.

—Eu sabia que era minha igual, não o brinquedo pelo qual os outros a tomavam.

O rubor tingiu rapidamente o pescoço feminino.

—Um brinquedo? - replicou.

Ele deu de ombros, esperando esconder seu desconforto ante aquelas revelações. Acariciou a curva superior de seus seios por cima do decote, através da delicada renda.

Deus, apenas ao estar ali, de pé junto a ela, já palpitava de desejo, da doce liberação que desfrutara daquele dia.

—Não é um brinquedo - acrescentou. - Poderia te possuir uma dúzia de vezes e não me bastaria.

Ela afastou a mão masculina e passou junto a ele, se dirigindo à cama. Se sentou na borda e se inclinou para tirar seus escarpans.

Seus seios, cheios e firmes, empurraram a renda; ele viu o escuro canal entre eles, e sua visão provocou um silencioso gemido.

—Me deixe - ela disse, o olhando. - Preciso dormir.

Ele acrescentou "teimosa" à longa lista das características femininas. A expressão de seus olhos era fria, mas se obscurecera e baixava as pestanas. Estava zangada, mas aqueles pensamentos a excitavam.



Bateram na porta.

—Marianne - disse Elisa em voz baixa. - Tem que partir.

Vaughn cruzou os braços e se apoiou contra a parede.

—Se esconda então - disse ela.

Ele obedeceu, encontrando um bom esconderijo atrás de uma cômoda que uma vez esteve no dormitório de sua mãe. Se agachou e esperou. A conversa entre as duas mulheres foi corriqueira.

As respostas de Elisa eram breves e secas, indicando com isso à outra mulher que não estava de humor para conversar. Depois de intermináveis minutos, a luz se apagou e a porta se fechou.

Ele ficou de pé, se orientando à luz da lua cheia que atravessava as delicadas cortinas. De repente, se deu conta que passara uma lua inteira desde que a angélica aparição feminina o deixara boquiaberto na noite de sua chegada ali.

—Sempre a deita, todas as noites? - perguntou a ela, se sentando aos pés da cama.

—Sim.

Até na escuridão podia sentir o aborrecimento dela.

—Te pedi desculpas, Elisa.

—Já sei - disse ela com um profundo suspiro, - mas isso não muda o que aconteceu. Sabia que me entregaria, sabia que não poderia resistir.

Sabia? Sim, estava seguro que cedo ou tarde ela cederia. Nunca lhe ocorrera que ela pudesse resistir. Acariciou sua perna, desejando que fosse sua pele e não a colcha o que tocava.

—Me deseja - disse ela.

—É óbvio.

—Se jogue junto a mim - sussurrou ela.

O coração dele redobrou seus batimentos com uma alegria quase infantil. A obedeceu com presteza ao se dar conta que o perdoara um pouco. Tinha esperanças que o perdão dela fosse total.

—As botas. Tira isso ela ordenou.

Novamente, ele obedeceu sua ordem, desfrutando com o jogo.

—Tire sua camisa.

Incapaz de esconder um sorriso, ele atirou a camisa ao chão.

Ela afastou os cobertores e ele deslizou na cálida cama. A coxa feminina, coberta de seda, se apoiou contra suas calças e ela se aconchegou em seu flanco com um suspiro.

Acariciou sua perna através da seda, as pontas dos dedos formigando com o contato, enquanto as mãos dela deslizavam por seus braços, agarrando seus bíceps.

—Então sou mais que um brinquedo, não é? - perguntou.

—Sim - assentiu ele, perplexo. Não acabava de dizer isso a ela?

Ela se sentou então, montando escarranchada sobre ele, à luz da lua, a fina bata de seda arregaçada, revelando a pálida longitude de suas coxas.

—Já vejo - murmurou, movendo os quadris de forma voluptuosa.

Apesar da bebida que consumira aquela noite, ele já mantinha uma ofegante ereção, que se



fez mais longa e grossa com aquele roce. Ela se inclinou sobre ele, e seus seios iluminados pela lua se aproximaram uns centímetros dos lábios dele.

Ele tragou, com a garganta seca, e estendeu a mão, mas ela segurou o pulso e puxou seu braço, o levando por cima de sua cabeça ao travesseiro da cama. O movimento fez que seus seios se aproximassem mais a sua boca, tirando seu fôlego.

Distraído por eles, levou um momento para se dar conta que ela deslizara algo quente e suave pelo seu pulso. Só quando ela segurou o outro pulso entre suas pequenas e cálidas mãos, ele se deu conta da restrição na primeira.

—O que? Elisa, o que faz? - perguntou, tentando mover a cabeça para poder ver.

—Shhh... Um brinquedo - murmurou ela. - Precisa aprender qual é seu lugar.

Enquanto falava, ela levou o outro pulso a cabeceira da cama e o amarrou. Ele puxou as ataduras para ver o que acontecia. Estavam bem firmes. Estirando a cabeça para um lado, pôde divisar cores ao redor de seus pulsos.

Conseguiu tocar o suave contato da seda.

—O que é isto? Elisa, onde os conseguiu?

—São lenços. Lenços de seda do oriente. Os coloquei sob o travesseiro quando Marianne me ajudou a me deitar - a voz feminina parecia distante, como se ela estivesse se concentrando em outras coisas.

Lenços ou cordas, dava igual. Um lenço de seda significava que se ela havia atado bem os nós, ele jamais seria capaz de se liberar. Os puxões que deu lhe indicaram que os nós eram firmes.

—Elisa, basta. Peço desculpas. Me deixe livre.

Ela não disse nada. Em vez disso, se deslizou ao longo de seu corpo, roçando sua pele com seus seios, passando por suas virilhas, e ele se deu conta de onde se dirigia. Afastou o pé, mas ela foi mais rápida.

Passou-lhe uma laçada de seda ao redor do tornozelo e rápida como um gato, ela o amarrou a um ângulo aos pés da cama. Aquilo lhe deixava somente uma perna livre.

Pelo simples método de se sentar sobre sua coxa, seu redondo e quente traseiro segurando sua perna, ela atou o segundo tornozelo ao quarto ângulo da cama.

Estava totalmente indefeso.

Ela deu a volta, e a viu sorrir na semiescuridão. Percorreu seus braços com os dedos, e logo por seu lado sensível. Baixou mais por seu corpo, seu cabelo fazendo cócegas no seu ventre e logo em sua entreperna.

Os lábios femininos seguiram o mesmo caminho, logo ele se encontrou puxando as ataduras.

—Elisa, quero que libere minhas mãos.

—Não. Até que tenha aprendido a lição, não.

—Pelo amor de Deus, Elisa, já me desculpei. E lhe expliquei isso: a vingança contra meu pai foi... uma ideia que me ocorreu depois. Um doce benefício acrescentado.

—Sim, sei. Mas essa não é a lição.

—Então, não compreendo - confessou ele, um pouco desorientado. Possivelmente fossem os lábios femininos sobre sua pele os que contribuísssem para lhe desorientar.



—Exato. Precisa compreender.

Ela se inclinou sobre ele para procurar algo na mesinha, o seio roçando novamente o torso masculino. A pele se arrepiou ante o leve contato, arrojando aguilhoantes sensações para sua entreperna. Conteve o fôlego.

Havia certa diversão em estar completamente a mercê dela, se deu conta. A novidade clareara sua cabeça totalmente. Logo ela se endireitou outra vez, os joelhos a ambos os lados dele, o negligé novamente arregaçado nos quadris.

Desta vez levava uma faca. O medo o percorreu.

—O que pretende fazer com isso? - exigiu. Não o perdoara? Seria a raiva feminina mais profunda do que suspeitara?

—Pensava que podia ter uma arma para me proteger - brandiu a faca, a lâmina reluziu à luz da lua. Era incrivelmente longa.

—O que quer? - ele perguntou, tentando manter a voz calma.

—A você - disse ela, em tom imaterial.

—Elisa - ele disse enquanto ela baixava a faca para seu estômago. Conteve o fôlego, se preparando, enquanto a fria lâmina deslizava pela cintura de suas calças. - Elisa - repetiu.

E logo, abruptamente, ela flexionou o braço e o grosso tecido se rasgou da cintura ao quadril, cortado pela faca.

Ela afastou as bordas cortadas com a faca e logo utilizou a ponta para fazer cócegas na sensível pele onde seu membro se unia a seu ventre. Parecia pensativa, absorta em sua tarefa. Ele puxou os lenços.

—Virgem Santa, Elisa, me solte.

—Não.

—Me solte ou...

—Ou o que? - perguntou ela, elevando o rosto para o olhar. A faca deixara de lhe fazer cócegas e descansava tão perto da veia palpitante que pulsava ali que lhe causou alarme.

—Ou pagará por isso.

—Já paguei. Está claro que não compreende - ela baixou a faca pela perna da calça, que estava relativamente inteira, logo girou a faca de modo que a lâmina levantasse o tecido. O pano voltou a se rasgar com um surdo estalo.

Lentamente, ela prosseguiu ao longo da perna da calça até que o tecido caiu a ambos os lados da perna agora nua. Ele ficou quieto, o coração pulsando com uma mescla de surpresa e inquietação.

Com a mesma atitude silenciosa e concentrada, ela arrancou a outra perna da calça, o deixando completamente nu com os membros estirados aos quatro ângulos da cama. Apesar daquela postura humilhante, ele estava com uma potente e ávida ereção.

Segurando aquela faca afiadíssima, ela se inclinou para ele, que apertou os dentes enquanto os lábios femininos rodeavam seu membro.

—Elisa...

Ela fez caso omissa a seu protesto, pelo contrário, o mamou até conseguir que ele se



retorcesse, desesperado.

Ele lutou por manter o controle, dominar a poderosa onda de prazer que o invadia, sentindo que se gozasse seria como reconhecer o poder feminino. Mas se deu conta que aquele não era o objetivo feminino quando ela se sentou nos tornozelos e o olhou.

Logo levou a ponta da faca até os próprios seios e deslizando-a entre eles, rasgou o delicado tecido sem esforço e o fino objeto posou sobre a cama, descobrindo seu maravilhoso corpo, nu e banhado pela lua.

Seus mamilos estavam duros e erguidos. Ela elevou as mãos para abranger seus peitos e brincar com eles.

—O que quer, Vaughn?

—A você.

As mãos femininas se apoiaram nas coxas dele. Os dedos percorreram os músculos para se deter justamente em sua entreperna. Salteando o quente membro palpitante, acariciou o estômago e logo o peito.

—Saiba que não posso suportar muito mais - ele advertiu.

—Não tem outra alternativa - respondeu ela. - Essa é sua lição. - Se inclinou por cima dele e desta vez seu seio roçou o queixo dele. A ponta empurrou brandamente contra seus lábios. - Agarra-o com a boca - ordenou ela.

Ele segurou o mamilo que lhe oferecia e o chupou, lambendo. Fez isso para tentar excitá-la com a esperança que o soltasse para acabar a tarefa adequadamente. Os suaves gemidos femininos lhe indicaram que tivera êxito.

Depois de uns momentos, ela se moveu, lhe oferecendo o outro seio.

—Outra vez - ordenou.

Ele redobrou seus esforços e desta vez a sentiu se mover contra ele, os quadris se movendo em pequenos círculos, se apertando contra ele e deslizando ao longo de seu membro.

A cálida umidade de suas hábeis pétalas do prazer lubrificou seu membro, que respondeu dando um salto. Logo ela puxou o seio, se endireitou e se colocou por cima dele.

Logo, lentamente, centímetro a centímetro, foi colocando. Seu progresso foi tão lento que o suor porejou a testa masculina. Ele sentiu cada milímetro de seu canal se deslizar por seu sensível casulo.

Estava claro que ela o estava passando bem alongando as sensações o máximo possível. Então ele compreendeu com crescente surpresa. Estava lhe usando. Lhe usando para seu próprio prazer.

Com a mesma lentidão com a que baixara, ela começou a subir novamente. Aprendera muito naquela tarde, porque agora não houve nenhuma hesitação em seus movimentos. Se movia com controlada destreza para obter seu maior prazer.

Mas não era o prazer dele, não era exatamente o que ele necessitava. Durante muitos minutos ela continuou lhe usando para seu próprio prazer. Se ele indicava de algum jeito que estava a ponto de chegar ao clímax, ela se detinha, o impedindo de gozar.

A respiração dele se fez ofegante e áspera, e seu corpo ficou mais e mais tenso, enquanto



procurava dentro de suas limitações gozar apesar dela. Incapaz de suportar mais, deu um tranco. Imediatamente, ela ficou quieta e lhe pôs uma mão no peito.

—Não. Eu sou quem controla aqui, compreende?

A necessidade de gozar era como um grito que ressoava em sua mente. Não podia pensar em nada mais. E Elisa possuía o poder de lhe dar. Não podia lhe negar nada. Assentiu com a cabeça.

—O que diz?

—Sim - sussurrou ele.

—Sim, o que?

Ele fez uma profunda inspiração tentando fazer com que sua voz soasse normal.

—Sim, tem o controle - ele disse.

—E a lição? - ela exigiu.

O suor jorrou por seu rosto. Tragou com esforço.

—A lição? - se horrorizou ao ouvir a própria voz rouca. Ela moveu os quadris um pouco e ele sentiu como apertava seu membro.

—Quero que recorde que a partir de agora, quando vier para mim, quando fizer amor comigo, é porque eu o permito. É porque eu o quero.

—Compreendo - disse ele. Moveu os quadris e novamente ela se deteve.

—Vaughn, não quero ter que repetir.

Ele apertou a mandíbula. Quando ela desatasse suas mãos, lhe daria uma lição que não esqueceria facilmente. A poria em seu colo e daria umas palmadas no traseiro nu. Lançou um gemido; a imagem não o ajudava absolutamente.

—Não posso esperar muito mais - disse, com os dentes apertados. Estava com o corpo inteiro coberto de suor por seus esforços.

Ela começou a se mover em um ritmo lento e sensual que logo se fez frenético. Ele a incentivou com suaves palavras e lutou contra suas ataduras sem resultados.

Logo aconteceu: o corpo dela se esticou visivelmente, apertando com força seu membro enquanto gritava seu nome. Com um só empurrão ele também se entregou, vertendo sua semente dentro dela com um espasmo que o deixou totalmente esgotado.

Um momento mais tarde, ela se recuperou o bastante para sair de cima dele. O suave roce fez que o corpo masculino, extremamente sensibilizado, desse um salto, mas como seguia atado, o movimento foi abortado.

Sentia cada um de seus nervos a flor da pele. Ela ficou em pé e se dirigiu à porta, o sobressaltando ao passar o ferrolho e tirar a chave.

—O que planeja agora? - ele perguntou enquanto ela se dirigia para ele rebolando seus doces quadris.

—Dormir. Foi um dia muito comprido.

—Dormir parece bem - reconheceu ele.

Ela recolheu a faca do chão junto à cama e a deslizou por dentro das ataduras de seus pulsos e tornozelos, os cortando de um golpe. Ele esfregou os pulsos machucados e observou com



surpresa que ela levantava sua camisa e a cortava em duas com a faca.

—Elisa...!

—É hora de que parta - disse ela com calma.

—O que quer dizer? - Sorriu um pouco. - Acaba de fechar a porta com chave.

—Assim é. Pode partir pela janela, como o faria qualquer amante.

—A janela? - viu o jardim iluminado pela lua, um andar mais abaixo. - Acaba de cortar o único objeto de roupa que restava.

—Foi um aviso de meu controle, se por acaso não o compreendeu a primeira vez.

—Então, dormirei aqui - disse ele com um encolhimento de ombros.

—Não.

Foi só um monossílabo, mas havia uma força de ferro nele. E ali compreendeu realmente. Qualquer poder que ele tivesse na relação se foi. Eram iguais, e ela agora exercitava seu poder.

Ele poderia se recusar a ceder, mas isso acabaria sua relação imediatamente. Ficou de pé.

—Não mais brinquedos, mmm? - murmurou.

—Exato - disse ela.

—E se me pegam lá fora, Elisa?

—Há só uma pequena possibilidade de que aconteça. É rápido e forte.

—Correria semelhante risco?

—É você quem corre o risco. Eu jurarei que certamente estaria passando bem com minha criada, no quarto contíguo, e Marianne me apoiará nisso. E sua roupa aparecerá no quarto dela.

—Não acreditarão.

—Por que não? As fofocas que correm nos quartos de serviço é que todas as criadas o adoram - disse com certa secura.

—Por que, Elisa? Por que isto?

—Porque quero que experimente a possibilidade que pensem mal de você. Queria te forçar a se submeter a mim e arriscar tudo, como você me forçou a fazê-lo.

Ele segurou a cabeça dela entre suas mãos e lhe deu um longo e profundo beijo.

—Que durma bem, doce Elisa - ele assegurou, e sem protestar mais, abriu a janela para começar sua arriscada viagem de volta à segurança de seus aposentos.

O preço da vergonha que ele poderia sentir se o pegassem nu fora à luz da lua valeu a pena.

Capítulo 15.

—Preciso falar com você.

Elisa deixou a xícara de chá sobre a mesa e dirigiu sua atenção a seu prometido, que acabava de entrar no salão.

Se reclinando sobre o respaldo, ela segurou as mãos no colo.

—Bom dia.



Rufus se dirigiu à chaminé e se apoiou no suporte, elevando a vista ao elegante quadro de seu tataravó, um homem com o qual não se parecia absolutamente. Girou para ela.

—Mentiu para mim.

—Menti? -branca, sentiu o medo que a percorria como fogo.

—Ontem disse que visitara lady Caroline, entretanto meu criado esteve ali e não a viu, nem tampouco ouviu menção de que tivesse ido de visita.

Elisa ficou muito quieta com o coração pesando no peito. Aquela maldita história que inventou no último momento! Não resultaria sua ruína?

No fundo de seu coração sempre soube que cedo ou tarde as mentiras que semeava saíam à luz, só que não acreditava que tão cedo. O que aconteceria a Raymond? Rufus lhe indicara que devolveriam Raymond dentro de pouco. Precisava ganhar tempo!

—Eu... não queria que se zangasse.

—Por que ia me zangar? - disse ele, cruzando os braços.

—Você não gosta que monte e eu...

—Basta! - ele a interrompeu. Com grande rapidez esteve junto a ela e a segurou pelo braço, a aproximando tanto de seu rosto que ela pôde cheirar o rançoso fôlego. - Esteve com ele, não foi?

—Com quem? - perguntou ela, tragando o nó que havia se formado em sua garganta.

O olhar injetado em sangue a atravessou.

—Passou a noite com Vaughn. Esteve com ele ontem também. Por isso seu vestido está sujo e tem manchas de erva.

Ela deu um salto quando ele retorceu seu pulso, causando dor. Como se informara que sujara seu traje de montar? Estaria ela rodeada de espiões?

—Quero a verdade, agora!

—Me faz mal! - tentou se soltar, mas ele se manteve firme.

—Agora, Elisa! - a soltou de repente e ela se chocou contra uma mesa.

—Estava com Marianne ontem. Caí do cavalo, por isso havia manchas de erva.

—Levou Marianne com você?

—É uma amazona excelente. E pensei que seria mais respeitável ir ver os vizinhos e às lojas com uma criada como companhia.

—É uma puta mentirosa! - declarou Rufus.

Acima de tudo, ela sabia que não podia responder a seu insulto. Ainda não podia se permitir romper sua relação com Rufus. Precisava o tranquilizar, ganhar tempo.

E logo se deu conta que seus pensamentos a levavam a ideia que Vaughn lhe dera no dia anterior: uma vez que tivesse recuperado Raymond, deixaria aquele odioso e perigoso homem sem olhar para trás, considerando que já pagara sua dívida com ele completamente.

Ganhar tempo.

—Por que não pergunta você mesmo a Marianne para deixar o tema de uma vez por todas?

- disse a Rufus. Ele cruzou a sala e puxou o cordão.

Era um risco enorme o que corria, esperar que Marianne a apoiasse sem tê-la avisado, mas



com isso conseguiria mais tempo que com outra tática menos arriscada, isto se Marianne seguisse a corrente.

Jacob apareceu quase imediatamente fazendo-a se perguntar se estivera escutando junto à porta.

—Chamou, senhor?

—Chama Marianne imediatamente - disse Rufus, antes que Elisa pudesse impedir. Se deixou cair na cadeira mais próxima. - Chegaremos ao fundo disto.

Com as pernas trêmulas, Elisa se sentou em uma cadeira de respaldo reto e esperou a sua criada. Manteve as mãos no colo e lutou com o desejo de retorcê-las de ansiedade. Passaram uns momentos em silêncio até que bateram na porta.

—Adiante - disse Rufus, lançando a Elisa um rápido olhar antes que ambos dirigissem sua atenção à criada.

Marianne apresentava um aspecto aterrorizado. Elisa rezou para que não lhe falhasse. Rufus ficou de pé abruptamente, quase derrubando a cadeira em sua pressa. Marianne se encolheu de medo ao vê-lo se aproximar.

—Me diga o que fez ontem, durante o dia - exigiu ele.

O estômago de Elisa se fez um nó e pensou que o coração sairia do peito, do muito que lhe pulsava. Rufus fizera uma pergunta aberta! Como Marianne poderia dar a resposta acertada?

—Pois, senhor, fui montar com minha senhora Elisa - disse Marianne, com tom estranho, como se não compreendesse o motivo da pergunta.

Elisa quase rompeu em soluços de alívio. Marianne encontrara alguma pista que lhe indicava a mentira que devia formular.

—Seriamente? Foi um dia agradável? - perguntou Rufus com enjoativa preocupação.

—Bastante agradável para este lugar tão frio, senhor. Mas... a senhora danificou o traje de montar de uma forma... não sei como vou tirar as manchas.

—Ah, sim? E como o danificou?

Elisa sabia que Marianne não poderia responder aquela pergunta corretamente.

—E bem? - exigiu Rufus ao ver que Marianne não respondia imediatamente.

—Senhor, a senhora Elisa não queria que revelasse isso, estou segura disso.

—Sou seu futuro esposo, mulher. Se deseja conservar seu trabalho nesta casa, será melhor que me responda imediatamente.

—Compreendo, senhor. Minha senhora se orgulha de ser uma boa amazona, assim não gostará que diga que o cavalo a jogou.

Elisa mordeu o lábio e não se incomodou em esconder sua reação quando Rufus deu a volta de repente para ela. Não podia acreditar em sua boa sorte, e a julgar pela cor rubra da pele de Rufus, ele tampouco acreditava. Estava furioso.

Se voltou novamente para Marianne e seu movimento fez que Elisa pudesse ver Marianne novamente. A criada nem sequer a olhou. Se manteve erguida, com os ombros quadrados e o queixo em alto, orgulhosa e elegante.

—Entrou no dormitório de sua senhora ontem à noite? - perguntou Rufus.



—Sim, senhor, o fiz - disse Marianne, sem titubear.

—A que hora?

—Não estou segura. Foi na metade da noite, e acreditei ouvir algo.

—É seu costume entrar para vê-la? - Geralmente não, senhor. Minha senhora antes dormia profundamente, até recentemente.

—E por que é isso?

—Está preocupada com você, senhor. Me disse que parecia cansado e que temia que o baile de Lorde Munroe tivesse exigido muitas forças de você.

Os ombros de Rufus relaxaram instantaneamente um pouco e deu a volta para Elisa. Esboçou um sorriso forçado.

Ela assentiu com a cabeça.

—Sim, meu senhor. Dormiu quase todo o dia de ontem, mais do que o habitual, e ontem à noite parecia...

—Exausto - acabou Marianne por ela.

A testa dele clareou instantaneamente.

—Isso é tudo, Marianne. Obrigado.

A criada partiu e Rufus dirigiu toda sua atenção a Elisa. A olhou por um longo momento sem dizer nada, não lhe deixando outra opção que devolver o olhar. Precisava ter um aspecto totalmente inocente. Precisava levar aquilo a cabo.

Marianne completara com sua parte. Ele se aproximou e segurou a mão na sua. Com a outra, riscou uma linha do dedo até o pulso feminino.

Lentamente levou a mão aos lábios e beijou onde antes a retorcera com tanta fúria e a pele estava ficando roxa.

—Não sabia que estava preocupada comigo.

A necessidade de arrancar a mão da sua era imperiosa, mas Elisa se controlou. Elisa não acreditava que a doçura de seu tom fosse indicação de seus pensamentos.

—E por que não? Cuidou bem de mim.

—Me agrada que compreenda seu lugar nesta casa, mulher. Parece que estava equivocado com respeito a meu filho e você, o qual é melhor - retorceu o pulso ligeiramente, fazendo-a lançar um grito. - Me economiza o incômodo de ter que matar aos dois.

Soltou-lhe o pulso, deixando cair a mão dela sobre seu colo como se fosse mercadoria em más condições, girou em seus calcanhares e partiu com uma portada. Elisa ficou sentada até que se acalmaram os violentos tremores que a estremeciam.

As palavras de Rufus não a enganaram. Em nenhum momento acreditou tê-lo convencido. Ele recolhera suas forças durante um tempo porque não tinha provas, isso era tudo. Suas últimas palavras foram uma ameaça direta: sabia sobre Vaughn e ela.

Se encontrasse alguma prova contra eles, cumpriria sua promessa de lhes matar.

Vaughn caminhava pelas ruínas do que fora em épocas de Henry II um poderoso castelo que protegia a comarca dos salteadores franceses. Agora só consistia em um montão de velhas pedras sobre um escarpado à borda do mar.



Parecia que havia passado uma vida inteira sem visitar aquele lugar. A última vez que chutara aquelas rochas foi antes da morte de sua mãe.

Lancharam sob o enorme carvalho que guardou uma vez a entrada da grande fortaleza. Enquanto as ondas batiam contra o escarpado, ele escutava a doce voz lhe contar dos valentes cavalheiros que viviam no castelo e o protegiam dos inimigos.

Todos tinham inimigos, ela dissera. Os reis e os mendigos, os ladrões e as rainhas. Naquele momento ele se perguntou quem seria o inimigo de sua mãe.

Pareceu-lhe que era seu pai, como nas tragédias gregas que seu tutor o obrigara a estudar de cor e recitar em perfeito grego antigo.

O cenário de uma tragédia parecia se adequar a seu humor, mas o que não gostava absolutamente era que a maioria dos personagens das tragédias gregas acabavam mortos.

Naquele cenário da vida real, todos eram desamparados atores do argumento que se desenvolvia. Naquela manhã Marianne o despertara apressadamente, o advertindo que Elisa poderia estar em perigo.

Fora do estúdio diretamente a seus aposentos para informar da entrevista a que Rufus a submetera. Quando conseguiu despertar, Vaughn tentou armar aquele quebra-cabeças.

—Como diabos soube o que lhe dizer? - perguntou a Marianne.

—Porque Jacob escutou atrás da porta e me disse antes que entrasse o que minha senhora dissera ao senhor - Marianne respondeu, como se fosse o mais lógico.

Ele se surpreendeu ante a cumplicidade da criada, já que ela deixara perfeitamente claro que pensava que Vaughn era um descarado.

—Tanto o odeia? - perguntou.

—É um arminho vestido de humano - respondeu ela com calma.

Vaughn gostou da comparação. Os arminhos eram pequenas criaturas impiedosas que atacavam sem nenhuma provocação. Eram capazes de atacar a um homem se se interpunha em seu caminho e podiam causar um dano considerável, inclusive a morte às vezes.

Por sorte, havia poucos deles no mundo. Escrevera uma nota, dando a Marianne instruções de entregar a Elisa o mais breve possível. Logo se vestiu e foi diretamente aos estábulos para pegar seu cavalo e se dirigir às ruínas.

A esperaria todas as horas do dia e da noite se fosse necessário. Rufus acreditaria que ele se encontrava fazendo a corte a Natasha como lhe ordenara. Vaughn dedicou um rápido pensamento a jovem.

Era uma beleza, e entretanto não podia se comparar com Elisa. Ao se deixar seduzir por ele, Elisa conseguira entrelaçar sua presença com firmeza em sua mente. Se deitar com ela não havia curado sua obsessão, a não ser justamente o contrário.

Como pôde ter pensado que seria fácil se afastar dela? Como poderia deixá-la com ele?

O som de um cavalo se aproximando o fez ficar de pé. Antes de poder reconhecer suas feições, soube que era Elisa.

Levava as saias recolhidas até as coxas e seu cabelo, que soltara do coque, ondeava ao vento enquanto cavalgava para ele como se o diabo a perseguisse.



A seguiam? Olhou atrás dela, mas a planície que estava a bordo do escarpado estava vazia, excetuando Elisa. Solto o ar que contivera inconscientemente.

Por um momento pensou que ela ia lhe atropelar porque não deu indícios de se deter nem sequer reduzir a velocidade. Mas no último momento puxou as rédeas e fez que seu corcel se detivesse, despedindo erva em todas as direções.

Sem mediar pausa, deslizou dos arreios diretamente a seus braços. Falou entrecortadamente, se enredando com as palavras por quão rápido queria lhe contar tudo com voz trêmula.

—Sabe, Vaughn. Sabe! Marianne mentiu por mim, sabe Deus como soube o que dizer, mas o deteve de momento. Mas só de momento, pude ver em seus olhos. Sabe e só está esperando uma prova. Vaughn, me advertiu que nos mataria se nos encontrasse juntos.

Tem que partir de Fairleigh Hall.

—Shhh, Elisa - disse ele, a afastando de si para olhá-la. - Se acalme, minha doçura. Marianne me disse o que aconteceu. Ainda não há o que temer. Só o supõe. Se não fosse assim teria tomado a revanche esta manhã.

—Só procura uma prova! - gritou ela. - De alguma forma, sabe.

—Não, só o suspeita. Desejaria que fosse verdade e assim poder me matar com a consciência limpa, mas isso é tudo.

—Deve partir, então, antes que diga que o matará de todos os modos - olhando por cima de seu ombro, observou o horizonte antes de se voltar novamente para ele. - Será melhor que atemos nossos cavalos e os mantenhamos escondidos.

Levaram os cavalos à única estrutura que ficava em pé: o salão de conferências, onde havia rumores que Henry e Eleanor e seus filhos lutadores tiveram sua corte.

Algum dia contaria a Elisa todas as histórias das que sua mãe falara a ele sobre o passado do castelo, mas agora ela necessitava que a tranquilizasse, não que falasse de inimigos nem de tragédias gregas.

Entretanto, não podia tranquilizá-la ali, entre os fantasmas de outra família que se destroçou por brigas e ciúmes mesquinhos. Agarrando a mão dela, a levou fora, à sombra da velha árvore.

Quando tentou tomá-la em seus braços, ela se desligou deles e segurou seu rosto entre suas pequenas mãos. Sua expressão era decidida.

—Vaughn, tem que compreender. Deve ir ou ele o matará... e a mim também. Me disse isso.

—É só a fanfarronada de um velho, Elisa. Não sabe nada.

O solto e meneou a cabeça.

—Só estivemos uma vez na casa e ele se inteirou. Até sabia que eu não visitara Caroline. Pelo que sei, possivelmente nos seguiram até o lago aquele dia. Parece que tem espiões em todas as partes.

A Vaughn chamou a atenção outra coisa completamente diferente. Segurou o braço dela e empurrou para trás a manga para ver bem. O pulso feminino estava coberto de machucados, e parecia torcido.

—Ele fez isso? - perguntou com raiva.



—Estava zangado...

—O defende? - sua voz se elevou. - A esse filho de puta? - se dirigia para os cavalos quando o deteve agarrando sua mão.

—Não, Vaughn, o perdoe. Por um momento. Por agora. Desfrutemos do tempo que temos. Ele ficou parado em seu lugar, detendo a raiva.

—Faça amor comigo - sussurrou ela. Se entregando a seus braços, elevou o rosto para ele. - Por favor, Vaughn.

Ele não pôde responder ao pedido feminino pela raiva que sentia. Cobriu seu rosto de suaves beijos e ele tentou afastar a boca, embora não conseguiu reunir as forças para se afastar dela de todo.

Elisa segurou seu rosto entre as mãos novamente e desta vez conseguiu capturar a boca masculina com a sua, colocando a língua dentro para explorar seus dentes e sua língua. Se apertou contra ele, esmagando os seios contra seu peito.

Sua túrgida curva e seus erguidos mamilos indicaram a ele que sob o algodão de seu vestido estava nua novamente. Além disso, podia sentir a pressão do monte feminino contra sua perna, sem a barreira das anáguas.

Soube que se o propunha poderia estar dentro dela em três movimentos e experimentar novamente a sensação de seu quente e úmido canal. Só em pensar fez que começasse a se encher, embora não lhe tivesse ido o aborrecimento.

As mãos dela procuraram provas em suas calças e demonstrou outra vez a boa aluna que era. Levou uns segundos para desabotoá-las fazendo que deslizassem pelas pernas. Suas mãos logo se fecharam em torno dele.

A resistência masculina cedeu, e com um rugido a levantou e a empurrou contra a árvore.

Ela lançou um afogado grito de surpresa ante seu contato, mas se entregou com entusiasmo, rodeando sua cintura com as pernas enquanto ele tirava as saias de entre eles.

Com o tranco que se imaginou a penetrou com um gemido de satisfação. Mas o incentivou com palavras e gemidos de prazer, e ele a voltou a penetrar uma e outra vez para se liberar de sua raiva, sua frustração e sua obsessão.

Se entregava por completo com cada dura estocada. Liberando os seios dela do decotado sutiã, e se deu um banquete com eles, roçando um com o polegar enquanto chupava o outro, o metia na boca e lambia a auréola. Ela jogou a cabeça para trás, enlevada.

Sua união foi frenética; Vaughn estabeleceu um ritmo selvagem e desesperado por sua intensidade. As unhas femininas percorreram suas costas através da camisa quando ela se aproximou do clímax e explodiu.

Ele apertou os dentes e as veias do seu pescoço se marcaram enquanto gemia roucamente ao gozar dentro dela.

Ela acomodou a saia enquanto Vaughn se vestia. Ele parecia ter se acalmado, não estar disposto a partir em louca carreira. A beijou na testa.

—Me distraiu deliberadamente, Elisa. Apesar de que não me oponho a uma distração desse tipo, não me tirou o outro da cabeça.



—Não sei a que se refere - disse ela, mas não pôde o olhar nos olhos.

—Se tiver que partir, não partirei sem você.

O olhou, tragando o nó na garganta. Aquilo era o que ela temia.

—Eu não posso - disse em voz baixa.

—Não a deixarei na guarida desse monstro, Elisa.

—Onde iríamos? - ela perguntou, virtualmente.

—Que importa? - ele deu de ombros. - Londres. Conheço muitas pessoas em Londres. Vão te adorar.

—Londres? - Disse ela, com os olhos cheios de lágrimas. - Jamais poderei voltar para Londres.

—Por que não? Não terá por que se mesclar com as pessoas que conhecia antes. Minha casa está junto ao Hyde Park. O vizinho da direita é muito meu amigo, Henry Fitzgerald. E Jonathan Wright, o do outro lado, foi à escola comigo.

Ah, e a mulher de Jonathan tem mais ou menos sua idade, então se darão maravilhosamente bem. Tem um senso de humor muito particular.

Cada vez se excitava mais enquanto fazia planos, mas Elisa sentia que com cada uma de suas frases seu coração pesava mais.

—Me diga - ela disse em voz baixa, - Henry Fitzgerald, se me lembro bem, é o conde de...

—Sussex - respondeu Vaughn.

—E Jonathan Wright, conheço seu nome também.

—É o neto - disse Vaughn franzindo o cenho, - não, o sobrinho do Primeiro-ministro.

—Vaughn, não vê o que diz? Essas pessoas teriam menos motivos para me aceitar que as que me expulsaram de Londres.

—Isso é uma tolice. Não a conhecem.

—Sabem quem sou. Me desterraram faz anos, e entretanto, você mesmo viu a forma em que me trataram na soirée. As pessoas me conheciam tanto como seus vizinhos. Não poderia voltar nunca. Jamais.

Ele pensou no que lhe dizia impacientemente, os ombros tensos.

—Bem. Kirkaldy então. Onde queira. Me dá totalmente igual, Elisa, sério.

As lágrimas que enchiam os olhos azuis agora derramaram por suas faces e as secou com o dorso da mão.

—Não. Não posso - repetiu.

—Elisa, o que aconteceu no passado é exatamente isso, o passado. Preferiria ficar aqui com ele?

Ela sentiu uma opressão no coração ao olhar para ele. Estava tão seguro que tudo sairia bem, mas ela já vivera o bastante para saber que não seria assim.

—Sabe que não é isso. Sabe o que a sociedade pensa de mim, você mesmo viu. Até você disse que meu passado era escuro. Um brinquedo, me chamou.

—Disse aquilo porque estava zangado.

—Sei, mas não pode compreender o que é perder tudo e além disso ser pontuada de puta.



Seu pai foi a única pessoa que me defendeu.

—Não a deixarei aqui - disse Vaughn, meneando a cabeça.

—Não tem outra opção.

Ele a olhou doído. Fazia uns momentos fizera amor com ela e já lhe sentia falta. Como poderia viver sem vê-la todos os dias, sentir seu contato, ouvir sua voz...?

—Então, permaneceremos separados da sociedade - anunciou ele. - Poderia vender minhas propriedades da Escócia e nos mudar para...

—Vaughn, basta - disse ela. Seus seis anos separada da sociedade foram horríveis. Não permitiria que ele sofresse o mesmo. Pôs um dedo nos lábios dele. Isso é uma loucura.

—Elisa, poderíamos fazê-lo - disse ele, negando com a cabeça.

Ela desejava ir com ele com cada fibra de seu corpo. Havia um só motivo para ficar ali, mas era mais forte que qualquer dos argumentos que Vaughn utilizasse.

Além disso, ela falara com sinceridade: não podia voltar para Londres nem à sociedade, e não permitiria que ele sacrificasse seu lar por ela. Acabaria odiando-a.

—Vaughn, ele pode me devolver meu filho. Não quero, não posso rechaçar a oportunidade de encontrar Raymond.

Viu nos olhos masculinos que ele não podia se opor aquela objeção, tal como o soubera sempre.

—Ao menos não volte ali sem mim, Elisa - disse ele com um suspiro. - Não confio em Rufus. Ela esboçou um sorriso tranquilizador.

—Eu disse a Marianne que me dirigia a casa de Caroline para falar de você, tal como o conversamos ontem à noite. Será melhor que vamos ali antes que Rufus venha se certificar, como certamente fará, não tenho nenhuma dúvida.

Vaughn levou a mão de Natasha aos lábios.

—Está formosa hoje, Natasha.

A jovem esboçou um sorriso radiante, elevando o rosto para ele, a adoração iluminando seus olhos escuros.

Fazia um quarto de hora que chegara com Elisa pendurada em seu braço e pedido para falar com Caroline e William.

A solicitude de cortejar a sua filha fora recebida com grandes sorrisos e William não titubeara absolutamente em dar sua aprovação.

Durante a curta entrevista Elisa permanecera perto, o rosto pálido, o sorriso forçado. Usava um par de delicadas luvas de renda, escondendo convenientemente os machucados que danificavam sua suave pele.

Ele acreditara que seria impossível odiar mais ainda a seu pai, mas aqueles machucados haviam levado o ódio que sentia por aquele homem a níveis insuspeitados.

Agora passeava pelo jardim com ela, pensando o que dizer, desejando estar nas ruínas com Elisa. Possivelmente, se se apressasse, poderiam voltar e passar a tarde fazendo amor.

—Quem poderá ser?

Vaughn seguiu a direção da vista de Natasha e viu um dos lacaios de Fairleigh Hall andando



pelo longo caminho de entrada rodeado de árvores.

—Acredito que é Harlan, um dos criados de meu pai. Possivelmente veio para escoltar minha madrasta e a mim de volta para casa.

—OH - disse ela, se detendo. - Não terão que partir já, não é?

—Ficarei um momento, nada mais. Se me desculpar, verei para que veio - disse Vaughn e se dirigiu ao encontro de Harlan na entrada. - O que passa, homem?

Harlan subiu os degraus de dois em dois.

—O senhor requer a presença de sua prometida em Fairleigh Hall. Vim para levá-la de volta.

—Eu posso fazer isso.

O criado levantou o queixo.

—Não, senhor, temo que tenho ordens muito estritas de levá-la eu. Além disso, ele disse que certamente você quereria ficar com a senhorita Natasha.

Vaughn não desejava aquilo absolutamente, mas não podia negar sem levantar suspeitas.

—Muito bem, a chamarei.

Vaughn encontrou Elisa no salão com Caroline e William, no que parecia um brinde de celebração, pois havia três taças de champanhe sobre a mesa.

—Brindando por meu futuro, conforme vejo - disse, entrando na sala. Os três se voltaram, mas automaticamente Elisa atraiu sua atenção. Seguia muito pálida e seus lábios tremiam quando não os mantinha apertados.

Quando ela levantou a vista sorriu levemente ao lhe ver, mas seu sorriso se esfumou ao ver Harlan a seu lado.

—Parece que pai quer que vá para casa - disse Vaughn. - Harlan veio para te escoltar.

Ela ficou de pé abruptamente, golpeando a mesa e derrubando o champanhe.

—Que torpe, sinto muito - disse, endireitando as taças. Suas mãos tremiam.

—Não passa nada - assegurou Caroline e chamou os criados.

—Os acompanharei à porta - disse Vaughn, se aproximando de Elisa para lhe oferecer seu braço.

—Voltarei no fim de semana, se lhes parecer bem - acrescentou Elisa cortesmente.

—Nos dará muito prazer - declarou William e Caroline, que parecia estar totalmente inteirada dos detalhes do suposto passado sórdido de Elisa, murmurou algo que Vaughn não ouviu.

Desde que estivesse casado com sua filha, parecia que Caroline estava disposta a suportar uma puta em seu salão. A hipocrisia da alta sociedade nunca deixava de divertir Vaughn, mas aquela diversão tinha um toque amargo agora.

Vaughn se oferecera a acompanhar Elisa até a porta para poder falar com ela sobre sua surpreendente chamada à casa. Entretanto, Caroline e William os seguiram até onde Harlan segurava o cavalo de Elisa.

Quando Vaughn ajudou Elisa a subir os arreios, em que se acomodou como se fosse uma sela feminina, com o joelho enganchado no pomo, apertou a mão dela e murmurou:

—Irei atrás de você. Tenta deter um pouco a Harlan.



Ela assentiu com a cabeça e, levantando a vista, sorriu para Caroline e William, em seguida acomodou as rédeas. Harlan ia a pé, o qual os faria ir devagar.

Vaughn sabia que Elisa tinha imaginação para as intrigas, encontraria a forma de demorar muito em chegar à casa, o qual esperava que lhe concedesse um pouco de tempo.

Elisa voltou a lhe lançar um olhar antes de esporear brandamente ao cavalo para que começasse a andar a passo. Ao ver o medo refletido nas pupilas femininas, Vaughn soube que não podia permitir que ela voltasse sozinha.

Não importava que o tivesse rechaçado, que tivesse feito sua escolha. Seu instinto o dizia a gritos.

Mas antes que pudesse dar a volta para pedir que trouxessem seu cavalo do estábulo, William se aproximou e lhe deu uma palmada no ombro.

—Venha. Você e eu iremos a meu escritório e nos encerraremos com o tabuleiro de xadrez e uma dessas excelentes garrafas de porto que me enviou. Temos coisas a discutir longe das mulheres.

Vaughn lançou um olhar por cima do ombro, onde Elisa se encontrava, no final do atalho, com Harlan segurando a brida do cavalo. No topo da escada, Caroline lhe sorria. Se forçou a esboçar um sorriso jovial.

—Uma ideia magnífica - mentiu.

Capítulo 16.

Elisa olhou para trás. Era ridículo ter esperanças que Vaughn os alcançasse. Empregara todas as táticas possíveis para atrasar seu progresso, incluindo pedir um momento em particular atrás de um arbusto, o qual alongara durante um longo momento.

Apesar de saber que não era possível que Vaughn estivesse perto, Elisa olhava por cima do ombro constantemente com a esperança de o ver. Entretanto, até onde alcançava a vista não havia ninguém.

Somente Harlan e ela, e já se achavam a minutos de Fairleigh Hall. Por favor, Vaughn, se apresse.

Se aproximaram do caminho de cascalho da entrada e Harlan a ajudou a desmontar. A formidável mansão se erguia frente a ela. Cada um dos degraus que subiu da escada para a porta da entrada lhe pareceu o último.

A porta de mogno com sua enorme aldrava de bronze surgiu ameaçadora frente a ela. Ela lançou um olhar a Harlan, que ficou ao pé da escadaria, a observando. Que fazia? Temia que ela saísse correndo? Com mão trêmula, abriu a porta.

Fez uma profunda inspiração, os nervos a flor da pele, e entrou.

Estava vazio. Relaxou um pouco, logo pensou que Rufus não a esperaria no vestíbulo.

—Vejo que chegou! - se ouviu o vozeirão de Rufus, sobressaltando-a. A voz provinha do



vestíbulo da escada circular.

Com o coração acelerado, se dirigiu até o arco por onde se passava ao vestíbulo de chão de mármore.

O sol entrava pela alta janela que dava para o fundo da casa, o enchendo de luz que se refletia nas brilhantes superfícies brancas, a deslumbrando e fazendo que a sala brilhasse com falso calor.

Aquele vestíbulo sempre parecera a ela um lugar frio e sem coração. Pisou no mármore procurando Rufus e se deteve ao entrar, levando a mão à boca.

Rufus se sentava no quarto degrau. Entre seus pés havia uma licoreira quase vazia. O dedo de líquido que restava no fundo era cor dourada. Rufus trocara seu porto habitual por uma bebida mais espirituosa.

Estava com o rosto avermelhado e o cabelo alvoroçado; parecia que havia passado as mãos por ele, ou possivelmente se levantou da cama sem se arrumar. Seus olhos diminutos estavam injetados em sangue e chorosos.

Mas não era sua aparência demoníaca o que a deteve, a não ser a pistola que ele segurava na mão.

Todos seus sentidos indicaram a Elisa que saísse correndo. A porta atrás dela seguia aberta... em dois passos podia cruzar o vestíbulo e sair a campo aberto. Mas Harlan montava guarda ante a porta de entrada.

—Rufus, o que significa isto? - perguntou, estremecendo quando sua voz se quebrou.

Ele ficou de pé lentamente e se balançou. Logo, com uma pausa para possivelmente pensar o que fazer, desceu a escada. Quase levou a licoreira pela frente.

Outro passo.

—Venha aqui, mulher! - bramou. - Me fez esperar muito.

Embora ela soubesse que ele se enfureceria, não fez gesto de se aproximar dele. Sentia como se tivesse as pernas engessadas.

—Acaso não me ouve, puta?

Ela deu um salto como se tivesse batido nela, mas mordeu a língua para não responder. Ele deu um passo adiante. Ela deu um atrás.

—Teme ao homem com quem vai se casar?

Tragando o nó de medo que tinha na garganta, ela replicou:

—Tenho medo do aborrecimento em seus olhos. Tenho medo da arma que tem em suas mãos.

Levantou o revólver com uma cruel careta nos lábios.

—Teme que a use contra você? Ou teme por seu amante, meu filho?

Antes que ela pudesse se mover, ele se jogou em cima dela e a segurou pelo mesmo pulso que havia retorcido aquela manhã. Ela fez um gesto de dor, mas conteve um grito.

—O filho de Harlan foi dar um passeio esta manhã. Foi às ruínas.

O qual significava que vira Vaughn e ela fazendo amor sob a árvore. Não havia forma de negar. E, de todos os modos, sabia que ele não acreditaria se o fizesse. Seu tempo acabara. De



qualquer jeito.

—Vaughn voltará logo - advertiu a Rufus.

Ele lançou uma desagradável gargalhada.

—É obvio que o fará. Esse filho de puta a esteve farejando desde que a viu. Sabia que se mandasse te procurar, ele viria correndo atrás; contava com isso.

Elisa sentiu que a invadia uma onda de horror que era fria e quente ao mesmo tempo. Vaughn cairia em uma armadilha! Precisava encontrar a forma de desarmar Rufus. Ele brandia a pistola e ela tragou: Estava com a garganta totalmente seca.

—Contava com isso? - repetiu. - Suponho, então, que o filho de Harlan não decidiu por sua conta e risco ir dar um passeio, você fez que me seguisse.

—É obvio - rugiu Rufus. - Acredita que sou imbecil, mulher? Cheirava a esse filho de puta da cabeça aos pés. Sabia que se a vigiasse, cedo ou tarde iria correndo a esse bastardo.

—Parabéns, então. Conseguiu exatamente o que queria. Embora, o que te passa, Rufus? Não parece que esteja se divertindo agora.

A esbofeteou tão forte que fez um corte no seu lábio. Sua mandíbula intumescceu totalmente, mas sentiu o sabor do sangue. Aceitou o golpe com calma, depois de tudo, o incitara para que o fizesse. O soco lhe deu uma ideia.

Estava claro que Rufus esperava Vaughn para usar o revólver, do contrário teria apertado o gatilho fazia um momento. Não tinha forças para o desarmar, mas havia outra forma de inutilizar uma pistola: dispará-la.

Não havia corno de pólvora por perto, nem projétil. Se conseguisse que ele se zangasse o suficiente, possivelmente pudesse fazer que disparasse a arma.

Era muito bom atirador para esperar que falhasse, mas ao menos não estaria armado quando Vaughn chegasse. Daria Vaughn a ligeira margem que possivelmente necessitasse para vencer Rufus.

Droga. Elisa olhou para Rufus, o estudando. Rufus não era tolo. Não podia começar a provocá-lo imediatamente e pretender que ele não se precavesse de sua estratégia.

—Rufus, me ouça. Fui eu quem iniciou a relação. Fui eu quem perseguiu Vaughn. É um moço que simplesmente tomou o que eu oferecia a ele.

A veia na têmpora de Rufus parecia a ponto de explodir. Os olhos injetados em sangue a olharam com desconfiança.

—Mente por ele.

—Por que ia mentir agora? Pergunte ao filho de Harlan. Estou segura que te deu muitos detalhes. Pergunte se parecia que eu não estava gostando esta manhã. Pergunte a ele quem oferecia seus favores a quem.

Se deu conta que dera no alvo, porque os dedos dele se cravaram na pele de seu braço.

—Mas você já sabe, não é? - Disse em voz baixa. - Ele não regulou nenhum detalhe. Estou segura que desfrutou lhe contando sobre isso.

—Não! - Exclamou Rufus, sacudindo seu braço. - Vaughn me despreza tanto como eu desprezo a ele. Queria me fazer mal e pensou que te seduzir seria a forma.



—É obvio, um homem com um coração tão frio como o seu nunca poderia ser ferido por uma emoção tão pequena como o amor - aguilhoou Elisa.

A gargalhada de Rufus fez com que se arrepiasse.

—A única coisa que conseguiu por seus esforços foi uma puta bem manuseada. Que rápida é em voltar para sua vida licenciosa!

—Por meus esforços aprendi quão profundo é seu ódio por mim, pai.

Era a voz de Vaughn.

A pistola de Rufus se dirigiu imediatamente à esquerda de Elisa. Ela se voltou e viu que Vaughn se apoiava contra o umbral da porta envidraçada que levava ao jardim e aos estábulos.

Estava com os braços cruzados e não parecia preocupado pela arma que Rufus segurava.

—Elisa, venha comigo - disse Vaughn, se endireitando. Deu um passo para ela, mas Rufus engatilhou a arma. Elisa afogou um grito com a mão, mas Vaughn pareceu não se dar conta... ou não se importar enquanto estendia sua mão a Elisa.

—Afastas as mãos dela! - Rufus brandiu a pistola.

—Vaughn, não, o matará - sussurrou Elisa.

—Chegou o momento de partir - disse Vaughn., Recebi umas notícias muito interessantes faz uns minutos. Uma carta de Lorde Ardem, de Londres - colocou a mão no bolso da jaqueta mas Rufus lançou um rugido, por isso Vaughn deteve o movimento que fazia.

—Não fale como se eu não estivesse presente, menino - disse Rufus.

—Desde o momento em que li a carta, você morreu para mim - disse Vaughn girando a cabeça - disse isso como se estivesse anunciando que a mesa estava servida, sem drama, sem emoção. Voltou a olhá-la.

—Pedi que me enviassem a correspondência para a casa de William, já que não confiava na segurança de nenhuma carta que chegasse aqui. E resultou bem. Meus agentes em Londres me informaram sobre uma questão que pedi que investigassem faz uns dias.

—Londres? - repetiu Elisa, sobressaltada. O que era tudo aquilo? Não preocupava a Vaughn ter uma pistola apontando as suas costas? Não se dava conta que por cada segundo que fazia caso omissos a Rufus, este se encolerizava mais e mais?

Passou a língua pelos lábios, a boca e a garganta seca como as dunas do deserto.

—O homem com o qual concordou se casar, Elisa, o homem que disse que recuperaria seu filho, jamais fez nada a respeito. Nunca contratou a ninguém para que procurasse Raymond, só lhe disse isso para que ficasse com ele.

Faz muito tempo que Rufus a deseja... pouco tempo depois de que se casasse com Roger jurou que algum dia seria dele. Ninguém prestou atenção a ele porque a maioria dos homens de Londres juraram que a conseguiriam de uma forma ou outra.

Mas Rufus dizia a sério. Convenceu Lorde Ardem que desafiasse a seu marido a um duelo quando pegaram Roger na cama de sua mulher. E foi Rufus quem incitou Ardem a que revertisse as coisas.

Ardem estava desesperado por salvar a reputação de sua esposa; tem muita influência na Casa dos Lordes e aquilo teria acabado com sua carreira.



Ao dizer que o pegaram em sua cama, Elisa, Ardem ganhou a admiração de todos os homens de Londres, e protegeu assim a sua mulher.

—Mas... por que Rufus faria isso? - perguntou Elisa, desconcertada.

—Isso é o mais terrível - disse Vaughn com uma careta de desgosto. - Queria te isolar da sociedade, ao ponto que ninguém pudesse te ajudar exceto ele. O que Ardem disse funcionou perfeitamente. A expulsaram, teve que partir. Vulnerável.

Ela olhou para Rufus. Se deu conta que deveria sabê-lo. Encaixava com todas as outras maquinações dele.

la bem para sua personalidade retorcida, manipulava as pessoas à vontade da forma que resultasse mais efetiva, sem lhe importar a dor ou o dano que poderia causar a alguém mais.

Mas a verdade doeu. A feriu profundamente e se deu conta que se obstinara a aquelas falsas esperanças porque não podia suportar a ideia que ninguém fizesse nada por seu filho, de que não ficava nenhuma esperança.

Até estivera disposta a se afastar de Vaughn para viver com aquelas falsas esperanças! Que tola fora! Alguns de seus pensamentos se refletiram no rosto, porque Rufus riu dela.

—É tremendamente crédula. Se dá conta que passou toda sua vida se deixando manipular pelos homens? Primeiro o bêbado de seu marido, logo eu, e agora meu filho dá o golpe de misericórdia.

—Elisa, venha comigo - disse Vaughn, se aproximando um passo.

—Fique aí mesmo, menino - Rufus voltou a brandir a pistola. Desta vez o cano apontava diretamente à cabeça de Vaughn. - Ambos estão manchados pelo mesmo pecado. Não pode salvá-la, do mesmo modo que não pode salvar a si mesmo.

—Mataria a seu próprio filho? - sussurrou Elisa.

—Filho? Vaughn não é meu filho. A puta de sua mãe recebeu a semente bastarda de outro homem, o mesmo homem ao que se dirigia na noite em que morreu.

Elisa se voltou rapidamente para ver Vaughn, para observar como recebia aquela notícia. Vaughn havia entreaberto a boca, mas assentiu com a cabeça quando o olhou, como se tivesse confirmado a suspeita que tivera fazia tempo.

—Então me separou de você.

—Ninguém trai Rufus Fairleigh e se sai com a sua. A safada de sua mãe descobriu isso na noite em que morreu.

—Você a matou - disse Vaughn em voz baixa.

Elisa sentiu que o pelo da nuca se arrepiava. Que perigoso parecia Vaughn!

—Com esta mesma pistola - disse Rufus com uma risada afogada. - Apropriado, não é?

Vaughn se lançou sobre Rufus e Elisa lançou um grito, porque a pistola apontava para ele. Não havia nenhuma possibilidade. Nenhuma absolutamente. A pistola disparou e Vaughn caiu ao frio chão de mármore com um grito, ficando quieto.

Ela se ajoelhou a seu lado. Ele estava com os olhos fechados e já começava a fazer uma poça de sangue a seu lado, ao pé da escada. Rufus a segurou pelo cabelo, levantando-a e soltando de repente.



Ela cambaleou para o arco que comunicava com a entrada. Precisava fugir naquela direção e Rufus não tinha pistola.

—Se der outro passo mais, a matarei agora - disse Rufus atrás dela.

Lançou um olhar por cima do ombro e viu que Rufus colocava a mão na jaqueta e tirava uma segunda pistola, a companheira da anterior, que se encontrava junto ao corpo inerte de Vaughn. Se deteve instantaneamente.

É obvio, eram um par de pistolas de duelo.

—Esta também está carregada - assegurou Rufus e a engatilhou.

Ela retrocedeu uns passos e deu com as costas contra uma das frias colunas, como a que servira de esconderijo a Vaughn e ela uma noite, fazia séculos. Rufus apontou a pistola para o peito dela.

—Me mate, Rufus, e nunca terá seu brinquedo próprio - disse empregando uma tática desesperada.

—Sua utilidade acabou, puta - rugiu Rufus. - Não vale a pena.

Atrás de Rufus ela viu a sombra de um movimento e conteve o fôlego. Vaughn seguiria vivo? De repente, se encontrou falando sem sentido, dizendo algo com a intenção de chamar a atenção de Rufus.

Era uma tolice e talvez isso foi o que deu a pista a Rufus, ou possivelmente a visse olhar atrás dele. Rapidamente deu a volta para proteger suas costas. Mas foi muito tarde.

A mão de Vaughn, segurando a sólida licoreira de cristal com sua pesada base, golpeou contra a têmpora de Rufus e este caiu ao chão de mármore como uma pedra, imóvel.

Presas da histeria e do alívio, Elisa passou por cima de seu corpo. Vaughn retrocedeu um pouco e estirou os braços para trás para se apoiar contra o poste da escada. Apertou o flanco.

A camisa por debaixo do pano negro estava vermelha do sangue que perdia, e inclinou a cabeça um pouco. Seu rosto estava com um alarmante tom cinza. Elisa estendeu a mão para ele e ele a colheu com a sua, coberta de sangue. Havia um fio atrás dele.

—Acreditava que tivesse morrido.

—Ainda não está decidido - sussurrou ele. - Elisa, tem que me levar a algum lugar seguro, longe daqui.

—Vaughn?

Ele desabou para frente, em seus braços.

Elisa olhou pela janela, embora não pudesse ver nada através da chuva que jorrava pelo vidro. A falta de reflexo a forçou a se concentrar em seus pensamentos. Durante quase duas semanas não pudera pensar mais à frente do momento imediato.

E durante toda aquela quinzena lutara para salvar a vida de Vaughn.

Esta noite, pela primeira vez desde que viu o exânime corpo de Vaughn no chão de mármore, Elisa estava segura que viveria. Não sofrera nenhuma infecção que pudesse ter atacado devido à ferida.

Não foram encontrados na pequena estalagem situada a umas horas de Fairleigh Hall.

Não sabia se Rufus vivia ou havia morrido, e não se importava, exceto que se vivia poderia



estar fazendo que os buscassem.

Permanecera encerrada na estalagem cuidando de Vaughn, e tão preocupada estava pela condição dele, que perdera o apetite completamente.

Naquela noite terrível chamara aos criados e carregado Vaughn em uma carruagem fechada com a ideia de partir da mansão, o mais longe que o chofer pudesse lhes levar.

Mas ao olhar desesperada a ferida de Vaughn na carruagem, se deu conta que com cada quilômetro que viajavam Vaughn perdia mais forças. Precisava de cuidados que ela não podia dar em uma carruagem em movimento.

Ao ver a pequena estalagem escondida junto a uma ponte, decidiu que ali ficariam até que Vaughn pudesse viajar.

Elisa permanecera a seu redor todo o tempo e aquela primeira noite se perguntou se ele veria o amanhecer. Durante as primeiras quarenta e oito horas mal pregou olho. Logo a temperatura dele subira e seus temores se acentuaram.

Entretanto, a febre havia recuado e havia cor no rosto masculino. Cada dia se encontrava um pouco mais forte e esta noite dormia tranquilo.

Oxalá pudesse dormir também! Cada vez que fechava os olhos, lhe aparecia uma imagem de Rufus. Cada dia temia que os encontrasse e acabasse o que iniciara.

Esta noite se perguntava se Vaughn o teria matado, mas sabia que se fosse assim, teria se informado. Rufus era o homem mais rico da região e, certamente, o rumor de sua morte chegaria até eles, inclusive em um lugar tão pequeno como aquele.

Desejou poder voltar para trás o calendário cinco anos, no momento da morte de Roger. Se tivesse sabido então o que sabia agora, teria pego Raymond e fugido rapidamente, o mais longe possível. Lhe teria dado igual ser pobre se pudessem estar juntos.

Mas não podia voltar atrás e agora enfrentava um futuro incerto. Seu olhar se dirigiu novamente à cama, tal como fizera constantemente desde que se alojaram ali.

Vaughn dormia e a sombra de suas longas pestanas se refletia em suas maçãs do rosto angulosos. Estava com o escuro cabelo alvoroçado e perdera peso. Seu coração se oprimiu ao olhar para ele.

Era tão jovem... deveria liberá-lo, o devolver ao mundo e deixar que seguisse seu caminho. Agora que ele conhecia a verdade sobre Rufus, possivelmente pudesse procurar a seu pai verdadeiro. Precisava o deixar.

A única coisa que faria seria destruir sua vida. Quase já a destruíra!

Naquele instante, os olhos masculinos se abriram lentamente. Elisa conteve a respiração. despertou! Ele piscou um pouco e logo viu seu travesseiro e o dossel da cama sobre sua cabeça.

—Estou vivo - disse. A voz rouca não escondia sua surpresa.

—Certamente que está vivo - disse Elisa.

Ele girou a cabeça para olhá-la. Um suave sorriso se desenhava em seu rosto.

—Venha aqui - disse ele, assinalando um lugar junto a ele na cama.

Ela se sentou na borda, porque não queria incomodá-lo mais do que o necessário.

—Como se sente?



Ele segurou o braço dela e puxou brandamente para a aproximar e lhe dar um beijo.

—Agora, melhor - disse com um sorriso.

Aquele sorriso a turvou. O lençol baixara até a cintura dele, deixando descoberto o torso com a vendagem branca, a pele cítrica iluminada pela opaca luz da vela. Seu estômago ficou tenso.

Fazia duas semanas que não faziam amor, e embora soubesse que estava ferido, o desejava. Olhou seu forte peito e logo seu abdômen, com a linha de pelos que desaparecia sob o lençol.

—Venha comigo - disse ele.

Elisa o olhou e viu que ele a observava, reconheceu o calor de seus olhos. O desejo subiu por sua coluna.

—Está ferido.

—Está claro que minhas feridas se curaram.

—Mas, e se...?

Com um rugido, ele a puxou e a subiu em cima, demonstrando que embora estivesse ferido, certamente não estava incapacitado. Podia senti-lo contra ela, quente e duro. Pressionou seu quadril contra ele e o calor subiu até o próprio centro de seu ser.

—Tire sua roupa, Elisa - disse Vaughn, os olhos escuros de desejo.

O que desejava estava muito claro e por seu tom ela soube que não estava disposto a esperar. Em vez de se despir como ele exigia, levantou o traje até os quadris, revelando lentamente que se achava nua debaixo.

Embora ele permanecesse inconsciente ou dormindo todos aqueles dias, ela se mantivera nua e disposta para ele sob o vestido.

Recordava a forma em que pedira, sua voz rouca rogando que se despisse para ele, só para ele, porque ninguém mais se inteiraria, assim não colocou roupa de baixo e guardou aquele segredo como algo que compartilhava somente com Vaughn.

Ao se mostrar, ouviu que ele fazia uma profunda inspiração.

—Ah, isto é algo com o que sonhei - murmurou, e acariciou a coxa com a mão.

Ela afastou o lençol, revelando o ereto membro masculino, e se sentou escarranchada sobre seus quadris, enquanto ele puxava os cordões que atavam o sutiã dela, soltando-os.

Enquanto ele o tirava, deixando seus seios descobertos, ela se deslizou por seu membro, o metendo lentamente. Quando o teve totalmente dentro, começou a montá-lo, mantendo um ritmo intencionalmente lento.

Ele segurou os seios, acariciando os mamilos, roçando a suave pele que os rodeava enquanto ela se movia.

—Está provando minha resistência - disse ele, indicando com seu sorriso que sabia o que ela pensava.

—Não - disse ela, meneando a cabeça, - estou provando a minha.

Ao girar seus quadris, rodando em círculo, ele a segurou e empurrou. Levava muito tempo sem ela, e seu corpo o traiu. Um gemido brotou de sua garganta enquanto enchia o ventre feminino de sua semente.

Elisa observou o rosto de seu amante. Vaughn estava com os olhos fechados, os lábios



ligeiramente abertos. O peito subia e baixava com a respiração. Lentamente ele abriu os olhos e lhe sorriu, feliz ao ter seu grosso membro dentro dela.

—Não durou muito - brincou, movendo apenas os quadris, o que fez que o membro dele ficasse duro novamente. Arqueou uma sobrancelha, esboçando um semi-sorriso. - Parece que se recuperou rapidamente.

—Estou ansioso por satisfazer minha dama.

Minha dama. Disse aquelas palavras como uma carícia que chegou até o fundo da sua alma. Sentiria ele realmente que lhe pertencia? A amaria como amava a ele? Porque sabia, sem dúvidas, que sua relação passara do desejo ao amor, ao menos para ela.

—Tire esse maldito vestido - disse ele, suas mãos arrancando o traje com impaciência e o jogando a um lado. - Muito melhor.

Ela simulou um olhar de pura inocência.

—E agora, o que fará comigo?

A fez dar a volta, fazendo-a ficar de costas para subir em cima.

—Vou te violar - disse isso contra os lábios, sua boca perto, tentando-a.

Mas em vez de beijá-la, desceu mais e seu cabelo roçou os seios femininos. A acariciou sem parar, beijando seus seios, mas fazendo caso omissos a seus mamilos, que estavam rígidos e sensíveis.

Como desejava que seus lábios se dirigissem ali e os chupasse, mordesse e lambesse até não poder suportar mais!

Conteve a respiração quando ele seguiu descendo. Percorreu seu estômago com a língua, e seguiu baixando mais ainda. Quando sentiu o quente fôlego contra suas coxas, um nó se formou em seu ventre.

Baixou a vista para ele e viu sua escura cabeça inclinada sobre seu monte enquanto ele segurava seus quadris com as mãos para a aproximar de sua boca.

Beijou suas úmidas dobras ligeiramente. Ela se moveu, abrindo mais as pernas como muda sugestão para que a acariciasse como correspondia.

Viu que ele sorria e logo acariciava a pérola com a língua, fazendo cócegas, roçando-a, tocando ligeiramente uma e outra vez o sensual casulo. Se agarrando a cabeceira da cama, mordeu os lábios para não gritar.

Vaughn sentiu um quente triunfo enquanto a olhava se retorcer, se abrindo sob ele. Sabia que ela se entregava sem reservas desta vez, totalmente livre de compromissos. Era sua em todo o sentido da palavra.

Sua ereção estava a ponto de estalar, mas se conteve porque desejava que experimentasse o mesmo prazer que causara a ele. Segurou os seios femininos e acariciou as rosadas auréolas.

Um profundo gemido brotou da garganta feminina e ele se deu conta que ela estava a ponto de gozar.

—Vaughn, faça amor comigo - ela sussurrou, puxando-o.

De joelhos, ele a tocou com a ponta de seu membro. Ela meneou os quadris, tentando fazer com que a penetrasse, mas ele se afastou, observando as úmidas dobras femininas, as dobras



cheias tentadoras e os ligeiros espasmos e movimentos de seus quadris.

—Está pronta para mim.

—Sim.

A penetrou com um só impulso e ela lançou um grito de prazer, a cabeça para trás, a garganta estirada. Com um sorriso, ele levantou as pernas dela e a penetrou um pouco mais, fazendo com que voltasse a gritar.

Mas os leves movimentos dentro de seu apertado canal estavam a ponto de causar o clímax dele. Manteve seguras as coxas dela, e baixou o ritmo de seus meneios, controlando seus quadris para não gozar.

Desta vez a esperaria. Queria que gozassem juntos, experimentar aquela única forma de prazer mútuo.

Se concentrando em ler suas respostas, observando sua crescente excitação, percebeu que seu prazer não aumentava com sua habitual velocidade, mas sim chegava a um profundo manancial de sensações que era mais intenso, mais assustador do que já experimentara.

Possivelmente fosse seu profundo prazer que se comunicava com o dela... não sabia que aquilo pudesse ser possível, porque aquela era uma experiência nova, mas Elisa se movia com total e completa entrega, se dirigindo ao mesmo clímax delicioso.

Agora o apertava e todo seu corpo se esticou porque o momento estava perto. Logo se arqueou com força e o apertou mais ainda, e a carícia interna provocou nele uma onda de prazer que circulou por todo seu corpo.

Ao gozar dentro dela, a beijou, desejando que pudessem permanecer assim para sempre.

Passaram-se quase três semanas desde o tiroteio e Elisa soube que chegara o momento de falar do futuro. Não podiam passar o resto da vida escondidos naquela estalagem deixada pela mão de Deus. Terei que tomar decisões e atuar.

Sabia que chegara o momento de ter essa conversa, porque Vaughn havia passado quase toda a manhã fora da estalagem. Não lhe disse onde ia, mas ela se deu conta por sua atitude que provavelmente estivesse relacionado com Rufus.

A preocupava que não tivesse compartilhado sua manhã com ela. Não podia deixar passar algo assim sem falar disso. Se algo aprendera de seu patético casamento era que os segredos em um casal se inflamavam e apodreciam.

Decidiu que tiraria o tema durante a refeição, já que a mesa já estava posta em um canto do quarto. Vaughn estava se lavando.

Mas quando se sentaram em frente a sua modesta refeição, suas forças falharam. Depois de tudo, que lugar ela ocupava na vida de Vaughn agora? Era possuidora de algum direito de reclamar algum tipo de explicação ou compromisso?

A possibilidade que não fosse assim a manteve em silêncio. Por fim, ele afastou o prato.

—Tenho que ir a Londres - disse, a olhando com expressão indecifrável.

O coração dela deu um tombo. Não a incluía na viagem. Teria que ficar ali?

—Quando voltará? - perguntou.

—Não sei com segurança - disse ele, pegando a mão feminina entre as suas cálidas. -



Entretanto, há algo do que sim estou seguro: quero que nos casemos.

—Vaughn, sabe que isso é impossível - ela disse com uma amarga gargalhada.

—Sairia bem, Elisa, sei.

Disse isso com tanta convicção que ela desejou poder acreditar nele. Mas negou com a cabeça e afastou o olhar. Não podiam seguir vivendo assim, isolados do resto do mundo, era verdade, mas... se casar?

—Ninguém nos aceitaria - disse em voz baixa. - Assim que saíssemos de nosso esconderijo, a sociedade nos rechaçaria. Sei o que se sente, Vaughn, e não estou disposta a que passe por isso.

—Não fiz nada mau - disse Vaughn. - Tenho intenção de me casar com uma mulher que esteve casada antes. É algo que acontece todos os dias.

—Eu fui prometida de seu pai. Sigo sendo aos olhos da sociedade. E você está cortejando Natasha. Nossa relação é algo proibido, e sabe, Vaughn. O lincharão, como fizeram comigo.

As tribulações de seu passado a fizeram pensar em Raymond.

—Perderia a última esperança que fica de ver meu filho - as lágrimas fizeram arder seus olhos e afastou a vista.

Ouviu que ele se movia e que arrastava a cadeira para trás. Logo a segurou em seus braços e a levou a cama, a depositando ali como se fosse de frágil cristal. Com a mesma delicadeza a despiu e fez amor com ela.

Quando esteve dentro dela, as lágrimas começaram a correr pelas faces femininas, como ungindo a que possivelmente fosse a última vez que faziam amor.

Capítulo 17.

Enquanto se apressava para a estalagem, Vaughn pensou em Elisa, em como sentira falta dela naqueles cinco dias. Pensava nela todo o momento, se perguntando o que estaria fazendo, rogando que seguisse ali quando ele chegasse.

A forma em que o rechaçara não o surpreendeu e afiançou mais a ideia que Elisa, a diferença das demais mulheres que ele conhecia, era uma pessoa independente.

Recordou a lição que lhe dera a respeito: as ataduras e a faca e o controle que ela exercera sobre ele. Se Elisa seguia em seu quarto quando chegasse, sabia que seria porque ela escolhera o esperar em vez de partir.

Por que ela teria que escolher ficar era um tema que dava voltas e voltas em sua cabeça nos momentos em que reunia a coragem suficiente para analisá-lo. Havia passado os últimos cinco dias tentando ganhar esse privilégio.

Logo descobriria se não chegara muito tarde. Se conteve para não entrar correndo. Estava silencioso dentro, aquela noite não parecia ter clientes atrasados. A porta do quarto estava fechada e quando a provou estava com o ferrolho passado.

Tirando a chave do bolso a abriu, a empurrando, e fazendo uma profunda inspiração, entrou.



Elisa se achava sentada de costas para ele. Parecia estar lendo, mas não se voltou quando ele entrou. Sua quietude fez que seu coração acelerasse. Rufus não estava muito longe, talvez a tivesse encontrado enquanto ele não estava ali para protegê-la.

Correu para a cadeira para ficar frente a ela e um grande alívio o invadiu ao ver que ela dormia, a novela que estivera lendo aberta em seu colo. Estava com o cotovelo apoiado no braço da poltrona e segurava a cabeça com a mão.

Usava ainda seu vestido de dia e pela forma em que seu corpo se apoiava na cadeira, não pusera o espaltilho.

Sentiu uma opressão no coração ao vê-la. Toda a crueldade que ela sofrera em sua vida parecia não tê-la tocado. Sua naturalidade, sua candura, e a pequena linha que se marcava entre as sobrancelhas quando insistia que se respeitassem seus desejos... ele contribuíra para que tivessem surgido aquelas qualidades, mas o mundo criara uma Elisa cheia de um potencial que ele tivera a sorte de ver se desenvolver e florescer.

—Por favor, faz que fique - sussurrou ao mesmo mundo que a entregara, e logo roçou o lado do rosto e a beijou ligeiramente.

Ela abriu os olhos e o amplo sorriso radiante que esboçou fez com que seu pulso acelerasse.

—Vaughn - disse com um suspiro, jogando os braços em seu pescoço e se estreitando contra ele. - Senti muito medo que tivesse acontecido algo a você - o afastou.

—Me deixe te olhar, morro por te contemplar... faltou cinco dias e sem notícias suas.

Ele se sobressaltou ao ver que seus olhos se enchiam de lágrimas apesar do sorriso e se deu conta que ela também passara medo, que ele se centrou egoisticamente no seu.

—Elisa, meu amor, meu carinho, sinto muito - disse, e se surpreendeu ao ouvir suas palavras. Logo sua surpresa se desvaneceu quando se deu conta que falara com o coração.

Os olhos femininos cresceram. Houve um instante de dúvida e logo um brilho profundo pareceu enchê-los. Era felicidade, e se dar conta que era por ele o fez transbordar de prazer. O amor que sentia por ela faria que ficasse com ele?

—Seriamente? - sussurrou Elisa.

Pegou as mãos dela e as levou a seus lábios.

—Com todo meu coração.

Ela voltou a se aproximar, beijando seu pescoço, a orelha, o queixo. Logo começou a desabotoar os botões de sua camisa, mas ele segurou suas mãos.

—Primeiro quero te contar o que aconteceu em Londres.

Viu que os olhos dela se enchiam de temor quando se apoiou no respaldo. Aproximando outra cadeira, tomou assento e voltou a segurar a mão dela.

—Faz semanas organizei um grupo de homens para que procurassem o paradeiro de Raymond.

Ela tragou convulsivamente.

Ele sorriu, esperando acalmar seus temores.

—O encontraram, Elisa, e fui vê-lo.

—Por que não me disse sobre isso? - perguntou ela com os olhos cheios de lágrimas.



—Queria ver o que acontecera nos anos que ficaram separados. Queria falar com ele, ver o que encontrava.

—Mas... por quê?

—Elisa, eu vivi o mesmo que Raymond. Me separaram de minha mãe quando era pequeno sem nenhuma explicação do por que havia partido e sem nenhuma esperança que voltasse.

Ela me amava e teria me conservado a seu lado, mas tinha vezes em que a odiava pela dor que me causara. Se ela tivesse aparecido naqueles momentos, teria batido nela com toda a força de minha angústia.

—OH, Vaughn - sussurrou ela.

—Não queria que ele a recebesse assim.

—E encontrou sua casa?

—Possuo... influências.

—Como o encontrou? - perguntou ela, a voz presa pelo medo.

—Se alojava com parentes longínquos de Roger. Não está tão bem como você. Tem um telhado sobre sua cabeça, mas não a vida que teria com você.

Ela fechou os olhos um instante.

—Perguntou por mim?

—Elisa, me olhe.

Ela abriu os olhos e neles Vaughn viu refletida a culpabilidade e a tortura que sente uma mãe que acredita que falhou a seu filho.

—Me mostrou o gasto livro encadernado em pele bordado em seda e escrito à mão, São Jorge e o dragão. Disse que você lia todas as noites para ele antes de ir dormir. O tem sobre a mesinha de noite.

—Meu pai me deu esse livro. É muito antigo, de um monastério perto de onde ele se criou. OH, Vaughn, ainda o conserva? Então... não me guarda rancor?

Vaughn se alegrou ao ver que surgia nela uma esperança.

—Raymond me disse o mesmo com respeito ao livro... acreditava que havia morrido.

Ela abriu a boca, os olhos como pratos.

—Morta? Como é possível que ele...?

—Rufus - disse Vaughn simplesmente.

Ela ficou olhando, os olhos mais abertos ainda.

—Rufus arrumou tudo através de intermediários. Assim foi como finalmente encontrei Raymond; o dinheiro sempre deixa rastro.

Este malgrado ramo da família de Roger não possuía interesse no menino, mas pela quantidade anual que Rufus lhes dava o receberam com as instruções que o menino não se inteirasse nunca de onde estava nem tentasse entrar em contato com você.

A forma mais fácil de se assegurar disso era dizer a ele que estava morta. Ela se afundou na cadeira, movendo a cabeça, incrédula.

—Vaughn, sabia que Rufus estava um pouco louco, e que seus métodos de obter o que queria eram bastante cruéis, mas não posso acreditar até onde chega sua depravação. É... é



terrível o que tem feito.

—A queria para ele, Elisa. Mentiu para te atar a ele.

—Meu pobre menino...

Vaughn não pôde conter um sorriso.

—Não mais, senhora. Me assegurei de lhe dizer a verdade.

—Falou com ele?

—Melhor do que isso. Espera aí fora.

Surpreendida, ela olhou a porta e logo a ele.

—Brinca?

—Em um assunto como este? Jamais. Dou de presente a seu filho a única coisa que desejei durante toda minha infância... a oportunidade de ver minha mãe outra vez.

Ela começou a tremer e ele ficou de pé e a pegou em seus braços, reconfortando-a.

—Elisa, se acalme. Ele está tão nervoso quanto você.

—Tenho que me trocar.

—Não. Deixe que a veja tal como é. Da forma em que eu a vejo - a separou dele. - Pronta?

Ela assentiu, mordendo o lábio inferior, presa da incerteza.

—Fique aqui.

Elisa sentiu como pulsava o pulso nas têmporas, o coração saltando no peito. Se agarrou ao respaldo da cadeira enquanto Vaughn cruzava a sala para se dirigir à porta.

Durante anos fizera todo o possível para recuperar seu filho e, de repente, sem nenhuma advertência, o momento chegara. Uniu suas mãos em frente a seu corpo para se controlar e esperou.

A porta voltou a se abrir. Um menino alto entrou seguido de Vaughn. Elisa ficou sem fôlego. Já não era um menino, mas sim um moço próximo da adolescência. Já chegava ao ombro de Vaughn, seu cabelo encaracolado como o de Roger.

Seus olhos, iguais aos dela em sua forma e cor, a olharam incrédulos.

—Mamãe?

A palavra saiu de seus lábios enquanto atravessava a sala correndo para se jogar nos braços dela. Ela rompeu em soluços, o estreitando forte. Não podia lhe soltar, nunca o deixaria ir.

Viu por cima do ombro de Raymond que Vaughn se encontrava junto à porta com um pequeno sorriso de satisfação.

Quando seus olhos se cruzaram com os dela, colocou a mão sobre o coração e com uma pequena reverência partiu, fechando a porta para que Elisa e seu filho estivessem a sós.

Na manhã seguinte, Elisa foi a primeira a despertar e ficou quieta olhando o dossel, desfrutando da paz de seu coração e sua mente. Fazia muitos anos que não despertava daquela forma, sem nada a temer.

Lançou um olhar a Vaughn, que dormia profundamente a seu lado e logo seu coração deu um salto ao ver no outro extremo do quarto o sofá onde dormia seu filho. Sua respiração regular indicava que ele também dormia.

Elisa se levantou da cama silenciosamente, cobriu sua nudez com uma bata e se dirigiu ao



sofá. Se ajoelhando para poder observar ao menino de perto, o olhou a vontade. Seu coração deu um tombo de amor e orgulho por seu filho.

Levantou uma mão para retirar um cacho da testa. Era muito bonito. Dentro de dez anos teria a todas as mulheres da Inglaterra atrás dele. Perdera mais de seis preciosos anos sem ele, mas os compensaria. Ele se moveu apenas, lançando um suspiro.

Esboçou um leve sorriso. Ela também sorriu, alisando a manta que o cobria.

—Te amo, Raymond - disse em voz baixa.

—Eu também te amo, mamãe - murmurou ele sem abrir os olhos, se aconchegando nas mantas.

Aquela era a felicidade que ela pensara que nunca lhe chegaria, um prazer tão profundo que temia que acabasse logo, porque ninguém merecia um prazer tão puro, e muito menos a imoral Elisa.

Mas Vaughn cancelara a dívida com os tios de Raymond, assim não precisava temer que o tirassem. Raymond também, agora que era mais velho e compreendia os medos e motivos dos adultos melhor, também lutaria por permanecer em sua vida.

Elisa se voltou para a cama e para o homem que tornara tudo aquilo possível. Estava acordado, se apoiando em um cotovelo os observava, um doce sorriso iluminando seu masculino rosto.

Ela se deitou a seu lado, dando as costas a ele e se aconchegando contra seu calor. Ele a abraçou e seus dedos se entrelaçaram com os dela enquanto olhavam a seu filho juntos.

—Tem seus olhos.

Ela sorriu e o olhou por cima do ombro.

—Já sei.

—Um bonito moço também.

—Não é necessário que me diga isso - disse ela, sentindo prazer ao ouvi-lo.

Ele lançou uma leve gargalhada, estremecendo quando ela lançou um olhar a Raymond, seu suave fôlego enchendo o ar.

—Shhh.

—Me esqueci que nosso filho dorme. Nosso filho.

O olhou com atenção.

—Diz a sério?

—Por que não ia dizer?

—Não é de seu sangue.

—Acredita que me casaria com você e desdenharia a seu filho? - perguntou estranhando.

Elisa se apoiou sobre seu outro lado para olhar para ele de frente.

—Não pode se casar comigo.

—Rechaça minha proposição?

—Sim.

—Por que não me quer?

—O amor é para os românticos. Você é o senhor da comarca, Vaughn. Não pode se casar



com quem quer, e certamente que não pode se casar comigo.

—Claro que posso. O único motivo pelo que aceitarei seu rechaço, Elisa, é se pode me olhar aos olhos e me dizer que não me ama.

Ela afastou o olhar porque sabia que ele leria a verdade em seus olhos.

—Destruirei sua vida.

—Já fez isso, céu.

O olhou rapidamente, sobressaltada.

—Mudou completamente a forma que eu olhava a vida, Elisa. E parte dessa mudança é me negar a me deixar influir pelo que dirão. Então, me casarei com quem me dê vontade.

—Se o fizer, nunca a sociedade o aceitará.

—Não os necessitamos.

—Mas... Raymond os necessitará quando for adulto - disse ela. - Não podemos lhes desprezar e permitir que nos marginem.

Isso tiraria de Raymond as oportunidades que merece: uma educação, uma casa, uma renda que o permita manter a uma mulher e uns meninos.

—E se não se casa comigo, Elisa, poderá dar a ele tudo o que acaba de enumerar?

Ardentes lágrimas começaram a rodar pelas faces dela. Sabia que a vida de Raymond seria muito triste se dependesse dela e nada mais. Seu único consolo seria que o rodearia de amor, a diferença dos seis últimos anos de sua vida.

—Shhh... Elisa - disse Vaughn. Levantando seu queixo, secou suas lágrimas e lhe sorriu. - Sei como resolver seu dilema.

—Co-como? - perguntou ela.

—Confia em mim - disse ele. - Tenho um plano.

Elisa dirigiu seu olhar de Vaughn ao caro traje de baile que havia sobre a cama.

—O baile da Natasha? Iremos? - Repetiu Elisa. - Vaughn, se supõe que a está cortejando. Aparece em seu baile com uma viúva e seu filho quase adulto de braços dados e anuncia... o que tenta anunciar... Vaughn, pelo amor de Deus, nos matarão!

Vaughn riu um pouco.

—E o que tem? Decidimos fazê-lo, ou não? Não nos esconderíamos mais. Basta de hipocrisia. Nos pomos de pé e defendemos nossas vidas e ao diabo com as consequências.

Ela mordeu o lábio, indecisa. Entraram em acordo, mas enfrentada à possibilidade real de confrontar às pessoas que exerciam o poder de destruir sua vida e a vida de seus seres queridos...

—Fazê-lo é muito mais duro que dizê-lo - confessou a Vaughn.

—As pessoas que estarão no baile de Natasha... são as mesmas pessoas que me deram as costas quando Roger morreu, e no baile faz umas semanas. Os conheço, Vaughn. Não têm consciência nem escrúpulos.

—Shhh... - Segurou os ombros dela e a beijou na têmpora. - Recorda o que dissemos. Sabemos o que vai acontecer... Temos que enfrentar a isso esta única vez, e logo se acabará tudo e poderemos viver a vida que queiramos.

Ela se deu conta que estava tremendo.



—Sim, isso é o que dissemos - disse, e sua voz também tremeu.

—Além disso, insisto em ter o prazer de te ver dançar com este vestido, Elisa. Minha imaginação ficará pequena em comparação, estou seguro disso - levantou o vestido, mostrando. Não morre por vesti-lo, não é? - perguntou, com um sorriso malicioso.

Ela o olhou e lançou um suspiro. Vaughn voltara para seu quarto fazia um momento, trazendo a grande caixa sob um braço.

Se encaminhou diretamente à cama e sem sequer saudar, havia tirado a tampa da caixa e deixado ver as delicadas capas de seda e renda.

O traje era uma extravagante criação de seda Tussore e brilhava como se tivesse luz própria. Era formoso, feito para chamar a atenção.

—O comprei em Londres. Uma condessa Francesa o encomendou e logo decidiu que não o queria.

—É muito caro - disse Elisa, acariciando o suave tecido. Seria maravilhoso senti-lo sobre sua pele.

—Quero que vá de braços dados comigo vestida como corresponde a sua situação na vida, Elisa. Quero que se vista como uma rainha - disse ele, se aproximando dela para estreitá-la entre seus braços.

Apertou seus quadris contra os dela, a estreitando contra ele. - Raymond está montando com Henry outra vez?

Raymond ficara amigo do filho do hospedeiro, um adolescente a quem gostava de montar tanto como o próprio Raymond.

—E se estiver? - perguntou ela, arqueando uma sobrancelha.

—Então, aproveitarei o momento - disse Vaughn. Com um lento sorriso, a fez dar a volta para que lhe desse as costas. Ela sentiu como levantava a saia do seu vestido e contra seu traseiro nu sentiu como esfregava sua ereção contra ela.

Ainda o cobria a calça, mas igual ela sentiu que a invadia o calor que se estendia por seu baixo ventre e mais abaixo. Se umedeceu, quente.

As mãos dele deslizaram pelo torso dela para agarrar seus seios através do tecido do vestido. Os polegares acariciaram os mamilos, que se contraíram, ficando duros.

Os quadris femininos se moveram involuntariamente quando a onda de desejo a atravessou, dirigida diretamente a seu cone, e o casulo que começou a pulsar.

Estava com o traseiro apoiado contra os quadris de Vaughn; sentiu o duro e grosso membro dele palpitando contra ela.

Ele gemeu, um som profundo que incrementou a pressão dela ainda mais, e deslizou uma de suas mãos pelo quadril feminino para estreitá-la mais ainda contra ele. As pontas de seus dedos estavam a uns centímetros de seu monte e a pérola de seu prazer.

Ela desejou que a tocasse. Procurando a barra de seu vestido, o levantou e guiou a mão masculina até onde queria que estivesse. Os longos dedos deslizaram em suas úmidas e quente dobras com experiência.

Ela lançou um suave grito quando a deliciosa onda de prazer a percorreu, fazendo que sua



cabeça se inclinasse para trás sobre o ombro masculino enquanto seu corpo estremecia.

Sentia os acelerados pulsar do coração de Vaughn contra seu ombro, ouvia sua respiração entrecortada. Havia uma satisfação acrescentada ao saber que ele também desfrutava ao lhe produzir leite.

—Sim - disse ela com um suspiro.

A fez se inclinar sobre a poltrona com as mãos apoiadas nos braços do móvel e as saias levantadas até a cintura. Acariciou brandamente a suave pele do traseiro e logo ela ouviu o sussurrar do tecido quando ele tirou as calças.

A tensão foi terrível enquanto esperava que a penetrasse, desejando o primeiro tranco que sempre lhe dava aquele enorme prazer. Sentiu que a ponta de seu membro a tocava e logo ele empurrou com força, a enchendo completamente.

Ele segurou os quadris com força, se cravando com rápido ritmo para logo fazê-lo mais lento, quase se retirando, a deixando louca de desejo.

Se inclinou sobre ela, beijando seu pescoço, seus dedos procurando sua pérola enquanto a penetrava e logo se retirava lentamente.

Uma e outra vez fez o mesmo, se retirar lentamente para logo penetrá-la, enchendo completamente seu ventre. O desejo feminino se fez premente, quase insuportável.

Vaughn, ao se dar conta pelos movimentos mais rápidos, os tremores que a sacudiam e a respiração ofegante da crescente afeição feminina, a cravou três vezes mais em rápida sucessão, levando-a ao limite.

Quando ela lançou um grito de prazer, ouviu a rouca voz de Vaughn se unindo à sua enquanto seu quente sêmen corria dentro dela.

Capítulo 18.

Elisa sorriu ao olhar pelo guichê da carruagem e ver Munroe Manor brilhantemente iluminada na distância.

—Pensei que a visão da casa causaria temor em você - disse Vaughn de um canto da carruagem, - não um sorriso. No que pensa, minha ardente Elisa?

—Certamente em algo que não é o que você gostaria que pensasse - disse ela, lhe lançando um rápido sorriso antes de voltar a contemplar a mansão de pedra calcária com as dúzias de carruagens e pessoas ao pé da escadaria.

—A forma em que especula sua mente nunca deixa de me surpreender, assim possivelmente não me decepcione absolutamente. Diga, insistiu brandamente.

—Pensava no muito que o amo e em que enquanto o tenha a meu lado nada do que possa surgir esta noite me fará mal. Vaughn, não acredito que temesse tanto a estas pessoas faz uns poucos dias. E talvez deva lhes ter medo novamente, dentro de uns minutos, mas neste momento, aqui, com você, não sinto nenhum temor. Sou invulnerável. Não sei o que fiz para merecer esta



felicidade, esta paz. Tomara que nunca acabe.

Ele se inclinou para frente e pegou seu queixo. O vaivém da carruagem fez com que seus dedos se movessem inquietos sob seu queixo.

—Prometo, Elisa, farei tudo o que esteja a meu alcance para fazer que isto dure o resto de sua vida.

O olhou aos olhos. Na semi-escuridão da carruagem, os verdes olhos masculinos se obscureceram. Não havia nenhum brilho pícaro, nenhuma faísca de humor. Sorriu brandamente enquanto a carruagem se detinha.

Enquanto um lacaios baixava os degraus, ele abriu a porta, desceu, se voltando para ajudá-la a descer. Elisa segurou sua mão, e apareceu, olhando ao redor. Havia uma multidão de convidados se dirigindo pelo caminho de cascalho às amplas escadarias da mansão. Alguns deles se voltaram para ver Vaughn. O rosto da mulher se iluminou de alegria e logo seus olhos aumentaram e sua boca se abriu ao ver quem o acompanhava.

Acotovelando a seu companheiro, se estirou para lhe sussurrar algo ao ouvido. O homem se voltava para olhar quando os engoliu as pessoas que atravessava as portas duplas da mansão.

Elisa tragou o nó na garganta. Seu medo retornara, destruindo por completo o glorioso instante que desfrutara dentro da carruagem.

Vaughn apertou sua mão.

—Recorda, Elisa - murmurou.

Ela elevou a vista para ele, que meneou a cabeça levemente.

—Recorda o que esta noite nos dará - disse em voz baixa. - Não deixe que lhe façam mal. Ao fim e ao cabo, é sem sentido.

Ela lançou um trêmulo suspiro e assentiu com a cabeça. Fazendo uma inspiração, olhou ao redor. Se ouvia ao longe a música de uma valsa, a festa havia começado. Havia carruagens esperando no atalho e na erva. Muitas pessoas haviam chegado de Londres e Caroline e William os alojariam aquela noite.

—Depois de você, querida - disse Vaughn, assinalando com um gesto as escadarias da mansão.

Começaram a longa caminhada e Elisa manteve a vista cravada nas portas porque não queria que sua decisão fraquejasse ao ver a reação das pessoas quando a via aparecer de braços dados com Vaughn.

Entraram e um mordomo esperou que Vaughn a ajudasse a tirar a capa. Elisa sentiu que a tensão crescia dentro de seu peito, porque Vaughn não vira como ficava o vestido que lhe comprara. Ela insistira nisso com a esperança de dar a ele uma agradável surpresa ao chegar, já que os esperavam outros sobressaltos piores e mais desagradáveis. Agora a preocupou pensar que se sua aparência não era do gosto dele, não faria mais que acrescentar um desgosto a mais àquela noite.

Deu a volta para olhá-lo. Vaughn ficara parado com a capa entre as mãos. O mordomo mantinha os braços levantados, disposto a agarrar o objeto, mas Vaughn estava tão ocupado a olhando que não se deu conta. Ela alisou a seda da roupa.



—O que acontece? Algo está mau? - sussurrou.

Logo, atrás dela, ouviu uma exclamação sufocada, seguida rapidamente de outra e o murmúrio da fofoca que recordava tão bem de tempos pretéritos. Chamara a atenção. Mas ela só fez caso a Vaughn.

—Vaughn? É... incorreto?

O traje de baile era certamente digno de uma rainha, e Elisa ficou muito nervosa ao pensar que levaria um vestido tão atrevido. A mulher que o encomendara possuía a cintura mais larga e seios menores.

Elisa passara dois dias diminuindo a cintura do objeto com delicados pontos que não arruinassem a formosa seda cor creme com brilho dourado, mas não pôde fazer nada com respeito aos seios. O provara com a ajuda da hospedeira e percebendo que não o podia pôr sem a ajuda de um espartilho que ajudava a elevar o decote quase indecente. Seus seios se apertavam no apertado sutiã que se estreitava ainda mais na cintura acabada em bico. Usava enormes mangas balão até o cotovelo, onde fechavam em um babado atado com uma fita de cetim e um laço. Na cintura, centenas de dobras rodeavam a favorecedora saia, que se abria logo em amplo sino seguro por várias anáguas engomadas, fazendo que sua cintura parecesse menor ainda. No sutiã e levantando os lados da saia tinha apliques de renda alemão, delicados desenhos com contas e laços simulando Ramos de flores, da mesma cor do tecido do vestido.

Elisa havia se olhado no pequeno espelho que a hospedeira lhe dera quando ela provou o vestido enquanto a mulher suspirava:

—Senhora, com seu cabelo loiro e sua formosa pele, parecem irradiar luz. À luz das velas, seu cavalheiro seria um tolo se pensasse que haveria outra mulher tão bela como você.

—Obrigado, Mary - murmurara Elisa então, tranquilizada pelo louvor da mulher, mas agora ficou com a mão apoiada no decote, o pulso acelerado, olhando para Vaughn, porque ele seguia sem falar.

Finalmente, Vaughn sacudiu levemente a cabeça e logo esboçou um sorriso que se fez mais e mais amplo.

—Elisa, está verdadeiramente arrebatadora - disse, dando ao mordomo a capa esquecida. Logo a sobressaltou ao passar um braço por sua cintura e beijá-la nos lábios.

Não foi a única pessoa sobressaltada.

Ouviu claramente as exclamações afogadas que ressoaram no vestíbulo, onde as pessoas subiam e desciam pela magnífica escada, se detinham nos balcões do segundo andar e na planta baixa, aonde davam as portas do salão de baile.

Havia umas cinquenta pessoas no vestíbulo, e todas certamente viram o beijo, a julgar pelas conversações sussurradas que ouviram a seu redor.

O salão de baile estava abarrotado de pessoas. Se detendo no alto das escadas, dirigiu um olhar a Vaughn. Ele apertou sua mão e com um sorriso que derreteu seu coração, deu o primeiro passo. O seguiria onde ele fosse.

O destino não lhe importava, e tampouco as dificuldades que pudessem encontrar pelo caminho, enquanto ele estivesse com ela.



Enquanto Vaughn procurava com a vista um par de cadeiras livres, Elisa observou como as pessoas se davam pouco a pouco conta de sua presença.

Começou quando um homem perto deles se voltou e reconheceu Vaughn, logo viu Elisa e seus olhos se abriram de uma maneira cômica. Lhe devolveu o olhar com calma.

Ele se voltou para seus companheiros com um sussurro. Lentamente, a informação percorreu a sala como uma onda. Um por um, todos foram se voltando para eles com a surpresa refletida nos rostos ao ver ambos juntos em um lugar tão público.

Possivelmente ao sentir que ela sentia o impulso de dar a volta e sair correndo, Vaughn a estreitou com força e sussurrou no seu ouvido:

—Esta noite diremos a verdade. Esta noite deixaremos o passado atrás e começaremos do zero.

Ela tentou lhe sorrir, mas sabia que qualquer gesto que fizesse estava sendo observado por todos os que os olhavam. Durante semanas serviria de tema de conversação. Ela deixara que a beijasse?

Falavam como se se conhecessem há anos... possivelmente seja verdade! Cada pequeno gesto que fizessem aquela noite suscitaria interminável especulação e fofoca.

Mas o sorriso de Vaughn não titubeou e ela sentiu que seu medo se desvanecia ao olhar aos seus olhos.

—Logo acabará tudo - disse ele.

Elisa deu a volta para enfrentar ao salão. Elevou o queixo e esboçou um sorriso.

—Aí vem Caroline - Vaughn a advertiu baixinho, com a mão em seu decote, um mudo sinal de seu apoio.

Caroline se aproximou, movendo o leque com fúria.

—Elisa... que interessante que tenha vindo esta noite.

O grupo de convidados a sua esquerda, agrupados junto às cadeiras ao lado da entrada do salão de baile, riram atrás de leques e mãos. Elisa sentiu que o ódio daquelas pessoas chegava até seu tutano.

Vaughn se interpôs delicadamente entre Caroline e ela.

—Caroline, baronesa Munroe - disse, alargando a mão de modo que ela não teve mais remédio que lhe dar a sua e permitir que ele fizesse uma pequena reverência. - Agradeço muitíssimo o convite.

Me causou muita ilusão a oportunidade que me brinda desde que a recebi. Agradeço que me ofereça essa oportunidade.

Caroline o mediu com os olhos, sem compreender muito o que dizia por que estava com outras preocupações na mente.

—Ouvimos que Rufus não se encontrava muito bem ultimamente e nos perguntávamos o que teria sido de vocês dois.

—Como podem ver, ambos gozamos de perfeita saúde - replicou Vaughn.

Elisa se perguntou por que ele seguiria o jogo de Caroline, já que haviam concordado que não se deixariam levar pelos mesquinhos e velados insultos que a sociedade parecia utilizar para



manter a cada um em seu lugar.

Logo viu a expressão do rosto de Vaughn e se deu conta de que ele não jogava absolutamente. Seu tom era seco, áspero. Não havia nem sinal de sorriso em seu rosto nem traços de diversão.

Descartara totalmente se defender por trás de seu encanto. Vaughn se achava ali, com a mão dela firmemente segura em seu braço, desafiando a todos ao empunhar a pura verdade.

Sentiu que o orgulho a invadia e de repente soube que Vaughn tivera razão: aquilo era o que precisavam fazer se queriam recuperar suas vidas. Elevou o queixo e olhou fixamente para Caroline, que tremia de raiva contida, incapaz de formular palavra.

—Rufus permaneceu em silêncio com respeito a seu paradeiro, embora sua presença aqui corrobora os rumores que ouvi que estão... de que os dois... - não pôde acabar a frase.

—Vamos nos casar - disse Vaughn secamente.

Desta vez Elisa ouviu perfeitamente a exclamação de surpresa que emanou de quem os rodeava.

Seguro que todos estavam pendentes do que eles diziam, embora os músicos seguissem tocando, a valsa ressoando na sala, agora que não havia quem dançasse a seu compasso.

Caroline moveu a boca e seus lábios se separaram, mas seus olhos, brilhantes de emoção contida, voltaram a se cravar nele, furiosos.

—Canalha! - exclamou. - Está cortejando a nossa filha! - e levantou a mão para lhe dar uma bofetada.

Vaughn segurou sua mão enluvada antes que esta tocasse seu rosto e a segurou no ar.

—Ofereço-lhes minhas desculpas se tiver ferido os sentimentos de sua filha.

—Possivelmente devesse me oferecer essas desculpas - disse William, descendo pressuroso os degraus para se aproximar de sua esposa.

Elisa viu que não estava tão zangado como Caroline e que seu tom era muito mais razoável. Com frequência ela notara aquela relação entre os homens, que lhes permitia perdoar mais facilmente. Vaughn assentiu com a cabeça.

—Iniciei o cortejo porque tentava suavizar as coisas e manter uma paz que não me convinha. Mas me nego a seguir sendo partícipe de um engano que serve para encobrir mentiras, pecados e pura maldade.

—Abundância de pecados, parece - espetou Caroline.

—Maldade? É um pouco forte, não? - disse William.

Caroline olhou para Elisa de cima abaixo.

—Se tivesse sabido de seu passado, nunca teria ficado sua amiga.

Suas palavras fizeram mal a esta apesar de estar preparada para semelhantes ataques. Estremeceu ante a expressão de fúria dos olhos de Caroline. Antes que pudesse encontrar o que responder, Vaughn afirmou:

—Conheço um cavalheiro casado que tinha uma amante. Ela era formosa, uma atriz de teatro que possuía um montão de admiradores, mas ela adorava a seu amante.

Ele não sabia o que fazer com a relação com sua amante, e quando ela ficou grávida, ele



pensou que perderia tudo, porque sua família não aceitaria a um bastardo como herdeiro.

—Não siga - disse Caroline, o rosto branco como um lençol. Elisa se deu conta com surpresa que o homem ao que Vaughn se referia só podia ser William, e que Caroline conhecia o sórdido passado de seu marido.

—Sabia! - sussurrou Elisa.

Caroline lhe lançou um olhar, e Elisa viu a dor refletida em seu rosto.

—E o condenou? O que aconteceu ao menino? Não pensou...?

—Basta! - Declarou William em voz baixa. - Este não é lugar para semelhante discussão.

—Você escolheu o lugar, William - replicou Vaughn sem se alterar. - Já era hora de que se ventilasse a verdade entre estas paredes. A enterrar só conseguiu que as raízes deste país se apodreçam sob a superfície - olhou para Caroline.

—Seu filho foi à escola comigo. É um bom homem, embora despreze a seu pai por ter abandonado a sua mãe. - Vaughn inclinou a cabeça ligeiramente de lado. - Vê Lady Munroe? Todos temos segredos e todos temos passado.

Se pode perdoar a seu marido a traição máxima, certamente que poderá perdoar a uma amiga as injustiças que sofreu desde que tomou a Roger como marido à idade de dezesseis anos.

Caroline fechou o leque com um estalo e lançou a Vaughn um olhar amedrontador.

—Parte de minha casa imediatamente - declarou.

—Com todo respeito, Lady Munroe, partirei quando tiver falado com sua filha e tenha me desculpado pelo engano de que a tenho feito vítima.

—Sobre meu cadáver - declarou Caroline.

—E também tenho que falar com Rufus - disse Vaughn como se ela não tivesse falado absolutamente.

—Seu pai está bastante doente sem que... - começou Caroline.

—Não é meu pai.

Desta vez os lábios dela se abriram e seus olhos refletiram surpresa ao pensar nas consequências daquela simples declaração.

Mas a atenção de Elisa foi atraída pelo centro da pista de baile, onde Natasha, a bela do baile, se achava rodeada de jovens e olhava para Vaughn com expressão ferida e assombrada.

Estava preciosa com o escuro cabelo recolhido no alto da cabeça, a fazendo parecer mais velha. Seu vestido era de tafetá de seda cor púrpura que ressaltava os olhos azuis e fazia luzir sua juvenil pele.

Natasha era uma beleza e era fácil de compreender que tantos jovens competissem por sua atenção. Elisa se perguntou se Vaughn não teria se arrependido. Ele se voltou para Elisa, segurou sua mão e a beijou.

—Tenho que te deixar aqui, Elisa, em seguida volto - lhe disse.

—Fica tranquilo, estou bem - ela assegurou.

Vaughn passou junto a William e Caroline, sobressaltados pela rápida sucessão de acontecimentos, e se dirigiu a Natasha.

Os homens que a rodeavam se fecharam em torno dela para protegê-la, mas ela deu um



passo se afastando deles e se dirigiu a Vaughn. Ele se inclinou sobre sua mão e falou com ela em voz baixa.

Elisa se deu conta de que a música cessara e que até os intérpretes observavam sem dissimulação o drama que acontecia no meio do salão de baile.

Depois de um momento de olhar para Vaughn fixamente, Natasha finalmente baixou o queixo e assentiu com a cabeça.

Vaughn lhe deu uma palmada na face brandamente, como se fosse uma menina, e ela voltou a elevar os olhos a ele antes de dar a volta e se dirigir onde se achava Elisa junto a Caroline e William.

Estava com os olhos cheios de lágrimas quando a olhou, mas não havia inimizade ali. Nada de raiva.

Depois de um momento, Natasha deu a volta e se dirigiu à entrada posterior do salão de baile. A porta dali levava aos quartos de serviço e à escada de serviço pela qual se conduzia aos aposentos particulares do primeiro andar.

Fugia.

Elisa se alegrou de ver que a jovem tinha os ombros retos e soube que Vaughn não havia ferido seu orgulho. Quando ele chegou a seu lado, segurou sua mão.

—Venha comigo - disse em voz baixa. Mas o silêncio sepulcral que haviam feito as ávidas testemunhas da sala fez que se ouvisse cada uma de suas palavras.

Elisa olhou por cima do ombro de Vaughn e ficou dura como pedra. Rufus se sentava em um canto, no mesmo lugar e provavelmente na mesma cadeira em que se sentou na soirée⁷. Desta vez, entretanto, não estava rodeado de amigos.

Se sentava totalmente só e parecia doente. Seu rosto estava avermelhado como sempre devido ao excesso de álcool, mas mudara muito. Seus ossos pareciam ter se encolhido, e sua pele pendurava.

Onde não estava avermelhada, sua pele apresentava uma alarmante cor cinza que não parecia saudável absolutamente. Até seu cabelo perdera sua força e pendurava em espaçadas mechas brancas. A mão que se apoiava na bengala tremia apesar do apoio.

Rufus se convertera em um velho.

Elisa quase sentiu pena por ele, mas quando seus olhos se encontraram, ela viu um ódio tão intenso nos dele, que um estremecimento a percorreu.

Rufus se moveu na cadeira enquanto os observava se aproximar. Lançou um olhar ao redor, claramente incômodo ao ter uma inevitável confrontação em um lugar tão público.

Teria matado a nós dois, teve que se recordar.

—Putá! - A insultou, assim que estiveram a pouca distância dele. - Precisava vir aqui e me humilhar frente a meus amigos com sua imoralidade?

—Cuidado com suas palavras - disse Vaughn, - ou você e eu chegaremos a um acordo aqui mesmo. Não fora, a não ser aqui, onde não possa ter dúvida sobre o resultado dos métodos

⁷ Sarau, recepção, festa.



utilizados. Me compreende?

Rufus lançou um olhar furioso.

—Sim - espetou.

—Elisa... - Vaughn puxou Elisa para si, a aproximando de Rufus. - Agora escutará - lhe assegurou.

Ela dirigiu seu olhar a Rufus, mas este baixou os olhos, se recusando a olhá-la.

—Sei o que fez para me reter com você, Rufus. Sei que mentiu quando dizia que procurava meu filho. Sei que disse a meu filho que eu estava morta.

—Mente! - exclamou Rufus, percorrendo a sala com o olhar. Aquilo indicou a Elisa que ele fazia a acusação não porque temesse o que ela pensava, mas sim pelo que outros pudessem pensar.

—Pobre velho tolo! - ela gritou. - Acreditava realmente que Vaughn não o encontraria? Raymond está comigo, agora, e não minta. Sabemos que você pagou para que o escondessem. E falhou.

—Deve saber, Rufus, que tenho intenção de me casar com Elisa o quanto antes possível - disse Vaughn e a audiência pareceu conter o fôlego, estremecida.

Rufus elevou a cabeça rapidamente.

—Poderia fazer com que tirassem seu título - resmungou.

—Eu poderia fazer que o encerrassem na prisão de Newgate - espetou Vaughn. - Quer que mostre a todos as cicatrizes recentes, as cicatrizes de sua pistola?

Rufus tragou com esforço, seus olhos se dirigindo a Elisa novamente. Ela empalideceu.

—A deixará algum dia, quando for mais velha, e ele ainda jovem.

—Tentou nos matar, Rufus, porque é um infeliz que não pode suportar que outros o sejam, e tudo o que sinto por você é pena. Morrerá sozinho.

Rufus deu uma olhada para Vaughn.

—Leve-a então - disse. - Não me interessa absolutamente. Mas posso te deixar sem título, terras, dinheiro...

—Se quiser que o mundo se inteire que não sou seu filho, faça-o. Não necessito nenhum título. Tenho o lar de minha mãe, Kirkaldy, e é a única coisa que quero. Não é meu pai... e agradeço a Deus por isso.

Rufus baixou o olhar a seu colo novamente e Elisa se deu conta que já carecia de ferrão. Seu último ataque, que ele pensava seria sua estocada final, não tivera nenhum efeito. Novamente, a mais sincera verdade desarmara ao inimigo.

Vaughn segurou a mão de Elisa.

—Uma última coisa - murmurou. A levou ao centro da pista de baile e todos se afastaram novamente de seu caminho. Vaughn caminhou ao redor dela, em círculo, confrontando a todos, antes de enfrentar a eles.

—Meu nome é Vaughn Wardell, visconde de Rothmere, e esta - disse, apontando para Elisa, - é a mulher com quem pretendo me casar.

—Todos acham que Elisa é uma má mulher, mas foram injustos com ela, porque se



recusaram a aceitar a verdade que resulta desagradável. Seu marido foi assassinado, tiraram a seu filho e arruinaram sua reputação. A marginalizaram do mundo que conhecia, rechaçada por todos. E por quê? - olhou a seu redor. - Porque seu marido fora infiel a ela.

—Pelo amor de Deus, homem, este não é lugar! - exclamou um dos homens. Há mulheres aqui, inocentes...

—Elas, mais que ninguém aqui, precisam ouvir isto! - Gritou Vaughn.

—Todos os homens daqui já sabem ou suspeitam a verdade do que aconteceu ao marido de Elisa, mas deram as costas a essa verdade porque era mais fácil acreditar na história que inventaram em seu lugar.

Elisa era inocente de tudo menos de amar a seu marido. Todos vocês sabem que Roger era um descarado mulherengo.

Houve uma exclamação afogada por parte das mulheres ante esta afirmação, mas Elisa se deu conta que Caroline e as outras mulheres de sua idade não fizeram comentários. Sabiam, ou suspeitavam, da verdade.

—Todos conhecemos a mulher em cuja cama o encontraram, e todos sabemos o marido que foi obrigado a se bater em duelo com ele.

Quando Roger convenientemente se deixou matar de um disparo por seus esforços, o marido acreditou que seria menos vergonhoso se dizia que era ele quem estivera jogando com a encantadora e jovem esposa, Elisa, em vez de reconhecer que fora sua mulher a que o enganara.

E vocês, todos vocês, apoiaram seu cinismo. Não fizeram nada enquanto esta mulher perdia tudo. Não fez nada para merecer semelhante crueldade.

Vaughn se voltou rapidamente, apontando a todos. Estava furioso, os tendões de seu pescoço se marcaram ao lhes gritar.

Elisa viu que alguns dos homens assentiam com a cabeça e se deu conta com crescente pena que Vaughn tivera razão: os homens, muitos deles, sabiam a verdade, ou a suspeitavam.

Permitiram que marginalizassem a ela de seu mundo para apoiar a um dos seus.

Vaughn negou com a cabeça.

—Vou me casar com esta mulher - disse, levando a mão dela a seus lábios. Esboçou um cálido sorriso. - Não me importa se aprovam ou não. Me caso com ela porque a amo e podem ir com vento fresco se vocês não gostarem.

Sorriu para todos e a puxou brandamente para a porta.

—Acabou - murmurou, - podemos partir e não voltar nunca mais.

Se fez um silêncio profundo e Elisa conteve o fôlego, quase esperando que um disparo o rompesse. Mas o que o rompeu foi uma só palmada. Vaughn se deteve a ponto de dar um passo, igual a ela.

Ambos voltaram, procurando de onde surgia essa palmada, e então se ouviu outra.

Por trás, se dirigindo para eles com o passar do salão de baile, se aproximou Natasha, aplaudindo, uma expressão feroz e decidida no rosto, seus chorosos olhos brilhantes de emoção.

Outras palmas se uniram a ela. Elisa deu a volta para ver de onde provinham e viu que Caroline se uniu a sua filha. As lágrimas corriam pelo rosto dela também. A seu lado William



também começou a aplaudir.

As palmas foram seguidas de outras, mais e mais rápido, até que a sala inteira se uniu a eles. Se voltaram para enfrentar a uma multidão que não os condenavam mais, mas sim obviamente, pela forma em que os aclamavam, os aceitavam pelo que eram.

As palmas se converteram em um ensurdecador aplauso.

Vaughn deu a volta a Elisa até tê-la diante e de frente a todas aquelas pessoas, segurou seu rosto entre suas mãos e a beijou intensamente.

FIM.



Comunidade: <http://www.orkut.com.br/Community?cmm=94493443&mt=7>

Grupo: <http://groups.google.com.br/group/tiamat-world?hl=pt-BR>

Blog: <http://tiamatworld.blogspot.com/>